



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
ESCOLA DE ENFERMAGEM

Elisângela Matos Tôrres

# **A Viuvez na Vida dos Idosos**

SALVADOR  
2006

**Elisângela Matos Tôrres**

# **A Viuvez na Vida dos Idosos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de mestra em enfermagem, na área de concentração o Cuidar em Enfermagem.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria do Rosário de Menezes

SALVADOR  
2006

**Elisângela Matos Tôres**

## **A Viuvez na Vida dos Idosos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de mestre, área de concentração o Cuidar em Enfermagem, aprovada em 21 de fevereiro de 2006.

### **BANCA EXAMINADORA**



---

Maria do Rosário de Menezes  
Doutora em Enfermagem, Professora da Escola de Enfermagem da UFBA.



---

Alda Britto da Motta  
Doutora em Sociologia, Professora da Escola de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA.



---

Alvaro Pereira  
Doutor em Enfermagem, Professor da Escola de Enfermagem da UFBA.



---

Terezinha Teixeira Vieira  
Doutora em Enfermagem, Professora da Escola de Enfermagem da UFBA.

*O primeiro passo para qualquer mudança é a conscientização de que o presente não é o satisfatório, o segundo será a escolha do modo e dos meios para efetuar as transformações.*

*Jean Cleaude Nakoun, 1969*

**Aos meus pais, Lindinalva e Valter,**

Pelo amor, carinho e incentivo na minha vida e nos meus estudos. Painho e Mainha, continuarei seguindo os seus conselhos.

**Ao meu filho amado Jorge Eduardo,**

Uma bênção que Deus me deu. A luz eterna que ilumina a minha vida.

## AGRADECIMENTOS

A Deus Pai, inteligência suprema, causa primária de todas as coisas, que sempre me iluminou nos momentos de provação.

Aos meus pais, pelo amor, atenção e apoio em mais uma conquista.

Ao meu filho, minha razão de viver, a mamãe fez isso pensando em você.

Ao meu amor, Saulo, pela compreensão em respeitar meus momentos de ausência e pelo carinho.

Aos meus irmãos Deni e Jony pelo afeto e incentivo que me dão sempre. Amo vocês.

Às minhas tias, tios, primos e demais amigos, muito obrigado pelo apoio.

À minha orientadora, Maria do Rosário de Menezes, pela dedicação durante a construção deste trabalho.

À Professora Alda Brito da Motta, pela acolhida e ajuda no levantamento bibliográfico. Que prazer ter conhecido a senhora.

Ao Professor Johannes Doll, que apesar da distância me ajudou muito com seus livros.

Aos meus idosos viúvos, que prazer vocês me proporcionaram! Recordarei de cada um. Estão guardados no meu coração. Muito obrigado por fazerem parte do meu jardim.

A minha meio mãe e amiga Rai, obrigado por tudo. Você é muito especial para mim.

A Maria Angélica Sobrinha, muito obrigada por ter-me ajudado sempre que precisei de você. Valeu Géo.

Aos meus colegas do mestrado. Foi maravilhoso estar com vocês.

A minha eterna mestra Margarida Maria Santana de Vasconcelos, pelo incentivo desde o meu primeiro trabalho com idosos. Continuarei seguindo os seus passos.

À Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), por permitir a realização desse trabalho.

À Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (EEUFBA), pela acolhida e dedicação com seus alunos.

## RESUMO

**Introdução:** Pesquisa de natureza qualitativa fundamentada no método da história oral, envolvendo a história oral temática, cujo objeto foi o estudo da viuvez na vida dos idosos.

**Objetivo geral:** analisar a viuvez para os idosos que permanecem nesta condição, por meio da história oral. **Objetivos específicos:** caracterizar os idosos viúvos de uma Universidade Aberta da Terceira Idade, conhecer o significado da perda do companheiro – para os idosos viúvos – e, identificar as mudanças produzidas pela viuvez na vida destes indivíduos.

**Metodologia:** O local escolhido para a realização deste estudo foi numa Universidade Aberta à Terceira Idade, no Município de Feira de Santana-Ba, no período de maio a junho de 2005. Participaram desta pesquisa 14 idosos viúvos que não tinham companheiro, com idade acima de 60 anos, com no mínimo um ano de viuvez e que concordaram em fazer parte da pesquisa. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um modelo de entrevista semi-estruturada; estas entrevistas foram realizadas nas residências dos idosos, com o auxílio do gravador para maior fixação e apreensão dos conteúdos. **Resultados:** Dos discursos, emergiram seis categorias que responderam aos objetivos propostos. A primeira categoria refere-se à qualidade da relação matrimonial, onde se percebe que, para alguns idosos, foi uma convivência de amor e por isso um acontecimento bom, maravilhoso, regado de compreensão, respeito mútuo e admiração. Por outro lado, outros definiram como uma convivência intolerante, principalmente devido ao comportamento de seus maridos. Na segunda categoria, revelaram a chegada da morte, marcada pela tristeza, pelo sofrimento, pela solidão e saudade para uns, e para outros a certeza do acontecimento, considerando a condição de saúde dos seus esposos ou esposas; entretanto, para uma das idosas a morte do companheiro foi considerada como um evento natural da vida e o significado da perda do companheiro, visto como um acontecimento trágico ou natural da vida. A terceira categoria traduz os discursos dos idosos sobre o estado de viuvez. Enquanto para alguns idosos é sinônimo de solidão, de melancolia e tristeza pelo fato de não ter mais o companheiro ao seu lado, para outros revela-se um sentimento de alívio, de liberdade. Além disso, um deles referiu a viuvez como um evento natural da vida de um casal. A quarta categoria mostra a vida dos idosos após à viuvez onde se evidenciam as seguintes transformações: o isolamento social, uma vida tranqüila, a libertação, a reaproximação nas relações familiares, o sofrimento crônico. Um deles informou, entretanto, a preservação do estilo de vida. Na quinta categoria, os viúvos revelaram que não desejavam um segundo casamento; contudo, pode-se perceber certo interesse por parte de algumas viúvas por uma pessoa que atenda a seus pré-requisitos e esteja à procura de uma relação estável de companheirismo, respeitando a individualidade do casal. A sexta categoria foi a respeito das perspectivas futuras na vida de um viúvo, a qual evidenciou o desejo de aproveitar a vida sem planejamentos, entregar o próprio futuro a Deus e levar a vida em família. **Conclusão:** Diante de tais considerações, faz-se necessária a realização de pesquisas sobre a viuvez na sociedade, tendo em vista as questões que envolvem a temática em si e as diversas transformações ocorridas na vida de um idoso. É também importante conhecer como ocorre a capacitação do profissional enfermeiro para prestar uma assistência de qualidade e, mediante essas transformações, quer seja na rede privada ou na rede pública, visando uma qualidade de vida melhor para essas pessoas.

**Palavras-chave:** Idoso, Viuvez, Morte.

## ABSTRACT

This is a qualitative research based on verbal history method, involving the life verbal history, whose aim is widowhood study in the life of the aged people. Its general objective was to analyze and to comprehend the widowhood in the life of the aged ones that remain widowers by the oral history and its specific objectives were, to characterize the aged widowers of an Open University of the Third Age, to know the meaning of lose the companion for the aged widowers and identify the changes made by widowhood in the life of the aged ones. This study it was developed in the Open University of the Third Age in Feira de Santana city in Bahia, from May to June, 2005. Took part on his work 14 widowers who did not have husband or wife, above of 60 years old, with at the very least one year of widowhood and they agreed taking part on this work. An half-structuralized interview was used as a collection data instrument, carried through in the aged residences helped by a recorder in order to record the contents. Of the speeches six categories had emerged that had answered the considered objectives. The first category is about the marriage relation quality, on this relation we perceived that some aged had a very good love, therefore something good, wonderful with understanding, respect and admiration. On the other side, others had detached it as a difficult tolerance relationship, mainly had to the behavior of its husbands. The second category the aged ones had disclosed the arrival of the death was marked by the sadness, suffering, solitude and companion absence. For others the certainty of the event caused by its husbands or wives health condition, an aged considered the husband death was a natural event of the life and the meaning of death. The third category translates the aged speeches about widowhood condition as synonymous of solitude, melancholy, sadness because they don't have their friends side by side any more. On the other hand, some of them had reread alleviates, freedom, while that one of them related the widowhood as a natural event of life of a couple. The fourth category shows the life of the aged after to the widowhood where evidences the following transformations: Social isolation, a calm life, the release, make familiar relations closed, the chronic suffering, however, one of them kept its life style. In the fourth category, the widowers had disclosed that they did not desire an other marriage, however some widowers was interested in someone who attend its requirements as a steady relation fellowship, respecting the individuality of the couple. A sixth category, was regarding the future perspectives in the life of a widower, which evidenced the desire to live the life without plans to deliver to God their future and live involved by family. Through the data we can perceive the necessity to develop research on the widowhood in the society, the diverse occurred transformations on the aged life and the questions about the subject. It's important knowing how are the nursing ability and enabling to give quality assistance based on the transformations in the public and private net aiming at the quality of life for these widowers.

**Keywords:** Aged, Widowhood, Death.

## SUMÁRIO

### **Resumo** **Abstract**

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	12
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA</b>	19
<b>2.1 DO CASAMENTO A VIUVEZ</b>	19
<b>2.2 CONHECENDO A MORTE</b>	27
<b>3. CAMINHO METODOLÓGICO</b>	35
<b>3.1 A CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO</b>	35
<b>3.2 O MÉTODO DA HISTÓRIA ORAL</b>	36
<b>3.3 O LOCAL DO ESTUDO</b>	40
<b>3.4 OS SUJEITOS E CRITÉRIOS DA PESQUISA</b>	42
<b>3.5 OS PRINCÍPIOS ÉTICOS DA PESQUISA</b>	45
<b>3.6 INSTRUMENTO DO ESTUDO</b>	46
<b>3.7 COLETA DE DADOS DO ESTUDO</b>	47
<b>3.8 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA</b>	48
<b>4. A VIUVEZ NA VIDA DOS IDOSOS REVELADA PELA HISTÓRIA ORAL</b>	50
<b>4.1 CARACTERIZANDO OS ENTREVISTADOS</b>	51
<b>4.2 CONHECENDO OS ENTREVISTADOS</b>	52
<b>4.3 A HISTÓRIA DOS CASAMENTOS DOS ENTREVISTADOS</b>	74
<b>4.4 A CHEGADA DA MORTE</b>	83
4.4.1 VIVENCIANDO A MORTE	85
4.4.2 REAÇÕES DIANTE DA MORTE	86
4.4.3 SABER DA PROXIMIDADE DA MORTE DO CÔNJUGE	87

4.4.4 O SIGNIFICADO DA PERDA DO CÔNJUGE	88
<b>4.5 O DISCURSO DOS VIÚVOS SOBRE A VIUVEZ</b>	<b>91</b>
4.5.1 ALÍVIO E LIBERDADE	91
4.5.2 TRISTEZA E SOLIDÃO	92
<b>4.6 A VIDA DO IDOSO APÓS A VIUVEZ</b>	<b>94</b>
4.6.1 O ISOLAMENTO SOCIAL	95
4.6.2 A LIBERTAÇÃO	96
4.6.3 A HERANÇA FINANCEIRA	98
4.6.4 O VAZIO E A SAUDADE	99
4.6.5 UMA VIDA MAIS TRANQÜILA	100
4.6.6 O DESCUIDO COM A APARÊNCIA FÍSICA	101
4.6.7 A VIDA DE SOFRIMENTO	101
4.6.8 AS RELAÇÕES FAMILIARES	102
4.6.9 NADA MUDOU	102
<b>4.7 A POSSIBILIDADE DE UM NOVO AMOR</b>	<b>104</b>
4.7.1 MANUTENÇÃO DA VIUVEZ	107
4.7.2 UM NOVO AMOR SEM COMPROMISSO	109
<b>4.8 PERSPECTIVAS FUTURAS NA VIDA DE UM VIÚVO</b>	<b>110</b>
4.8.1 A VIDA EM FAMÍLIA	111
4.8.2 SAIR, DISTRAIR E VIAJAR	112
4.8.3 A DEUS PERTENCE	112
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>114</b>
<b>6. REFERÊNCIAS</b>	<b>117</b>
<b>APENDICES</b>	
APÊNDICE I: TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO	124

APÊNDICE II: ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	126
APÊNDICE III: FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DOS VIUVOS	127
<b>ANEXOS</b>	
ANEXO I: FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS	130
ANEXO II: PARECER TECNICO DA COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA CEP-SESAB	131
ANEXO III: ENTREVISTAS TRANSCRITAS	132
ANEXO IV: AUTORIZAÇÃO DA UATI PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA	157
ANEXO V: PERFIL DOS IDOSOS DA PESQUISA	158



# 1 INTRODUÇÃO

A viuvez é um fato comum em nossa sociedade, caracterizado pela perda do companheiro de vida. A situação de viuvez é uma situação especial, não planejada, que provoca modificações na vida das pessoas. Representa, por sua vez, uma inesperada quebra do equilíbrio, real ou suposto, das relações familiares, sociais, econômicas, culturais, a qual faz com que o indivíduo em caráter de urgência, estabeleça novos arranjos em grupo. (MOTTA, 2004).

É também o início de um processo de mudança que leva o homem e a mulher a mudar-se para outra coisa que não mais o esposo e a esposa. Sendo assim, a viuvez obriga o indivíduo a enfrentar uma transição de identidade, de um novo papel social; de uma mulher ou de um homem só.

Segundo Doll (2002), a palavra viuvez deriva da forma latina *vidua* que significa “ser privado de algo”; já um outro autor, Paul Veyne, citado por Doll (2002), traz outra concepção, mas admite a originalidade latina, mas com o significado de sem homem: viúva ou divorciada.

A condição de viuvez pode fazer com que as pessoas após anos de convivência, enfrentem um momento de solidão, processo profundamente sofrido, não só pela perda do marido ou esposa, mas pelas dificuldades em administrar a casa e os filhos na falta do chefe da família. Neste contexto, Motta traz um depoimento de D. Marieta, viúva de 81 anos, em seu trabalho “Viúvas: o mistério da ausência” o qual retrata essa situação:

“Quando a gente é muito dependente do marido, não é muito fácil, não. É o meu caso. A falta é grande. Eu sem ter hábito de nada, pela minha criação, vivia no meio de minha família e depois que me casei continuei no mesmo ritmo. Não tinha outro movimento a não ser o de mãe-de-família” (1999, p.02).

Podemos observar que a condição de viuvez para as mulheres que tinham um grau de dependência muito elevada de seus maridos e centravam-se em ser apenas esposas e mães dos seus filhos, lhes causava muito transtorno e desorientação; além de revolta, uma sensação de culpa pelo que aconteceu ao seu companheiro. Neste sentido, Papaléo (1996, p.111), traz:

“O sentimento pode ser de que foi deliberadamente de abandono e trazer além de ressentimentos, rejeição, ante a situação atual. Pode também sentir-se culpada por pensar que não cuidou bem do cônjuge, que não fez tudo o que podia”.

Um outro fator que pode ser citado frente à viuvez com preceito negativo, refere-se à existência de uma preocupação para com os filhos, pois, se jovens ou pequenos, julga-se necessário serem elaboradas distrações no sentido de partilhar a saudade com eles, pela falta do pai. Entretanto, se filhos mais velhos, há um sentimento de solidão, a sua casa fica ainda mais vazia, pois estes estão realizando suas próprias vidas e parecem não poder se ocupar tanto com a mãe. Todavia, é válido ressaltar, que os filhos também estão em luto e, que diante da viuvez, não sabem muitas vezes como agir, ou como conversar para ajudar a mãe a aceitar a nova situação.

Neste contexto, destacamos que a viuvez pode influenciar na saúde dos idosos. Papaléo (1996) aponta que existem diversos estudos sobre a questão e comenta que ao enviuvarem-se, as pessoas buscam por atendimento médico, internações em asilos e hospitais assim como também cresce o índice de mortalidade por doenças. Portanto, para os viúvos isto é mais presente nos seis primeiros meses, justificado por meio de pesquisas de Stroebe, Stoebe e Hanson (2001), ao afirmarem que os sintomas de luto em mulheres têm um pico nos primeiros dois anos, em contraste com os homens que apresentam resposta de luto mais intensa nos seis meses seguintes à perda.

Neste sentido, outra pesquisa realizada por estes mesmos autores revela que há uma associação entre a viuvez e a deterioração da saúde física e mental e uma elevação das taxas de mortalidade não só por motivos naturais, mas também por causas externas; mortes violentas para ambos os sexos.

Parkes (1998) oferece uma outra informação muito importante ao revelar que as viúvas apresentam um aumento do número de consultas por sintomas psicológicos, tais como: ansiedade, depressão e insônia, contribuindo para que se eleve o número de prescrições de calmantes para estas mulheres com idade inferior a 65 anos.

Por outro lado, a viuvez denota aspectos positivos ao significar para o indivíduo autonomia e liberdade. Tal situação é exemplificada por uma das idosas entrevistadas na pesquisa de Motta, ao dizer: “Dez anos que eu estou sem ele, mas não faz diferença nenhuma, porque eu já labutava minha vida sozinha, tinha ele, mas para mim era diferente, eu trabalhava” (2002, p.05).

Além disso, o número de mulheres viúvas é superior ao de homens viúvos. Segundo Motta (2004), a viuvez por ser uma questão demográfica e culturalmente feminina, está sendo

objeto de preocupação da população, ao mesmo tempo, em que é negligenciada pelas ciências sociais.

Caramano (1999) cita que o maior número de viúvas deve-se ao fenômeno da feminização da velhice. Constatou-se em 1996, que 45% das mulheres eram viúvas por viverem mais, visto que elas cuidavam melhor de sua própria saúde e exerciam fundamentalmente a tarefa de domésticas, sem experiência no trabalho formal.

Goldani (1999) reforça dizendo que homens e mulheres envelhecem de forma diferente e que as mulheres vivem mais tempo que os homens. Sendo assim, esta situação:

“Considerada como vantagem e indicador de melhor qualidade de vida da mulher, a sua maior longevidade acaba sendo, também, um de seus problemas. A maior esperança de vida faz com que muitas das mulheres idosas passem pela experiência de debilitação biológica devido a doenças crônicas, enquanto que homens morrem antes e de causas do tipo cardiovasculares”.

Segundo Doll (1999), na Alemanha em 1990, viviam 6,2 milhões de viúvos e viúvas, o que significava 7.7% da população total. Destacando-se, contudo, que a viuvez era um fato que atingia em primeiro lugar às pessoas idosas; no mesmo ano ele cita que, entre os idosos, - pessoas acima de 50 anos – 32% eram viúvos e viúvas, sendo que destes, 15% eram homens e 85% eram mulheres.

A viuvez é um fato dramático, que atinge não só a psique e a saúde dos indivíduos, mas também suas relações sociais, tanto dentro da família quanto na sua comunidade. Doll (1999, p.121), diz que “do grupo de viúvos e viúvas com mais de 60 anos, somente 15% são homens e 85 são mulheres”. Portanto, é possível referir que a expectativa de vida das mulheres é maior que a dos homens, como também que este processo atinge mais ainda as idosas.

Outro dado estatístico, trazido por Caramano (1999), refere-se ao fato de que em 1998 a população de mães idosas, que viviam sem cônjuge e moravam com filhos, aumentou cerca de três vezes mais que a dos pais, isto devido à alta taxa de viuvez feminina, a maior mortalidade de idosos. Uma vez viúvas, as mulheres têm menos chances de tornar a casar pelas normas sociais vigentes.

Segundo Papaléo (1996), o homem ao torna-se viúvo, não permanece neste estado civil por muito tempo, pois pelas normas sociais e culturais, esses devem casar-se novamente e, com mulheres mais jovens. Entretanto, a maior proporção de mulheres viúvas e a maior parte do tempo que estas passam nessa condição, comparativamente aos homens, resultam

tanto da diferença de longevidade entre os sexos, como dos costumes de mulheres casarem com homens mais velhos.

A viuvez, portanto, remete a um acontecimento marcante, que se trata da morte do cônjuge. Esta, por sua vez, para Falcão *apud* Rodrigues (2002, p.111) “depende de seu modo de ocorrência, variando com o local e a causa previsível”. Além disso, Lopata (1996), diz que as experiências da perda, seja súbita ou duradoura, não podem ser comparadas, visto que os graus de problemas advindos para os sobreviventes, em ambas as condições, decorrem de fatores diversos.

No trabalho de Falcão (2002), as reações diante do evento da morte dos maridos são destacadas nos seguintes depoimentos, traduzidos com sentimentos de negação, de pesadelo e de desespero:

-Eu num tô vivendo isso (Dolores)

-Um pesadelo! (.) Porque no - no começo logo, eu nem (. 2), assim, eu num tive aquela dor, aquela tristeza muito grande, porque parecia que num – num tava acontecendo comigo aquilo ali. Parecia que (.) aquilo era um sonho e que ia passar! (Diana)

-Com 10 minutos depois, eu acho que ele tava morto. (15). E foi aí que a minha vida começou a desabar, sabe? (Evânia).

Entretanto, em nossa cultura é característico que a morte seja excluída dos nossos pensamentos pelo maior tempo possível. Para Papaléo (1996) as pessoas negam-se em falar sobre esse acontecimento, temendo que aconteça principalmente no seu ambiente familiar, sejam eles mais jovens ou mais velhos – tanto o próprio esposo ou quanto a esposa.

O interesse desta autora pelo tema em questão, por sua vez, teve início desde a sua adolescência, tanto pela aproximação quanto pelo apreço em conversar com pessoas mais velhas. Estas, além de contarem diversas histórias de suas vidas, vivenciaram também, o fenômeno da viuvez. A autora costumava visitar com frequência estas pessoas. Despertando daí o seu entusiasmo e interesse pela temática e o surgimento de alguns questionamentos a respeito do fenômeno da viuvez, o que a motivou a estar agora pesquisando o assunto. A seguir são relatadas algumas dessas histórias, substituindo-se os nomes verdadeiros por nomes de flores.

Dona Angélica, era uma idosa muito bela e vaidosa; estava sempre bem arrumada e cheirosa. Adorava receber visitas e mesmo após a viuvez não deixou de cuidar de sua aparência física. Enviuar para ela não foi uma das piores coisas da vida, porque seu marido estava muito doente e já era esperado este desenlace. Quando de fato isto ocorreu, sentia-se

preparada, mas segundo a mesma, ainda assim não foi fácil lidar com a situação, com a sensação de vazio.

A viuvez para ela foi uma etapa decisiva em sua vida. Foi um processo delicado de adaptação, para o qual os filhos contribuíram muito, principalmente a filha, que morava com os pais.

Tornar-se viúva fez com que D. Angélica adquirisse costumes herdados de sua mãe, dentre eles, o uso de duas alianças representando a sua e a de seu marido, e o luto, cultivado pelo uso de vestes pretas durante um longo período de sua vida e o fato de não sair e nem participar de eventos sociais. Além disso, passou a organizar as contas do lar, o que para ela no início não foi fácil, mas conseguiu vencer. Sentia falta do seu marido, mas acreditava que ele havia falecido na hora certa, dizendo: “Deus sabe o que faz, tirou ele daquele sofrimento”.

Dona Dália ficou viúva muito nova, por isso achou a viuvez uma situação desagradável, pavorosa, um pesadelo. Seus filhos eram jovens na época em que seu esposo morreu. Era ele quem pagava as despesas da casa, o que obrigou os filhos a começarem a trabalhar mais cedo. Sentia muita revolta nos primeiros anos; perdida, sem rumo, demorou muito, mas aceitou a viuvez e sua nova identidade.

Esses dias foram inesquecíveis em sua vida, pois cuidar dos filhos e da casa foi difícil. Contudo, diante de tanta tristeza, conseguia ter alguns momentos de alegria quando desenvolvia suas duas habilidades: a de fazer “fuxico” transformando-os em lençóis e toalhas e, a de fabricar doces, na qual ela fazia uso de qualquer fruta.

Por fim, temos a história de Vovó Gérbera e seu Lotus, um casal admirável, com mais de 50 anos de casamento, uma relação encantadora de companheirismo, cuidados recíprocos e união. Viviam no interior. Mudaram-se depois para a cidade, porque Vovó Gérbera necessitava de cuidados médicos especiais.

Com o passar dos anos, Vovó Gérbera teve um agravamento de seu estado de saúde, vindo a falecer. Dias difíceis teve seu Lotus, para o qual a falta de sua companheira era inaceitável, porém como tinha uma família muito unida, não se sentiu tão só. Uma das conseqüências importantes de sua viuvez foi o fato de ter que morar com algum de seus filhos, pois já não podia conviver sozinho numa casa em que havia habitado com Vovó Gérbera e uma secretária. Outra conseqüência foi o surgimento da hipertensão arterial e, a partir disso, sua saúde ficou comprometida.

Outro aspecto que contribuiu bastante para a autora decidir-se a elaborar e realizar este trabalho com idosos, foi a experiência que teve com pessoas dessa faixa etária, enquanto estudante de graduação do curso de Enfermagem, na disciplina Enfermagem na Atenção à

Saúde do Idoso I e II, em locais destinados a cuidar de idosos sadios e enfermos. Entre eles, cita-se uma instituição asilar em que residem idosos com uma representação negativa da velhice, onde se observa um processo de perdas, abandono dos familiares e a falta de atendimento às necessidades humanas básicas, inerentes a esta faixa etária da vida.

Além destas, a experiência vivida em um centro de convivência, onde encontravam-se idosos alegres, sorridentes, independentes, com seus saberes valorizados, absorvidos por um grupo social que os respeitava, onde os mesmos eram considerados cidadãos ativos, com papéis sociais definidos. Estes, por sua vez, tinham e têm uma representação da velhice, como algo positivo, pois afinal seus conhecimentos foram e são colocados em prática no dia-a-dia; suas histórias de vida foram ganhos, e estavam sendo ouvidos e respeitados pela sociedade.

A autora teve ainda a oportunidade de fazer um estudo monográfico sobre o ‘ser velho’ na visão de idosos da zona rural e urbana de Feira de Santana no ano de 2001, onde foi desenvolvida uma pesquisa diretamente com idosos na busca de saber o significado de ser velho. Neste trabalho observou-se que a velhice no seu aspecto positivo é aceita como processo natural da vida, um estágio de prazer, sinônimo de força e vitalidade, sustentada pela proximidade da família, afastada da solidão e ainda, pelo papel de transmissão de conhecimentos.

Neste mesmo estudo, detectaram-se também aspectos negativos do ‘ser velho’, os quais foram identificados como tristeza, proximidade da morte, condição de viuvez.

Com base neste contexto e motivada por um novo conhecimento, esta autora estabeleceu como objeto de estudo, a viuvez na vida dos idosos que permanecem viúvos.

Como questão problema, buscou-se identificar qual o significado da viuvez para aqueles que se encontram nesta condição.

À partir desta questão foi traçado o objetivo geral de analisar a viuvez para os idosos que permanecem nesta condição – através da história contada.

Como objetivos específicos, os de: caracterizar os idosos viúvos de uma Universidade Aberta da Terceira Idade; conhecer o significado da perda do companheiro para os idosos viúvos; identificar as mudanças produzidas pela viuvez na vida dos idosos.

Neste sentido, o pressuposto traçado foi que a viuvez interfere nas relações socioeconômicas, afetivas, culturais e familiares dos idosos viúvos.

Diante dos objetivos propostos, a finalidade desta pesquisa foi a de compreender e analisar a história oral dos idosos sob a perspectiva do tempo presente, resgatando a memória das experiências vividas com a viuvez por idosos que permaneceram viúvos. Considerando a recuperação do vivido, mergulhado nas recordações das inesquecíveis experiências positivas

ou negativas, resultantes de um longo ou curto tempo de convivência e das conseqüências de uma perda que possa significar um vazio que jamais será preenchido ou, de uma libertação.

O estudo foi dividido em cinco capítulos. O primeiro capítulo trata de dar a conhecer o objeto de estudo fazendo um breve apanhado do que a literatura traz sobre o tema, bem como algumas considerações deste objeto quanto ao interesse desenvolvido pela autora e a proximidade com o mesmo e finalmente, pela delimitação dos objetivos a serem alcançados.

O segundo capítulo foi dividido em duas etapas. A primeira expõe sobre as considerações gerais com o tema da saúde e de sua trajetória histórica, contemplando a viuvez e os assuntos relacionados a ela como o luto, a fim de compreender o que é a viuvez, quais as transformações que ocorrem na vida das pessoas que se tornam viúvas, contemplando a introdução do que representa a viuvez na sociedade e suas tendências. A segunda etapa trata da morte, da maneira como vem sendo abordada, a percepção da morte nas diversas culturas, o que ela representa para os idosos e, principalmente, o que representa para eles a perda de um cônjuge.

O terceiro capítulo descreve o trajeto metodológico, especificando suas características, o método da História Oral, possibilitando uma compreensão melhor do que seja a viuvez para os viúvos que permanecerem viúvos, o local, os sujeitos, os princípios éticos da pesquisa e a compreensão dos dados coletados.

O capítulo 4 aborda o que é a viuvez revelada nos depoimentos e sua análise, baseada no método da História Oral e, finalmente, o capítulo 5 que dispõe sobre as observações e inferências a partir dos resultados observados com o estudo.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 DO CASAMENTO À VIUEZ

A instituição familiar está presente na sociedade desde as primeiras organizações humanas. Este fato pode ser identificado em livros antigos como a Bíblia que fala sobre a Sagrada Família. A Igreja considera a família como uma instituição permeada por valores e princípios, unidos por laços socialmente reconhecidos, que influenciaram e que ainda influenciam muitas pessoas e segmentos da sociedade; e o matrimônio, como um sacramento que exerce grande poder sobre as pessoas.

Augé (1975), fala da troca matrimonial quando se considera o casamento não apenas como uma instituição que define uma relação entre dois indivíduos, mas, numa perspectiva estrutural, como um processo que envolve dois ou mais grupos exogâmicos numa rede de relações de trocas matrimoniais que engendram e tecem a trama das relações sociais que constituem os alicerces da sociedade global.

Nesse sentido, pode-se dizer que o matrimônio envolve costumes e princípios relacionados a diversas culturas e valores presentes nos vários segmentos da sociedade. Logo, o rompimento de um matrimônio pela morte de um cônjuge, envolverá da mesma forma tais valores e princípios ou até a perda dos mesmos.

O casamento segundo Augé (1975), é um complexo de normas sociais que sancionam as relações sexuais entre um homem e uma mulher e que os liga por um sistema de obrigações e direitos mútuos, significando que não só o marido, a esposa ou a sociedade reconhecem a mudança de estatuto dos novos esposos, mas ainda, a criação de laços jurídicos, sociais e econômicos.

Nesta perspectiva, pode-se perceber o poder do casamento para criar laços, e dessa forma os laços criados podem também influenciar a vida das pessoas que dele fazem parte.

O valor da nossa sociedade tradicional promove a construção de uma família com bases patriarcais. Segundo Marodin (1997), nessa sociedade de valores patriarcais, os papéis de gêneros colocam o homem em uma posição dominante e, a mulher, em posição subordinada.

A maneira como é vivido o matrimônio, a união, o companheirismo, mesmo numa relação conturbada pode de certa forma influenciar a forma de percepção da perda do cônjuge.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, *apud* Santos e Costa (1999), as mulheres são as que correm os maiores riscos de sofrer violência em ambientes domésticos e familiares, considerando violência como sendo o exercício de coação sobre outra pessoa sem que essa possa defender-se. Podemos dizer que, uma relação de violência também influencia na maneira como é encarada a morte do cônjuge. Nesse sentido, são muitos os aspectos que influenciam a maneira como os viúvos e viúvas vivem a viuvez.

O casamento na sociedade moderna, segundo Vaitsman (1995), é permeado por mudança nos padrões de comportamento e na institucionalização das relações. Para a mesma autora, o pensamento liberal de Locke – com a nova concepção de igualdade – influenciou as mudanças nas formas de visualizar as relações dentro do matrimônio, inclusive.

À medida que vão envelhecendo, as pessoas adquirem experiências que lhes acompanharão por toda a vida, experiências estas relacionadas a diversos momentos e vivências. Ao chegarem a uma determinada idade são considerados pela sociedade e órgãos competentes como idosos e esse fato faz com que muitas coisas se modifiquem em suas vidas. A maneira como a qual são tratadas, as atividades de trabalho e também a própria vida em família muda de maneira significativa.

A viuvez está presente em todos os momentos de nossas vidas, desde que existem casais. Na sociedade, com a morte do companheiro, a mulher ou o homem adquire uma nova identidade social e um novo estado civil – a de viúvo ou viúva.

Dificuldades em manter uma vida social saudável, adversidades socioeconômicas, disfunções emocionais como solidão e tristeza, são alguns dos problemas enfrentados com o avanço da idade e potencializados pela viuvez. Diante da nova realidade é necessário o enfrentamento e a busca de novas formas de adaptação a esse novo estilo de vida; isso, contudo, gera conflitos.

Segundo Gatto *apud* Silva (2004), se o idoso tiver interiorizado valores, sentimentos e interesses ao longo dos anos e possuir uma trajetória satisfatória e produtiva, também é possível não sentir a morte como algo ameaçador. Por conseguinte, a maneira de viver de cada uma dessas pessoas pode influenciar o modo como estes sentirão a perda. O mesmo autor diz ainda que os idosos podem sentir-se incapazes ou frágeis para enfrentar perdas.

Isto tudo conduz ao pensamento e questionamento de qual importância teria o companheiro (a), ou cônjuge, para cada viúvo – de forma que leve à busca de representação da perda desse companheiro (a).

Diante desses questionamentos faz-se necessário saber o que é ‘a viuvez’, quais os conceitos e indagações acerca desta temática.

A morte do companheiro, não é uma situação inerente às pessoas mais velhas, mas sim de qualquer indivíduo, pois a vida de cada um está em risco a todo instante pelo modo em que se vive. Doll (1999, p.118), diz que “as conseqüências para os sobreviventes, porém, foram mais sentidas pelas mulheres, pois em muitas sociedades, o status da mulher era vinculado ao do homem. Em função disso, encontramos em muitas sociedades regras de proteção para viúvas”. Isto retrata uma situação de desproteção e vulnerabilidade.

A perda de um companheiro ou companheira não ocorre apenas com as pessoas idosas, porém segundo Monteiro (2003), muitas pessoas utilizam-se de um discurso no qual a perda transforma-se em algo inerente à velhice e por isso os velhos devem se conformar sem esboçar queixas.

As questões de gênero são visíveis nos assuntos que estão relacionados a estas perdas principalmente no que se refere às diferenças na formação do vínculo afetivo. É muito comum no dia-a-dia ouvir a palavra viúva e o uso de preto pela mulher, representado o luto pela morte do esposo, mas a recíproca nem sempre é verdadeira. Pouco se comenta sobre a viuvez masculina e até mesmo o que representa a perda da companheira para este.

Mesmo por questões históricas, as mulheres estão mais susceptíveis ao luto. Parkes (1993) *apud* Goldani identificou em seus estudos a existência de padrões de apego nas mulheres, o que as torna mais vulneráveis ao luto. Logo, a construção do ser homem ou mulher na sociedade, envolve questões históricas, sociais, as quais de forma significativa vão influenciar a maneira como os conceitos e concepções são formadas.

Segundo Motta (2004), a viuvez para os homens, é um fenômeno demográfico de incidência baixa, mesmo entre os mais velhos; a repercussão social é tranqüila e seu modo de vida pouco se transforma, pois geralmente ocorre recasamento. Enquanto que para as mulheres é uma questão demográfica e cultural a qual envolve conceitos extremos que vai da prevaricação ao modelo ímpar de virtude.

Neste sentido, pode-se entender que os comportamentos dos viúvos nem sempre são questionados, enquanto que a maneira de agir, pensar ou falar das viúvas, pelo simples fato de serem mulheres, apesar de todo o desenvolvimento sociocultural, ainda prende os olhares e gera comentários.

Por outro lado, as reportagens de jornais, revistas ou mesmo na televisão, mostram mudanças na vida das pessoas que se tornaram viúvas e um modo diferente e inovador de ver a viuvez.

Embora ocorram mudanças, formação de novos conceitos e paradigmas, o sentimento de perda e luto ainda está presente na vida de muitos indivíduos.

Ao se tornarem viúvos ou viúvas, as pessoas passam por um processo de perda, muitas vezes de um grande amor, um exemplo de sofrimento, que envolve o luto, assim como as emoções relacionadas ao distanciamento e à separação. Porém, a “difícil arte de sobreviver à ausência de pessoas importantes é o que nos torna capaz de recomeçar” (Dornelles, 2003, p.412).

A presença do luto na vida do ser humano é uma coisa inevitável. Torna-se necessário, porém, aceitar a morte do companheiro, ainda que a saudade se torne uma constante, uma vez que permanecem as memórias inesquecíveis que ajudam a refazer, a cada dia a vida de cada um. “Esse é o processo da evolução humana e também o da natureza. Viver, aliás, consiste em lidar com perdas e ganhos, respirar fundo e buscar o equilíbrio” (Dornelles, 2003, p.410).

As reações à viuvez e à ausência dos cônjuges, são as mais diversas e estão diretamente ligadas ao modo de vida compartilhada por ambos. Encontramos depoimentos na literatura onde algumas viúvas referem ter sentido falta; para outras, pelo fato de terem sido maltratadas, a viuvez veio como alívio e sensação de liberdade.

Mesmo assim, a viuvez foi e é em todos os tempos um acontecimento trágico na vida das pessoas, que afeta a psique, as relações familiares e sociais e até a saúde dos homens. Durante anos e em muitas décadas, as mulheres morriam mais cedo, muitas vezes, devido à morte pós-parto, pois não haviam recursos ao atendimento adequado numa gravidez de alto risco e, quando de alguma complicação no trabalho de parto, contava-se tão somente com o conhecimento das parteiras. Sendo assim, os homens tornavam-se viúvos mais cedo (Doll, 1999).

Portanto, o que observamos hoje em dia é que com o novo perfil demográfico da população, onde há um crescimento da população idosa, a questão da viuvez, parece ser um acontecimento meramente da terceira idade. Enquanto que há alguns anos atrás, eram os homens que perdiam as suas esposas, hoje notamos que é um fato provavelmente feminino, já que houve uma melhoria na assistência pré-natal, parto e puerpério. Além disso, atualmente a expectativa de vida das mulheres é mais alta que a dos homens e, elas geralmente são mais jovens que os maridos (Doll, 1999).

Contudo, a conotação feminina do substantivo parece contar que, a situação de viuvez em qualquer circunstância, está mais vinculada às mulheres – “como se os homens não ficassem viúvos também” (Motta, 2002; p.264). Nota-se que o lado masculino, não sofre preconceito da sociedade, por estarem sem suas esposas, pois, como viúvos eles continuam a mesma vida de antes, sem qualquer problema na sociedade em que vivem, muitas vezes

mantendo suas atividades profissionais e sociais, prioridades, seus *status*, e até sua vida sexual (DOLL, 2002).

De acordo com o perfil populacional entre homens e mulheres o peso social da viuvez, parece ter sido uma coisa tipicamente feminina. Na realidade, é vista como uma questão de gênero.

Viuvez é um fato feminino porque significa primordialmente como uma quebra de aliança social fundamental, o desfazer do “equilíbrio” do casal, ao deixar a mulher sozinha sempre significou, historicamente, originar um “perigo”. A mulher sempre foi vigiada, normatizada, dirigida – principalmente durante o seu período reprodutivo; viúva, pior, é peça solta, remanescente daquele importante pacto social, deixada (ou demasiadamente encontrada) sem o seu garante, protetor, provedor, chefe... (MOTTA, 2002, p.263)

A situação de viuvez fez com que as mulheres adquirissem hábitos; muitos destes hábitos, herdados de seus maridos, ações que não faziam parte do seu cotidiano. “Às vezes negócios da família, que fugiam completamente às prescrições tradicionais da divisão do trabalho” (MOTTA, 2002, p. 264); afinal, estas viviam à margem das finanças, privadas ao lar. Tudo isso, na tentativa de fugir da solidão, buscando a própria sobrevivência e a de seus filhos, uma qualidade de vida melhor.

Historicamente, é possível acompanhar a viuvez em diferentes épocas. Na Idade Antiga, o direito doméstico indo-europeu proibia que o casamento fosse estimulado para fins de procriação; condenava-se o adultério, assim como o direito do homem ao divórcio, visando com exatidão à linhagem de descendência masculina, que garantisse o culto aos ancestrais, regulamentava ainda, o celibato, porque “família desaparecida é culto ao morto” (COULANGES, 2001, p.54).

Neste contexto, o poder legislativo prescrevia o casamento da viúva – apenas para aquelas que não tivessem descendentes do marido, ou seja, filhos do falecido – com aquele familiar mais próximo, sendo que, acaso com essa união nascesse um outro ser, este era considerado filho do defunto, por ter que continuar o culto dos mortos (FALCÃO, 2002).

Além disso, nesta mesma época, as mulheres viúvas viviam submissas aos maridos mortos e, se esta tivesse filho, a dominação desta mulher permanência, agora por este filho. “Ela não podia emancipar, nem adotar, nem mesmo ser tutora, de seus próprios filhos – ao contrário, a ela era designado um tutor pelo marido moribundo; e ainda não tinha direito de reaver seu dote” (Falcão, 2002, p.55). O casamento era uma coisa indissolúvel, uma situação

eterna, que nem mesmo a morte dissociava a mulher de seu marido, através dos “laços poderosos do mesmo culto e das mesmas crenças”. (COULANGES, 2001, p.51-52).

Veyne *apud* Falcão (2002), no primeiro milênio da era cristã, cita que:

A rica viúva romana é uma personagem imperiosa, pois não tem senhor. Seus parentes lhe fornecem um servo-cavaleiro, que garante a sua virtude. Ela se casará de novo ou não pode ter um amante sob um disfarce de uma promessa de casamento, pois os amores de uma viúva para a lei imperial romana, assimila-se a crimes como adultério e estupro. Para o homem viúvo, tal lei não se aplica: ele pode usar suas servas, casar-se novamente ou tomar uma concubina (2002, p.55).

No decorrer da história, na Idade Média, a Igreja romana não aprovava novas núpcias, proibindo um segundo casamento – e pregava o valor da viuvez, atribuindo superioridade à continência sexual (PATAGLEAN, 1995, p.580).

Falcão cita Bartthelém (2002), que no século XII da Europa feudal, a idosa viúva e com bens dotais exerce um crucial papel afinal,

Administra a propriedade deixada pelo marido morto, vive de rendas dos seus bens dotais e funda ou mantém mosteiros, para onde se recolherá mais tarde. A viúva jovem, por seu lado, é muito pressionada a casar-se novamente, submetida sem descanso à vigilância de vassallos e à tirania feudal (1995 p.57-58).

Esse mesmo autor relata que muitas viúvas, viviam em situação de extrema pobreza; para que estas tivessem garantia de proteção e manutenção de sua sobrevivência, seus maridos ainda em vida, deixavam concessões dos bens dotais – já dizia um provérbio que estes ‘são ganhos ao deitar e recebidos na viuvez’.

Neste contexto, outro autor Lá Roncière mencionado por Falcão (2002), refere que as viúvas que adquiriam um novo casamento, não podiam levar consigo os filhos do primeiro matrimônio. Contudo, se a viúva decidir-se permanecer viúva, ela passava a morar em uma casa simples fora do castelo feudal, ou seja, nas classes mais pobres, a ocupar uma peça única da casa (CONTAMINE, 1995, p.263).

No final da Idade Média, a Igreja Católica romana sacraliza o recasamento na viuvez: a moralidade da época atribui à viúva uma influência nefasta que a torna bem pouco recomendável, enquanto a tutela de um marido faz desaparecer o perigo que a viúva inspira (FALCÃO, 2002, p.56).

Ainda no trabalho de Falcão (2002), ela traz que no século XIX, as viúvas são consideradas perigosas pela sua sexualidade devido à sua suposta luxúria e em relação às

viúvas camponesas são desprezadas, ao exterior das casas, residindo em cabanas, com apenas algumas roupas, com ajuda financeira, algum benefício.

Contrastando com isso, as viúvas burguesas, podiam permanecer assumindo os negócios da família, antes da responsabilidade de seus maridos, possuir seus direitos adquiridos e assegurados pela lei, mas não podiam ser a tutora dos filhos, administrarem os bens dos órfãos, o que é feito por um conselho avuncular (PERROT, 1995).

Ainda neste século, a sociedade mantém vigília às viúvas, e foi introduzido nos costumes burgueses o luto da viúva, no qual elas permaneciam enlutadas num período maior que os homens viúvos (Falcão *apud* Martin-Fugier). Após o período de luto oficial, elas continuavam a vestir-se de preto, no papel de correspondência durante toda a vida, exceto se casassem novamente.

Entretanto, mesmo com as transformações na sociedade, no século XX, sejam elas nas relações familiares, ou entre pessoas outras, o papel do homem, da mulher e desta em particular, mesmo diante de muitas mudanças, não teve sua autonomia totalmente conquistada. Perrot (1995, p.303), cita que apesar de tudo, na primeira metade dos anos 1900, viver sozinha não era uma atitude apreciável, pois valorizava-se “a ordem da casa e o aconchego do lar”.

Além disso, notamos que o perfil dos novos casamentos, as uniões livres, os constantes divórcios e separações dos casamentos formais, mantêm o casal como valor fundamental, exorcizando a solidão. Falcão (2002, p.57), “Mesmo assim, nos meios mais favorecidos, vê-se que o indivíduo privilegia cada vez mais sua própria realização e o livre arbítrio, e a vivência conjugal deverá ser antes um compartilhar do que uma estratégia de fuga da solidão”. Vincent (1992, p.298), relata que a garantia da liberação dada pelo divórcio, demonstra uma nova situação no perfil demográfico, pois na segunda metade do século XX, nota-se o crescimento rápido do número de divorciadas na França, enquanto o de viúvas sofre redução.

No mundo contemporâneo, ainda são poucos os trabalhos que estudam viuvez, mas temos na literatura, Helena Lopata, uma socióloga, que nos seus estudos com viúvas norte-americanas, a partir da década de 70, apontam algumas tendências. Ela relata que a viuvez ocorre entre mulheres com idade acima de 50 anos, aproximando-se da velhice. Falcão *apud* Lopata (1979), dispõe que esse dado é um obstáculo cultural para um novo patrimônio, pois gera uma preferência, entre os homens, pelo casamento com uma pessoa mais jovem.

No Brasil, segundo, Berquó (1998), houve uma tendência semelhante, o que favoreceu o surgimento da expressão “pirâmide da solidão” para descrever esse fenômeno. Contudo,

essa mesma autora, questiona tal denominação que tem conotação negativa, podendo modificá-la para “pirâmide dos não casados”; além disso, muitas mulheres poderiam escolher a solidão como opção, dizendo-se que “antes só do que mal acompanhada”.

Os estudos de Lopata (1979 p. 31-32) expressam que:

Para o universo trabalhado, que a vida da mulher, na América moderna e urbanizada, provavelmente desorganiza-se com a morte do marido, apontando várias razões para isso: sua identidade de esposa-fundamento da família nuclear paradigmática da sociedade ocidental cristianizada - é destruído assumindo um papel desconfortável de viúva, como também acontece em outras partes do mundo; além disso, como viúva, ela freqüentemente precisa mudar “mudar a si própria”, passando de uma pessoa que vivia vicariamente através do marido e dos filhos, a uma outra, agora independente.

Neste contexto, Rawlins (1987), num estudo na Jamaica relata que a maioria das mulheres, após a viuvez, passa por inúmeras inquietações econômicas devido aos cuidados com a casa, as inseguranças em administrar as despesas e no caso daquelas que já possuem emprego, questionam-se se conseguiram manter-se diante dessa nova situação.

Lopata (1970), também relata que com a viuvez, as pessoas quebram seus laços com muitas pessoas, como familiares do antigo marido, e/ou seus colegas de trabalho e profissão, rompimento com clubes, associações, instituições às quais estavam vinculadas, como esposas de seus maridos ou por intermédio dele, ao distanciamento de amigos novos ou mais velhos, afinal muitos com o tempo também já morreram ou permanecem em situações de apenas reuniões de casais.

Todavia, esta mesma autora, em 1979, aponta que as mulheres que viviam com seus companheiros em sua própria residência, longe dos filhos, ao tornarem-se viúvas, permaneciam mantendo seu grau de independência dos mesmos. Ademais, o receber seu benefício, ou seja, o seu seguro social e a sua pensão, e ter ainda seu emprego remunerado, permitia-se a esta mulher, como viúva, uma independência financeira.

Pode-se perceber que a temática abordada envolve questões históricas, sociais e culturais, particulares de cada povo, de regiões, de raças e de etnias específicas, o que de certa forma deve ser respeitada e trabalhada dentro de sua realidade.

Compreender a viuvez é compreender as diferenças de pensamento e concepções acerca da mesma, seus significados, de forma que haja uma possibilidade de intervir construtivamente.

Compreender a viuvez é perceber a mudança que ocorre na vida das pessoas que se tornam viúvas e ver o que estas mudanças representam, sem, no entanto, fazer juízo de valor ou tecer pensamentos conclusivos; apenas ter a sensibilidade e a empatia para poder perceber o que é vivido pelo outro.

Percebe-se também que a viuvez significa perda; a perda de um ente querido, a perda de um papel social e o confronto com a morte.

## 2.2 CONHECENDO A MORTE

O tema morte muitas vezes incomoda, pela representação que assume para muitas pessoas. São diversas as imagens construídas pelas pessoas acerca da morte.

A morte para os cavaleiros da corte, na lenda do Rei Artur não era de qualquer maneira, era regulamentada por um ritual costumeiro descrito com benevolência, e era sentida e avaliada por quem estava se esvaindo (ARIÉS, 1989).

Para o mesmo autor, em épocas passadas, mesmo os muito apegados aos prazeres da idade, pelo fato de sentirem a presença da morte, passavam deste mundo para o outro, como gente prática e simples.

O envelhecer é mais uma etapa do ciclo de vida e é inerente aos seres humanos quando se considera o aumento da expectativa de vida da população mundial. O envelhecimento envolve uma série de problemas e situações dentre as quais podemos identificar as perdas.

Eizirik *et al.* (2001), afirma que uma vivência básica e psicodinamicamente significativa no processo de envelhecimento são as perdas e que algumas das perdas mais freqüentes nessa faixa etária são: a da saúde física; a da diminuição das capacidades; a perda da companhia e, a perda do cônjuge.

Tais perdas levam à origem de sensações diversas, como angústia, vazio, solidão. O sentido da perda, principalmente a do cônjuge, pode representar a perda de parte de si próprio, é o que coloca Eizirik *et al.* (2001), quando faz referência à colocação de Freud (1917), “a pessoa sabe a quem perdeu, mas não sabe o que perdeu com ele”.

Neste sentido, deparamo-nos com a morte de alguém muito próximo e que de alguma maneira fez parte da vida deste idoso (a). Para muitos, a morte é a última etapa do ciclo vital, é o cume ou apogeu por ter vivido todas as outras etapas.

As discussões sobre a morte e o ato de morrer, estão presentes no ambiente saúde, uma vez que lidar com pacientes velhos e com pessoas que morrem sob seus cuidados faz parte do dia-a-dia de muitos profissionais de saúde.

Eizirik *et al.* (2001), coloca que a morte representa essencialmente, o poder sobre o qual não temos nenhum controle, invisível, inatingível, indomável, desconhecido, por este motivo, o medo da morte está presente em muitas pessoas.

Falar de Viuvez refere imediatamente a um acontecimento: a morte de um cônjuge, fato este que torna a vida mais árdua e dura, com a sensação de vazio e solidão. A morte não é discutida ou citada em nossa sociedade, pois há uma renúncia naquilo que é certo em nossas vidas, de que um dia iremos morrer.

Para os idosos, falar sobre morte é uma tarefa ainda mais difícil, afinal segundo Papaléo (1996, p.497), “a velhice não pode ser considerada isoladamente, sem que seja abrangida a idéia da morte”. É parte obrigatória da velhice o fato de nessa fase da vida está sob o signo da morte.

Na nossa cultura ocidental, é característico que não podemos fazer algo que traga lembrança da morte e do morrer. Tal situação não apenas restringe ao fato do indivíduo estar enfermo, que a equipe de saúde está escondendo alguma informação sobre o seu verdadeiro estado de saúde, mas também nas relações do nosso cotidiano. O medo da morte é um fato real.

Isto, por sua vez, é reforçado nas palavras de Rezende (1996), ao dizer que o medo da morte fragmenta-se em outros medos correlatados, ou seja, o medo de não suportar a dor, do processo de morrer, da solidão, medo daqueles que morreram, do cadáver, da estranheza que agora representam, da autonomia, medo de perder uma pessoa da família, cuja situação parece ser insuportável, medo do desconhecido, do que acontece após a morte.

A morte é um assunto do qual ninguém gosta de falar, ela é comentada quando é inevitável e quando esta acontece no nosso meio familiar. Enfrentando a perda de um ente, procuramos “esconder seus sentimentos por trás dos dentes serrados, como se mostrar sua dor fosse um sinal de fraqueza” (MARKHAM, 2000, p.09).

É interessante observar como as pessoas não entendem que o processo de morrer faz parte integrante da vida desde o minuto em que nascemos, afinal todos somos pacientes terminais, pois em algum momento de nossas vidas seja este enquanto jovem ou idoso iremos morrer. Por isso, que quando não é mencionada muitas pessoas, não entendem a mistura de emoções que acompanham o luto e pensam que há algo de errado ou não natural em si (BOWLBY,1998).

Leloup (2003), em seu livro *A arte de morrer* diz que a maioria dos nossos contemporâneos recusa a idéia de que somos todos mortais e que pensar assim, faz parte de outra época e contradizendo a isto ele cita que os budistas aceitam a morte como parte

integrante da vida e da sabedoria indígena da América que transportam a morte no ombro esquerdo, cômicos de estarem apenas de passagem nesta terra.

Além disso, ele refere que o mundo em que nós vivemos não nos ensina a morrer. Tudo é feito para esconder a morte, para incitar-nos a viver sem pensar nela. Entretanto, “Trata-se de fazer, de ter cada vez mais, em uma busca desenfreada em busca de uma felicidade material”. A morte não é simplesmente uma falência biológica e física de um corpo, ela institui um vazio não apenas para aquelas pessoas que estão próximas ou têm alguma ligação com o morto, mas para a sociedade como um todo (REZENDE, 1996).

Esta autora também refere que:

Na sociedade ocidental moderna é silenciada e omitida, revestindo-se das características de tabu. Viver, como se fôssemos imortais, esta é a grande teatralidade da vida quotidiana. Socialmente não é bom-tom falar da morte. Como morbidez bizarra, tal tema é afastado e em reuniões sociais procura-se emudecer o falar inconveniente (REZENDE, 1996, p.18).

Leloup (2003), diz que algumas atitudes diante da morte estão enraizadas em uma tradução humanística atéia que diz: “a morte é o fim da vida. É a interrupção de um funcionamento biopsíquico e neurofisiológico. Não há nada além dessa inter-relação aleatória de nossos átomos, o jogo “sem regras” de nossas sinapses”. Neste contexto para Voltaire: faça a escolha de não falar dela ou como Heidegger: encare-a de frente, a morte continua sendo um escândalo.

Nas tradições monoteístas, a vida, o sofrimento, a doença, a morte são lugares de passagem, tempo de provações, tempo em que podemos interpretar e conferir algum sentido. Na tradição judaico-cristã, a morte é considerada como uma passagem; é a significação da palavra Páscoa.

Ao falar da tradição hebraica, Leloup (2003, p.34) refere que “a morte não é o fim da vida, mas o fim de uma ilusão, uma libertação, do encadeamento de causas e efeitos. É a razão pela qual a morte é um momento abençoado”.

A morte também pode ser vista como um acontecimento que nos obriga à reflexão; assim Leloup (2003, p.40) traz: “a morte não é um fracasso. Ela faz parte da vida. É um acontecimento que se tem que viver. Uma realidade que nos desperta e nos obriga a tomar consciência de nossos valores mais profundos, uma realidade que nos convida a criar, pensar, procurar um sentido”.

As pessoas morrem no tempo que elas devem morrer e este deve ser valorizado, respeitado, porque tem um sentido o dia de sua morte. É o tempo das últimas permutas de vida, o tempo de fechar o círculo. Para muitas pessoas esse tempo é algo inaceitável, afinal não queremos perder alguém que amamos em tempo ou momento nenhum de nossas vidas.

Neste sentido, ter que enfrentar a morte obriga o homem a refletir sobre o sentido da vida e os nossos valores. É preciso que as pessoas entendam que, com a proximidade da morte deixemos de viver, não pensando que teremos de ter pressa em resolver assuntos pendentes durante a vida, pois afinal fica sempre algo inacabado.

Markham (2000), diz que aceitar a morte de outras pessoas, nos ajuda muitas vezes a reduzir os temores associados à idéia de nossa própria mortalidade, possibilitando-nos seguir em frente nossa vida da maneira mais positiva, harmônica possível.

Esta morte, por sua vez, desperta no ser humano diversas emoções, algumas delas já esperadas, outras inevitáveis ou até mesmo inacreditáveis. Essas sensações podem demonstrar um alívio ao ver seu ente querido deixando aquela vida de dor e sofrimento ou saudosismo, por sentir saudade da pessoa que nunca mais irá vê-la.

Em muitos casos, a morte é súbita e inesperada, e a reação é de incredulidade e até mesmo negação. Markham (2000, p.09) diz que:

A consciência simplesmente não consegue assimilar o fato da pessoa amada se foi. Quando termina esse período inicial e admitimos o fato da morte, há vários estágios emocionais pelos quais passamos antes de chegarmos à aceitação. A seqüência mais comum é a negação, tristeza, raiva, culpa, medo, aceitação e paz.

Neste contexto, ao falarmos em tristeza, imaginemos que é o primeiro sentimento esperado diante da morte. Embora ela seja comum na maioria das situações, há diferenças de profundidade dessa tristeza e do período de permanência. Como exemplo, podemos citar a Rainha Vitória que, depois da morte do marido, o Príncipe Albert, ficou de luto o restante de seus dias. Isso, por sua vez, pode demonstrar uma homenagem ao marido por ter tido um casamento muito feliz e repleto de amor.

As pessoas possuem diferentes formas de demonstrar sua tristeza; algumas são mais expressivas abertamente do que outro fato, o que não significa ser melhor que a outra, ou que isso seja ruim. Markham (2000, p.12), refere que não há nada de mais em deixar que seus amigos e familiares queiram consolá-lo quando você precisar. Como também é importante, se

tiverem filhos, deixarem que eles vejam esse seu lado, embora você prefira poupar-lhes o sofrimento que isso causa.

Assim vemos o choro como uma demonstração de tristeza, de sentir-se infeliz e para muitos filhos e parentes que nunca viram você chorar, a associação com a morte de um filho, marido, afinal choramos quando sofremos, pois a perda faz sentirmos tristeza.

Markham no seu livro “Luto” (2000, p. 14) diz que:

A tristeza e o pesar que não são admitidos e vividos de forma plena podem ser perniciosos, física e emocionalmente. Todos nós já ouvimos falar de nossos casos em que alguém morreu com o coração partido, logo depois da morte de seu par amoroso. O coração não se partiu claro, mas a tensão causada por manter a tristeza escondida no mundo externo pode ser o suficiente para afetar a pressão sanguínea, o coração e a vontade de viver daquele que ficou.

Entretanto, a tristeza para algumas pessoas dura muito tempo, ou até mesmo não desaparece, pois muitas delas se acostumam a ela. O ser humano tem uma capacidade de recuperação incomensurável e, tem que ser assim, senão ninguém poderia superar as perdas, tragédias como perder muitos familiares de uma só vez num acidente automobilístico, por exemplo, e preciso refazer a vida. “Por maior que seja seu pesar no momento, e por mais que você sinta que nunca vai superar o problema, este é superado desde que, em primeiro lugar, se dê tempo para viver o luto” (MARKHAM, 2000, p.14).

Elisabeth Kübler-Ross (1998) distingue estágios de reação à morte pelos quais passam as pessoas a partir do momento em que tomam conhecimento do seu prognóstico. Os estágios envolvem negação, isolamento, seguido de revolta ou raiva, barganha, depressão e por fim aceitação.

A morte pode chegar a qualquer idade, no entanto, para a maioria de nós a morte chega ao final da vida adulta. Dessa forma, é importante compreender a morte, o ato de morrer e as novas atitudes em relação a eles.

Para Bee (1997), o conceito de morte vai muito além da simples compreensão da inevitabilidade, pois a morte tem um importante significado social. Além da família, a morte de indivíduos afeta ainda outros papéis, deixando lugar para adultos jovens assumirem papéis importantes.

A preparação para a morte, segundo o mesmo autor, se dá em vários níveis, seja pela obtenção de um seguro de vida ou por fazer um testamento. Da mesma forma, adultos mais velhos estão mais propensos a antecipar os preparativos para o seu funeral ou enterro. Por

mais que seja algo inevitável, são várias as reações das pessoas diante da morte, principalmente para aquelas que ficam.

Bee (1997) coloca as novas concepções da morte para Elisabeth Kübler-Ross, fazendo referência às tarefas emocionais mais do que aos estágios.

Muitas são as críticas feitas a estes estágios, uma vez que, estudos demonstram que as pessoas à morte nem sempre passam por todos eles, sendo apenas a depressão uma etapa comum a ligar as pessoas à morte (BEE, 1997).

Para o mesmo autor, a morte mais difícil da qual um indivíduo tente recuperar-se é a de um cônjuge e que ficar viúvo costuma ser entendido como o evento mais estressante nas listas de mudanças negativas na vida.

Obviamente que nos primeiros momentos, dias, anos, a sensação de vazio é muito maior e mais difícil, haverá lembranças nas datas de aniversário, Natal, Dia das Mães, Páscoa e a falta porque alguém foi muito especial.

É válido ressaltar que, para os pacientes em estágios terminais eles inicialmente, expressam a negação como sentimento. “Comumente, a negação é uma defesa temporária, sendo logo substituída por uma aceitação parcial” (ROSS, p.45, 1998). A negação assumida nem sempre aumenta a tristeza, caso dure até o fim. A raiva também aparece no cotidiano dos homens ao defrontar-se com a morte,

“Que surge após não se conseguir manter mais a negação da morte, Além dela, observamos a revolta, a inveja e o ressentimento. Surge então a pergunta: Por que eu? Tudo isso, porque vê seus planos de vida interrompidos prematuramente, projetos inacabados. É considerado um estágio difícil, devido ao fato da raiva “se propagar em diversas direções e projetar-se no ambiente, muitas vezes sem razão plausível” (ROSS, p.56,1998).

As razões para que sintamos raiva após a perda, podem variar de um dia para o outro, qual o contexto da morte do familiar ou amigo, que tipo de relação era estabelecido, antes e depois a morte. No entanto, você pode descobrir que está com raiva da pessoa que morreu por lhe deixar você sozinha. A lógica pode lhe dizer que o falecido não teve escolha, mas isso não ajuda a diminuir a fúria com a rejeição (MARKHAM, 2000, p15.).

Contudo, essa raiva pode ser menos lógica ainda, pois você pode reclamar de fatos simples da vida, tais como o brilho do sol ou o motivo pelo qual os pássaros estão cantando. Todavia, pessoas enlutadas sentem essas coisas. “Quando você percebe que essa é apenas

mais uma parte do processo de luto, tem mais condições de aceitar que não há nada de errado com você e que esse é mais um sintoma que logo vai desaparecer” (MARKHAM, 2000, p.15).

O luto é vivido por ocasião da perda, e a maneira de lidar com esta perda envolvem aspectos específicos e características particulares de cada um. Muitos autores colocam que o luto ocorre também através de estágios semelhantes aos estágios da morte de Kübler-Ross.

Bowlby (1998) propõe quatro estágios para o luto que envolve entorpecimento, anseio e busca pela figura perdida, desorganização e desespero e por fim reorganização ao passo que Sanders *apud* Bee (1997), propõe cinco estágios compreendidos por choque, percepção da perda, conservação e retraimento e, cicatrização e renovação. Porém, para muitos autores o luto não ocorre em estágios fixos.

Para Bowlby (1998), na medida em que o primeiro ano de luto vai transcorrendo a maioria dos enlutados verifica ser possível estabelecer uma distinção entre padrões de pensamento, sentimento e comportamento que evidentemente já não são adequados e outros que podem ser conservados. O autor exemplifica esta questão quando afirma que 50% das viúvas de uma pesquisa disseram que ainda passavam muito tempo pensando nos maridos e que às vezes tinham a sensação de que eles realmente estavam presentes.

A culpa também acompanha a morte. Ela pode surgir através das palavras infelizes ditas no passado à pessoa que morreu. A sua relação com esta pode ter sido conflituosa, amarga e hostil e agora não tem como reparar o mal. Às vezes, a culpa é muito mais profunda, e que você se sinta de certa forma responsável pela morte como, por exemplo, se você estivesse dirigindo um carro que levou a um acidente fatal. “E a culpa que surge porque você causou acidentalmente a morte de um ser humano? Ninguém pode minimizar o horror que se sente, mas a morte é final e não há nada que se possa fazer” (MARKHAM, 2000. p.17).

A sensação de medo também acompanha a morte, e não há nada como a morte de alguém muito próximo para ficarmos conscientes de nossa própria mortalidade. Até nos conscientizarmos com ela, morrer parece algo que acontece com os outros, mas precisamente àqueles que estão muito velhos.

O medo da morte, por sua vez, deve ser controlado, atingindo as devidas proporções, pois afinal nós vamos morrer, e eu também, essa é a única certeza que nós temos. Mas nós é que devemos aproveitar o tempo, entre o momento que estamos vivendo agora até quando esta ocorrer, seja quando for. O que não podemos é viver em estado de apreensão, preocupados com o momento em que o fim virá.

Portanto, como diz Markham (2000, p.20), aceite que é “natural sentir um pouco de medo do que o normal quando tiver algum contato próximo com a morte”. No entanto, é preciso deixar esse medo de lado e procurar viver intensamente cada momento de sua vida.

Classificado para alguns autores como aceitação da morte ou alívio, pois ao morrer a pessoa ficava livre do seu sofrimento. Para quem cuida também é uma sensação fisicamente esgotante e emocionalmente extenuante. O que se fez em nada é diminuído porque agora se sente alívio por ter sido liberado das tarefas de que se está cuidando.

Para a autora Kübler-Ross (1998), ao aceitar a morte, temos um momento como se a dor estivesse esvaecido, a luta em viver tivesse chegado ao fim e fosse chegado o momento do descanso, do “repouso derradeiro antes da longa viagem”.

Neste contexto, descobrir que você está sozinho, sem seu companheiro querido pode ser devastador. Além da tristeza, há muitas coisas práticas a resolver e, às vezes, a responsabilidade de lidar com isso pode parecer demasiada. Os problemas e as dificuldades surgem e podem variar, muitas vezes está relacionado com a idade do cônjuge, ou com outras coisas, pois como pudemos ver durante muitos anos os homens idosos foram responsáveis pela parte financeira da casa e a mulher pela administração do lar.

Para Bowlby (1998), embora as reações emocionais e psicológicas à perda de um cônjuge sejam muito semelhantes entre viúvos e viúvas, há diferença na liberdade com que as emoções se expressam, e também na maneira pela qual são feitas tentativas para enfrentar uma vida social e de trabalho que sofreu uma ruptura.

Diante de todas as colocações acerca da morte, é importante percebermos que a nossa história é marcada por aquisições e perdas contínuas. Por isso, é muito importante que saibamos como orientar a energia da perda para o aprendizado, transformando o sofrimento em conhecimento (MONTEIRO, 2003). Como também, que não é fácil lidar com a morte, mas que ela espera por todos nós... Deixar de pensar na morte não a retarda ou evita. Pensar na morte é uma experiência tão importante e valiosa quanto qualquer outra (ARIÈS, 2003).

### **3 CAMINHO METODOLÓGICO**

Na busca de conhecer o significado da viuvez para os idosos viúvos, foi utilizado um percurso metodológico, que segundo Minayo (1998, p.22), diz ser “um caminho e o instrumental próprios da abordagem da realidade”. Neste sentido, coube ao pesquisador utilizá-la com responsabilidade e exatidão na descrição da mesma.

Diante disso, descreveremos a caracterização do estudo, o método da História Oral, o local do estudo, os sujeitos e os critérios de inclusão dos mesmos, os princípios éticos da pesquisa, a técnica de coleta de dados, os instrumentos do estudo, a coleta de dados e por fim a análise de dados.

#### **3.1 A CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO**

Tratou-se de um estudo de natureza qualitativa, pois se destina à investigação de questões, as quais não podem ser quantificadas, uma vez que afinal trabalham com sentimentos, crenças, valores, costumes – fenômenos estes que não são reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994).

Além disso, a utilização da pesquisa qualitativa em gerontologia, segundo Reinharz citada por Menezes (1999, p.60), “preocupa-se em descrever padrões de comportamento e processos de interação, assim como revelar os significados, valores e intenções que invadam a experiência de pessoas idosas, ou da experiência dos outros, em relação à velhice”.

A abordagem qualitativa empregada neste trabalho corrobora com a metodologia da história oral, uma vez que, busca experiências dos sujeitos frente a um fenômeno social e privilegia a recuperação do vivido conforme aceitação de quem viveu essa experiência (ALBERTI, 1990).

Classificou-se como exploratória, uma vez que, foi desenvolvida com o intuito de proporcionar a visibilidade ampliada de um fato social que é pouco estudado e explorado. Segundo Triviños (1987 p.109), “os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar a experiência em torno de determinado problema”.

O estudo teve caráter descritivo, pois obteve a pretensão de descrever com rigor os fatos e fenômenos de uma realidade (Triviños, 1987). Diante disso, escolhi a pesquisa descritiva por permitir a representação do significado da viuvez na vida dos idosos, após a perda de seus companheiros.

### 3.2 O MÉTODO DA HISTÓRIA ORAL

Para conduzir este estudo, foi utilizado como referencial metodológico a história oral temática, por acreditar-se que esta forma de abordagem possibilita melhor compreensão do significado da viuvez na vida dos idosos que permanecem viúvos, tanto na sua especificidade, quanto em relação à valorização da sua experiência de vida.

Meihsy (2002), no estatuto da história oral refere que há discordância na sua conceitualização, sendo por alguns, considerada com uma “técnica” e por outros como “método” e até mesmo como “disciplina”.

Usar a história oral como técnica, significa dizer que a entrevista não é um complemento, mas sim um coadjuvante de outras metodologias, não como objetivo central. Como método, ela surge mediante alternativas que privilegiam as narrativas como atenção central dos estudos. Sendo assim, devemos dar atenção à elaboração do projeto, realização de uma entrevista, na passagem do oral para o escrito e nos resultados (MEIHSY, 2002). Parte-se do princípio que a história oral “se constitui num objeto definido, com fundamentação filosófica, procedimentos claros e pré-estabelecidos que a justifique como método” (LIMA, 2000, p.20).

A escolha pelo método da história oral “depende intrinsecamente do tipo de questão que é colocada ao objeto de estudo” (ALBERTI, 1990, p.13). Assim, a questão problema que norteará este estudo será: qual o significado da viuvez para o senhor (a)? A qual poderá ser respondida pelo método acima referido, pois “privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu” (ALBERTI, 1990, p.05).

Neste contexto, apenas os idosos viúvos, aqueles que passaram pelo processo de perda do companheiro e vivenciam a viuvez responderam as perguntas; através de seus depoimentos levando em consideração seus sentimentos, medos, suas experiências, cultura, local em que vive ou está inserido, “o modo de pensar e agir, extraído daí os significados” (SILVA, 2004, p.78).

A História Oral consiste na gravação de depoimentos, narrativas pessoais ditas de pessoa para pessoa, com o uso de equipamentos eletrônicos, como gravadores, fitas K-7 ou de vídeo. “A história oral, pelo contato com meios eletrônicos, mostra as vantagens do manejo de artefatos da atualidade que têm também sentido para a produção, a preservação de documentos e as análises sociais (MEIHSY, 2002, p.27). Ela promove a análise de eventos sociais no presente e no passado”.

Através deste método podemos investigar experiências particulares, compreender a sociedade pelo indivíduo que nela vive, grupos sociais, muitos fenômenos, baseados é claro, nos depoimentos daqueles que vivenciaram esse fato. De acordo com Alberti (1990, p.01) “a história oral é um método de pesquisa que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo”.

Assim, Ataíde (2002), define que a história oral dá prioridade à versão do entrevistado, o significado de sua experiência pessoal e sua riqueza de vivências. Por intermédio de sua narrativa, o entrevistado explica sua própria vida, desde a infância até o momento de hoje, a idade atual e vai explicando seus valores e as experiências sociais que influíram no curso de sua vida.

Podemos relatar que a metodologia de história oral também permite o registro de inúmeras narrativas de experiência de vida, viabilizando o acesso a visões de mundo e histórias de vida vindo de distintas classes sociais. É um método de pesquisa que privilegia fazer entrevistas que fizeram parte ou testemunharam algum acontecimento, visões de mundo como uma forma de aproximação com o objeto de estudo (ALBERTI, 2004).

Existem quatro etapas para definição da história oral, a primeira refere-se à elaboração do projeto, em que devemos definir critérios de procedimentos, se este será um banco de dados ou pesquisa. Segundo, a gravação, terceiro, o da confecção do material escrito, onde se deve estabelecer o tipo de transcrição. Por fim, a análise, pode ou não existir, pois afinal “há grupos que só aceitam a história oral quando esta se mostra, depois de escrita, analisada” (MEIHY, 2002, p.77).

A história oral pode ser dividida de acordo com Meihy (2002), em história oral de vida, em tradição oral e além da história oral temática. Na história oral temática, há uma articulação da documentação oral com outros documentos. Ela assume o compromisso com a opinião do entrevistador sobre algum fenômeno, “é um recorte de uma experiência e aborda questões externas, objetivas, factuais, temáticas” (Silva, 2004, p.83). A tradição oral, por sua vez, ocupa-se com os mitos e a visão de mundo de uma sociedade, que percebe o indivíduo como um transmissor de tradições antigas, a noção de passado de uma cultura.

A história oral mantém uma ligação moral com a memória do indivíduo, trata-se de um suporte para os depoimentos desse método. Para Meihy (2002, p.66), “memórias são lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem com os fatos concretos, objetivos ou materiais”. Neste sentido, Ecléa Bosi (1995, p.55), em seu livro *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, diz que “a

lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam a nossa consciência atual”.

Haguette (2000) define que tudo aquilo que é Oral, gravado, preservado, diz ser história oral. Têm como finalidade a prestação de serviços à sociedade através da socialização das informações obtidas de um determinado acontecimento. É considerada como interdisciplinar, pois é de interesse das ciências sociais, políticas e humanas e, ao contrário de outras técnicas, utiliza a observação participante, a história de vida e a entrevista.

Além disso, ao trabalhar com história oral o pesquisador deve respeitar o outro, por suas idéias, pensamentos, opiniões, crenças, atitudes, posições, sua visão de mundo. E segundo Alberti (2004, p.24),

É essa visão de mundo que norteia seu depoimento e que imprime significados aos fatos e acontecimentos narrados. Ela é particular àquele depoente, mas constitui também um elemento indispensável para a compreensão da história de seu grupo social, sua geração, seu país, e da humanidade como um todo, se considerarmos que há universais nas diferenças.

O interesse da pesquisa na história oral é o próprio indivíduo na história. O desenvolvimento da história oral, inicialmente surgiu após a II Guerra Mundial, tendo em 1948 como marco a criação do primeiro projeto de história oral na Universidade de Columbia, Nova York. Tal fato aconteceu devido ao avanço tecnológico com a invenção do gravador e a necessidade de conhecer as experiências vividas por ex-combatentes, familiares e vítimas da guerra, através de relatos orais.

Para Meihy (2002, p.88):

A história oral nasceu vinculada à necessidade do registro de experiência que tinham repercussão pública. Os efeitos e a aceitação coletiva dessas narrativas determinavam o sucesso, independente do registro oficial. Isso equivalia a uma nova noção de cidadania.

Assim, a partir disso, a história oral diferente de outras práticas de oralidade, adquiriu um adjetivo de moderno. De início a história oral combinou três funções complementares: registrar relatos, divulgar experiências importantes e estabelecer vínculos com o imediato urbano, promovendo assim, um incentivo à história local e imediata (MEIHY, 2002).

Neste contexto, para Joutard (2001), a primeira geração de historiadores orais surgiu nos Estados Unidos nos anos 1950, com o propósito de reunir material para historiadores futuros. Tendo ainda como característica, privilegiar as ciências políticas. Na Itália, a pesquisa oral foi utilizada para reconstituir a cultura popular. Considerando representantes da segunda

geração de historiadores orais, os mexicanos, pois seus arquivos orais registravam as memórias e as recordações dos chefes da revolução mexicana.

Essa nova geração de historiadores orais foi marcada por uma nova concepção de oralidade, dando atenção às minorias étnicas, dos iletrados, dos marginalizados entre os outros. É uma história alternativa a todas as construções historiográficas baseadas naquilo que estava escrito (JOUTARD, 2001).

Já na década de 1990, observamos o marco da quarta geração de historiadores orais, nascida na década de 1960, influenciada pelos Estados Unidos, através dos movimentos críticos pós-modernistas, o que se traduz na valorização da subjetividade, o que para alguns é a finalidade da história oral (JOUTARD, 2001).

Um dos aspectos indicativos do desenvolvimento dessa nova história oral foi à adesão de vários estudiosos, entre eles Paul Thompson na Inglaterra; Mercedes Vilanova na Espanha e Danièle Hanete na França, podendo-se afirmar que foi a partir do Congresso Internacional de Ciências Históricas de San Francisco, em 1975 e do primeiro Colóquio Internacional de História Oral realizado em Bolonha, que se concretizou o marco fundamental da terceira geração de historiadores orais.

No Brasil, a história oral, teve seu reconhecimento e desenvolvimento num período mais tarde, por vários fatores entre eles a falta de tradições não institucionais não-acadêmicas, a ausência de laços universitários com os localismos e a cultura popular, como também pela influência francesa de valorizar e ser vinculada muito a escrita ao invés da oralidade (MEIHY, 2002). Para exemplificar tal fato, Meihy (2002, p.100), diz: “os estudos sobre as culturas hegemônicas européias [...] eram mais privilegiados que as pesquisas sobre índios ou sobre o povo de países que se viam sempre como periféricos”.

Além disso, com o Golpe Militar de 1964, no Brasil, foi proibida e censurada a gravação de experiências, opiniões, julgamentos, depoimentos que possuíssem idéias contrárias a essa época. Tudo aquilo que contrariasse aos comandos dos militares, pensamentos que confrontassem com os pensamentos de quem detinha o poder era censurado – vivia-se um momento histórico de repressão.

Neste contexto, a Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV), buscava através dos relatos orais, pensar e entender melhor o Brasil daquele período, com o uso de depoimentos da elite política. Cabe pontuar que a história oral no Brasil assim como no restante da América Latina, principalmente nos países que viveram governos ditatoriais, teve sua incorporação associada ao processo de redemocratização, o que diferencia o papel da história oral latino-americana da européia ou norte-americana.

Este fato em momento algum, invalidou a troca de experiências acadêmicas, o próprio CPDOC-FGV no momento de maior atividade do seu Programa de História Oral, trouxe para o Brasil dois especialistas norte-americanos que apesar de não mostrarem uma preocupação maior com as questões metodológicas tinham grande experiência com o uso do gravador e as questões mais técnicas da entrevista (CAMARGO, 1999).

A fundação da Associação Brasileira de História Oral (ABHO) em 1994 durante o Segundo Encontro Nacional de História Oral no CPDOC-FGV congregou historiadores orais de diferentes Estados, o que fortaleceu as trocas de experiências entre os mesmos. Essa comunhão de pesquisadores possibilitou a realização de outros eventos no país, fato que culminou com a escolha do Brasil para sediar o X Congresso Internacional de História Oral em 1998, no Rio de Janeiro, o II Encontro Nacional em Campinas, no ano de 1996 incentivando a criação de uma revista semestral e de núcleos de estudos de história oral em diferentes instituições (CAMARGO, 1999).

Lozano (2001, p. 16), ao descrever a História Oral, como:

Um espaço de contato e influência interdisciplinares; sociais, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais. Para isso, conta com métodos ou técnicas precisas, em que a constituição de fontes e arquivos orais desempenha um papel importante. A história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na visão e na versão que brotam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais.

### **3.3 O LOCAL DO ESTUDO**

O estudo proposto foi realizado no período de maio a junho de 2005, em uma Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) localizada na Cidade de Feira de Santana - Bahia.

Este programa foi criado em agosto de 1992, coordenado pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), que privilegia aspectos biológicos, psicossociais e culturais do envelhecimento, dando oportunidade a estes idosos de uma convivência com formas mais elaboradas e relacionadas do saber, respeitando, a experiência adquirida no decorrer de suas vidas.

Tal programa busca entre diversos objetivos: fornecer subsídios para a definição de políticas públicas adequadas ao trato com o idoso, contribuir para implantação de atividades que assegurem o cumprimento dos direitos sociais e o resgate da cidadania do idoso,

desenvolver atividades interativas com a sociedade organizada, visando eliminar paradigmas e preconceitos sobre o idoso, preservar a auto-estima e autonomia do idoso e propiciar a participação em atividade de caráter educativo artístico-cultural.

A Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) é composta de uma equipe formada por um coordenador, que é um professor nomeado pela Reitoria, os professores-técnicos, escolhidos de acordo com seus interesses e capacitação para as ações desenvolvidas na universidade, dois secretários, um profissional técnico-administrativo da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), além dos discentes.

O público alvo que participa desta Universidade compõe-se de pessoas ou profissionais da comunidade regional, com idade de 55 anos ou mais que atingiu a maturidade média ou tardia, que apresentam condições e vivenciais necessários para a participação nos cursos e nas atividades propostas e que demonstrem interesse pelo preparo da Terceira Idade.

As atividades acadêmicas encontram-se estruturadas a partir de módulos sequenciais e semestrais, utilizando-se de uma metodologia dinâmica e participativa. O aluno, ao ingressar na Universidade Aberta à Terceira Idade tem a obrigatoriedade de cumprir uma grade curricular com as seguintes disciplinas: Processo de Envelhecimento-Caminhando para a transformação em que se discute o processo biopsicosocial do envelhecimento através do conteúdo das teorias, fisiologia e biologia do envelhecimento, o idoso, o trabalho e a aposentadoria, etc.

A segunda disciplina refere-se à cidadania do idoso, em que há uma reflexão sobre a realidade do idoso no Brasil e no mundo, enfocando cidadania e direitos civis, sociais e políticos. Política Nacional do Idoso, por exemplo. A terceira é intitulada de Sexualidade e Envelhecimento, para a qual são realizados debates sobre a sexualidade no processo do envelhecimento, abordando decodificação dos mitos e tabus, anatomia e fisiologia na terceira idade entre outros temas.

As ações sócio-educativas se fazem presentes também nas atividades da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) com a realização de oficinas semestrais sobre arte, cultura, interação pessoal, seminários, mesas redondas, caminhadas, palestras e ações de caráter filantrópico com o apoio dos alunos para diversas instituições da cidade. Também existe a realização do desenvolvimento corporal, em que são realizadas oficinas de atividades físicas para o desenvolvimento de técnicas de alongamento, tonificação, realização de gincanas, olimpíadas, maratonas, torneios. Por fim, há a ampliação das ações, em que alguns cursos de graduação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), promoção de atividades,

como, encontros, feiras, exposições, que reduzem a grande distância entre as gerações na sociedade.

Dentro desta Universidade, há também um Núcleo de Pesquisa da Terceira Idade - NEPTI, cuja função principal é promover a interdisciplinaridade e a interação de atividades de estudos e pesquisas na área de geriatria e gerontologia. Este organismo tem um papel de orientação das pesquisas, cursos de pós-graduação, à medida que é o órgão responsável pelo estabelecimento de políticas, diretrizes e estratégias acadêmicas voltadas para a questão dos idosos.

### **3.4 OS SUJEITOS E CRITÉRIOS DE INCLUSÃO**

A escolha das pessoas para serem entrevistadas numa pesquisa, segundo Alberti (1990), deve respeitar certos critérios, ou seja: a possibilidade de entrevistá-los; observar fatores que impeçam a participação destes como depoentes; o alcance dos objetivos da pesquisa; a abordagem qualitativa e o conhecimento prévio sobre o objeto de estudo da pesquisa.

Este mesmo autor afirma ainda, que os entrevistados num estudo com história oral são chamados de unidades qualitativas e não unidades estatísticas. Para tal, o pesquisador precisa saber sobre o tema, quais pessoas seriam mais representativas no grupo em função da questão que se pretende investigar e aqueles que podem oferecer depoimentos mais confiáveis e significativos. Alberti (1990, p.14), comenta que “é sempre preferível que se possa escolher entrevistados que dispõem a revelar sua experiência em diálogo franco e aberto”.

No método da história oral, a escolha dos entrevistados é guiada pelo objetivo da pesquisa, orientada por critérios que não sejam quantitativos, mas sim pelo significado de determinado fenômeno para o indivíduo. Escolher, portanto, essas pessoas, requer do pesquisador conhecer profundamente o tema para que possa identificar aquelas pessoas que sejam mais representativas ao estudo (ALBERTI, 2004).

Além disso, essa mesma autora refere que sem dúvida a melhor maneira de escolher os entrevistados é a busca de pessoas com disposição em participar da pesquisa e declarar suas experiências num diálogo sincero e que, em relação ao tema estudado, seja digno de oferecer, além de informações substantivas e particulares, uma visão de conjunto do assunto estudado.

Pelo fato dos sujeitos deste estudo ter sido pessoas idosas, consideramos a história oral, uma metodologia importante e facilitadora para a obtenção, discussão e análise das narrativas dos idosos, pois Alberti (1990) refere que as pessoas mais velhas gostam e muito de

falar sobre o passado ou de algum fato que viveu ou vivencia, sobretudo se estas informações se perpetuarem em fitas gravadas.

Entretanto, o mesmo autor trata que nem todo depoente idoso é considerado um “*bom entrevistado*” ou até mesmos os mais jovens, mas que pessoas entrevistadas nesta faixa etária, “está em (dis)posição privilegiada para os objetivos da entrevistas de história oral” (ALBERTI, 1990, p.17).

Tournier-Bonazzi (2001), ressalta que se devem priorizar as entrevistas com pessoas idosas ou de certa idade, mas deve-se ter o cuidado de levar em consideração o cansaço da testemunha, limitar o tempo das entrevistas, além de fazer perguntas que não sejam de fácil entendimento.

O número de entrevistados na metodologia da história oral não deve ser estabelecido durante a elaboração do projeto de pesquisa, mas sim durante a realização das entrevistas, pois é conhecendo e produzindo as fontes de sua investigação que os pesquisadores adquirem experiência e capacidade para avaliar o grau de adequação do material já obtido aos objetivos do estudo (ALBERTI, p. 36, 2004).

Á medida que ocorreram as entrevistas, o pesquisador esteve atento ao processo de repetição de respostas, das narrativas, ao período de saturação em que seu objeto de estudo foi bem explorado, oferecido o suficiente pelos entrevistados, a fim de permitir uma análise do conteúdo.

A seleção para a inclusão dos sujeitos na pesquisa atendeu a certos critérios estabelecidos pela pesquisadora os quais foram: os idosos ainda encontrarem-se viúvos, não terem nenhum companheiro ou outro tipo de relacionamento, estar com idade a partir de 60 anos, e possuir no mínimo 01 ano de viuvez. Por fim, desejar e concordar em participar da pesquisa.

Além disso, os idosos foram lúcidos, orientados no tempo e espaço, capazes de responder as perguntas e ter disposição em participar da pesquisa, compartilhando com o entrevistador sua experiência.

No que diz respeito ao primeiro critério, acredita-se que o idoso que ainda permanece viúvo seja capaz de descrever a viuvez com mais clareza e convicção, pois vivencia o fenômeno. Segundo Bowlby (1998), numa pesquisa feita com 22 viúvas, 18 destas durante o primeiro mês de viuvez preocupavam-se e pensavam sobre o marido falecido e um ano depois continuavam a pensar muito nele.

O segundo critério refere-se à idade acima de sessenta anos, respeitando a faixa etária estabelecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em classificar como pessoas idosas,

além dos participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) da Cidade de Feira de Santana possuir idade acima de 60 anos.

O terceiro critério foi determinado, visto que se julgou necessário a vivência de um período, neste caso um ano de viuvez, para possibilitar ao idoso a construção do significado da viuvez.

A participação na pesquisa foi um fator de destaque, afinal os participantes estavam satisfeitos e alegres, colaborativos, dispostos a relatar suas histórias de vida e contribuir para o estudo de um fenômeno comum, porém marginalizado pela sociedade. Muitos destes sorriam, outros choravam, eram sorrisos junto às lágrimas, sentimentos de alegria e tristeza, misturados com a emoção de ajudar numa pesquisa e lembrar o passado.

Inicialmente, baseado no encontro prévio realizado com os idosos no mês de dezembro de 2004, na confraternização de Natal, foi realizado um levantamento de idosos viúvos, com a colaboração de seus funcionários, que freqüentavam a UATI, registrados em uma ficha de identificação de viúvos elaborada pela autora do estudo (APÊNDICE III). Essa seleção resultou num total de 276 estudantes, destes 117 viúvos.

O próximo passo foi investigar a confiabilidade dos dados, por meio de ligações telefônicas e visitas domiciliares. Após essa ação identificou-se que estes ainda não haviam sido atualizados e pelo menos cerca de 50 fichas estavam com informações incompletas ou desatualizadas o que impossibilitava a localização dos idosos; 15 eram idosos que estavam com companheiro ou tinham vivido alguma relação amorosa, 06 possuíam idade inferior a 60 anos. Restando assim 32 idosos.

Com esse quantitativo de idosos, foi dada seqüência à coleta de dados através de um roteiro da entrevista estruturada (APÊNDICE II) e quando as respostas foram saturando devido à repetição das informações colhidas, os contatos foram interrompidos. Sendo assim, identificou-se um total de 14 viúvos, composto por 12 viúvas e 02 viúvos.

Dos sujeitos selecionados, após o início as entrevistas, uma idosa foi excluída do estudo em decorrência da instabilidade emocional quando do relato das memórias sobre a vida conjugal e a perda do companheiro. Neste sentido, Thompson (2002, p.272), diz que “falar sobre o passado pode despertar memórias dolorosas, que por sua vez, despertam sentimentos intensos que, muito fortuitamente, podem afligir um informante”.

### 3.5 OS PRINCÍPIOS ÉTICOS DA PESQUISA

Inicialmente, foi enviada no dia 04 de abril de 2005, após o exame de qualificação, uma cópia do projeto deste estudo com uma carta emitida pelo Colegiado de Pós-Graduação em Enfermagem da UFBA, ao Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (SESAB) com o objetivo de obter autorização para a realização da pesquisa.

O projeto foi submetido a uma avaliação e recebeu aprovação no dia 28 de abril de 2005. Nesta mesma data, foi expedida uma carta e um parecer pelo Comitê de Ética (ANEXO I E ANEXO II) com aprovação do mesmo para início da coleta de dados.

O estudo, por sua vez, esteve dentro das Normas e Diretrizes Regulamentadoras de Pesquisa em Seres Humanos, as quais foram estabelecidas pelo Conselho Nacional de Saúde juntamente com o Ministério da Saúde fundamentada na Resolução 196/96, Brasil, Ministério da Previdência e Assistência Social 1996, com aprovação em 16 de outubro do mesmo ano, pelo Conselho Nacional de Saúde e homologado pelo Ministério da Saúde, com o objetivo de desenvolver a regulamentação sobre a proteção dos seres humanos envolvidos em pesquisas.

Neste contexto, o estudo realizado contemplou, segundo a Resolução 196/96, que:

“O respeito de vida a dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento, livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa”.

As pesquisas que incluem seres humanos devem respeitar certas exigências éticas e científicas fundamentais. Sendo assim, o pesquisador tem que dispor de consentimento livre e esclarecido dos indivíduos-alvo; é preciso tratá-los com dignidade; respeitá-lo em sua autonomia e, defendê-los na sua vulnerabilidade.

É interessante ressaltar que na pesquisa é preciso buscar relevância social com vantagens para os sujeitos inseridos nesta, levando em consideração aos interesses envolvidos tanto da parte dos pesquisadores quanto dos pesquisados.

Além disso, a pesquisa para ser realizada é fundamental ter o consentimento do sujeito, provisão de recursos humanos e materiais para garantir ambiente de bem-estar, assegurar a privacidade e não estigmatização.

Neste contexto, é crucial o respeito dos valores culturais, sociais, morais e éticos dos sujeitos em sua comunidade, para que não haja conflitos de interesses entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa. Além disso, “investigar é uma ação que exige do pesquisador

determinadas qualidades, como a dedicação à descoberta e à defesa da verdade” (SOUZA, 2005, p.67).

Num estudo, o risco é um fato presente; e este poderá ser imediato ou tardio. Por isso, ao perceber algum risco ou dano ao indivíduo participante, o pesquisador deve suspender suas atividades.

### 3.6 INSTRUMENTOS DO ESTUDO

Os instrumentos utilizados na obtenção dos dados foram: um roteiro de perguntas semi-estruturadas e entrevistas gravadas.

De acordo com Minayo (1994, p.108), o que torna a entrevista um instrumento privilegiado para a coleta de informações na pesquisa social é a possibilidade de acessar condições estruturantes da realidade, sistemas de valores, normas e símbolos por meio do discurso do sujeito. A entrevista semi-estruturada permite que o participante discorra sobre o tema proposto pelo pesquisador, sem “respostas ou condições pré-fixadas”.

Foi utilizado um roteiro de entrevista semi-estruturada, pois este permite aos entrevistadores dizer aos seus entrevistados suas experiências, norteado pelo foco proposto pelo pesquisador, não desrespeitando a espontaneidade do informante (TRIVIÑOS, 1987).

A entrevista semi-estruturada é considerada como um meio-termo entre o depoimento de uma pessoa, uma testemunha e um interrogatório feito pelo historiador, evitando total liberdade do depoente e que este não se afaste do tema estudado (TOURTIER E BONAZZI, 2001).

O roteiro aplicado foi elaborado mediante leitura exaustiva sobre viuvez, contendo questões sobre a caracterização e dados sociodemográficos assim como também, perguntas sobre a vida dos idosos viúvos.

A utilização do gravador de fitas K-7, como outro instrumento de coleta de dados, é de importância fundamental na prática da história oral temática. Este nos oferece condições para a gravação e transcrição, em detalhes sobre os depoimentos. Neste contexto, Alberti afirma que:

“Fazer uma entrevista de história oral sem poder gravá-la tira-lhe os atributos da própria história oral. Uma entrevista que não pode ser gravada é apenas uma entrevista, na qual o pesquisador certamente faz anotações do próprio punho, adquire conhecimento e subsídios para trabalhos posteriores, mas à qual não pode retornar para checar informações, tirar novas conclusões, recuperar associações, ou ainda reavaliar a análise que se fez” (1990, p.79).

### 3.7 COLETA DE DADOS DO ESTUDO

O primeiro contato com os idosos foi na confraternização de Natal destes, a convite da coordenação da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) para aproximação com os futuros sujeitos do estudo.

O segundo momento foi estabelecido num encontro prévio com estes, num local escolhido por eles antes da realização da entrevista. Neste encontro, esta autora apresentou-se como pesquisadora, explicou o objeto, os objetivos, a técnica de coleta de dados, a justificativa para o estudo, estando assim à disposição para responder todas as dúvidas.

Após isso, foi entregue o termo de consentimento livre e esclarecido ao idoso para análise e posterior assinatura do mesmo. Ainda neste encontro, foi marcado com o idoso, conforme a disponibilidade, o local para realização da entrevista. Segundo Alberti (1990), o local da entrevista deve ser decidido em comum acordo quando no primeiro encontro com os sujeitos; este deve ser de acordo com a disponibilidade e preferência do entrevistado, um ambiente que seja organizado.

Tourtier-Bonazi (2001), revela que não há uma recomendação particular referente ao local para a realização das entrevistas, mas que o historiador deve considerar este importante na qualidade da entrevista.

As entrevistas foram realizadas nas casas dos idosos, local escolhido por eles, pois se sentiam mais à vontade, confortáveis em revelar informações sobre suas vidas. A sua residência é considerada um ambiente mais favorável para o depoente, à conversação e para receber o entrevistador (TOURTIER-BONAZI, 2001).

No início da entrevista foi realizada uma conversa prévia, descontraída, visto que o tema proposto podia reportar na memória dos idosos lembranças e sentimentos do passado. Antes de iniciar a entrevista, foi lido o roteiro de perguntas e esclarecidas dúvidas sobre os questionamentos, ressaltando a interrupção do mesmo quando tivesse vontade.

Durante as entrevistas observei a linguagem não verbal e as reações emocionais que algumas vezes levou à interrupção momentânea da entrevista quando os entrevistados falavam sobre a sua viuvez. Salientamos que estes momentos foram respeitados de acordo com a necessidade de cada idoso. Algumas entrevistas foram encerradas pelo depoente, já que alegava ter falado o suficiente.

A relação instituída entre o pesquisador e o colaborador foi de empatia, respeito e admiração, procurando ouvir atentamente as suas histórias orais. Esta conduta fundamenta-se no dito por Alberti (1990, p.69), quando afirma que: “a qualidade da entrevista, das

informações obtidas e das declarações, associações e opiniões emitidas pelos entrevistados, dependem estritamente da relação estabelecida entre as partes”.

As entrevistas foram transcritas na sua integralidade, acrescentando a linguagem não verbal, como gestos, expressões faciais, sentimentos manifestados. Foi transcrita cada gravação lentamente, retornando sempre que não houvesse a compreensão do depoimento do idoso, obedecendo ao método de transcrição da história oral.

Durante o processo de transcrição, os nomes dos esposos e esposas já falecidos, profissionais e outras pessoas citadas foram substituídos por pseudônimos e no que se referem aos idosos entrevistados, seus nomes próprios por nomes das seguintes flores: Bromélia, Rosa, Cravo, Lírio, Violeta, Tulipa, Acácia, Flor de Lis, Flor de Laranjeira, Camélia, Hortênciã, Margarida, Orquídea e Gardênia.

De posse das entrevistas foi marcado um novo encontro com os idosos onde foi feita uma leitura das mesmas, para posterior autorização de publicação, não havendo modificações nos discursos transcritos.

### **3.8 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA**

Após o trabalho de coleta de dados e transcrição das entrevistas, iniciamos o processo de análise fundamentada em Bardin, uma vez que, “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (TRIVINOS, 1997, p.38). Além disso, pode ser definida como um conjunto de instrumentos metodológicos empregados aos discursos (conteúdos e continentes) distintos.

Além disso, para Bardin (1997, p.42), esta é uma técnica de muita eficácia, pois busca “conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça, é uma busca de outras realidades através das mensagens”.

Neste estudo, optamos por adotar a análise de conteúdo temática “pois é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto, analisado segundo certos critérios, relativos à teoria que serve de guia para leitura” (BARDIN, 1994, p.49).

Esta pesquisa propiciou uma análise sobre a identificação dos idosos, como vivem, o relacionamento com seus filhos, amigos, parentes, a vida conjugal e a morte de seus companheiros e ainda, o que é a viuvez para os idosos, que tipo de mudanças ocorreram na vida deles após a perda de seus companheiros, a possibilidade de um novo casamento e os planos para o futuro.

Como referência metodológica, utilizou-se a análise de conteúdo, respeitando os objetivos deste trabalho, subsidiados pelo método da História Oral, seguindo as seguintes etapas: a) a constituição do corpus; b) composição das unidades de análise; c) procedimento de análise; d) as categorias temáticas.

a) A Constituição do corpus

O corpus foi constituído de quatorze entrevistas entre idosos viúvos e viúvas estudantes da Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Feira de Santana–Bahia.

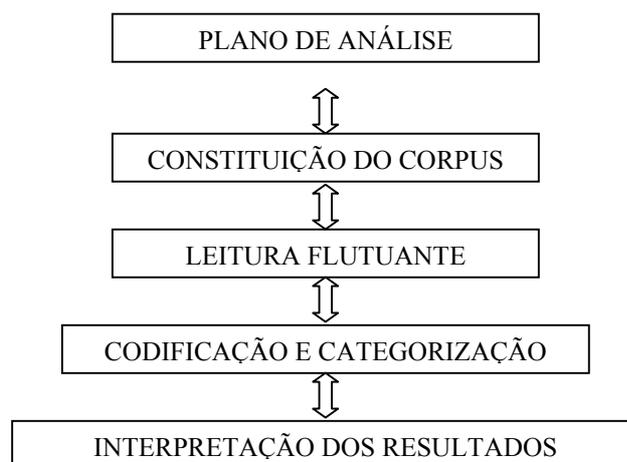
b) Composição das unidades de análise

Após a leitura flutuante das quatorze entrevistas, sendo doze de viúvas e duas de viúvos. Desarranjamos as entrevistas em unidades de registro, agrupando-as mediante as semelhanças de conteúdo, extraído dos depoimentos analisados. Prosseguiu-se, após a decomposição dos discursos, à compilação dos temas e, em seguida, foram agrupadas em subcategorias, e destas em categorias.

c) Procedimento de análise

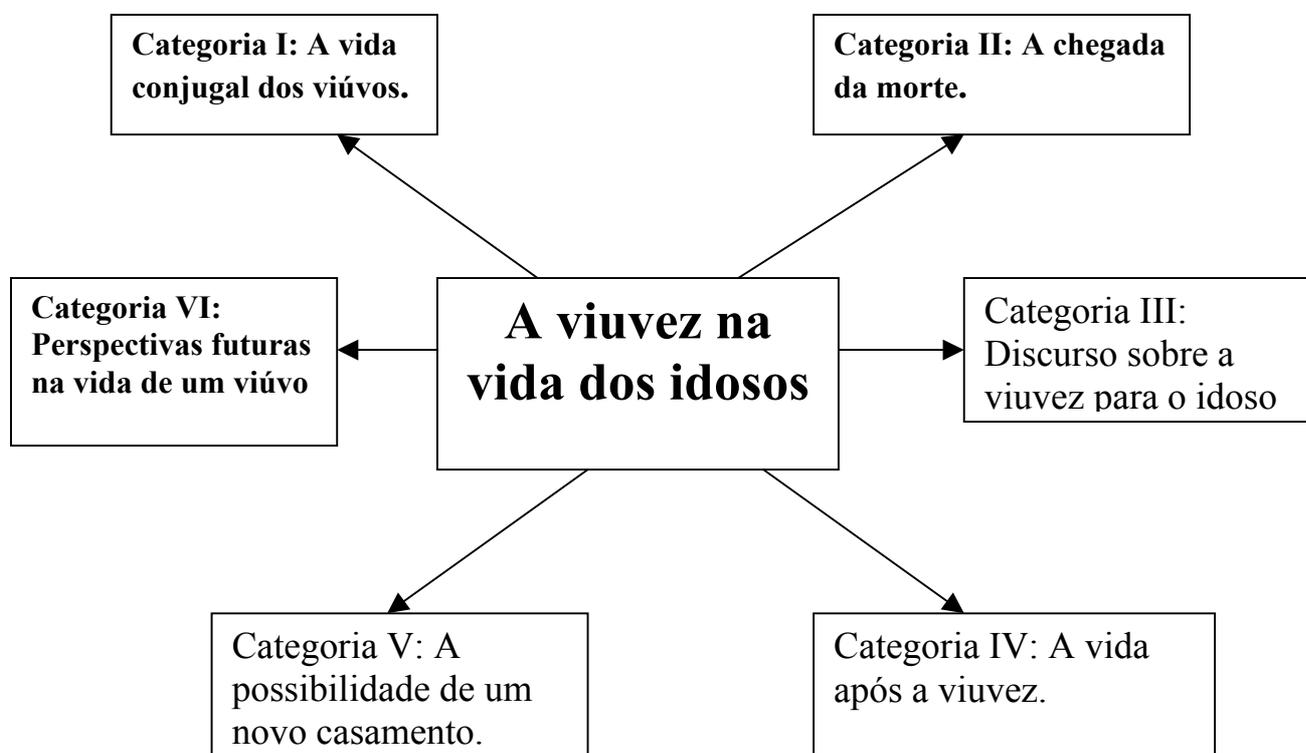
As quatorze entrevistas com os idosos viúvos e viúvas da UATI foram agrupadas em seis categorias simbólicas.

Os dados obtidos foram submetidos ao seguinte plano de análise e à divisão das categorias e subcategorias. Conforme a seguir:



#### 4 A VIUEZ NA VIDA DOS IDOSOS REVELADA PELA HISTÓRIA ORAL

A proposta desta pesquisa de história oral temática é analisar e compreender o significado da viuvez para os idosos que permanecem viúvos, numa Universidade Aberta à Terceira Idade. Considerando os grandes temas que surgiram, a compreensão do estudo está condensada nas seguintes categorias.



#### 4.1 CARACTERIZANDO OS ENTREVISTADOS

Dos cento e dezessete idosos integrantes da Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Feira de Santana, quatorze fizeram parte do estudo, uma vez que sessenta e quatro idosos não foram localizados, quinze estavam com um companheiro, seis possuíam idade inferior a sessenta anos e uma idosa foi excluída pela instabilidade emocional ao falar de seu estado de viuvez.

De acordo com as informações colhidas nas 14 entrevistas durante a pesquisa, observou-se que nove viúvas e dois viúvos vieram para Feira de Santana, provenientes de outras cidades do interior do Estado da Bahia, três de outros Estados, como Minas Gerais, Pará e Sergipe. Esse perfil é uma característica do próprio município, onde sua população é composta de pessoas de diferentes regiões – um entroncamento rodoviário que possui no comércio sua maior fonte de renda.

A UATI tem atraído mais às mulheres que aos homens, como também mais às viúvas que aos viúvos; isto parece ser uma realidade comum aos programas e universidades voltados para a Terceira Idade, pois a idealizam como uma nova etapa de suas vidas. Além disso, as mulheres possuem uma expectativa de vida maior que a dos homens, os quais atualmente, morrem mais cedo. Em consequência disto, retratamos na pesquisa 12 viúvas e 02 viúvos.

No item referente à idade dos idosos, sete viúvas estavam entre 60 e 69 anos, cinco entre 70 e 79 e apenas os dois viúvos possuíam faixa etária de 80 anos acima.

Mesmos que os viúvos e viúvas investigados fossem estudantes de uma Universidade, isso não significa dizer que possuíam nível superior. Diante disso, foi identificado que apenas uma viúva fez faculdade, três outras terminaram o ensino médio, seis não completaram o ensino fundamental, quatro, sendo dois viúvos e duas viúvas, não concluíram o ensino médio. De acordo com as características identificou-se que viúvos e viúvas vinham de famílias simples e humildes e priorizavam mais o trabalho que a escola, pela necessidade de ajudar no sustento da família.

Quanto à ocupação constatou-se que a maior parte, ou seja, nove viúvas e um viúvo são aposentados, três viúvas são pensionistas e um viúvo possui uma vida financeira bastante estável, pois, além da aposentadoria que recebe, é corretor de imóveis, vendendo terrenos e havia sido proprietário de uma loja de artefatos de borracha.

A renda familiar dos mesmos foi bastante variada; quatro viúvas recebem um salário mínimo, cinco outras até dois, três viúvas recebem entre três e quatro salários, dois viúvos de cinco a dez salários mínimos, uns provenientes da pensão ou da aposentadoria. Além disso,

ficou identificado que alguns destes idosos recebem ajuda dos familiares para complementar a orçamento.

Entretanto, mesmo com uma situação financeira limitada, dez viúvas informaram que mesmo sem muito dinheiro, com um “pouquinho que tem” ajudam seus filhos e netos enquanto que duas das viúvas e os dois viúvos disseram que não oferecem apoio a qualquer familiar.

Quanto à convivência familiar observou-se que os idosos vivem em arranjos familiares distintos, pois cerca de cinco viúvas e um viúvo moram predominantemente no universo de sua família, junto aos seus filhos ou pelo menos com um deles, três viúvas e um viúvo moram sozinhos. Uma viúva coabita com a própria mãe. Duas viúvas vivem com seus irmãos. Apenas uma idosa reside com uma secretária – na realidade uma jovem que cuida da casa e lhe faz companhia.

A respeito de religião, onze viúvas e dois viúvos são adeptos da igreja católica e uma viúva é espírita.

Todos os viúvos e viúvas eram portadores de alguma enfermidade crônica que exige deles bastante cuidados. Podemos destacar a hipertensão arterial, diabetes, osteoporose, artrose, cardiopatias e reumatismo.

O tempo de viuvez revela que cerca de seis viúvas e dois viúvos estão sem o seu companheiro há dez anos, quatro viúvas possuem uma média de vinte anos de viuvez e apenas uma viúva com cerca de trinta anos e outra com quase quarenta anos sem o seu esposo.

## **4.2 CONHECENDO OS ENTREVISTADOS**

### **4.2.1 Sr<sup>a</sup> Bromélia**

A Sr<sup>a</sup> Bromélia tem 72 anos. Nasceu na cidade de Aracaju-Sergipe, mas ainda jovem veio com os pais residir na Cidade de Feira de Santana – Bahia, em busca de uma vida melhor. Neste município estudou até completar o ensino fundamental. Trabalhou em um clube na cidade até se aposentar e refere que todos os colegas gostavam dela, foram boas amizades preservadas até hoje. A Sr<sup>a</sup> Bromélia é uma idosa alegre, comunicativa, sempre com um sorriso bonito e um olhar brilhante.

Quanto à sua condição financeira atual, possui aposentadoria e, com a morte do marido passou a receber uma pensão. Sua renda é exclusivamente para uso pessoal e ainda recebe ajuda dos filhos. Atualmente mora sozinha em uma casa própria, herança do esposo, contudo,

tem um neto que sempre lhe faz companhia na hora de dormir, pois alega ter muito medo de apresentar algum problema e não ser socorrida por alguém. Informa ser portadora de hipertensão e dislipidemia, controladas com o uso diário de anti-hipertensivos e medicamentos que controlam o seu colesterol.

Teve onze filhos, destes, dez vivos e uma perda espontânea na primeira gestação. A sua religião é o catolicismo e sempre está indo a igreja a fim de exercer sua religiosidade e por acreditar muito em Deus. É muito comunicativa, ativa e independente, exerce plenamente suas atividades da vida diária, faz sua feira de mês e aos finais-de-semana recebe seus filhos em casa ou se desloca para a casa de um deles.

Faz parte da UATI há muito tempo, onde participa das atividades promovidas, tais como: hidroginástica, dança e a oficina Caminhando Para a Transformação. Foi casada durante 45 anos e, entre namoro e noivado o período foi muito curto. Passou muitos anos de sua vida dedicando-se apenas aos filhos. Com o passar do tempo, entretanto, foram surgindo dificuldades financeiras que exigiram sua contribuição no orçamento familiar, deixando então, de ser somente dona de casa para ir trabalhar na secretaria de um clube da Cidade, atividade que exerceu durante 25 anos de sua vida com muito prazer e determinação.

Ficou viúva há oito anos, seu marido foi vítima de uma neoplasia no fígado em estágio avançado, com metástase. Para a Sra. Bromélia, ele era uma pessoa muito teimosa, não gostava de ir ao médico regularmente, cuidava-se apenas com base na medicina alternativa e fazia uso de muitos chás.

Segundo a idosa não foi fácil criar tanta gente, mas seu marido era um bom pai, um homem trabalhador que vivia em função da família. *Meus filhos eram pequenos, nem sentiam tanto, mas era uma vida aperreada, era uma vida difícil, mas depois eles foram crescendo, ficando grandes, ficando moça ou rapaz, alguns já começaram a trabalhar, foram me ajudar, foram aliviando mais a barra.* Nesta relato a Sra. Bromélia retrata que só depois que seus filhos cresceram e se inseriram no mercado de trabalho, ganhando um *dinheirinho*, pôde melhorar de vida e comprar mais roupas e, ainda sobrar para o lazer.

Além disso, percebemos que o medo da morte faz-se presente na vida desta idosa, quando diz: *Olhe minha filha, eu tenho muito medo de morrer. Quando eu vejo que vou completar 73 anos, eu imagino que vou morrer, fico assim... triste. Faço minhas atividades pra esquecer isso, me ajudar a não pensar nessas coisas.* O medo da morte existe em todas as idades, mesmo que este seja negado, combatido ou mascarado durante toda a sua vida (EIZIRIK *et al.*, 2001).

Para muitos idosos a condição de velhice está associada à idéia de proximidade da morte. O reconhecimento da morte iminente, por sua vez, pode misturar-se com a valorização do tempo e a preciosidade da vida que está se extinguindo. Além disso, a conscientização de que a morte é certa e de que o tempo que resta é limitado, faz com que os idosos sintam-se estimulados em realizar mudanças em sua vida (PAPALIA, 1998).

Entretanto, a velhice e a morte são temas enevoados por lendas e mitos, que se apresentam em diversos lugares ou culturas, condicionando aos idosos, conotações diferentes, de aceitação ou de desdém da velhice, e as atitudes de medo ou as de descaso do entendimento da morte (LOUREIRO, 2003). Segundo DESFILIS e TORRES (1996), à medida que se envelhece, se espera a ocorrência de sucessos evolutivos como a aposentadoria e/ou o ninho vazio; quando o último filho abandona a casa; como também se pode perceber uma redução dos recursos econômicos e da saúde física. A autora acentua que, cada vez mais, as mortes dos mais próximos vão aumentando em nível de significação, sendo a morte do cônjuge o acontecimento esperado e previsível que mais pode desorganizar a vida do idoso.

#### 4.2.2 Sra. Orquídea

A Sra. Orquídea, tem 70 anos, nasceu e foi criada em Feira de Santana-Bahia, no centro da cidade, numa rua privilegiada do município. Ela viveu com seus pais e mais oito irmãos, sendo quatro mulheres e quatro homens. Vivia num *regime de prisão*, pois seu pai não deixava ninguém *solto*. Dizia sempre: *Tem que trabalhar, tem que trabalhar, pra ter a sua independência, ter o seu*. E de fato, ela estudou muito até tornar-se professora. Trabalhou muitos anos nas cidades circunvizinhas de Feira de Santana-Ba, até surgir uma oportunidade para ensinar na cidade, inicialmente numa vaga para substituir uma professora que se encontrava doente, e depois assumir o cargo como docente efetiva, após concluir o curso superior de Letras Vernáculas.

Atualmente encontra-se aposentada, após 25 anos de serviços prestados ao Estado e, na medida do possível, continua ajudando seus filhos e netos com sua renda. Reside numa casa própria, em companhia de um irmão portador de deficiência visual em consequência de glaucoma. É mãe de 03 filhos, duas mulheres e um homem, todos com estudo de nível superior, motivo de orgulho e prazer, a despeito de todas as dificuldades enfrentadas na vida.

Informa ser católica fervorosa, praticante assídua, com participação na Legião de Maria, no Apostolado Coração de Jesus, Escuta e Acolhimento, como também, integrante do

coral intitulado Renascer, de uma paróquia do município. Tem muita fé em Deus e é devota de Nossa Senhora.

Seu marido era alfaiate, trabalhava numa empresa em São Paulo-SP e tinha a música como um hobby. Considerava que nesta cidade havia uma remuneração financeira melhor e que com muito esforço e trabalho podia ganhar um *dinheirinho* para casar numa condição financeira estável. A distância entre os noivos durou quatro anos. Neste período a comunicação era feita apenas através de cartas, afinal, nenhum dos dois tinha condições de viajar e suas economias visavam o casamento. Esta situação foi motivo de gozação entre parentes, amigos e irmãos.

Revela que conheceu o seu marido de maneira inusitada, pois naquela época não só no Brasil, mas também na China, as moças não desfrutavam da liberdade de escolha de seus maridos, grande parte delas, eram ameaçadas com contratos de casamento e vivam sob a vigilância dos pais, não permitindo o contato com possíveis pretendentes (GOOD, 1969). De outra forma a escolha do cônjuge, não pertencia na maioria das vezes, ao futuro marido ou esposa, mas a alguns membros de suas famílias, aqueles mais influentes nos seus respectivos grupos de parentesco. Neste contexto, “de sociedade para sociedade, a maneira como se efetua a escolha e a parte que nela tomam interesses podem variar consideravelmente” (AUGÉ, 1975, p.42).

A idosa conta que no decorrer do discurso que *um belo dia em sua casa* à noite, chegou um casal de idosos acompanhados de um senhor querendo falar-lhe. Neste momento, a Sra. Orquídea mergulha no passado e se expressa emocionada:

- Boa noite! Seu nome é Sra Orquídea, não é? – disseram.

- Sou - respondi.

-Você é professora, não é?

-Isso. Sou sim.

-Oi Orquídea, eu queria falar tanto com seus pais.

- Quem é o senhor? - indaguei

-Me chamo Pedro José. Eu lhe conheço muito bem há muito tempo, mas eu nunca tive a oportunidade de conversar com você.

A cada palavra que ouvia daquele rapaz, que lhe era desconhecido até poucos instantes atrás, refletia que este a observara por muito tempo e com a certeza do que queria fazer naquela noite. Parecia uma situação irreal, um homem ir para a sua casa, sabendo tudo sobre sua vida, com o objetivo de pedi-la em casamento.

Sem dúvida, todo esse acontecimento desencadeou conflitos familiares fazendo com que a mãe, Sra. Filomena acreditasse num pseudo namoro da filha, ferindo os rituais na família com a Sra. Orquídea recebendo um pedido de casamento de um senhor que não conhecia. *Orquídea está namorando escondido... “Você, que eu tenho tanta confiança, tá fazendo isso”, dizia sua mãe.*

Na verdade para a sua família, o casamento tinha um papel social muito importante e por isso a escolha do marido para a Sra. Orquídea exigiu a participação de diversos membros da família. Isto deveria ocorrer por “consentimento ou pela vontade dos pais” (LIMA, 1991, p.127).

Todavia, envolvida por um sentimento de pena, a Sra. Orquídea aceitou o pedido. *Eu fiquei com pena, aquela coisa e tal e disse: quero.* A Sra. Orquídea está viúva há 07 anos e revela que a religião contribuiu muito para a idosa superar a perda do marido. *A religião me ajudou muito a suportar a morte dele. E a religião me influiu muito, a minha força total foi Jesus.*

Um outro autor referia que as pessoas idosas, ou melhor, a idade avançada parece ter a significação específica no crescimento e no aprofundamento da nossa crença e ao chegar à velhice com a perda de um ente querido, por exemplo, alcançar plenamente a maturidade da fé e do amor (DEECKEN, 1998). Já a visão de Papalia (1998), revela que os indivíduos mais idosos quando pensam na proximidade ou sobre a morte como o fim inevitável e no significado da vida, tendem a se concentrar mais em assuntos espirituais.

Além de freqüentar a igreja, buscar na religião forças para enfrentar a viuvez, a Sra. Orquídea recorreu à Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) por tratar-se de um ambiente destinado a ensinar e aprender e desenvolver atividades com outras pessoas idosas. Ela já faz parte acerca de 10 anos. Neste sentido, Loureiro (2003, p.11), traz que:

Os velhos que recorrem à Universidade Aberta da Terceira Idade procuram-na na esperança de dar maior ou novo sentido às suas vidas jamais vividas que a dos demais, pertencendo, dando algo de si, algo daquilo que fizeram toda a vida e de que ainda sentem orgulho em poder distribuir, socializar, ensinar e não só receber.

Nesta perspectiva, entre as diversas tarefas oferecidas na UATI, a Sra. Orquídea desenvolveu um dom até então desconhecido por ela – o de cantar. Isso, por sua vez, foi o motivo de sua integração no coral na igreja que freqüentava. Revela que *ser cantora* também contribuiu para viver bem após a morte do seu marido. *Outra coisa que me ajudou muito, o Coral Renascer, e lá a gente canta nas missas, viaja, canta fora, tem uma pasta com todas as músicas, canto aqui na Capela do Dom Pedro, fizemos uma roupa nova.*

A participação na Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) foi e está sendo sempre um prazer na sua vida. Inicialmente ficou preocupada com o custo, pois paga uma taxa mensal, mas quando percebeu que o valor era insignificante, tudo foi resolvido. Atua nela até hoje e já participou de diversas disciplinas, do bolero à hidroginástica. *A UATI foi assim uma força total que recebi, e que me revestiu de uma Orquídea nova.*

Após a viuvez, a Sra. Orquídea revela que sua pressão arterial começou a alterar-se, tornando-se hipertensa. Patologia atualmente controlada pelo uso de medicamentos, dieta e atividade física. *Olhe minha filha depois disso, minha pressão começou a oscilar, mas minha filha restringiu minha alimentação, não como muito sal, como muita verdura e frutas, tô vivendo com saúde.* Lopata (1996) diz que a morte do esposo para uma mulher idosa implica mais do que na perda de um companheiro, mas também num declínio do controle emocional e de muitos sistemas, favorecendo ao aparecimento de enfermidades e, entre elas as doenças crônicas, como o diabetes e a hipertensão arterial sistêmica.

#### 4.2.3 Sra. Gardênia

Idosa com 67 anos, nasceu no interior da Bahia, na Cidade de Muritiba. Viveu com os próprios pais por um curto período de tempo, pois quando tinha seis anos de idade, sua mãe faleceu. Seu pai iniciou uma paquera com sua madrasta no dia do velório de sua mãe e, passados alguns anos, já estavam casados. Essa união foi de muita felicidade e amor, resultando em sucessivas gestações, totalizando 23 irmãos.

Desde os 07 anos trabalha. Lutou muito para adquirir seus bens, conquistar seus ideais, vendeu de tudo nessa vida, afirma ela. Devido a isso, hoje é proprietária da casa onde mora e tem um bar, assim como outro estabelecimento numa região litorânea. Refere muita satisfação com a sua ocupação, faz questão de organizar tudo, da aquisição das mercadorias até servir à clientela. Para ela é muito importante este contato direto com os clientes.

Como iniciou o trabalho desde cedo para ajudar na criação de tantos irmãos, os estudos não foram prioridade em sua vida, tendo apenas o ensino médio incompleto.

Entretanto, considera importante uma formação profissional por causa da competitividade atual no mercado de trabalho.

Recorda que com todo o seu trabalho foi possível criar e educar não só seus irmãos, como também suas duas filhas e sua única neta. Uma delas reside atualmente nos Estados Unidos, mas *mata* a saudade através de ligações telefônicas durante a semana. A outra filha após a separação, em virtude de um casamento conflituoso e, incentivada por uma proposta de emprego irrecusável, foi morar em outra cidade deixando aos cuidados da avó sua filha, hoje fiel companheira de todos os dias para a Sra. Gardênia. Considera-se pai e mãe, tudo, para ela.

Informa ser católica, embora não praticante. Acredita muito em Deus e afirma que se não tivesse muita fé não teria conquistado nem superado tantas coisas em sua vida. É portadora de problema de coluna, mas cuida da doença usando medicamentos e consultas periódicas com o ortopedista.

Conheceu seu marido muito rápido em um de seus anteriores empregos e numas dessas idas e vindas de um casal de enamorados decidiram casar-se. Descreve-o como um homem muito bom, brincalhão, maravilhoso. Um pai adorado pelas filhas – para elas era só carinho e amor – não maltratava ninguém e nem agia com qualquer tipo de violência. Destaca que financeiramente seu esposo não contribuía muito com as despesas da casa, mas que isto nunca foi motivo de separação.

É viúva há 06 anos, período de muita saudade do seu companheiro. Lembra de que se havia algo de que ele não gostava nela era o uso de roupas decotadas ou ajustadas ao corpo. Dizia que não era adequado para a sua idade. Achava engraçada aquela situação. *Ele achava ruim dizendo que eu adorava mostrar os peitos, os peitos de fora. O dia que você não me querer mais, me diga, mas não saia comigo com essas roupas.*

O fato de continuar trabalhando após a aposentadoria contribuiu muito para que essa idosa, ao contrário de muitas outras viúvas, após a morte dos maridos, não sofresse com problemas econômicos. Sánchez (1996) confirma que a viuvez traz conseqüências econômicas e que a maioria das viúvas recebe uma renda mensal baixa, impedindo-as de ter acesso a serviços indispensáveis a uma vida decente. Um outro fator positivo citado pela Sra. Gardênia foi que a sua participação na UATI contribuiu muito para a aceitação da viuvez, pois teve o apoio de suas amigas já viúvas. *Quando eu fiquei viúva eu já estava na UATI e, devido às amigas, elas não me deixaram cair, uma coisa que passou, não cheguei a ter nem depressão.*

Peixoto (1997), em seu trabalho em uma Universidade Aberta à Terceira Idade, retrata que na categoria estado conjugal, houve uma diferença significativa entre homens e mulheres,

pois as mulheres predominavam (44%) quando apenas 15% dos homens eram viúvos. Para essa autora, essa representatividade do número de viúvos deve-se à maior longevidade feminina, a fatores culturais que levam o homem a casar-se e recasarem-se com pessoas mais jovens.

Compara o comportamento das pessoas perante o casamento na sociedade contemporânea, em que mulheres mais velhas estabelecem uma relação afetuosa com homens mais jovens – uma situação desagradável e, para ela, um motivo de gracejo.

A Sra. Gardênia já estava a minha espera numa tarde ensolarada, muito bonita, com um sorriso contagiante e um forte abraço. Tinha muitas dúvidas a respeito da pesquisa, sendo assim foram feitas inúmeras perguntas e todas respondidas com muita clareza antes na nossa entrevista. Confessou que antes do nosso encontro, ficou um tempo sozinha a refletir sobre sua vida, a fim de não esquecer de relatar qualquer momento importante.

#### 4.2.4 Sra. Violeta

Idosa com 77 anos, ela nasceu em Belém do Pará, mas residiu na Capital da Bahia. Viveu com seus pais já com faixa etária avançada – o pai com 62 e a mãe com 60 anos. Foi criada e educada com amor e carinho num ambiente de conforto e harmonia, porém em clima de rigidez e sem muita liberdade. Completou o ensino médio, em escolas de grande porte num sistema mais interno do que semi-interno, porque seus pais viajavam muito para a Europa, uma vez que seu pai tinha ascendência italiana.

Conta que nunca trabalhou, pois desde a época de solteira sempre havia alguém para fazer tudo para ela; na realidade, recebeu a orientação de que a mulher tem que ser do lar e do marido. Marodin (1997) reforça que uma família tradicionalista ensina aos seus filhos-homens e às filhas-mulheres, alguns valores culturais nos quais são apresentados modelos do homem chefe da família e da esposa, uma educadora dos filhos e guardiã do lar.

Essa mesma autora complementa que “foi ensinado à mulher que esta deveria ser uma excelente dona-de-casa e incansável mãe de seus filhos, ao invés de qualquer outra atividade possível” (1997, p.12). Neste sentido, o comportamento da Sra. Violeta depois do casamento, permaneceu no cuidado da casa, do marido e posteriormente dos filhos. Tiveram sete filhos, dois deles falecidos antes de completarem um ano de idade. Restaram cinco homens e uma mulher, esta tão sonhada e desejada para a realização de ambos.

Atualmente sobrevive com a pensão herdada do seu marido, mais uma aposentadoria do INSS. “*Ele me deixou numa condição financeira muito boa, relata a idosa*”. Este dinheiro

é utilizado para despesas próprias e para ajudar sua filha. *“Eu faço supermercado, ela também faz o dela e nós vivemos assim, nada é separado, isso aqui é meu e isso aqui é seu não, nós somos muito unidas sempre”*.

A Sra. Violeta morava com sua filha mesmo antes de tornar-se viúva, num apartamento construído no fundo da casa, um local pequeno, confortável feito a seu gosto e respeitando a vontade do seu esposo de morar próximo à filha. *Nos mudamos para morar perto da filha, mas ele achou que estava longe da filha, conversamos com meu genro e ele concordou e fizemos um kitinete no fundo da casa de nossa filha*, disse.

Caramano (2004) revela que as famílias que possuem idosos na condição de pai, sogro e outros parentes são menores, em etapas do ciclo vital mais avançado e que no ano de 2000, a proporção de idosas mães morando com seus filhos foi superior comparada ao de pais. Falar do marido não foi difícil para a Sra. Violeta. *Ele era um homem formidável, muito responsável, nunca foi homem de rua, de bar, de nada disso... Eu vivia numa vida muito boa com ele, pois fazia questão de me dar o conforto que meus pais me davam*.

Alem disso, afirmava que seu marido gostava de tudo arrumado, de boa qualidade, admirava uma casa organizada e de vê-la bem vestida e perfumada, como retrata este depoimento: *Ele era muito chique, não admitia guardanapo de papel, só de linho engomado... tudo dele era muito bom, eu sempre bem arrumada e neste sistema me acostumei....* Sem dúvida, a Sra. Violeta é uma pessoa muito vaidosa; nas entrevistas estava sempre com vestimentas combinando blusa com calça, unhas bem feitas e pintadas, maquiagem discreta, com adereços como colares, anéis, pulseiras, mais uma bela bolsa e sapatos.

Casou-se jovem, com 17 anos e ele com 19. Conheceram-se através de um amigo em comum, numa destas festas de largo da capital. O namoro começou às escondidas, mas seu esposo não suportou tal situação. Assim, como na época conhecer a família do pretendente de sua filha era tradição, com a Sra. Violeta não podia ser diferente.

Conta que seu pai, muito ríspido, buscou saber sobre a família do rapaz e como descobriu ser de boa ascendência, assim resolveu oficializar o namoro por meio de um jantar de integração familiar, num momento inesquecível em suas vidas. Ficaram cinco anos noivos e depois casaram. Viveram em casa própria, mobiliada e confortável, sempre respeitando as vontades da Sra. Violeta. Ela já está viúva há 16 anos. Para ela seu marido morreu jovem, com 62 anos, com um corpo bem distribuído nos seus 80 kg e 1,80m de altura.

É católica praticante, faz parte do Grupo Legião de Maria e do Apostolado Coração de Jesus na paróquia do seu bairro. Diz ser devota de Santo Antônio e reza o terço para este, todas as terças-feiras. Informa ter alcançado diversas graças. É portadora de glaucoma,

enfermidade que contribuiu para perda da acuidade visual, tratada a base de colírios e acompanhamento oftalmológico a cada seis meses.

Afirma que teve apoio dos filhos, genros, netos e amigos, tanto nos momentos de alegria como nos de tristeza. Eles a idolatram, pois para seus familiares, a Sra. Violeta é um exemplo de vida, uma fonte de sabedoria e alegria. É admirável como ela está sempre de bom humor, sorrindo de bem com a vida e crente nos seus santos, principalmente no Santo Antônio.

Eu vivo muito bem com a minha família, com meus filhos e minhas noras. Tenho oito netos, tudo homem, uma neta, quero bem a todos, todos me querem muito bem. Eu vivo muito bem. Todos têm uma verdadeira adoração comigo, quando sinto alguma coisa, todos apontam logo aqui. Com a idade que tenho me sinto muito feliz.

Observei que a mesma além da família e dos amigos, tem na religião um refúgio para sua solidão pelo fato de não ter mais seu marido ao seu lado. Para ela, tudo isto é uma fonte de energia, a força que precisava para seguir sua vida junto aos parentes, amigos e vizinhos.

Com a perda dele eu tinha impressão que eu estava vagando. Foi quando eu conheci irmã Cecília, a religião contribuiu muito para minha recuperação, muito, muito mesmo, a religião foi tudo na minha vida, até hoje ela é, é ela que me dá força, coragem, acreditar em Deus, meus santos, adoro meus santos, sou devota de Santo Antônio. Eu o adoro. Pelo amor que eu tenho a Deus, Nossa Senhora e Meu Santo Antônio (risos), foram eles que me deram muita força e me dão até hoje.

Uma outra situação marcante na vida de Sra. Violeta foi o medo de ficar viúva. Ela e seu esposo conversavam muito sobre isso, pois ambos tinham a certeza de que a vida sem um ou outro seria melancólica, sinônimo de sofrimento. *Engraçado que ele dizia sempre pra mim: Não morra não, porque eu vou sofrer muito, e eu dizia também, você também não, nós temos que morrer os dois juntos.*

O estado de viuvez provocou na Sra. Violeta o desprezo por sua vaidade. Ela, uma pessoa que sempre se vestia bem, andava perfumada, repleta de adereços ao sair de casa, passou a não se preocupar tanto com a imagem. *Tudo para mim tinha morrido, eu queria ficar com a roupa que eu tinha, não comprava mais nada, não me importava com mais nada,* confessou.

Entretanto, nos dias atuais para a Sra. Violeta o interesse na sua aparência voltou a ser uma constante em sua vida, não para atrair pretendentes, mas para benefício próprio. Embora

em algumas circunstâncias, seu comportamento tenha despertado o interesse de alguns homens.

O povo ainda diz que sou muito jeitosinha, as meninas sempre me dizem que quando a gente sai com Violeta, todo mundo olha para Violeta, e não olha para ninguém (risos). E se um homem olha para mim, eu já estou desviando a vista, se me olhar insistentemente, já estou desviando a vista, chega, não quero nem continuar olhando, de jeito nenhum. Seu Agenor, um senhor que eu tinha muita amizade com ele, mas ele começou a querer me cantar, aí eu também isolei.

Para esta idosa a companhia do marido em sua vida era um prazer. Julgava o contato físico, o toque, o carinho com as mãos, cruciais na vida a dois. Neste sentido, não ter isso presente em sua vida, fez com que a Sra.Violeta modificasse rotinas da vida diária e até mesmo a mobília da sua casa. *Eu me desfiz de uma cama de casal depois de 06 meses que fiquei viúva, passei a dormir numa cama de solteiro que eu estou até hoje, não consegui de jeito nenhum ficar com a cama de casal, pela falta que senti dele.*

Além disso, com a perda do seu marido, a patologia que já a acompanhava desde jovem descompensou. *O glaucoma subiu estupidamente, perdi uma vista, com o problema da perda dele, tive um problema renal, mas tive que fazer muito tratamento para poder reagir. A Sra.Violeta que depois de um período como viúva começou a freqüentar a Universidade Aberta à terceira Idade (UATI), é destaque na instituição, pois já passou um período como rainha e depois princesa, por ser muito comunicativa, bem falante e ter bom relacionamento com os integrantes da mesma. Faz questão de participar de todos os eventos, viagens e disciplinas. Depois que comecei a freqüentar a UATI, passei a ter uma vida melhor, mais alegre, mais expansiva... minha questão hoje, é ir para o CUCA, ir para a terceira idade, é a UATI (risos), é a coisa que eu mais gosto hoje em dia, revela.*

#### 4.2.5 Sra. Rosa

É uma idosa com 68 anos, natural de Amargosa, cidade do interior da Bahia, próxima a Feira de Santana. Trabalhou na agricultura desde a infância para ajudar na renda familiar. Nesse processo, o estudo não foi sua prioridade e hoje a Sra. Rosa tem apenas o ensino fundamental incompleto.

Vive com uma aposentadoria do INSS deixada pelo esposo, pois enquanto casada não trabalhava. Atualmente, para complementar o seu orçamento, recebe ajuda dos filhos. Mora sozinha numa casa muito espaçosa, herança de seu esposo, entretanto esporadicamente uma de suas netas vem dormir com ela. Teve 05 filhos, considerados maravilhosos pela idosa, que

com muito esforço os criou e agora estão com suas vidas organizadas, alguns moram próximos a ela e outros numa cidade diferente. *Hoje a minha vida é bem melhor porque meus filhos já estão todos criados e ainda me ajudam. Hoje são meus filhos que me dão tudo.*

É católica praticante, integrante do grupo da igreja no bairro chamado Sagrado Coração de Jesus e Legião de Maria. A religião para a Sra. Rosa foi um mecanismo de proteção para os acontecimentos da vida. *Também ocupo meu tempo com a igreja, faço parte do Sagrado Coração de Jesus, Legião de Maria.*

Para reforçar esse comportamento Deecken (1998), diz que com a crença em Deus, a fé age como uma espécie de seguridade social, onde muitos idosos contam que vão aos domingos, oferecem seu ébolo e recitam suas orações diárias. “É uma fé fervorosa em Deus, senhor absoluto que sabe, melhor do que nós, o que nos é propício” (p.51).

Conta com muita satisfação, e um sorriso radiante que seu marido era uma pessoa muito boa, um homem maravilhoso. Segundo a Sra. Rosa, a falta do seu marido causou a instabilidade de sua pressão arterial, tornando-a uma pessoa portadora de hipertensão arterial. Controlada através do uso de medicamentos e de consultas periódicas. *Agora depois que o meu marido morreu eu fiquei com a pressão alta. Operei também,* afirma.

É viúva há 36 anos e desde então possui uma vida voltada para os filhos, netos, vizinhos e religião. É considerada, pelos vizinhos, uma das primeiras viúvas do seu bairro. A viuvez para a Sra. Rosa veio muito cedo em sua vida; o tempo de casada durou muito pouco, porém o suficiente para desfrutar de um relacionamento de respeito, carinho e atenção.

Para esta idosa, o sofrimento com a perda do marido, fez com que a sua relação com os filhos melhorasse muito, contando com o apoio destes e assim também, dos seus vizinhos e amigos. Na presença dos filhos a Sra. Rosa sente-se acolhida, protegida e não sozinha, mas ressalva que nada substitui estar com seu marido. *Sinto-me muito só, mas os filhos preenchem; agora, se tivesse meu marido era melhor, pois os filhos crescem vão embora e o marido ficava aqui em casa com a gente.*

Fazer parte da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) foi aquilo que ela precisava para efetuar uma mudança na sua vida. *Depois os filhos começaram a trabalhar, a ajudar, aí eu comecei a ir para a UATI, foi aí que as coisas começaram a melhorar... Hoje com a UATI, minha vida mudou,* lembra. Nessa mesma linha de pensamento, Neri (1998), revelou que, para o idoso frequentar uma Universidade Aberta à Terceira Idade no seu estudo, contribuiu para a melhoria de sua imagem social e o seu bem-estar.

#### 4.2.6 Sra. Tulipa

A Sra. Tulipa tem 71 anos de idade, nasceu na Cidade de Salvador. Era a mais velha de uma família de seis irmãos. Seus pais faleceram muito cedo levando à dissolução da família: uns foram criados por parentes, enquanto outros em orfanatos. A perda de seus pais de modo precoce marcou o início de uma nova era, tanto para ela, quanto para seus irmãos.

Embora sempre acalentasse um desejo de estudar, pois tinha o sonho de ser professora, a Sra. Tulipa não concluiu o ensino médio por causa das circunstâncias de sua vida, já que viveu até 18 anos num orfanato. Comenta que após a morte dos pais, os orfanatos da cidade já não lhe aceitavam mais por sua idade e passou a viver com uma das irmãs de seu pai.

Ao sair do internato, foi morar na casa de parentes, não daqueles que ela tinha mais afinidade, mas os que queriam acolhê-la. Passou pelo menos na casa de duas famílias, onde residiu até o seu casamento. Vivenciou esta experiência com momentos de angústia e tristeza, pelo fato de que não poder conviver com seus irmãos e ser obrigada a fazer coisas das quais não gostava. Pensou muitas vezes que isso seria um castigo. *Eu na outra encarnação, eu fui danada, porque muita coisa ruim acontecia comigo e era sempre com as pessoas que mais precisava*, disse.

A convivência com seus parentes era muito difícil principalmente após o abuso sexual de seu tio, o que foi um acontecimento marcante em sua vida, uma situação insustentável. *Quando ele chegava em casa, esperava ele sair para eu poder almoçar*, confessa. Neste contexto, seus parentes eram unânimes em acreditar que a saída para os problemas da Sra. Tulipa era um casamento, pois precisava de alguém que a cuidasse, ficasse com ela e tivesse a possibilidade de indiretamente ajudar seus irmãos.

A partir do noivado, sua vida se tornou uma tristeza só, parecia que tinha sido condenada a alguns anos de reclusão, confirma a idosa. *Passava já um ano e tanto e eu naquela vida, não saía para lugar nenhum*, disse. Falar do seu marido para ela significava lembrar de uma pessoa maquiavélica e maldosa, que agia baseado apenas em seus próprios interesses. O seu casamento, um fenômeno que não merecia comemoração e nem representava alegria – havia ocorrido em sua vida, por conveniência.

Reside numa casa própria, sustentada por sua própria aposentadoria, pois no decorrer dos anos foi desfazendo-se dos bens herdados de seu marido. No momento mora sozinha. Esta situação, por sua vez é comum, visto que muitos idosos não moram mais com seus filhos, embora mantenham contato um com outros e ofereçam a ajuda necessária.

Tem apenas um filho que já possui sua família. Papalia (1998) cita que é crescente o número de idosos americanos quem vivem sozinhos e gostam disso. Entre as décadas de 1980 e 1990, o número de idosos que residem sozinhos aumentou em quase um terço; destes, 40% eram mulheres e 16% eram homens.

É espírita praticante e as terças e quintas-feiras comparece ao centro espírita do bairro. É hipertensa, cardiopata, porém sente dificuldades em manter um tratamento adequado, uma vez que, não dispõe de plano de saúde e sua aposentadoria é insuficiente para aquisição dos medicamentos necessários. Está viúva há 32 anos.

#### 4.2.7 Sra. Flor de Lis

A Sra. Flor de Lis, 77 anos, nasceu em São Gonçalo dos Campos, no interior da Bahia. Conviveu com seus irmãos e pais numa zona rural cercada de muita união e contato com a natureza. Possui uma personalidade forte, decidida, determinada, consciente do que faz e do que quer.

Tem formação fundamental incompleta, já que necessitou trabalhar desde cedo para ajudar seu pai e sua mãe nas despesas de casa e no seu próprio sustento. Fazia de tudo um pouco. Lavava, passava, costurava e trabalhou em casa de família como doméstica. Sempre quis ter o seu dinheiro, não gostava de pedir dinheiro a ninguém, principalmente ao seu marido.

Além disso, a Sra. Flor de Lis reforça sua personalidade, dizendo que nunca viveu *agarrada* ao seu marido; buscou durante sua vida conjugal, fazer suas coisas de forma independente e ensinava isso a seus filhos. A Sra. Flor de Lis diz que a enfermidade atingiu o organismo de seu marido muito rápido, mas como tem uma personalidade forte, quando a morte dele chegasse, estaria preparada.

Atualmente sobrevive com sua aposentadoria adquirida com seus esforços, *fui orientada por um advogado amigo meu e aí comecei a pagar, assim mesmo eu fiz*, revela. Além disso, recebe ajuda dos filhos. Teve 10 filhos, dos quais nove vivos, pois perdeu um, devido a aborto espontâneo.

É católica, não participa de nenhum grupo religioso, mas frequenta a igreja aos domingos, não sendo mais frequente devido a problemas de saúde. Tem osteoporose avançada e hipertensão, de que trata fazendo uso de medicamentos e exames periódicos. Está viúva há 08 anos.

A participação na UATI não é tão disciplinada; atualmente frequenta mais as palestras que são realizadas nas terças-feiras e ainda assim avalia o tema a ser discutido para saber se é de seu interesse. É uma distração. *Só vou para a UATI, quando tem uma palestra boa. Vou ver as colegas, vou bater um papo, vou para distrair*, diz.

#### 4.2.8 Sra. Margarida

A Sra. Margarida é uma idosa de 67 anos, que nasceu em Cachoeira, no interior baiano. Tinha nove irmãos e viveu até o seu casamento com alguns deles. Foi criada num regime autoritário comandado por seu pai e teve uma infância e uma adolescência rodeada de limites, mas num ambiente de amor, respeito e união. Estudou até os 18 anos, entretanto não completou o ensino médio. Por necessidade começou a trabalhar no comércio, costurava também, só que quando se casou e começou a ter os filhos passou a dedicar-se à casa e à família.

Reside numa casa própria, pequena, confortável, com sua mãe, que também é idosa de 81 anos, uma senhora independente, muito ativa, participativa em muitas decisões junto a sua filha. Atualmente sobrevive com uma aposentadoria e a pensão deixada por seu marido. Segundo ela, com a contribuição da mãe mensalmente, resulta no final do mês uma quantia suficiente para suprir as necessidades de ambas. Caramano (2004) reforça dizendo que as famílias que possuem idosos estão em melhores condições econômicas se comparada com as demais e são relativamente menos pobres.

Classifica a sua vida como simples e humilde. Teve dois filhos homens, *verdadeiros tesouros* – gaba-se a idosa. Meninos estudiosos, obedientes que nunca faziam nada que a deixasse preocupada, mas que passaram por dificuldades para conseguir o primeiro emprego. *Meus filhos demoraram pra arrumar emprego, mas tudo que eu podia eu mandava eles fazerem. Depois eles botaram os currículos em vários lugares... já tem dez anos que eles trabalham numa firma*, lembra.

Durante uma fase em sua vida um de seus filhos foi acometido por uma doença crônica que desencadeou inúmeras complicações e resultou no seu falecimento. Para a Sra. Margarida uma perda irreparável. A mãe perder um filho é uma coisa horrível, *porque é um pedaço da gente que vai*. Não tem neto, por isso desconhece a experiência de ser avó.

Seu marido trabalhava como torneiro mecânico e era considerado competente, por isso era sempre escalado para seguir junto a um grupo de engenheiros em todo o país. Neste ponto

a Sra.Margarida apreciava, pois conheceu diversos lugares e pessoas diferentes. Foi um bom marido e pai, também.

Falou com empolgação e um sorriso no rosto, que foi bem amada, que seu marido no início do casamento era muito carinhoso, atencioso com ela e com os filhos. Como ele viajava muito, numa dessas cidades adquiriu uma doença que afetou seu sistema nervoso e provocou mudanças comportamentais, tornando-o um homem nervoso. Após uma situação de estresse a sua pressão arterial elevou-se muito e evoluiu para um acidente vascular cerebral fatal. Possui 20 anos de viúva.

É católica, praticante, freqüenta com sua mãe a missa aos domingos, atividade esta desenvolvida há muitos anos, desde a sua adolescência. Nunca trabalhou formalmente, fazia alguns *biscates* para sustentar seus filhos, fez curso de datilografia, costurou, fabricou doces e salgados por encomenda, pois queria oferecer a eles o melhor possível dentro de suas condições e possibilitar para eles uma vida digna, sem muitas privações.

Participa da Universidade Aberta à Terceira Idade com muito amor e informa que só não freqüenta mais, porque não tem com quem deixar sua mãe, já que ela também é idosa e precisa de cuidados.

Eu gosto muito da UATI, eu me tornei outra pessoa depois que eu fui para lá. O bom é que eu comecei a sair de casa, conheci pessoas novas né? É bom. Foi depois da UATI, que eu comecei a cortar cabelo, fazer a sobancelha, me sentir melhor, foi um estímulo maravilhoso que eu tive. Eu sou uma meio dinâmica, há pouco tempo eu dancei no CUCA, e fui muito aplaudida (risos), menina, depois me deram tanto parabéns, que fiquei com muita vergonha, o mambo, a ruba, gosto de dançar a dois por achar um parceiro.

As Universidades Abertas à Terceira Idade proporcionam aos idosos, educação permanente através de atividades ocupacionais e lúdicas com o objetivo de elevar os níveis de saúde mental, física e social. Além disso, Veras (1997) reforça que estas oferecem aos estudantes um ambiente simples, ideal para romper a solidão e de agradável convivência.

#### 4.2.9 Sra. Flor de Laranjeira

A Sra. Flor de Laranjeira é uma idosa com 77 anos, nascida em Angüera-Bahia, cidade que já foi distrito do Município de Feira de Santana. Tinha uma família grande, era a mais velha de cinco irmãos. Conviveu pouco com seus pais, pois os mesmos faleceram quando

ainda era adolescente, sendo criada, portanto, num internato de freiras, até completar a maioridade.

Sua criação foi muito rigorosa, não só com seus pais, mas também pelo regimento cumprido no colégio interno. Após a saída do internato, foi completar o ensino fundamental numa escola da rede pública. Depois de anos de estudo com muito sacrifício e perseverança ingressou na faculdade e concluiu o curso de Letras Vernáculas. Para estudar foi uma luta constante, pois para o seu marido ela não deveria sair de casa, deveria cuidar dos filhos e dele. Esse comportamento se insere na classificação das atividades consideradas como “improdutivas” de domínio eminentemente feminino (VAITSMAN, 1995).

Atualmente está aposentada, com uma renda familiar considerada como boa, por ela mesma, e que a permite ter conforto, atender suas necessidades de lazer, de saúde, econômicas e sociais, além de poder ajudar filhos e netos. Teve oito filhos, quatro homens e quatro mulheres, segundo ela crianças muito boas, educadas, estudiosas, que só lhe dão orgulho até hoje. Agradece todos os dias a Deus por não se tornarem revoltados, afinal desde a infância presenciavam suas discussões com seu marido, já que constantemente ele tinha o hábito de beber e quando excedia o consumo, tornava-se agressivo.

A partir deste momento, sua vida foi um transtorno, pelo fato dele não trabalhar adequadamente, viver nas ruas bebendo nos bares ou dormir nos bancos das praças. Diante disso, a convivência foi se tornando cada dia mais difícil.

Seu esposo nunca apresentou qualquer problema de saúde, contudo se assim tivesse alguma patologia, não saberia, pois este nunca buscava assistência em um serviço de saúde. Sua morte foi rápida e está viúva há um ano; para ela o fim de um sofrimento.

Reside em casa própria com uma empregada doméstica, definindo-a como sua companheira de todas as horas, afinal seus filhos estão todos casados. Dormia anteriormente com um dos seus netos, porém este se casou recentemente e foi embora. É católica praticante e semanalmente comparece à paróquia do bairro, próxima à sua residência.

O amor pela profissão foi um fator primordial na criação dos filhos, trabalhou muito para educá-los. Sente-se uma vitoriosa, pois hoje pode ver seus filhos com suas vidas organizadas. *Taí, todos os meus filhos estão tudo criado, cada um com suas casa ninguém depende de mim, são oito, cada um tem sua vida arrumada*, comemora.

Embora diga que seus filhos são os seus melhores amigos e companheiros, ressalva que devido ao problema de seu marido e quando eles eram pequenos não pôde oferecer amor e carinho suficiente. *Eles hoje têm amor comigo e eu por eles. Sempre que posso estou com*

*eles, não esqueço meus filhos. Vou para Salvador, Ilha. Eu saía muito pouco, porque eu andava preocupada. Nunca condenei a atitude de meus filhos com o pai, diz.*

A Sra. Flor de Laranjeira é uma pessoa muito comunicativa, extrovertida, personalidade esta, que contribuiu muito para adquirir amigos. Na UATI, conhece todos, ela é a sua realização, faz parte do coral e participa de todos os eventos com assiduidade.

#### 4.2.10 Sr. Lírio

O Sr. Lírio é um idoso de 80 anos, procedente da Cidade de Curaçá, Bahia, município próximo ao Estado de Pernambuco. Nasceu numa família considerada pobre e sem muitos recursos. Foi criado num ambiente de muito respeito com seus pais e irmãos. Valorizavam muito o trabalho e a união, por isso começou a trabalhar desde cedo na roça, no cabo da enxada, até chegar à profissão de mascate e, posteriormente, empresário na área de artefatos de borracha. Por isso, a prioridade em sua vida foi o trabalho, afinal precisava ajudar seus pais na criação de seus irmãos. Sendo assim, abandonou os seus estudos, tendo até o momento seu ensino fundamental incompleto.

Trabalha até hoje, não por necessidade financeira, mas para manter-se ativo economicamente. Mantém sua empresa de artefatos de borracha, atualmente administrada por seus filhos e desempenha a função de corretor de terrenos e recebe pelos aluguéis de alguns imóveis. Dispõe de uma aposentadoria, além do dinheiro adquirido após a venda dos imóveis. Uma condição financeira privilegiada, bastante favorável para manter-se num ambiente de conforto, lazer e saúde. Ajuda filhos e netos mediante suas necessidades.

Teve cinco filhos, quatro mulheres e um homem. Fala de seus filhos dizendo que são pessoas admiráveis, criadas com todo o rigor, mas regadas com muito amor e carinho, fatores cruciais no comportamento deles, *são filhos que nunca foram viciados e sim estudiosos, destaca. Todos eles possuem nível superior completo.*

Mora sozinho em casa própria, construída com o esforço de seu trabalho e desenhada por sua esposa, rodeada de pedra quartzo rosa, para eles a pedra do amor. Um local extenso, bem distribuído, bastante agradável. É católico praticante e comparece à Igreja Matriz da cidade todo domingo; informando, todavia, que quando sua esposa era viva, participou de encontros de casais, algo que contribuiu sensivelmente para a vida a dois.

Casou-se muito jovem, ele com 16 anos e ela com 15 anos. Um casamento definido como muito feliz, porque tudo era feito combinado, em harmonia pura, diz ele. Uma união repleta de amor, respeito, comunhão e felicidade, que durou 65 anos.

Para o Sr. Lírio, sua esposa sempre foi companheira em todos os momentos de sua vida, na alegria, na tristeza. Foi sua alma gêmea, sua cara-metade. Revela que para ela não existia dia triste, estava sempre sorrindo, disposta para o trabalho, mas também disponível para o lazer e vida social. Fazia parte da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), também. *Uma mulher sem comparação*, diz ele. Está viúvo há 05 anos, sem seu *coração*, como costuma dizer.

Sr. Lírio no seu discurso, falou da vida com sua esposa como um sinônimo de felicidade, amor e união. Ela sempre esteve ao seu lado, desde a época em que ele era mascate e sua ajuda foi crucial no desenvolvimento dos seus negócios. Com a perda de sua esposa, a vida de Sr. Lírio ficou sem sentido. Informa que não teve mais saúde. *Tive problema de gastrite, tive problema na vesícula, depois tive aquele problema na próstata*, afirma.

A morte de sua companheira representou solidão, um vazio até os dias de hoje, por isso ele diz: *é por isso que hoje me faz muita falta, a falta dessa união inesquecível*. Além disso, a morte lhe trouxe muito sofrimento por saber que não teria mais a companhia de seu amor ao seu lado. O Sr. Lírio complementa:

(...) a morte é uma coisa que não tem comparação, saber que a pessoa vai e não volta mais é um sofrimento para a pessoa que fica. Eu queria dizer que mais que continuo nesta solidão, pra mim é uma solidão. Minha mulher era minha vida, depois que ela morreu eu me sinto um zero... o meu amor pela princesa era muito bonito e muito forte (...)

Sua esposa também era sua companheira na UATI. Participavam muitas vezes das mesmas oficinas, viajavam e ainda realizavam em sua residência confraternizações com o grupo. Contudo, refere que permanece freqüentando a UATI, porém não com o mesmo entusiasmo de antes. Ele faz aula de ioga, hidroginástica e história.

O Sr. Lírio compreende que seus filhos são atenciosos com ele, respeitando o jeito de ser e viver de cada um. *Quando perdi minha esposa todos me deram assistência, nossa relação é a melhor possível*.

#### 4.2.11 Sra. Acácia

A Sra. Acácia é uma idosa de 68 anos, nascida numa cidade do interior de Minas Gerais. Reside em Feira de Santana há 21 anos. Tem cinco irmãos e seus pais já estão falecidos. Foi criada em família e nos “bons costumes” diz ela, com muito carinho e respeito mútuo. Seus pais eram pessoas muito simples, honestas, íntegras e trabalhadoras. Todavia,

ensinavam aos filhos o valor da honestidade, do trabalho e os incentivavam aos estudos. Ela possui o ensino médio completo.

Possui no total sete filhos, quatro homens e três mulheres – para ela, *sete pérolas*. Descreve que não há nada de negativo a falar deles, pois sempre foram muito educados, obedientes e honestos. São seus companheiros, moram todos próximos, exceto um que mora em Minas Gerais. Reside em casa própria, antiga, mas confortável, num bairro muito bom, bem localizado, sem escadas, com muito verde, um lugar agradável. Além disso, com uma vizinhança atenciosa e amiga. Mora com uma das filhas, chamada carinhosamente de *raspinha do tacho, a caçula*.

Vive com a pensão deixada por seu esposo, à qual é somada uma percentagem da lucratividade da empresa. É católica praticante e permanece com os mesmos hábitos religiosos desde a época da adolescência.

Conheceu seu marido num baile na cidade em que morava. O namoro durou nove meses e logo ficaram noivos para seis meses depois oficializarem a sua união. Foi uma cerimônia muito bonita na Igreja Matriz da cidade. Viajaram em lua-de-mel e retornaram a vida cotidiana. Ele era um pai maravilhoso, trabalhava como engenheiro mecânico de uma concessionária da cidade, um funcionário exemplar. Por isso, teve o conhecimento necessário para a construção de nossa oficina aqui na Bahia. *Ele foi um bom funcionário, um bom marido, honesto, em todas as partes que você pensar, bom pai, lembra*.

Uma das coisas que admirava no seu esposo era a sua honestidade e o companheirismo. Ele ajudou-a bastante na criação dos filhos, desde bebês. Respeitador da família e de seus funcionários, que o chamavam de *nosso mestre*. *Ele foi um excelente marido... se chegasse na noite e falava que tava cansada ele levantava, ia, olhava, pegava, levava os meninos pra mamar, meu resguardo foi muito bem guardado*.

Falar de seu marido é uma tarefa fácil para a Sra. Acácia, pelo fato de declarar seu amor e admiração por ele. Um exemplo de honestidade, bondade e solidariedade, não apenas para seus filhos, esposa, amigos, sogro, sogra, noras e genros. Ela o admirava. *Pra você vê como ele tinha um coração bom, meu pai era diabético, já não tava quase enxergando. Nós morávamos numa chácara e ele fez o quarto de meu pai e minha mãe no fundo*.

Ele tinha adoração pelos pais da Sra. Acácia e como prova disto construiu um quarto em sua casa, quando ainda moravam em Minas Gerais e realizava todos os desejos deles, agradava-os em tudo o momento até a sua morte. Há dois anos encontra-se viúva.

Devido à experiência de viuvez vivenciada por sua mãe, Dona Acácia revelou que tanto ela quanto seu esposo não desejavam tornar-se viúva ou viúvo, respectivamente. *Ele*

*tinha medo que eu morresse que se eu morresse ele ia junto, que ele pedia a Deus pra morrer antes de mim.*

#### 4.2.12 Sra. Camélia

Dona Camélia é uma idosa com 67 anos, nascida numa cidade no interior da Bahia. Viveu em família junto a seus quatro irmãos. Vivia “presa” dizia ela, não só pela vigilância de seus irmãos como também, de seu pai. Nunca trabalhou formalmente, nem informalmente, exercendo até hoje a profissão de dona-de-casa. Sua renda é procedente de uma pensão adquirida após a morte de seu marido, complementada com a ajuda de seus filhos.

Reside numa casa, herança de seu esposo, onde mora com uma filha, genro e netos. Estudou até a 7ª série no currículo escolar antigo, hoje ensino fundamental incompleto, justificado por não ter incentivo para o estudo. Casou-se muito cedo, orientada a dedicar-se apenas a seu marido e filhos. Sua relação com seu esposo era muito boa, um bom pai. Foram 38 anos de união interrompida por um acidente vascular cerebral (AVC). Teve no total dez filhos, porém apenas sete estão vivos; três morreram com menos de um ano de idade.

É católica, freqüenta semanalmente a igreja acompanhada por filhos e netos. Considera muito importante oferecer educação religiosa aos seus descendentes. Encontra-se viúva há 19 anos.

#### 4.2.12 Sr. Cravo

O Sr. Cravo é um viúvo de 87 anos, nascido e criado na Cidade de Ipecaetá, interior da Bahia, numa família de nove irmãos. Começou a trabalhar desde cedo com seu pai na fazenda, cuidando das plantações e da criação de gado, até se tornar o que popularmente chama-se de *magarefe*, um matador de boi. Devido à necessidade do trabalho e do dinheiro, o estudo não foi sua prioridade e tem apenas o ensino médio incompleto.

Trabalhou a vida inteira informalmente, pois até hoje se mantém através da venda da produção de suas fazendas, da negociação de compra e venda de gado e terrenos. No geral, a arrecadação final dos negócios permitiu ter uma vida confortável, tranqüila e também ajudar filhos e netos.

Reside na casa de uma filha, que para ele é o mesmo que estar convivendo com sua esposa, devido à maneira de preocupar-se com ele e cuidar dos seus objetos pessoais. Uma

filha muito boa, atenciosa. Teve quatro filhos, dois homens e duas mulheres. Filhos maravilhosos que sempre respeitaram seus pais. É católico, porém pouco praticante.

Casou-se por amor como também para libertar a sua esposa da vida “perseguida” que a mesma tinha por sua madrasta, pois para ele, esta a maltratava. Eram jovens, ela com 20 anos e ele com 19. Após um ano de namoro, casaram. A situação de viuvez era um assunto discutido em suas conversas, representado no seguinte relato: *Ela queria ir a missa pedir a Deus, que ela morresse primeiro que eu, e eu, sempre brincávamos com ela, tá maluca de me deixar sozinho (risos).*

Participa da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) há pelo menos 07 anos e começou a frequentar por incentivo da filha. Para ele é uma coisa muito boa. A convivência com suas colegas ativa sua memória e o mantém ativo. Com a viuvez ele sofreu depressão, pois afinal não estava preparado para a morte de sua esposa. Não é de surpreender que viúvos e viúvas possuam taxas mais elevadas de depressão do que as pessoas que são casadas.

#### 4.2.13 Sra. Hortência

A Sra. Hortência é uma idosa de 68 anos, nascida e criada em Feira de Santana, Bahia. Recorda que seu pai era muito severo e não permitia que nem ela nem suas irmãs fossem para a rua ou saíssem de casa, porém, como era muito “danadinha” sempre dava um jeito com suas irmãs e saía.

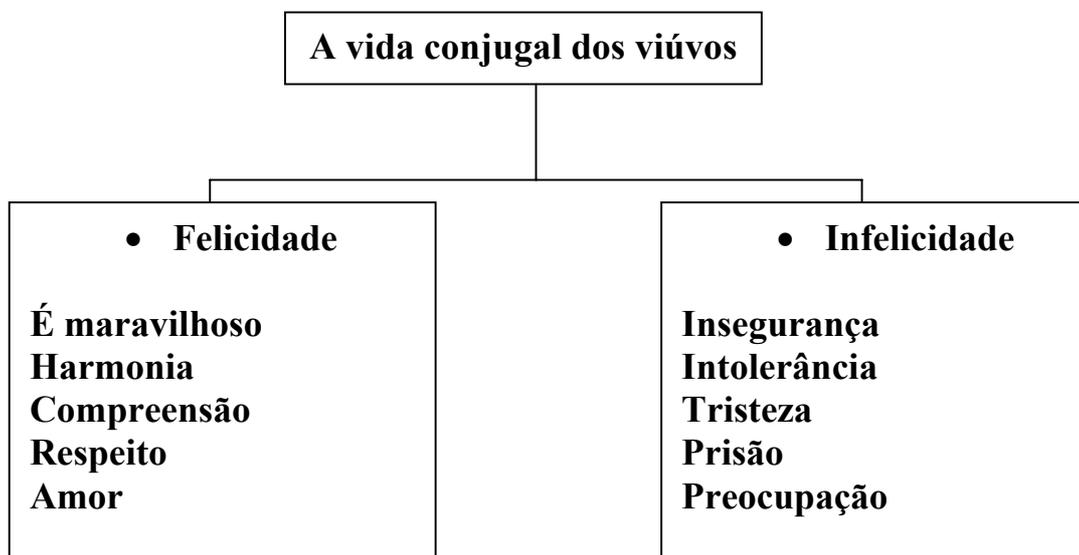
Conheceu seu marido por intermédio de uma amiga que planejava novos encontros e criava as desculpas para que a Sra. Hortência falasse com seus pais. Num destes encontros, teve uma relação sexual desprotegida que resultou numa gravidez. Considera que casaram por acidente devido à sua gravidez. Eram muito jovens, ela com 17 anos e ele com 19 anos. Seus pais a ajudaram muito, afinal houve uma transformação em suas vidas. Neste sentido Borghetti (2001), afirma que casar de maneira não tradicional para a época, era também chamado, não convencional, pois acontecia sempre por um motivo, entre eles a desaprovação conjugal, uma decisão impulsiva de casar, gravidez pré-nupcial.

Ele trabalhava numa empresa e dona Hortência começou a trabalhar como costureira, hoje já estando aposentada, pois não desempenha mais esta atividade devido a problemas de saúde. Tiveram seis filhos, três homens e três mulheres. Segundo ela, filhos obedientes, atenciosos, chamados por ela até hoje de ‘seis bonecos’.

Mora em casa própria, sozinha por opção, embora seus filhos não aprovelem esta situação. É católica, frequentando toda segunda-feira a paróquia do seu bairro. Encontra-se viúva há 15 anos, após o marido ter tido complicação de pluripatologias.

Participa da Universidade Aberta à Terceira Idade por incentivo de uma de suas noras. No início era uma pessoa muito calada e introspectiva, mas com o passar do tempo e através do contato com outras pessoas, D. Hortência mudou, tornando-se uma pessoa mais comunicativa e desinibida. “Quando cheguei lá não dava uma palavra... cheguei na UATI calada, não abria a boca pra nada...hoje até dança de salão já fiz (risos), diz. Neste sentido, Neri (2004), retrata que a Universidade Aberta à Terceira Idade possui uma influência marcante sobre a auto-imagem dos idosos, uma vez que, o principal ganho foi à imagem social.

#### 4.3 A HISTÓRIA DOS CASAMENTOS DOS ENTREVISTADOS



O casamento é a união socialmente reconhecida entre duas pessoas do sexo oposto. É considerado ideal aquele em que os membros permanecem juntos para toda a vida. Quase em todas as sociedades a vida conjugal é considerada como um tipo de existência mais normal e desejável entre os adultos.

Segundo o novo código civil o casamento é considerado “a união plena de vida”, com direitos iguais aos cônjuges, “os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher” (CARDOSO, 2003).

Durante muitos anos os enlces matrimoniais eram estabelecidos pelos próprios pais, os jovens não tinham a possibilidade de se conhecerem com antecedência, mas para estes era fundamental o esforço para a felicidade de ambos. “Acredita-se que os pais têm a capacidade de julgar o que é melhor para seus filhos e tais imposições de uniões ocorrem principalmente

nas comunidades onde existe o noivado de crianças acompanhado na troca de propriedades” (LINTON, 1981, p.174).

Entretanto, existem ainda, locais onde se observa a liberdade para os jovens fazerem sua escolha conjugal. Nesse caso o casamento provoca entres as famílias uma nova espécie de parentesco. A maioria das sociedades dá menos importância ao romance do que às afinidades entre duas pessoas e orientam seus filhos na crença de que todo rapaz e moça com boa educação são capazes de viverem um casamento feliz.

Na China, por exemplo, a autoridade dos pais velhos em arranjar casamentos era reconhecida na primeira república, mas já na década de 30 os chineses educados passaram a julgar a necessidade de eles próprios decidirem sobre suas esposas e que o casamento deveria basear-se no amor. Tal fato foi observado e, essa relação de afeto encontra-se mais no círculo das pessoas cultas do que no dos operários (GOOD, 1969).

Teoricamente o casamento pode combinar homem e mulher, sob três formas: a monogamia (um homem e uma mulher), poligamia (um homem e várias mulheres), e o matrimônio grupal (vários homens e mulheres). Parece provável que a prática da poligamia baseia-se na tendência geral dos primatas do sexo masculino em ter várias fêmeas, porém isso não implica que o homem tenha domínio sobre as mulheres. Por outro lado, a forma de casamento mais comum nos sistemas sociais, é a monogamia. Quando um cônjuge encontra sua satisfação emocional completa, prefere não admitir outros cônjuges adicionais e, sendo assim, acredita-se que isto ofereça às partes o máximo de felicidade.

Antigamente muitos casamentos eram curtos, já que inúmeras mulheres morriam logo após o parto ou por epidemias da época. Os casamentos duradouros são um fenômeno relativamente recente, embora exista uma diferença entre idosos e idosas, uma vez que, as mulheres casam-se com homens mais velhos e vivem mais que eles enquanto que os homens têm maior probabilidade de se casarem novamente após a viuvez.

A satisfação no casamento, portanto, pode depender da forma como o casal ajusta a sua liberdade, do valor da companhia um do outro, da satisfação da sua vida atual, da capacidade da pessoa na terceira idade encarar às dificuldades de uma relação e do sentimento do parceiro de pertencer um ao outro. O casamento duradouro pode também ser posto em prova pelo avanço da idade e doenças orgânicas, afinal aquelas pessoas que necessitam cuidar de seus parceiros dependentes sentem-se isoladas, frustradas e mal humoradas, principalmente se a sua saúde não estiver boa. Segundo Bee (1997), o casamento na fase tardia da vida adulta baseia-se menos na paixão do que na lealdade, o viver para a família, na reciprocidade de

amor, afeto e carinho. Diante disso, discuto sobre as histórias de casamento de nossas flores, a sua relação com seus parceiros e a vida de casados durante muito tempo em suas vidas.

De início falo sobre a Sra. Bromélia que foi casada durante 45 anos, depois de um curto período entre namoro e noivado. Segundo ela, a vida conjugal foi de muita tolerância, união e carinho. Entre ela e o marido sempre existiram desentendimentos, da parte dele pela “brutalidade e ignorância” e de sua parte, por seu ciúme e insegurança. Afirmou que estes desentendimentos contribuíram muito para certo “desgaste” no casamento, mas como gostava muito dele, não quis a separação e continuou aceitando o “gênio” ignorante, como ela se referia ao marido.

Com o passar do tempo, ele foi ficando cada dia mais calmo, e viveram harmoniosamente. Para esta idosa seu casamento no final já não era tão romântico, não tinha muitas emoções, comparado aos primeiros anos de vida conjugal, porém era mais satisfatório e compromissado.

Para a Sra. Orquídea, a cerimônia de seu casamento foi muito bonita. O civil foi na sua residência e, como determinava a crença, foi abençoado por Deus na igreja. Segundo Vasconcelos (2002), deveria ser sacramentado na igreja católica.

Neste momento, ela relembra que a cerimônia foi um momento muito importante e respeitava os costumes da época. “*Antigamente, olhe bem, como é que era, a noiva com o rosto coberto...aí ele coloca às alianças, depois descobre o rosto e dá o beijo na boca*”, lembra. Foi casada durante 37 anos, conviveram muito bem. Ela julgava necessário na sua relação haver muita compreensão e respeito, visto que após o casamento, o marido dedicou-se à música. Na verdade a profissão de músico tornou-se sua única fonte de renda. Ele viajava muito, era ausente em casa e a Sra.Orquídea ficava a maior parte do tempo sozinha ou na companhia de parentes, filhos e amigos.

(...) Ele tocava, ele viajava muito num sabe? São João ele viajava, Natal ele viajava, e quase sempre nestas datas eu ficava sozinha, mas como minha família era muito unida, tinha gente aqui comigo. E aí eu compreendia que ele tinha que sair para tocar, pra ganhar o dinheiro dele, que ele era pobre (...).

Durante estas viagens, sempre ao término de cada show, meu marido costumava festejar, consumindo um pouco de bebida alcoólica, ela cita. A depender da companhia o consumo poderia ser de moderado a elevado. Esse hábito, portanto, passou a ser uma constante na vida da Sra. Orquídea. Comportamento este, que repercutiu tanto na vida social quanto na saúde do Sr. Pedro José, que aos poucos foi deixando de tocar e começou a

apresentar sinais e sintomas de fraqueza, inapetência. Contudo, ele não se cuidava, sempre falava que ir ao médico com frequência, era pra quem tinha mania de doença.

A Sra. Gardênia, revelou que ela e o seu parceiro viveram bem entre os “altos” e “baixos”, como todo casamento, mas tiveram uma convivência muito boa, de compreensão, respeito mútuo e tolerância. Ele nunca a decepcionou, apesar das diferenças de pensamento e atitudes. *“Ele nunca me proibiu de nada, nunca criou confusão comigo, se eu dizia que era pedra era pedra mesmo... se eu não gostasse de algo ele saia para a gente não brigar”*, afirma. O casamento durou 40 anos.

Neste sentido, Marodin (1997) revela que, num casamento considerado moderno, o par valorizava as diferenças, reconhecendo as características e valores de cada um. Para o casal, o importante era a reciprocidade, que cada um convencido de que o homem ou a mulher faz cargo de alguma responsabilidade e que as respectivas contribuições têm valor e fazem parte de um equilíbrio.

Por outro lado, era muito mulherengo, gostava muito de sair e viajar como revela a Sra. Gardênia:

(...) Apesar de ter sido mulherengo, ter tido várias mulheres, inclusive deixou vários filhos e por incrível que pareça, todos me adoram... Negava até a morte às coisas que ele fazia, quando dizia de alguém que eu já sabia, ele negava, dizia que estava procurando confusão, mas com o tempo, muito tempo depois ele me contava toda a história, mas ainda assim nunca brigamos, discutimos (...).

A Sra. Violeta informa que se casou muito jovem, uma tradição na época. Vasconcelos (2002), em seu estudo realizado numa cidade no interior da Bahia, chamada Serrolândia, relata que na década de 1960 e 1970 era característico casar-se muito cedo. Foram encontradas no estudo, mulheres que se casaram entre treze e quinze anos de idade, representando 2,8% nos anos 1960 e 3,3% nos anos 1970.

A Sra. Violeta informa ter vivido um casamento maravilhoso, de comum acordo e compensação, mesmo ambos tendo personalidades tão diferentes, sendo ela uma idosa extrovertida, sorridente e alegre, enquanto que ele era “preso”, “fechado”. Foram 45 anos de convivência,

No caso da Sra. Tulipa diante de sua história de vida, os seus parentes eram unânimes em acreditar que a saída para os seus problemas era um casamento. A esse respeito, Borghetti (2001), comenta que o casamento muitas vezes, é visualizado como um rito de passagem que soluciona problemas como o estar só ou dificuldades familiares.

Não foi um casamento por amor; para ele, um excelente negócio, já que precisava de uma companheira. Para ela, um martírio, o enterro de muitos sonhos, de suas vontades e de seus desejos. Sentia-se uma condenada. A Sra. Tulipa tinha 17 anos e seu esposo 46 anos. O relacionamento durou 14 anos, descritos pela idosa, como um período de repressão, prisão, isolamento total. A diferença de idade contribuiu bastante para os inúmeros conflitos na sua relação conjugal, pois ele era muito ciumento, possessivo, autoritário; ela sentia-se vivendo numa ditadura. Vivía infeliz, mesmo com todo aquele conforto.

(...) Eu vivia presa, presa, não saía pra lugar nenhum, ou eu saía com ele, e era só para brigar. Um dia a gente saiu e um rapaz cantava: O veio gagá já deu o que tinha que dá e ele achou que era com ele (risos). Isso gerou uma confusão. Quando eu saía de carro menos mal, fora disso, era confusão. Eu era muito alta, nova, um morenaço. Quando eu tinha uma briga com ele eu cortava tudo que era foto que eu tinha com ele. Toda briga, cortava um retrato. Hoje só tenho uma foto que tem apenas a mão dele (risos) (...).

Um aspecto que se destacou na vida da Sra. Tulipa foi que, para casar-se, seu noivo respeitava os rituais da época de pesquisar e garantir sobre a sua virgindade. Neste contexto, Mair (1995), comenta que era característico de algumas sociedades patrilineares que suas mulheres casassem virgens. O fato é retratado no seguinte relato:

-Um dia ele me perguntou: Você é virgem?  
 -Eu respondi: Sou.  
 -Eu vou fazer um teste. Olhe se você não for mais virgem, você me diz que eu aceito casar com você de qualquer maneira, mas eu não quero ser enganado viu? ....  
 -Agora, eu vou fazer o teste. Pegou um cordão amarrou em meu pescoço e mandou eu morder a ponta se passasse pela minha cabeça já era.

Observa-se, portanto, que o comportamento do esposo da Sra. Tulipa reflete que naquela época existiam regras na sociedade em que as relações sexuais não eram autorizadas antes do casamento, pois se não fossem virgens os homens podiam repudiar suas noivas. Para a Sra. Tulipa, a experiência de casar-se foi traumática, nada prazerosa, não soube o que é unir-se por amor. Tal fato levou-a a não pensar num novo casamento, desejava apenas voltar a morar com seus irmãos. *“Eu depois disso disse que não queria casar com mais ninguém, chamei meus irmãos para morar comigo”*.

Quanto à vida conjugal da Sra. Flor de Lis, ela retrata que viveu um casamento normal e fez referência desta com muita objetividade. Informou que as desavenças aconteciam, mas nada muito grave que provocasse uma separação ou discussão. *“A gente*

sempre tinha uma desavença, um pouco, mas era normal, era uma coisa sempre passageira, nunca me separei, nunca tive problema dele me querer bater, tinha umas coisas de casal”.

Falar de seu marido foi uma tarefa fácil para a Sra. Flor de Lis, trouxe lembranças de um companheiro bom, trabalhador, que sempre buscou oferecer o necessário para os seus filhos e esposa. Ele mudou de comportamento após o convívio com um “patrão” que gostava muito de beber e fumar. Como trabalhavam juntos, tornaram-se companheiros nas horas vagas. Isso para ela contribuiu significativamente para a aquisição de novos hábitos que posteriormente desencadearam problemas de saúde. Aliado a isso, seu esposo demonstrava resistência em deixar os vícios como retrata o seguinte depoimento:

... Ele começou a gostar muito de uísque, esse povo estrangeiro bebe muito uísque. Quando ele ficava em casa, o povo chamava... Não era todo dia. Depois disso ele adoeceu... Ele era muito teimoso, fumava dois maços de cigarros por dia, mas quando a gente falava, ele não gostava. Ele dizia que fumava com o dinheiro dele, ninguém podia falar nada...

Todavia, existiu na verdade um problema sério na relação conjugal de Sra. Flor de Lis, que se tratava do comportamento “mulherengo” do seu esposo, para ela uma falta de respeito causador de um sofrimento constante em sua vida, como a idosa refere: *“Olhe minha filha numa coisa eu sofri no meu casamento que até a empregada ele mexia, teve uma que ele teve até um filho. Quando eu viajava, ele fazia a festa, só que eu nunca dei ousadia de falar nada”*.

Diante disso, Santos & Costa (2004), afirmam que as manifestações de violência são sempre formas de exercício de poder; o desequilíbrio deste é que pode ser definido culturalmente ou pelo contexto. Além disso, complementa dizendo que a forma mais freqüente de violência doméstica é a violência conjugal, principalmente contra as mulheres. Na verdade observa-se também uma violência de gênero entre os parceiros íntimos, em que o homem detém o poder de relacionar-se com muita liberdade, mesmo sendo a sua parceira alguém do seu ambiente doméstico.

A Sra. Margarida durante o seu discurso, utilizou-se de poucas palavras para falar sobre seu casamento, considerou este como bom, apesar de desavenças consideradas comuns na vida a dois. Revela ainda, que foi muito amada e teve uma boa convivência.

Foram 20 anos de casamento. Entretanto, seu esposo era treze anos mais velho, fato este que desencadeava muito ciúme e discussões. Para ele, incomodava a Sra. Margarida sair de casa e vestir-se bem. *“Quando eu me arrumava para sair ele dizia que eu não estava*

*bonita, falava aquilo tudo para me derrubar mesmo*”, disse. Essas palavras, portanto, depreciavam-na, e a faziam sofrer por muito tempo; todavia, como ela sempre teve uma autoestima elevada, não se importava em demasia com essas atitudes de seu marido, buscando viver bem.

Numa dessas viagens, quando residiam em São Paulo, ele adquiriu meningite, enfermidade que deixou seqüelas irreversíveis, suficiente para comprometer o seu convívio social e familiar, “ele ficou desvairado”, diz ela. Quanto à Sra. Flor de Laranjeira, seu casamento segundo Borghetti (2001), foi um rito de passagem que pode solucionar problemas como solidão ou dificuldades familiares. O seu casamento durou 50 anos, ela revela que sua união não foi por amor, mas por querer a libertação. Afinal até seus dezoito anos estudou num colégio de freiras e vivia rodeada de normas e rotinas.

Sua convivência era muito boa, principalmente até o nascimento de seus cinco filhos. Viviam em harmonia, ele a ajudava muito no cuidado com as crianças, era o responsável pelas despesas da casa, assumia tudo financeiramente. A razão para tal mudança de comportamento ainda é uma questão sem resposta na sua vida, ela tinha conhecimento do seu interesse por bebida alcoólica, mas jamais imaginava que esta ação tornasse um ele um alcoolista.

Tal situação é descrita no seguinte depoimento: *“Até os cinco filhos, foi uma maravilha, depois desses cinco filhos em diante o pau quebrou, ele não tinha mais responsabilidade, foi um absurdo mesmo, aí tive que ir trabalhar, fazia doce para vender, depois consegui arranjar um dinheiro com a prefeitura...”*.

A partir disso, a relação de convivência ficou cada dia mais difícil, devido ao alcoolismo. O hábito de beber do marido foi sempre um incômodo em sua vida desde o tempo de namoro e perpetuou até a sua morte, causando neste trajeto transtornos sociais, psicológicos e econômicos tanto para ela como para seus filhos. Descreve como uma tempestade, repleta de momentos difíceis e inesquecíveis. O álcool o transformou num ser humano rebelde e desorientado.

Ele entregou-se ao desprezo, dizia a idosa, vivia a maior parte do tempo na rua, bebendo. Ao chegar a casa, não realizava higiene, permanecia sujo por longos períodos, se alguém não o conhecesse, confundia-o com um mendigo.

Diante disso, o relacionamento com seu marido passou a ser de tolerância, dedicação, tristeza e muita preocupação. *“Era aquela preocupação de sair e chegar, porque quando ele saía, eu ficava ali preocupada, pensando que ele caiu na rua, que alguém bateu nele ou passou mal. Além disso, sofreu com a família dele por preconceito de cor, ele era branco e eu morena”*, relata.

O relato de Sr. Lírio mostra que se casou muito jovem, ele com 16 anos e ela com 15 anos. Um casamento definido como muito feliz, porque tudo era feito combinado, “*em harmonia pura*” diz ele. Uma união repleta de amor, respeito, comunhão e felicidade. O casamento durou 65 anos. “*Eram dois corações em um só*”, lembra o idoso.

Ele revela que a cerimônia foi muito simples, mas muito bonita, “*do início ao fim*” diz ele. Na época em que casaram não tinham muita condição financeira. Para o Sr. Lírio, sua esposa sempre foi companheira em todos os momentos de sua vida, na alegria, na tristeza. Foi sua alma gêmea, sua cara-metade. Revela que para ela não existia dia triste, estava sempre sorrindo. A sua ajuda esteve presente em todos os momentos.

A relação com sua companheira foi aquela em que mutuamente encaravam-se como melhores amigos, concordavam em tudo, com os objetivos da vida e sempre mantinham o bom humor, a alegria e a felicidade. Durante o tempo em que estiveram juntos, a vida a dois foi maravilhosa, “*nunca tivemos desarmonia nenhuma*”, fala Sr Lírio. Ambos viajaram muito, conheceram outros países, sempre um ao lado do outro.

Quanto à Sra. Acácia, o seu casamento durou 43 anos; uma união de amor, carinho, respeito e admiração um com outro. A sua relação com seu esposo foi muito boa, ela o agradava da melhor forma possível, pois ele a respeitava, não implicava com suas atitudes, do seu jeito de vestir e andar. Lembra que ele gostava muito de ver suas unhas pintadas de vermelho, mas que não pintasse o cabelo e assim, ela o fazia. “*A minha nora tem um salão e queria pintar o meu cabelo, eu disse a ela que não pintasse porque em vida meu marido, eu nunca pintei... Agora na falta dele eu vou pintar?*”, confessa.

Para a Sra. Acácia seu marido foi muito bom, um homem honesto, “*em todas as partes que você pensar... em relação sexual, marido exemplar, sabe?*”, diz a viúva. A admiração pelo seu marido é um fator de destaque na vida da Sra. Acácia no decorrer do seu discurso. E ele era realmente admirado, não apenas por sua esposa, mas também pelos filhos, funcionários, vizinhos, como, por exemplo, neste depoimento;

(...) sabe, tinha um velho aqui que era parálítico, ele botava ele no banco da frente mandava a filha atrás pra segurar e ia passear na cidade, pra ver a cidade, ele não era só assim com a família mas com os outros, acho que por isso que Deus foi tão bom pra ele que ele não sentiu dor (...)

No discurso sobre o seu casamento a Sra. Camélia foi bastante objetiva, falando que casou cedo e foi orientada a dedicar-se apenas ao marido e aos filhos. Sua relação com seu

esposo era muito boa, um bom pai. Foram 38 anos de união, interrompida por um Acidente Vascular Cerebral (AVC). A convivência com seu marido sempre foi muito tranqüila. Ela via nele um homem atencioso, respeitador, trabalhador e que buscava oferecer sempre o melhor para seus filhos e esposa.

O Sr. Cravo revela que se casou por amor e também para libertar a sua esposa da vida “perseguida” que a mesma tinha, por sua madrasta – que a maltratava. Eram jovens, ela com 20 anos e Sr. Cravo com 19. Após um ano de namoro, casaram. Foram 54 anos de muito amor, carinho e respeito, sem qualquer desavença. Ela aceitava o jeito de ser do Sr. Cravo, não questionava suas atitudes, acreditava sempre que o que estava sendo feito era para o bem da família. Revela que sua esposa o tratava muito bem e ficou viúvo há 08 anos.

Durante o namoro, sua então namorada fazia diversas queixas sobre o tratamento da madrasta, o que sem dúvida o incomodou bastante. Ela foi proibida pela madrasta de estudar. Diante disso, ele sempre dizia: “Eu um dia vou tirar você dessa penúria”, e assim o fez. O casamento foi muito bom, havia respeito mútuo, ela não questionava nada que o Sr. Cravo fazia, tinha total confiança nele, sabia que suas ações eram para o benefício de todos. Sentia sua ausência dentro de casa, pois ele viajava muito, no entanto, compreendia que as viagens eram necessárias.

Às vezes quando chegava de suas viagens ou da rua, Sr. Cravo reunia em sua casa, sem avisar a sua esposa, um grupo de amigos para comer e conversar e ela não reclamava, recebendo sempre as pessoas com bom humor; respeitava muito seu jeito de ser. Tal fato é representado no seguinte depoimento: “*Um dia tava na rua e convidei seis, oito pessoas lá pra casa, nunca descreditou na minha palavra, nunca me exigiu o que eu fazia com o dinheiro*”.

A confiança que sua esposa tinha por Sr. Cravo ultrapassa as barreiras do negócio, mas também a possível convivência com outras mulheres durante as suas viagens, relata o idoso:

(...) Vendia vinte boi, ela não chegava comigo pra dizer onde você botou esse dinheiro. O que você fez com esse dinheiro? Se eu comprasse uma fazenda, se chegasse assim nós vamos agora assinar um documento que eu vendi a fulano. Cadê o dinheiro? Onde tá o dinheiro? Ela não perguntava, era calada, ela era muito calada, mas entendia a minha natureza, ela não descreditava, se uma colega chegasse, por que eu viajava muito, eu chegava, saía, só ficava em casa dois ou três dias da semana, se chegasse em casa dizendo: Ah, Cravo tá com uma companheira, uma namorada! Ela dizia: É bom para se distrair! Não me perturbava, ela me tratava bem.  
(...)

A convivência com sua esposa foi muito boa, confirma Sr. Cravos, a melhor possível; nunca tiveram discussões sérias que interferissem na relação deles. *“Ela me respeitava muito”*, fala o idoso. Para ele, o dia 23 de junho de 1997, dia em que ficou viúvo, foi *“Um acaba-mundo”*.

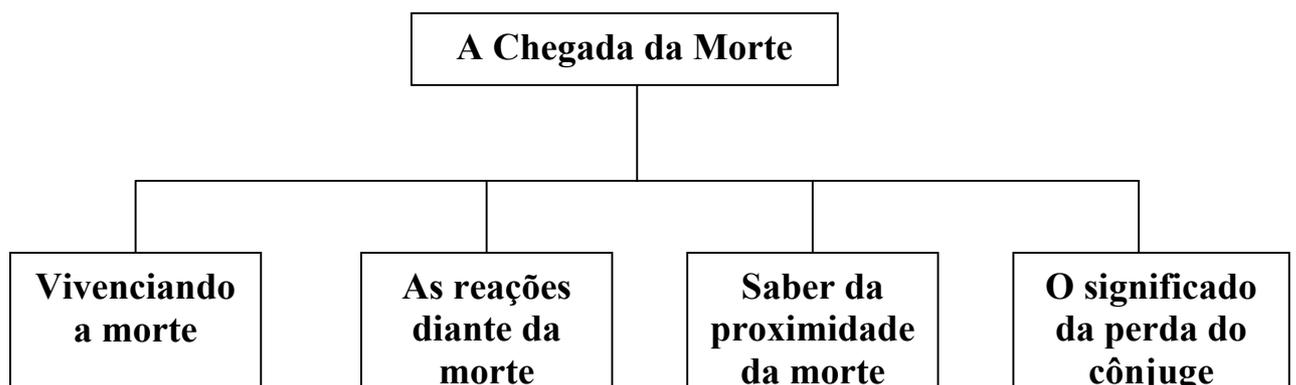
A História da Sra. Hortência revela que ela e seu esposo casaram por acidente devido a sua gravidez. Eram muito jovens, ela com 17 e ele com 19 anos. Seus pais a ajudaram muito e a apoiaram sempre. Desta forma, segundo Borghetti (2001), casou-se da maneira não tradicional ou não convencional para a época; tais casamentos, quando aconteciam desta forma, eram sempre em consequência de: desaprovação conjugal, uma decisão impulsiva de casar, gravidez pré-nupcial.

Conviveu com seu marido por 31 anos. Relata que foi uma relação de tolerância, compreensão e paciência, pois ele era muito boêmio, passava muito tempo fora de casa. *“Ele dormia tão pouco em casa, num ano ele dormiu 42 dias”*, lembra. Ela já se considerava viúva de um marido vivo. Para ela foi um sofrimento, pois ele convivia com ela e com muitas mulheres, o que gerou muitas brigas no casamento.

Neste sentido de acordo com o novo código civil, toda a base da família em nossa cultura repousa na monogamia, que pelo menos dá suporte à estabilidade e moralidade de que se deve vestir o casamento. O dever da fidelidade é o primeiro e um dos mais cruciais relacionados no Art. 231, por isso, a sua violação pode ensejar, inclusive, crime do adultério (BEMBOM, 2001).

Foi uma convivência de amor inseguro; mas não desejou a separação, porque não queria criar seus filhos sem pai, e nem *“entregar”* seu marido a outras mulheres. Neste sentido ela diz: *“Pensei em me separar, mas como eu ia deixar meus filhos sem pai, não”*.

#### 4.4 A CHEGADA DA MORTE



A morte é negligenciada, negada na cultura ocidental. As pessoas não a aceitam como um fenômeno natural à vida. Quase que em toda parte, a presença da morte parece estar acompanhada de uma sensação de angústia, surpresa, decepção ou alívio. A experiência de morrer é diferente, as mortes são distintas assim como todas as vidas.

Numa viagem histórica sobre a morte, antes dos tempos modernos, ela era considerada como um evento natural, onde a taxa de mortalidade atingia 40% da população adulta, em eventos como pestes ou desastres naturais. Com o processo de urbanização vindo logo após a segunda guerra mundial, veio a explosão de nascimentos e o evento morte tornou-se mais comum na terceira idade, um fenômeno invisível e abstrato (PAPLAIA, 2002).

Todavia, nos dias atuais, o quadro mudou novamente, mediante a globalização. Os avanços da medicina, do saneamento básico, a presença da AIDS, a violência e o abuso no uso de drogas, contribuíram para que a negação da morte fosse algo mais difícil.

Nas ciências biológicas, a morte é definida como a cessação dos processos corporais. Considera-se que uma pessoa está morta quando se observa que não há mais batimentos cardíacos ou respiração. Entretanto, não podemos esquecer que ao se falar em morte deve-se lembrar dos aspectos sociais em que se observam os rituais de luto, transferências de posses e funções, atitudes culturais diante da morte, cuidados com o moribundo e esforços para adiá-la ou antecipá-la. Apenas os aspectos biológicos da morte não são os únicos para construir seu significado, pois este é profundamente influenciado pelo que as pessoas pensam, sentem, fazem e, além disso, os sentimentos são produzidos pelo tempo e lugar onde as pessoas vivem (PAPLAIA, 2002). A morte é também capaz de ter um significado social, provocar mudanças de papéis e as relações de todos numa família.

Na obra do autor Kalish citado por Bee (1997), observam-se quatro sentidos para a morte na idade adulta. Inicialmente o autor cita a morte como um organizador do tempo, pois a perspectiva da morte pode modelar a visão do tempo do indivíduo, é o tempo desde o nascimento para o tempo até a morte. Seguindo-se a isso, a morte pode vir ainda como uma punição, como um castigo para aquele que fez muito mau a si mesmo. Além disso, o autor se refere à morte como uma transição, a passagem de uma vida física para o que alguns chamam de vida imortal e esta crença é mais comum para as mulheres e católicos do que para os homens e protestantes. Por fim ele traz a morte como perda, considerado o sentido mais disseminado pelas pessoas adultas. Essa perda pode variar de acordo a idade e que para as pessoas idosas está na preocupação com a perda de tempo para conclusão de um trabalho interno.

Neste contexto, as atitudes diante da morte durante o ciclo de vida dependem da situação do indivíduo em vida até o momento em que ocorra o fenômeno. Para as pessoas com idades avançadas, por exemplo, não há dúvidas de que irão morrer; paira a certeza de que ela se aproxima, e de que seu tempo parece estar limitado, o que provavelmente possibilita a estas pessoas modificarem algo em suas vidas. De acordo com Tolotti (2005), caso o sujeito tenha negado suas limitações, irá de forma negativa encarar a proximidade da morte, do fim e adotará uma postura de evitação. Ao contrário, se melancolizado, irá se paralisar diante da vida e ficará a espera da morte. Já que se renegou sempre, terá uma postura semelhante nesse momento. Ele também pode tratar a morte como um ritual e poderá falar sobre a morte dos outros e não à sua.

Na visão de Lopata (1996), uma socióloga, as experiências de perda, seja ela de maneira inesperada ou prolongada, não podem ser comparadas visto que os problemas que advém com a morte, em ambas as partes, decorrem de inúmeros fatores. Entre eles, a idade do cônjuge, a causa da morte, o significado do casamento para a mulher e o tipo de relacionamento com o seu marido, raça, educação e estilos de vida.

Nesta pesquisa, os colaboradores passaram pelo evento morte de seus maridos e esposas, todos junto a eles, acompanhando a evolução dos seus companheiros diante da enfermidade. Embora para a maioria a morte já fosse um fato consumado, houve a ocorrência de uma morte súbita, ou seja, quando o idoso teve uma parada cardiorrespiratória durante uma conversa com familiares.

A seguir apresento e analiso as categorias que emergiram das narrativas dos idosos investigados.

#### 4.4.1 VIVENCIANDO A MORTE

Neste estudo, dos quatorze casos de vivência da morte do companheiro ou companheira, dois ocorreram nos domicílios, dois foram levados para a emergência de hospitais e dez passaram pelo processo de hospitalização, prolongada ou não, falecendo nestes locais, embora um desses casos tenha sido considerado súbito, pois o período entre diagnóstico e desenlace foi de trinta dias.

#### 4.4.2 REAÇÕES DIANTE DA MORTE

Dos quatorze idosos viúvos, dois estavam junto a seus cônjuges no momento do falecimento. Daqueles que o marido ou esposa tinham sido encaminhados para um serviço de emergência ou já estavam internados, no momento de receber a notícia da morte, apenas um idoso não estava no hospital, este soube do acontecimento fatal através dos filhos.

As experiências vividas pelos viúvos tiveram heterogêneas concepções diante da morte, consideradas rápidas devido ao período entre a descoberta do diagnóstico e o fenômeno, como também pelo comportamento do cônjuge que, ao perceber os sintomas de que algo não estava bem no seu organismo teve resistência em buscar um serviço médico para tratamento.

(...) A morte dele foi de repente, ele não gostava muito de médico, era muito ignorante, ele achava que um chá resolvia tudo, resolvia melhor que um médico. Ele vivia tendo uma diarreia, tomava um chá, parava. Eu dizia sempre para ele ir ao médico e ele dizia: que médico que nada. E quando o chá não resolveu, a diarreia continuou e aí ele se convenceu e aí foi no médico, fez alguns exames, mas o médico não disse nada a ele. (...) (Bromélia, 08 anos de viuvez).

(...) A morte dele foi rápida, quando eu fui levar o café da manhã dele ele já estava morto na cama, ele já tava duro, a mão em cima do peito, ele tossia muito, ele fumava muito, muito mesmo, se ele tinha algum problema de saúde ele não dizia (...) (Flor de Laranjeira, 01 ano de viuvez).

A idéia de procurar qualquer ajuda é evidenciada na literatura de gênero masculino como algo da ordem da “fraqueza, frouxidão”. Há na cultura ocidental cristã, uma tendência geral de creditar ao ‘homem de verdade’, componentes da força, suplantação dos problemas, do sofrimento sem dor ou choro, a expectativa da resolutividade, comportamentos reconhecidos como da esfera feminina.

Segundo Costa (1979), nas descrições médicas, a velhice masculina era repleta de traços físicos e morais repulsivos. De seu espírito não havia mais memória e imaginação e sim a desconfiança, a intolerância, a imprudência. “A decadência física e moral era uma forma de transportar para o social o cerceamento que vinha sofrendo a função política e econômica do chefe da família” (p. 225).

Além disso, no estudo foi visto o comportamento comum de muitos homens em não aceitar a realização exames de controle e de rotina, só buscando ajuda quando realmente a enfermidade se encontra em um estado bastante avançado. Esta situação é reforçada nas palavras da Sra. Bromélia, quando esta se expressa: “E quando o chá não resolveu, a diarreia continuou e aí ele se convenceu e foi ao médico, fez alguns exames, mas o médico não disse nada a ele”.

Esta situação corrobora com os comentários de Papaléo (1996), quando afirma que as mulheres buscam com mais frequência os serviços de saúde para a manutenção do seu bem-estar e para a prevenção de determinadas enfermidades.

Uma outra situação observada foi a de que mesmo possuindo condições para o tratamento, o idoso não respeitou a terapêutica e isso o fez evoluir para óbito.

(...) Ela não tinha problema de saúde, ela sentia uma dor de cabeça crônica, que não havia médico que desse jeito aqui em Feira de Santana, em diversos médicos. Fui a Salvador em diversos médicos, estivemos em São Paulo, fizemos um check-up na maior clínica de lá, entendeu? E não tinha nada, quando chegou aqui foi ao médico e deu um princípio de gastrite, mas ela facilitou, não fazia o tratamento certo, o médico passava tanto comprimido para ela, então esses comprimidos afetam ainda mais o problema, conforme que ela morreu ligeiro, por causa da gastrite que aumentou e teve um princípio também de úlcera, foi uma morte ligeira, ela adoeceu no sábado num hospital que não atendeu ela direito, peguei ela ligeiro, levei para Salvador, mas ela não agüentou mais, a úlcera explodiu, então ela faleceu, uma morte rápida (...) (Lírio 06 anos de viuvez).

Entretanto, para uma das idosas a morte foi considerada um fenômeno rápido, porém inexplicável pela boa saúde e os cuidados do cônjuge consigo mesmo.

(...) Ele morreu rápido demais, ele morreu com 62 anos, morreu jovem, com toda fortaleza do corpo, tinha 1, 80 cm de altura, pesava 80Kg, era bem distribuído, ele se alimentava com muito carinho, ele não se alimentava para ficar empanzinado, ele era muito cuidadoso (...) (Violeta, 16 anos de viuvez)

Neste sentido percebe-se que, para o idoso, há a necessidade de autocuidar-se, a fim de manter o funcionamento normal do corpo, obter uma nutrição adequada, suprir as exigências do corpo na velhice e viver mais. Esses objetivos, porém, podem ser interrompidos pelo surgimento de uma enfermidade inesperada que o leve à morte.

Além disso, a notícia da morte da companheira de forma súbita, fez com que o Sr. Cravo ficasse em estado de choque.

(...) Foi um susto! Agradeço a Deus de não ter dado um colapso... ela só mandou escolher uma neta dela a Arlete pra casa de uma amiga dela, pra levar ela, e comigo, ela disse eu vou ficar aqui Tereza, foi quando deu a parada cardíaca, morreu sentada, assim como tivesse conversando (...)

#### 4.4.3 SABER DA PROXIMIDADE DA MORTE DO CÔNJUGE

A certeza da morte do marido despertou em algumas esposas a tristeza e a angústia. Para a Sra. Bromélia, a visita ao médico naquele dia tornou-se inesquecível, principalmente

por ter que receber a notícia do estado de saúde do seu marido que só seria dada com a presença de um de seus filhos.

Ela relembra: *“O médico falou que ele estava com um tumor no fígado e que tinha pouco tempo de vida e que a gente tinha que tomar muito cuidado. Olhe, foi horrível!”* A família ficou muito triste. Ela ficava então pensando: “Eu então, depois de tantos anos de convivência saber que meu marido ia morrer”.

A tristeza não só era percebida no relato da idosa, como também na expressão facial ao lembrar esse momento. Tomar conhecimento de que a morte de seu marido, companheiro, pai de seus filhos, ia ser rápida.

O relato da Sra. Violeta revela além da tristeza, o desespero pela gravidade do estado de saúde do seu marido. A perda do parceiro com quem compartilhou muitos anos de sua vida, seu amor, alegrias e tristezas, parecia ser insuportável.

(...) Quando o médico me disse que ele estava muito grave, e que não tinha mais jeito, e a maldade já tinha se alastrado, parecia inacreditável que eu ia perder meu marido, eu me escondia para chorar, me escondia para não chorar na frente dele. Ele morreu muito rápido, ele só teve tempo de perder oito quilos. Ele era forte, um homem muito sadio, nunca tinha sentido nada (...).

Já no caso da Sra. Violeta, a notícia dada por seus filhos de que seu marido não estava bem, fez com que a certeza que sentia fosse maior de que não havia nada mais a que fazer, só esperar o resultado final.

(...) E aí o tempo foi passando, passou fevereiro, março, abril, ele foi piorando, e começou umas dores nas pernas, o abdome crescendo, e ainda em abril foi feita uma ultra-sonografia, que deu um problema no fígado. Uma doença, parecendo uma hepatite, aí Dr. Alexandre, pediu para fazer uma biópsia, que achou o fígado muito alto. Foi chegando o mês de maio, quando abriu o corpo dele, viu uma cachoeira de sangue. Eu tinha passado o dia todo lá, depois eu vim para casa tomar banho, trocar de roupa, quando eu cheguei em casa, que eu ia voltar o telefone tocou. Era minha filha, dizendo: Painho não está bem. Já tem um chazinho que já está pronto, tome se deite e vá dormir. Deixe que aqui a gente resolve tudo (...).

#### 4.4.4 O SIGNIFICADO DA PERDA DO CÔNJUGE

A viuvez é um evento comum que altera a vida dos cônjuges. Ela é considerada um dos maiores desafios que um homem pode enfrentar, representa não apenas a perda do parceiro, mas o “rompimento de virtualmente todos os aspectos do sobrevivente” (PAPLAIA, 2002, p. 566).

Aquele que sobrevive a um casamento duradouro tende a enfrentar problemas emocionais, ele remete à perda de um amor, uma pessoa em quem podia confiar, um bom amigo.

(...) A perda do meu marido não foi uma coisa muito boa, eu tive cinco filhos com ele. Não levei muito tempo com ele, ele morreu logo. Foi uma coisa ruim (...) (Rosa, 32 anos de viuvez).

(...) Ah minha filha! A morte dele foi uma tragédia na minha vida, eu me arrasei, quase que eu me apago também, quase me arruinei. Com a perda dele eu tinha impressão que eu estava vagando que eu não ia me recuperar nunca na minha vida de nada mais, tudo para mim tinha morrido, eu queria ficar com a roupa que eu tinha, não comprava mais nada, não me importava com mais nada. Foi um negócio inexplicável, muito repentino, eu não me acostumei, custei a me acostumar e até hoje me sinto magoada ainda (...) (Violeta, 16 anos de viuvez).

(...) A perda foi a pior possível, a pior possível, que eu até hoje estou desorientado, cinco anos e eu não me conformo de maneira alguma, pra mim, tenho a impressão que ela tivesse feito uma viagem, pois a gente viajava muito, pois passamos um tempo fora (...) (Lírio, 05 anos de viuvez).

(...) Eu ter perdido o meu marido foi uma coisa muito sofrida para mim. A morte do meu marido foi rápida, ele morreu de derrame. No início foi muito difícil... (...) (Camélia, 19 anos de viuvez).

A perda do parceiro significa um impacto muito grande para a pessoa, determinando reações variadas, entre elas o desespero, a angústia, a hostilidade, depressão, raiva e tristeza. Doll (2002) revela que após a perda do companheiro o indivíduo apresenta agitação e inquietação, típicas reações comportamentais de pessoas que não sabem o que fazer, muitos dos sentimentos ainda voltados para o falecido, muitos momentos lembrados, existindo a sensação de que ele ainda está presente. Esse mesmo autor complementa que a perda do parceiro tem diferentes significados para o indivíduo a depender, portanto de sua biografia, crenças e valores.

A viuvez é uma das perdas mais estressantes para o homem, a dor de não ter mais o seu companheiro demora muitas vezes a desaparecer. Bee (1997) reforça ainda dizendo que um dos fatores presentes em lidar com a perda do companheiro está também na falta de apoio social disponível e que muitos idosos vivenciem um sofrimento inacabado.

No depoimento da Sra. Violeta é fácil perceber a dificuldade em aceitar a perda do seu marido. Sobre esta situação, Bowlby (1998) classifica a fase do luto como desorganização e desespero onde o indivíduo apresenta depressão e aflição. A perda é aceita, mas para isso o sobrevivente sofre muito e sente impotência.

Um outro fator de destaque observado no discurso da Sra. Margarida, 20 anos de viuvez, foi o desespero diante da proximidade de duas perdas, primeiro a do filho e depois a do marido, fatos que levaram esta idosa a pensar em suicídio. A progressão das perdas no idoso pode estimular o suicídio nesta faixa etária quando que eles têm a maior possibilidade de estarem física ou emocionalmente doentes (PAPALIA, 2002).

(...) A morte dele foi horrível, doeu muito mais porque eu já estava magoada, pois há pouco tempo eu havia perdido um dos meus dois filhos. Uma perda horrível. Porque é um pedaço da gente que vai. Então, eu senti meu coração esfacelado, parecendo que ia sair pela boca, o coração acelerado. Eu senti muita raiva, inclusive eu peguei até uma arma e coloquei no meu ouvido, mas quando eu olhei pra cima para puxar o gatilho, eu vi uma luz, e então eu desistir de puxar o gatilho (...) (Margarida).

Esse mesmo autor reforça a idéia que os idosos que possuem uma convicção religiosa determinada e em parte estão acostumados a enfrentar momentos difíceis em suas vidas têm uma probabilidade bem menor de cometer o suicídio. Às vezes a tentativa de suicídio é um grito de ajuda e não que as pessoas queiram, realmente, por fim em suas vidas, mas sim, que deseje mudá-las e, tentar se matar é um apelo por atenção e auxílio.

Uma outra idosa revela contradições em seu relato, quando se reporta a respeito do falecimento de seu esposo. Era uma sensação de perda muito grande, pois como não tinha mais seus filhos em casa, a partir daquele momento tinha certeza de que ia viver e se sentir sozinha. *“Ele era meu companheiro, meus filhos cresceram, saíram todos, só tinha ele e eu dentro de casa. Depois que ele faleceu, pra mim foi um horror, a casa ficou grande. Eu não consigo mais ficar dentro de casa. Que nada...”*.

Por outro lado, a despeito de demonstrar tristeza com a perda do seu companheiro, a Sra. Bromélia vive bem, no sentido de não ter mais aquela pessoa controlando suas atitudes e demonstrando insatisfação com suas ações. MOTTA (2002) refere que a viuvez é vivenciada em sua maioria, por mulheres, e que esta é repleta de ambivalências e ambigüidades. Neste sentido, conta a idosa:

(...) Vou levando a vida. Homem é muito chato, quando a mulher sai e ele fica esperando em casa, quando chega do trabalho e não encontra a mulher em casa, fica logo perguntando, fica logo de cara feia. Fica zangado. Hoje mesmo eu saí, cheguei em casa 12:30, ninguém me disse nada, se ele tivesse aqui, já tava de cara feia. O que aconteceu, tomei banho, almocei e descansei tranquilamente. E se ele estivesse aqui eu não fazia nada disso, eu já estava preocupada com a cara dele (...).

Neste contexto, ao falar da morte do seu marido a idosa evidenciou essa ambivalência quando de um lado revelou reações consideradas normais de luto, solidão, tristeza e choro,

que durante a entrevista foram demonstrados pela sua expressão facial e a voz trêmula e, de outro, de tranquilidade, de conviver sem as imposições de um marido aborrecido e exigente. Eizirick *et al.* (2001), afirma que é preciso destacar que o significado e a repercussão da morte na vida do indivíduo dependem e diferem do ciclo vital em que esta ocorre. Esse mesmo autor complementa que discorrer sobre a morte é falar sobre um assunto que causa depressão, tristeza, sofrimento.

Por fim, para Falcão (2002), as manifestações de pesar ou de distinção pela perda de alguém podem ser recorrentes da representatividade da pessoa para o sobrevivente, ou pelo prestígio que ela teve ou não em vida na sua relação com os demais; faz-se pelo afeto à família e aos amigos ou pelo destaque na sociedade.

#### 4.5 O DISCURSO DOS VIÚVOS SOBRE A VIUEZ



A viuvez é um evento comum na vida do indivíduo. Afeta mais as mulheres que os homens. Essa perda do companheiro com quem compartilhou o seu amor, os momentos de sua vida, alegrias e tristezas representam percepções heterogêneas acerca do fenômeno.

No decorrer da análise determinar-se-á o real significado da viuvez na vida dos idosos que permanecem viúvos numa Universidade Aberta à Terceira Idade.

##### 4.5.1 ALÍVIO E LIBERDADE

A partir dos depoimentos dos colaboradores percebe-se que para alguns a viuvez é acompanhada pela sensação de liberdade, como se o fato de não ter seu companheiro ao lado estivesse associado a uma carta de alforria para um escravo. Nesta linha de pensamento King

(1994), interpreta esta situação como uma *ocasio libertatis*, ou seja, a libertação de uma escravidão física e psíquica a um marido.

Motta (2002) numa de suas pesquisas com mulheres viúvas revelou aspectos positivos a respeito da morte de seus maridos, o que não surpreendeu às esposas, pois estas viviam numa sociedade capitalista, com relações de poder e subordinação das mulheres vigentes.

(...) Olhe minha filha você pode até estranhar, mas a viuvez para mim foi a liberdade (...) (Tulipa, 34 anos de viuvez).

(...) A viuvez para mim foi uma liberdade, maior liberdade, foi ter que fazer o que queria (...) (Hortência, 15 anos de viuvez).

(...) Ser viúva pra mim é tá feliz não a felicidade assim porque ele morreu, mas porque agora eu to vivendo, porque eu não vivia (...) (Flor de Laranjeira, 1 ano de viuvez.)

Bassit (2002) retrata que em alguns casos de viuvez, algumas idosas consideram a ausência dos seus esposos como uma libertação e um alívio, situação que permite às mesmas, dar vazão aos próprios sentimentos e opiniões.

#### 4.5.2 TRISTEZA E SOLIDÃO

A experiência de vida dos viúvos frente à finitude da vida do parceiro, também aborda aspectos negativos, como solidão e tristeza. A solidão é mais freqüente entre as mulheres idosas do que entre os homens mais velhos e ainda mais entre os viúvos e idosos solteiros.

A solidão é uma condição resultante de perdas no sistema de suporte social, do declínio das participações em atividades sociais. Ela adquire uma escala de estresse a depender do desejo de contatos disponíveis e das alternativas que as pessoas têm de alterar uma situação insatisfatória (Neri, 2004).

De acordo com Doll (2002), a separação do companheiro causa grande impacto na vida do ser humano, que pode ser desde uma tristeza bem profunda, até problemas psíquicos e comportamentais, mediante características sociais e culturais de cada indivíduo.

Bowlby (1998), afirma que a pessoa em luto permanece sentindo a solidão por muito tempo e que os mecanismos para conviver com esta é aceitá-la como algo comum nas circunstâncias da viuvez e que não é culpa do indivíduo em luto.

Eirizik *et al.* (2001), aponta que o sentimento de solidão é resultado da morte do companheiro e que este processo está inserido nas perdas que acompanham a velhice. A

perda é vivida como a remoção de uma das partes do seu corpo, deixando um vazio, um vácuo por toda a vida.

Neste sentido falam os viúvos:

(...) A viuvez é uma coisa muito ruim, uma coisa que a gente se sente muito desamparada. Ser viúva é a gente ficar só. A viuvez não é mole. Tem que aceitar a vida que Deus manda. Agora minha filha, não ter marido não é bom não. Me senti muito só (...) (Rosa, 32 anos de viuvez)

(...) Ser viúva é sentir só, por não ter aquela companhia (...) (Gardênia, 06 anos de viuvez).

(...) A viuvez para mim significa, não tem nem comparação de ruim (...) (Lírio, 05 anos de viuvez).

Em alguns casos observa-se que mesmo o idoso ou a idosa convivendo com seu companheiro ou companheira enferma (o) dentro de casa, afastava a solidão e a presença do mesmo, transmitia segurança e preenchia mais o espaço em sua residência. Sentia-se bem em ter alguém para conversar, o cuidado com seu marido ou sua mulher era uma ocupação. Muitos maridos e esposas continuam a cuidar de seus cônjuges por um longo período de tempo (BEE, 1997).

(...) Ser viúva é ruim demais. Quando ele tava vivo, mesmo velho e doente, eu tinha uma companhia e com isso me sentia mais segura e agora não sozinha, fico com medo de tudo. Amanhecer sozinha numa casa grande (...) (Bromélia, 08 anos de viuvez).

Um outro aspecto importante a ser destacado do que vem a ser a viuvez na vida dos idosos viúvos é o preenchimento do vazio deixado pelo seu esposo ou esposa pela presença e o cuidado constante de seus filhos e entes queridos.

Pincus (1989) destaca que o cuidar dos filhos e netos fornece ao sobrevivente uma fonte natural de conforto emocional no caso da perda do parceiro. Apesar de ser uma situação desgastante e exaustiva, para a viúva, oferece um novo sentido para sua vida, pois permite sentir-se útil e querida minimizando assim a solidão trazida pela viuvez.

(...) A viuvez pra mim... eu não me sinto solitária, porque tenho os meus amigos, meu vizinhos, meus filhos, pode ser que eu ainda me sinta só, mas a minha comunicação é demais, eu quero ver eu sair daqui ali para ir ali, parar com um, dois ou três e não parar na última casa. Todo mundo aqui me conhece, se perguntar, você conhece a professora Flor de Laranjeira, todo mundo sabe onde é, vai levar na porta, do pequeno ao grande. Ensinei aqui perto. A viuvez não é bom, né?. Eu sempre me senti só, pelo comportamento dele, ele era uma pessoa que eu não podia conversar compartilhar as coisas (...) (Flor de Laranjeira, 01 ano de viuvez).

(...) Olhe, a gente tem que aceitar o que Deus faz, mesmo se a mulher é ruim (risos), ninguém quer perder, mas se Deus marca não tem jeito, se morressem todos dois juntos e colocasse no caixão era melhor (...) (Cravo, 08 anos de viuvez).

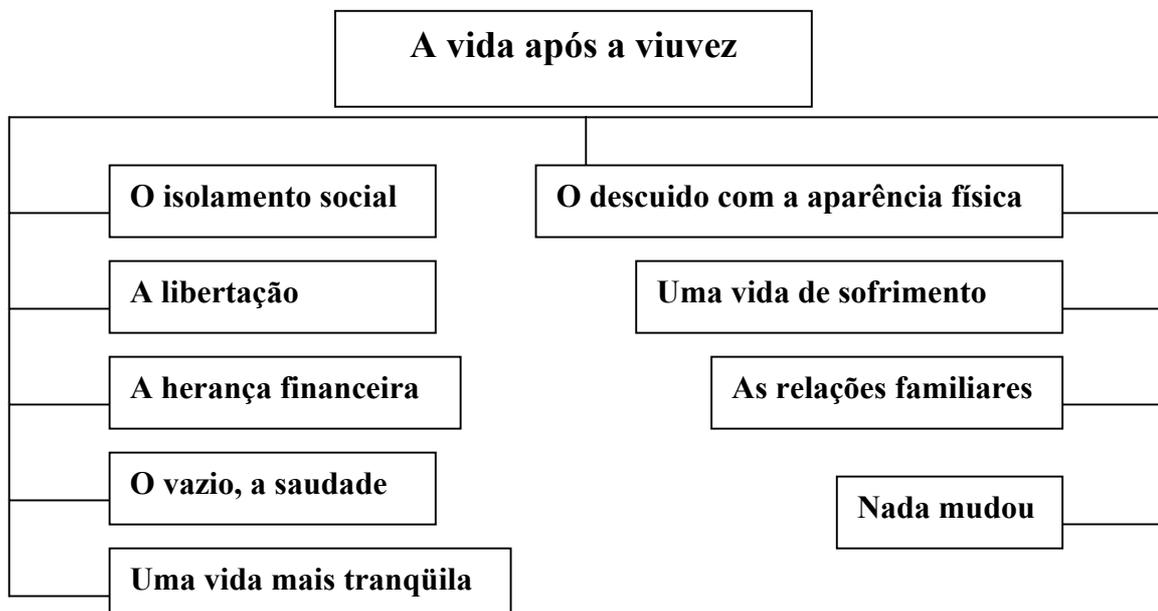
Para alguns casos o sentimento de solidão parece ter vindo antes da viuvez, como também o significado do falecido. Pincus (1989) reforça que existem muitos fatores que interferem nas respostas à perda, entre elas a forma da morte, o conhecimento prévio para a morte do cônjuge, mas o fator crucial são as relações, as interações entre o morto e o sobrevivente.

Para a Sra. Acácia, a viuvez é considerada como uma punição de vida, um sofrimento prolongado que parece não ter fim. A dor da perda não caminha para uma conclusão natural é como se o viúvo ou a viúva tomasse para si o papel de eterno sofredor (VIORST, 2004).

(...) É um castigo muito grande que a gente sente, é uma coisa muito dolorida, é uma coisa que até hoje com dois anos, eu ainda tenho a esperança dele voltar, tem dia que eu penso que ele viajou, como ele ia muito pra Minas pra casa do filho, ia muito mais que eu, tem dia que fico achando que é ele que tá chegando, é ele que tá voltando (...) (Acácia, 02 anos de viuvez).

A esse respeito, Bowlby (1998), afirma que muitas viúvas conservam um forte sentimento da contínua presença do seu companheiro, permanecem pensando muito neles. Em muitos casos, o falecido é visto como um companheiro que segue os passos da pessoa que está enlutada. Parece provável que para muitos viúvos e viúvas esta disposição em manter os apegos ao ente morto faz com que os sentimentos de identidade sejam preservados e tornem-se capazes de organizar as suas vidas.

#### 4.6 A VIDA DO IDOSO APÓS A VIUVEZ



A viuvez é a causa de inúmeras transformações na vida do homem. Quando ela acontece, uma pessoa deixa de ter um companheiro e a morte se faz presente. Ela é considerada um evento que afeta a psique, a saúde das pessoas e as relações com os outros indivíduos. Segundo Doll (2002), o impacto da viuvez e a maneira com que as pessoas enfrentam o luto demonstram grandes diferenças nas opiniões devido às características individuais, à sociedade e à cultura em que estão inseridas.

A literatura sobre a viuvez informa que para a mulher a experiência desse acontecimento significa uma série de mudanças em sua qualidade de vida. Ela desencadeia sérios desajustes pessoais e problemas na saúde mental (RAWLINS, 1987).

Esse mesmo autor revela que quanto às conseqüências sociais, a viuvez provoca um vazio na vida das mulheres idosas e que o preenchimento dessa lacuna é muito difícil. Quanto às conseqüências econômicas, a perda de seus maridos obriga estas mulheres a desenvolver atividades antes realizadas pelo cônjuge como, as despesas da casa, do carro, os reparos do domicílio e os impostos da propriedade.

O choque da viuvez entre homens e mulheres continua existindo na atualidade. Estudos feitos por Parkes (1998), mostram que as mulheres procuram o atendimento psicológico e psiquiátrico mais do que os homens e que para estes é mais comum ter um ataque cardíaco após a perda da companheira.

No que se refere à vida social, os amigos e a família geralmente se reúnem ao lado da pessoa em luto nos primeiros momentos após a morte, mas depois com o tempo, voltam à normalidade de suas vidas. Muitos amigos nesses momentos começam a refletir que poderiam passar pela mesma situação no futuro (PAPALIA, 2002).

A seguir, registra-se o modo como viveram os anos seguintes à perda do esposo ou esposa. É através de seus relatos que são descritas as novas formas de viver e as estratégias que elaboraram para lidar com a vida após a viuvez.

#### 4.6.1 O ISOLAMENTO SOCIAL

Os depoimentos da maioria dos idosos investigados revelam que a solidão e a desolação enfatizam os infortúnios que acompanham as pessoas idosas na velhice. A partida do cônjuge resulta numa perda que causa insegurança e leva o viúvo ao isolamento social. A perda do companheiro desestrutura a vida do indivíduo, principalmente em seus contatos sociais. As amizades já não são mais as mesmas, existem grandes dificuldades em manter as

atividades antes realizadas junto a seu cônjuge. O contato com outras pessoas não tem mais importância, a alegria de viver foi-se junto com seu amor.

(...) Depois que fiquei viúvo, eu fiquei isolado, sozinho, a maior ruína, o maior desastre pra mim foi ter me isolado, por que na época que minha Princesa era viva, esse era como a gente a chamava, a casa vivia cheia, o pessoal da UATI, vinha aqui pra casa, ela tinha um carro grande que levava as amigas para a terceira idade, que ela também fazia parte, era minha companheira também lá, foi pra uma morte, ultimamente pra mim praticamente eu não tô vivendo, tô vegetando, por não tenho meu amor, não tenho amizades como era antigamente, os amigos deixaram de vir aqui, que a casa vivia cheia de colegas, todos os sábados viam aqui, elas viam almoçar com a gente (...) (Lírio, 05 anos de viuvez)

(...) A sociedade mudou depois que eu fiquei viúvo, porque quando ela morava comigo eu tinha uma sociedade maior, eu recebia amigos, muitos amigos, que hospedava Zé Maria, todos esses da política. A sociedade já não é mais aquela (...) (Cravo, 08 anos de viuvez).

Para a viúva Violeta o isolamento social ocorreu em sua vida desde o momento em que se casou. Naquela época a mulher tinha que se dedicar ao marido e a igreja, “as mulheres tinham que se submeter ao marido como o Cristo” (PERNOUD, 1984, p.160).

(...) Agora, os amigos eu isolei tudo. Eu nunca mais convivi com ninguém desde quando eu me casei com ele, mais ninguém, eu vivia em função do meu marido, somente. Depois de um ano e meio falecido, eu vivi um senhor acolhimento. Depois que meu marido morreu. Eu não saía para lugar, meus filhos me chamavam para sair, e eu dizia não, não, aí meus filhos falavam oxente minha mãe, a senhora vai é com a gente. Não eu não vou. Se eu já era presa, me tornei mais presa ainda. (...) (Violeta, 16 anos de viuvez).

Muitas pessoas no primeiro ano de luto, como ainda pensam intensamente nos seus maridos ou esposas, preservam a memória e preferem não ter muitos contatos com o mundo exterior, nem mesmo com seus próprios filhos. Observação reforçada no relato de Violeta.

#### 4.6.2 A LIBERTAÇÃO

Encarar a viuvez como uma liberdade já foi discutida durante esse trabalho, mas observa-se que essa sensação perpetua no momento, durante e após a morte do cônjuge. As histórias orais de algumas idosas do estudo demonstraram que enquanto em vida os seus maridos – digo por que foram apenas as viúvas que pontuaram esse aspecto – estes apresentaram-se como entraves em suas vidas.

Mais uma vez, a vida dessas mulheres passou a ter outro significado, pois ao que parece, antes tinham as mãos atadas, privadas de fazer as coisas que desejavam por que seus companheiros não deixavam ou porque desistiam para evitar conflitos. Na verdade não se sentiam bem em ter alguém controlando os seus passos, a sua vida. Neste sentido, Motta

(2002, p. 7), “revela o sentimento das viúvas “aliviadas” sem negativismo, expressando ao mesmo tempo o modo tradicional de aprisionamento cultural e as possibilidades de um novo modo de ser velha e viúva”.

(...) O que mudou na minha vida depois que fiquei viúva foi a princípio, eu era muito presa, na igreja eu não ficava até tarde, quando eu ia para o louvor, ele sempre perguntava, Que horas o louvor termina? Rapaz que horror, o louvor não termina tarde, aí ele dizia, quero você aqui às quinze pras nove. Às vezes eu deixava o louvor no meio do caminho, aí eu vinha correndo pra casa, e se eu não chegasse no horário que ele determinou, ele ficava perguntando por que demorou assim? Hoje rapaz eu respondia: teve uma reflexão, tinha um sacerdote novo. Se eu fosse na rua eu tinha trinta minutos para ir e para voltar. Aí eu dizia: não pode ser, eu vou andando, vou passar no supermercado J Santos, vou fazer uma comprinha, ele dizia, não não, faça o que tiver de fazer no banco, e volte correndo. Então o que eu senti foi aquela liberdade, ah eu saio, vou para a rua, passo no J. Santos, faço minhas comprinhas e faço um lanche, e vou olhar loja, êta que beleza, e vou a igreja, assisto a minha missa, depois que acaba, faço minhas orações, eu sinto uma total liberdade. Vou aonde eu quero, não tenho mais ninguém pra cobrar que eu volte correndo (...) (Orquídea, 07 anos de viuvez)

(...) Olhe minha vida minha vida melhorou muito depois que ele morreu, melhorou a minha auto-estima, mudou a liberdade que eu não tinha, quando você era dominada por uma pessoa e pra evitar certos problemas a gente acaba aceitando (...) (Tulipa, 34 anos de viuvez).

(...) Depois que eu fiquei viúva, minha vida mudou muito, porque quando a gente tem marido a gente sai e fica naquela preocupação de voltar, que ele vai estar sempre lhe esperando, e agora vivo só, graças a Deus, sempre respeitei ele e até hoje eu o respeito e me respeito (...) (Bromélia, 08 anos de viuvez).

(...) Olhe minha filha deixa eu te dizer uma coisa, a viuvez para mim me deu uma liberdade, que foi uma beleza, hoje eu tenho minha aposentadoria, a pensão que ele me deixou, mas foi eu que paguei. Na minha vida depois que eu fiquei viúva mudou tudo, tive a minha liberdade, tenho a minha liberdade, sou dona do meu nariz, hoje o meu marido são a chave da minha casa, a porta e meus portões. Meu marido é a chave da minha casa. Agora viajo com meus filhos, já fui para Fortaleza, para Porto Seguro. Quando eu fiquei viúva, tudo mudou. Eu só quero viajar, meu genro me dá a passagem, minha filha também me dá a passagem.. Hoje a viuvez me deu uma coisa muito grande, pois eu não tenho ninguém para perguntar aonde eu vou (...) (Hortência, 15 anos de viuvez).

(...) Na minha vida eu achei que a pessoa melhora por que tem mais liberdade, você faz o que quer, vai aonde quer, só faz o que quer, não tem mais aquela responsabilidade de fulano reclamar, eu tenho que voltar para fazer isso. A gente não tem mais a responsabilidade de ter que cozinhar para ninguém. Não tem aquela pessoa mais para dar mais satisfação, não tem mais àquela obrigação de passar, lavar. O que fizer tá bom, e nem não, sempre exigia mais (...) (Flor de Lis, 08 anos de viuvez).

Para a viúva Margarida a liberdade após a morte de seu marido possibilitou a ela tempo e condições para poder trabalhar e ajudar seus filhos.

(...) Quando eu fiquei viúva eu me libertei mais, num é assim logo que fiquei viúva, mas uns cinco anos depois, que eu comecei a me acostumar com a idéia de que não tinha mais um homem. Aí foi que eu comecei a trabalhar pra dar tudo mesmo aos meus filhos (...) (Margarida, 20 anos de viuvez).

#### 4.6.3 A HERANÇA FINANCEIRA

A vida econômica da maioria de nossos viúvos era de responsabilidade dos homens, afinal vinham de uma família patriarcal, tradicionalista onde o sustento da casa era de responsabilidade das pessoas do sexo masculino, em geral empregadores do mercado informal. Nesse processo as mulheres passaram a ser pensionistas dos seus maridos ao tornarem-se viúvas.

Na administração do patrimônio comum, cabe a ambos os cônjuges de acordo com o código civil. O Art. 279 reforça que a administração dos bens do casal compete ao marido, este artigo, portanto é corolário do Art. 233 que dispõe ser o marido o chefe da sociedade conjugal (BEMBOM, 2001).

A pensão herdada do marido em sua maioria representava para essas mulheres a única fonte de renda. A situação econômica em que viviam estava longe de ser “farta”, pois possuíam um número de filhos elevados e muitas despesas. Tal fato não se aplica para a viúva Violeta. Afinal seu marido trabalhava no INSS e a deixou numa condição financeira estável.

(...) Ele me deixou numa condição financeira muito boa, graças a Deus, um salário muito bom, me deixou numa condição financeira muito bem, sem problema nenhum. E quando você tem um marido que lhe deixe numa situação financeira boa, de independência, é muito bom também. Digo que eu não estou melhor, porque não faço mais questão de nada (...) (Violeta, 16 anos de viuvez).

Nesta pesquisa os únicos idosos viúvos se encontram numa situação financeira privilegiada, afinal continuavam fazendo parte da população economicamente ativa do país. O Sr. Lírio atua exclusivamente como corretor de imóveis, pois após a perda da sua esposa delegou a responsabilidade no comércio de artefatos de borracha para os filhos, enquanto que o Sr. Cravo continua negociando e cuidando de suas terras e gado.

(...) Depois que ela faleceu eu abandonei totalmente a loja, tá na mão de minhas filhas e elas tomam conta da loja até hoje. Agora eu não parei totalmente de trabalhar, eu estou em outra atividade, que seja a venda de terreno, financiado para pessoas que chegam de fora e quer uma moradia. Pra loja eu não fui mais (...) (Lírio, 05 anos de viuvez).

Todavia, nem tudo são flores na vida de uma viúva, principalmente para aquelas que tinham como tarefa o exercício de cuidar da casa, dos filhos e dos maridos. A idade, a escolaridade limitada, a falta de habilidade e o longo período fora do mercado de trabalho, apenas cuidando da família, foram obstáculos na vida dessas mulheres para enfrentarem o novo papel de chefe da família causado pela viuvez (ELIOPOULOS, 2005).

-(...) Agora uma coisa eu senti foi que o homem tinha muita responsabilidade e que apesar de pouco ele assumia as despesas de casa, tem mulher que trabalhava pra ajudar o marido e eu não, só depois que ele morreu mesmo é que eu comecei a trabalhar mesmo, antes era só uns biscates, era uma Amélia (...) (Margarida, 20 anos de viuvez).

(...) Na minha vida mudou muita coisa, eu comecei a trabalhar pra criar os filhos tudo... Depois que ele morreu, eu sofri muito. Me sentia sozinha com meus filhos pequenos. Aí eu fui trabalhar pra criar meus filhos, porque quando ele era vivo, eu não trabalhava. Até feira eu não fazia, tudo era ele. Eu tinha uma vida muito parada (...) (Rosa, 32 anos de viuvez).

De acordo com (Bee, 1997), mulheres viúvas aos 30 anos passam por um período mais difícil de adaptação às perdas, se comparadas às mulheres viúvas idosas. Isso poderia ser uma consequência porque uma viuvez precoce desencadeia desvios na vida das pessoas, pelo fato de ter filhos pequenos e precisar sustentá-los. Por outro lado, para a viúva Flor de Lis, sua situação financeira não mudou após a viuvez, já que ela adotou durante toda sua vida o comportamento de independência econômica, buscando sempre ter seu “dinheirinho” à custa de trabalho como costureira, o que acreditava ser um pensamento moderno.

(...) Esse negócio de dificuldade dentro de casa eu não senti nada eu já tinha costume de resolver tudo mesmo, tanto meu como de filho mesmo. De filho ir para a escola, tudo foi assim eu que tomava a frente. Eu não senti falta por isso, porque eu já estava tão habituada. Toda vida eu fui assim, aquilo que eu via que podia fazer, eu não pedia pra ninguém fazer, eu fazia e nem pedia para ele fazer (...) (Flor de Lis, 08 anos de viuvez).

Neste aspecto, confirma-se que as dificuldades econômicas existem e requerem muita atenção principalmente quando o marido é o provedor. A esposa é privada dessa renda e quando fica viúva começa a pagar por muitos dos serviços que o esposo fazia. Para Doll (2002), a perda do sustentador financeiro faz com que as mulheres assumam negócios da família, conflitando as regras sociais.

#### 4.6.4 O VAZIO E A SAUDADE

Segundo Ferreira (1997), a palavra saudade significa uma lembrança nostálgica, e ao mesmo tempo suave, de uma pessoa ou coisa que se encontra muito distante. É pesar pela falta de alguém que nos é querido. Um outro autor, Sacconi (1997) define saudade como o desgosto causado pela ausência do objeto querido, palavra que pode ser usada tanto no plural quanto no singular.

(...) Na minha vida o que mudou foi só a saudade, porque ele nunca me proibiu de nada, nunca criou confusão comigo, se eu dizia que era pedra era pedra mesmo, se fosse pau dizia que era pau mesmo, nunca me contrariou, se não gostasse de algo ele saía para a gente não brigar, mas deixava eu fazer. Depois a minha outra filha casou, ficou em casa, se separou, ficou em casa e aí fiquei criando minha neta. Aí eu fiquei trabalhando, fazendo de tudo pra criar a minha neta. Agora que minha filha tá trabalhando fora é que eu sou para minha neta, mãe, pai, avó, tudo (...) (Gardênia 06 anos de viuvez).

Para Da Matta (1994), a saudade não é apenas uma lembrança de algo ou alguém que ficou no passado, mas um sentimento cheio de mistérios e precioso, pelo qual o homem pode invocar e dialogar com pedaços do tempo e assim trazer de volta os momentos desejados e especiais. A falta do marido é uma coisa marcante na vida da Sra. Violeta, pois ele era literalmente seu companheiro de todos os momentos, na saúde e na doença, na tristeza e na alegria.

(...) A minha vida depois que eu fiquei viúva mudou muito, a companhia me faltou, nós saíamos muito juntos, se eu ia ao mercado ele ia comigo, se nós íamos comprar alguma coisa na rua nós íamos junto, se íamos juntos, vivíamos uma vida sempre em comum acordo, e eu sempre querendo pintar, mas ele não deixava (uma pausa pois Dona Violeta deu muitas risadas.) ou dançar, ir a festa, mas ele não deixava. Se era um aniversário ou uma boate naquela íamos muito para a do Hotel da Bahia, a Oceania... Mas eu sinto falta dele, minha filha, só não sente tanto quando não é uma pessoa boa. Uma pessoa boa faz uma falta tremenda na família, ele era o esteio da família, todo mundo da família adorava ele, todos até hoje sente falta dele (...) (Violeta, 16 anos de viuvez.).

A ausência do esposo também é evidenciada nas reuniões familiares, nos momentos onde os viúvos reúnem-se aos filhos, netos, genros, noras e parentes, situação esta bem retratada no relato da Sra. Orquídea.

(...) A gente sente falta dele, principalmente quando tá a família reunida, agora com o nascimento de minha neta eles dizem: Êta minha filha se painho tivesse aqui ele ia babar com Maria Juliana, ele era muito comunicativo. A gente sente falta de alguém pra conversar, às vezes a gente tinha um desentendimento de casal, mas isso é normal (...) (Orquídea, 07 anos de viuvez).

#### 4.6.5 UMA VIDA MAIS TRANQUILA

Neste estudo, algumas histórias das mulheres idosas revelaram que a ausência dos maridos em suas vidas lhes proporcionou tranquilidade e paz. Acreditam que junto com seus esposos foram-se os problemas, as decepções, as preocupações, a vida cheia de stress e as cobranças.

(...) Depois que ele morreu melhorou. (Risos). Melhorou porque ele era treze anos mais velho do que eu, ele tinha muito ciúme de mim, e ele falava que você tá pensando que está nova, mas você está acabada, toda machucada, tá uma cara pior do que tudo. Então isso aí me derrubava me deixava triste. Só que aí eu comecei a fazer um curso de datilografia, para pelo menos eu sair de casa (...) (Margarida, 20 anos de viuvez).

Nesta fala percebe-se que a viuvez pode ser considerada também uma experiência que leva ao desenvolvimento, embora não seja confirmada a superação da perda, a tristeza e a solidão são substituídas pela confiança na capacidade de arranjar-se por conta própria. As pessoas que melhor adaptam-se são aquelas que facilmente assumem novos trabalhos e papéis sociais (PAPALIA, 2002).

O desejo de não ter mais um constante estresse em sua vida também se fez presente na vida da Sra. Flor de Laranjeira

(...) Olhe minha filha depois que eu fiquei viúva, tudo mudou, tudo... Agora eu tô bem, eu andava muito estressada, com sinceridade, agora eu tô bem... tá pensando que eu saía para a terceira idade tranqüila, eu saía era pensando, preocupada, num tinha aquele prazer de ficar ali despreocupada. Não. Era aquela preocupação de sair e chegar, porque quando ele saía eu ficava ali preocupada, pensando que ele caiu na rua, que alguém bateu nele, que ele passou mal. Era aquela pressão mesmo. Tô menos despreocupada, não tenho mais o que pensar, agora eu tô pensando em meus netos, filhos e bisnetos e genros, preocupação não é. Eu era muito estressada, eu tava muito estressada atendia as pessoas mal, depois eu ficava Oh meu Deus porque eu fiz isso (...) (Flor de Laranjeira, 01 ano de viuvez).

(...) Eu tô podendo viver uma vida tranqüila, pago os meus passeios que quando eu quero pagar. Eu gosto da minha vida de viúva, é tudo uma maravilha, vou para aonde eu quero, os meus filhos vão um dia de sexta-feira tomar uma cervejinha, comer um acarajé, aí eles ligam pra mim e me dizem êpa minha mãe se arrume que eu já estou passando aí. E eu vou. (risos) (...) (Hortência, 5 anos de viuvez).

Segundo Eliopoulos (2005), a maioria das viúvas depois de passar um sofrimento muito grande ao lado de seu esposo e com os momentos iniciais à sua morte, adapta-se bem a sua nova condição. Além disso, novas amizades são construídas ou reavivadas, ao assumir novas funções podem ter um bom rendimento podendo escolher o melhor estilo de vida.

#### 4.6.6 O DESCUIDO COM A APARÊNCIA FÍSICA

A vivência da viuvez vem tomando novos contornos. Para uma das entrevistadas a falta de vontade de viver e o abandono com a aparência física fizeram parte da vivência da viuvez de algumas mulheres, pelo menos no início.

(...) Depois que ele morreu eu só pensava em morrer, não trocava quase de roupa, largava tudo à toa, sapato, não ligava para cortar cabelo, fazer unha, não ligava para mim arrumar, aquela coisa de tomar roupa, vestir uma outra e ficar em casa (...) ( Margarida, 20 anos de viuvez).

#### 4.6.7 VIDA DE SOFRIMENTO

A lamentação pela perda da pessoa amada pode durar muitos anos a depender do modo como o sobrevivente enfrenta e supera a viuvez. Viorst (2004), afirma que dessa forma vivemos atolados num estado de dor intensa e irremediável, presos sem alívio ao sofrimento

(...) A minha vida tem sido um sofrimento, não de passar necessidade, sentir falta de nada, mas sofrimento de me sentir sozinho, isolado, o maior castigo da minha vida é me sentir só. Me sinto totalmente só. A morte é uma coisa que não tem comparação, saber que a pessoa vai e não volta mais é um sofrimento muito grande pra pessoa que fica. Eu queria dizer mais que continuo aqui nesta solidão, pra mim é uma solidão. Minha mulher era minha vida, depois que ela morreu eu me sinto totalmente zero, eu não tenho alegria mais para nada, não vou em festa. Minha vida é muito triste, nada se compara, não tem nenhuma comparação não ter ela ao meu lado, é um sofrimento (...) (Lírio, 05 anos de viuvez).

Entretanto, é válido ressaltar que quando não se consegue e não se decide libertar-se dele, o sofrimento torna-se patológico.

Dentro desse universo do sofrimento pela perda da pessoa amada, o sobrevivente pode ficar preso à fase de anseio e busca da pessoa perdida. Bowlby (1998) reporta que quatro das vinte e duas viúvas do seu estudo, tinham consciência do que estavam buscando. Para tal, visitavam os túmulos dos seus maridos, por exemplo.

(...) Quando vou ao cemitério eu peço a ele pra me dar forças, por que tem dois anos e pra mim, foi ontem. Aquele jeito dele de chegar de conversar de toda manhã tomar sentar, tomar o café comigo antes de sair, é muito difícil, os meninos não gostam que eu reclame que eu chore que isso é ruim, sabe?.. Eu fico uma semana inteira sem chegar no portão, não acho jeito, fico assim achando que estou largando ele, os filhos dizem pra eu me arrumar pra sair, mas eu acho, é coisa minha, que estou traindo a memória dele (...) (Acácia, 02anos de viuvez).

Um outro aspecto é o que se chama de mumificação do morto, onde o viúvo ou a viúva guarda objetos que o companheiro possuiu, no mesmo lugar, antes da morte, do jeito que o mesmo guardava, perpetuando assim a memória deste.

#### 4.6.8 AS RELAÇÕES FAMILIARES

Os relacionamentos são muito importantes para os idosos, muito embora isso decline na velhice. A perda de um familiar neste contexto pode proporcionar a essa família momentos de agonia e ao mesmo tempo de união. Para o pai ou a mãe aceitarem a perda de seu companheiro requer apoio dos filhos e netos para a superação dessa circunstância de vida.

De acordo com Bee (1997, p. 556), o folclore e a imprensa popular com suas descrições da fase tardia adulta, sugerem que a família e os netos, compõem a cerne da vida social dos idosos, especialmente daqueles adultos mais velhos que são viúvos. Observa-se que diante disso há um aumento dos contatos regulares com seus pais e que o amor e o afeto que antes eram fornecidos pelo cônjuge passam a ser doados pelos filhos.

Para alguns viúvos o apoio dos filhos merece destaque:

(...) E depois que eu fiquei viúva, a relação com minha família melhorou, porque todo mundo me deu apoio, todo mundo me ajudou. Hoje a minha vida é bem melhor porque meus filhos já estão todos criados, e ainda me ajudam. Hoje são os meus filhos que me dão tudo. Fiquei viúva muito jovem e nunca tive um homem na minha vida (...) (Rosa, 32 anos de viuvez).

Nas reflexões de Motta (2002), “existe um protecionismo por parte dos filhos, para alguns frutos de afetividade pura, mas que se estendem em cuidados muitas vezes exagerados e, portanto, ao final, cerceadores”.

Um fator que contribui para a boa relação entre a família e os idosos é o respeito mútuo entre as gerações. De um lado indivíduos de idade acima de 60 anos com valores morais, sociais, econômicos e culturais construídos pela quantidade de anos vividos e que teve sua vida cercada de preconceitos, marginalizados pela sociedade. De outro, um grupo de pessoas mais jovens e em fase de descobertas, cultuadas pelo ambiente social com o qual está inserido. É como expressa a Sra. Violeta.

(...) Agora depois que eu fiquei viúva, como todos os filhos me deram apoio, os vizinhos, eu ia me sentindo bem. Essa filha que mora comigo foi incansável, meu genro também, os netos, eles me deram uma cobertura muito boa, para onde eles iam me carregavam, passeavam comigo, até hoje sempre tive muito acolhimento de todos, também vivo muito bem não abuso ninguém, não intervenho ninguém, não aborreço ninguém provooco ninguém (risos), não intervenho com nada, eles com seus casais que se acertem, que vivam a sua vida, eu já vivi a vida também né. Então eu vivo assim, não me meto em nada. Todo muito se preocupa muito comigo. Todo tem uma verdadeira adoração comigo, quando sinto alguma coisa, todos apontam logo aqui.... (...) (VIOLETA, 16 anos de viuvez).

Em algumas circunstâncias, portanto, o que se observa é a manutenção das relações entre o viúvo e seus parentes; é claro que são ligações onde há muito amor, carinho, respeito e atenção de ambas as partes, comportamento este que contribuiu na aceitação da viuvez e na superação da perda. Seminério (1991, p. 10), complementa ao dizer que “a manutenção de um campo aberto de relações interpessoais que em qualquer época é um fator de ajustamento na terceira idade pode ser um verdadeiro antídoto da depressão”.

(...) A minha relação com meus filhos depois que ele morreu continuou a mesma, com a minha vizinhança, meu comportamento é o mesmo, em relação a isto minha vida não mudou em nada, minhas atividades são as mesmas, vou pra rua receber meu dinheiro, pagar a quem eu devo, meus vizinhos são maravilhosos se eu precisar de qualquer coisa eles estão rente comigo, meus filhos me ligam quando eles lembram, eu ligo também, sempre me ligam, mainha tá tudo bem? Tô e eu digo: E vocês. Eu ligo mais, mas também eles têm uma vida muito ocupada, tem as atividades, e eu sempre ligo, porque eles sempre ficam preocupados por eu está sozinha (...) (Flor de Laranjeira, 01 ano de viuvez).

(...) Pra mim a viuvez me deu muita diferença, mas nem todo mundo tem a sorte que eu tive, porque quando fica viúvo, os filhos, nora, genro perturba, fica no calo. E a minha felicidade com eles foi que até hoje, nenhum quis me manobrar, o que ela deixou de bem eles nunca se envolveram. Nunca saíram daqui pra chegar na fazenda e perguntar quantas cabeças de gado minha mãe deixou. Eles todos, nora,

genro me adoram e me adotam como um pai. Eu as considero como filhas. Me tratam bem, se eu tiver alguma coisa todos se preocupam comigo... Não me sinto muito só por causa da filha, ela se preocupa demais comigo, e até digo a ela, que se eu vou pra Salvador liga toda hora, se ela sai e eu fico aqui ela liga umas três ou quatro vezes para mim. (...) (Cravo, 08 anos de viuvez).

Um outro fator de destaque que o estudo trouxe foi uma realidade familiar diferente da situação atual, pois se percebe que, na modernidade, o que ocorre é uma desestruturação da família, motivada por diversos fatores, e dentre eles, o afrouxamento dos laços em família, o enfraquecimento da autoridade paterna, uma vez que as mulheres estão assumindo o comando da situação, a rebeldia dos adolescentes, etc., contribuindo para que os membros da família ao invés de se tornarem aliados, tornem-se inimigos, desencadeando uma guerra entre os sexos e as gerações.

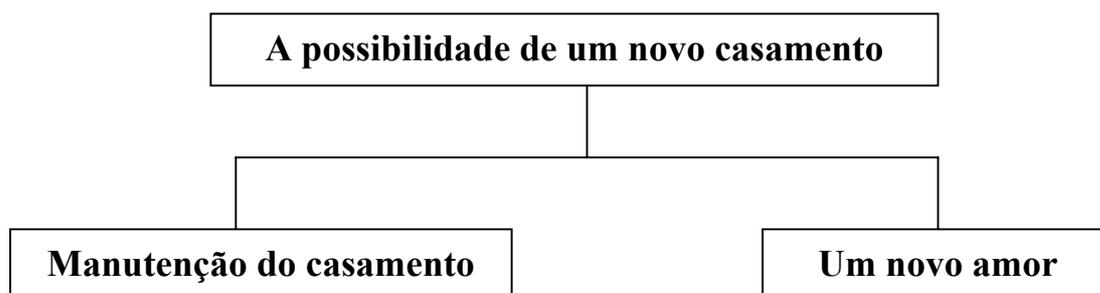
#### 4.6.9 NADA MUDOU

Foram trazidos muitos depoimentos acerca das modificações ocorridas na vida dos idosos com a viuvez, entretanto, para uma idosa da pesquisa esta situação não se aplicou, pois segundo ela, a morte do marido não alterou suas relações com a família e os amigos.

(...) Depois que eu fiquei viúva, a minha vida continuou a mesma, continuei sendo a mesma pessoa, a minha convivência com minha família continuou sempre muito boa, porque tenho filhos muito maravilhosos, os meus filhos preencheram todo o vazio que a viuvez me trouxe, depois da perda de meu marido. A minha relação com as outras pessoas também continuou a mesma (...) (Camélia, 19 anos de viuvez).

Neste sentido, é válido afirmar que a direção e o fluxo de apoio entre os idosos e seus filhos estão associados ao *status* conjugal de ambos, da condição financeira, social, cultural e da necessidade da atenção.

### 4.7 A POSSIBILIDADE DE UM NOVO CASAMENTO



A perda da relação parceiro/casamento devido à morte do cônjuge altera o padrão na vida do idoso quanto a possibilidades de um novo amor. A viuvez é um fenômeno eminentemente feminino, porém um novo casamento após a morte do companheiro tem sido um fato entre os viúvos.

Os viúvos idosos são mais inclinados a se casarem novamente do que as viúvas idosas, tudo isso em função da possibilidade de sua nova esposa possuir uma idade inferior a sua e do incentivo social pelo fato das mulheres tratarem das suas necessidades domésticas (PAPALIA, 2002).

Esse mesmo autor demonstra que num estudo realizado com 24 idosos que estavam no segundo casamento com idade de 60 anos, tinham enviuvado. Essas novas esposas foram apresentadas por amigos ou parentes, ou simplesmente já haviam tido contato com ela durante o primeiro casamento. Eles mencionavam que ao casar-se novamente tinham uma companhia pra afastar a solidão.

Um outro aspecto a ser discutido quanto ao casamento após os 60 anos entre os homens, deve-se a fatores culturais onde a sociedade aceita com naturalidade um senhor idoso receber afeto e ter uma companheira no final de sua vida, podendo ocorrer com uma mulher mais jovem. Os viúvos se casam com mais frequência que as mulheres (VERAS, 1999).

Na civilização Hindu, a viúva era proibida de casar-se novamente, era um escândalo para a sociedade, para estas restavam a castidade, a veneração pela memória do marido vivo e os cuidados com seus filhos eram as atividades apropriadas para sua condição social. A regra contra um novo casamento na Índia era rigorosa (GOOD, 1969).

Para a civilização naquela época, até os fins do século XIX, a viúva tinha que cometer *sati* uma espécie de suicídio sobre a pira dos funerais do marido falecido, a única alternativa era uma vida casta até morrer. Além disso, tinham suas cabeças raspadas, eram obrigadas a usar vestimentas brancas, não comer carne e fazer apenas uma refeição por dia, a sua presença era considerada uma coisa ruim e não eram convidadas para nenhuma comemoração na comunidade (GOOD, 1969).

Nesse processo histórico quanto ao novo casamento de uma viúva na Índia, os ingleses se opuseram ao *sati*, elaborando uma Lei contrária a este costume, portanto de Impedimento ao *sati*, em 1829, mas foi em 1856 que surgiu uma lei permitindo um novo casamento para as viúvas. Embora, as mulheres conquistassem esses direitos, notava-se a rejeição e repressão como consequência ao novo casamento da viúva.

A crescente aprovação a que a viúva se case novamente parece basear-se primacialmente em argumentos éticos e ideológicos, tornados mais intensos pelo fato desse ter sido um assunto de consideráveis debates nos círculos legais e filosóficos hindus durante muitas décadas. Permissão para a viúva tornar a casar-se está em harmonia com o ligeiro, porém crescente sentimento em favor da escolha individual e, naturalmente, existem também razões a favor desse novo casamento (GOOD, 395).

Em contrapartida, segundo Bowlby (1998), poucas viúvas casam-se novamente pelo fato de serem raros os pretendentes e por estas relutar em ao menos examinar a possibilidade de um casamento.

No discurso de nossas flores foi dito por todas elas que um novo casamento era uma coisa impossível de acontecer tanto para viúvos quanto para as viúvas.

Para a senhora Margarida a possibilidade de um novo casamento foi afastada pelo fato de não querer mais ter um marido, desde quando adquiriu sua independência, a qual pretende manter até os últimos dias de sua vida.

(...) Olhe minha filha, Casar! Não. Não casaria de novo, porque eu já sou uma pessoa independente e não aceito mais entendeu, não tenho mais paciência para aturar homem não (...) (Margarida, 20 anos de viuvez)

(...) Eu jamais me casaria de novo, pra perder minha liberdade, Deus me livre. Eu minha filha pra que eu quero mais casar. Deus me defenda. Eu gosto de viajar. E se eu tiver alguém, mesmo que eu goste dele, eu não vou poder viajar. Que pra ir dois a despesa é grande, e um é mais melhor. Pra viajar e deixar uma pessoa só, também não dá (...) (Bromélia, 08 anos de viuvez).

Um outro aspecto citado pelos colaboradores quanto à negação de um novo casamento refere-se ao fato de terem se tornado viúvas muito jovens, com seus filhos ainda muito pequenos, terem tido que trabalhar para o sustento da família. Todavia, mesmo com todo seu tempo voltado para os descendentes, ainda conseguiam atrair pretendentes.

(...) Eu não casaria de novo, porque quem é que ia querer uma mulher com cinco filhos e também eu não queria. Nunca tive vontade de ter um outro homem. Minha vida era trabalhar, colocar os filhos para estudar, minha vida era toda voltada pros filhos depois que o meu marido morreu Fiquei viúva muito jovem e nunca tive um homem na minha vida. Achar a gente até acha um pretendente, mais eu nunca quis (...) (Rosa, 32 anos de viuvez).

Na verdade, após a morte do cônjuge o sobrevivente assume a papel de mãe e de pai ao mesmo tempo, adquirindo papéis aos quais anda não estava acostumado e começa a adquirir habilidades novas para enfrentar o luto, a viuvez (BOWBLY, 1998).

Um outro fator que também influencia na decisão de não querer uma nova união refere-se à experiência do primeiro casamento, a responsabilidade diante de ter que cuidar de uma pessoa com mais idade, a privação de sua liberdade, a idade do cônjuge, as circunstâncias do evento fatal, as relações da família na época e a herança espiritual e material.

#### 4.7.1 MANUTENÇÃO DA VIUVEZ

Ao questionar para alguns viúvos sobre a possibilidade de um novo amor em suas vidas, o idoso se volta para as lembranças de uma convivência sofrida, de cobranças, de decepções em ter passado muitos anos de sua vida ao lado de uma pessoa que não lhe deu seu real valor, só sofrimento.

Bassiti, (2002), em um dos seus estudos observou que houve desinteresse na busca de um novo companheiro, após a morte do esposo. Como justificativa, as mulheres investigadas responderam que estavam envolvidas com outras atividades, no trabalho, cuidando da casa, ou pelo preconceito dos parentes a este tipo de comportamento. Algumas destacaram suas dificuldades nos primeiros relacionamentos e falaram que não pretendiam repetir a experiência.

(...) Não casaria de novo, porque minha filha a gente sai de uma situação, e se casar de novo, volta tudo de novo, enfrentar uma nova situação, ainda mais que a gente já está acostumada a não ter mais ninguém. Eu prefiro ruminar com a palavra de Deus (...) (Orquídea, 07 anos de viuvez).

(...) Olhe minha filha, eu acho que não casaria de novo (...) (Gardênia, 6 anos de viuvez)

(...) Eu depois disso, disse que não queria casar com mais ninguém (...) (Tulipa, 34 anos de viuvez).

(...) Olhe minha filha eu jamais me casaria de novo, Deus me livre. Aí não. Porque homem sempre gosta de causar confusão, então porque eu vou querer mais se meus netos já estão grandes, meus filhos também. Pra que mais. Eu acho uma verdadeira loucura casar com um homem velho para ter mais trabalho, já me vi livre, não sou maluca, que nada. (...) (Flor de Lis, 08 anos de viuvez).

(...) Eu jamais me casaria de novo, pra perder minha liberdade, Deus me livre. Eu minha filha pra que eu quero mais casar. Deus me defenda. Eu gosto de viajar. E se eu tiver alguém, mesmo que eu goste dele, eu não vou poder viajar. Que pra ir dois a despesa é grande, e um é mais melhor. Pra viajar e deixar uma pessoa só, também não dá (...) (Bromélia, 08 anos de viuvez).

(...) Olhe minha filha eu jamais me casaria de novo, de jeito nenhum tenho os meus filhos aí, passei tanta decepção na minha vida pra quê. Eu quero não (...) (Flor de Laranjeira, 01 ano de viuvez).

(...) Olhe minha filha eu jamais casaria de novo, casamos menino, me fez mulher, não me deu o valor que eu merecia, e eu vou outro homem, que nada eu tenho meus filhos, tenho o meu quarto, tenho a minha casa e eu vou trazer homem pra dentro de casa, uma outra pessoa que meus filhos não se dão. Eu já tive um homem que me deu uns bons momentos e maus momentos. (...) (Hortência, 15 anos de viuvez).

Neste contexto, é possível observar que a opção de não ter um novo companheiro após a morte do marido, deve-se ao fato da idosa prevenir conflitos familiares, pois, para ambos suas famílias já estão formadas e o risco de aceitação é menor. Bowbly, em 1998, já declarava que muitas viúvas não se casavam novamente, pois tinham medo dos atritos com seus filhos, padrasto e netos, além disso, ele complementa que estas temem uma segunda perda.

(...) Outro dia uma colega lá da terceira idade me perguntou se eu casaria de novo, e eu disse que não porque ela tem a sociedade dela, tem os filhos dela, e eu não sei amanhã o que pode acontecer. Eu até hoje eu nunca procurei ninguém, eu tenho 87 anos e não tenho ninguém e não tenho inimigos, posso andar de corpo aberto. Eu digo não é o casar, mas como casar (risos) (...) (Cravo, 08 anos de viuvez).

(...) Agora eu uma mulher vivida, ia arranjar um fardo para colocar nas minhas costas pra hoje está sofrendo, às vezes até em desarmonia com os meus filhos, viver um relacionamento ruim com os meus filhos, por que uns podiam gostar, outros não. Depois de tudo crescido com sua vida..., eu arranjar um outro pai para o meu filho. Agora se eu quisesse arranjava um namorado e até um marido, mas eu não quero (...) (Camélia, 19 anos de viuvez).

A recusa em ter uma nova união em sua vida, para alguns idosos, é uma garantia, pois para elas ou eles, suas companheiras ou companheiros foram pessoas maravilhosas, formidáveis, boas, atenciosas e amorosas e seus casamentos repletos de alegria, felicidade, união e amor. Estes, portanto, acreditavam que uma companhia igual à que tiveram, não voltariam a encontrar em suas vidas.

(...) E eu jamais me casaria de novo, de jeito nenhum, meu marido era insubstituível, um homem como aquele não se acha mais, era ele muito cuidadoso, arrumado, todas as qualidades boas ele tinha, ele só tinha uma de ruim, era o ciúme, só, Ah, minha nossa!, ele era ciumento demais, era demais, demais, no sentido de viver pra ele, olhar para ele, só pensando nele, sem olhar pra lugar nenhum (...) (Violeta, 16 anos de viuvez).

(...) Olhe minha filha em não me casaria de novo, por que não, porque eu nunca encontraria uma companheira como a primeira. Até que surgiu mas muito por interesse, muito interessadas. As mulheres que aparecem hoje são a base por interesse, e eu também me sinto acanhado, bastante idoso, para procurar casamento de novo, com essa idade eu não poderia casar. O meu amor pela Pequena era muito bonito e muito forte, e começamos muito cedo (...) (Lírio, 05 anos de viuvez).

Para Bowlby (1998), um ano após o falecimento do companheiro, a persistência da fidelidade ao marido era considerada um dos principais obstáculos ao novo casamento para as viúvas num estudo na Cidade de Boston, USA. Além disso, muitas viúvas ainda pensavam nos seus maridos e tinham a sensação da presença dele. O casamento era uma coisa única e singular,

(...) Eu acho que casamento, pra mim, é um só. Mesmo se eu ficasse viúva nova eu não casaria. Agora tem muita viúva nova, de vinte, trinta e poucos anos que casam de novo (...) (Acácia, 02 anos de viuvez).

Essa circunstância foi reforçada por Motta (2002) ao falar que o casamento é uma experiência que deve acontecer apenas uma vez na vida, seja no caso da satisfação e felicidade do casamento anterior ou pela descrença de encontrar um homem bom que tiveram.

Observa-se que nos discursos da Sra. Acácia e do Sr. Lírio, estes revelam o comportamento da sociedade atual frente ao casamento, em que as mulheres cada vez mais estão independentes em fazer suas próprias escolhas, unindo-se aos homens numa relação de interesse, bem-estar pessoal, na busca da felicidade e um relacionamento que lhe traga confiança e estabilidade. Segundo Borghetti (2001) o casamento representa uma mudança de status de todos os indivíduos.

Souza (2005), afirma que a elaboração e a readaptação a essa nova etapa de vida, privada pela presença do seu esposo, parece ser mais rápida para os homens, do que para as mulheres, pelo fato da sociedade incentivar um novo matrimônio para o viúvo, enquanto para a viúva, reserva-se um extenso período de luto em memória do falecido.

#### 4.7.2 UM NOVO AMOR SEM COMPROMISSO

As histórias de viúvos apontam um novo padrão de relacionamento em que o idoso mesmo após a morte do cônjuge é capaz de estabelecer uma relação amorosa com o indivíduo do sexo oposto sem ressentimento ou compromisso. A convivência com a pessoa escolhida é baseada no respeito, na compreensão, no fazer companhia um ao outro e na alegria de estarem juntos.

Este estudo nos leva a uma reflexão sobre os relacionamentos e a mentalidade das pessoas com idade acima de 60 anos nos dias atuais, onde se observa um comportamento distinto de algumas décadas atrás. A pesquisa revelou que atualmente as idosas buscam relacionar-se com homens muitas vezes mais novos ou da mesma idade, que atendam requisitos estabelecidos pelas mesmas, visto que querem um companheiro que lhes ofereçam

paz e diversão e não lhes tragam problemas, que sejam independentes e possuam objetivos semelhantes aos delas.

(...) Agora minha filha eu queria ter um namorado, namorado só que ele na casa dele e eu na minha, pra gente participar de viagens, dos passeios juntos e participar de carinho, mas pra morar, casar e viver junto. Aí não. Eu tenho vontade de ter um namorado, um namorado também que fosse da minha simpatia, e que eu sentisse alguma coisa por ele, porque tem gente que ter um namorado só para dizer que tem um homem ao lado. Eu queria uma pessoa civilizada, compreensiva, educada, todo arrumadinho. Aqui perto tem um senhor que anda todo arrumadinho, cheiroso, e eu vou ver se ele se simpatiza comigo, quem sabe logo, logo, arranjo um namorado (risos). Mas quem sabe vou chamar as meninas da UATI pra conhecer ele (risos) (...) (Margarida, 20 anos de viuvez).

(...) Agora se eu encontrasse uma pessoa que preenchesse os meus pré-requisitos, eu podia ter para sair, passear, dançar que eu gosto de dançar, fosse uma pessoa que fosse do meu ritmo... Hoje as coisas são muito diferentes, um jovem só que mulheres um pouco mais velha, e um velho só que meninas mais novas. E eu não vou sair no ridículo de viver com um homem mais novo. Pra minha neta dizer olhe aí o namoradinho da minha avó, aí não dá. Outra coisa, quem tem uma condição financeira boa vai procurar quem tem uma vida financeira melhor ainda. E quem não tem vai levar o que eu tenho e lutei com tanto tempo, não, não vai, é uma dor de cabeça, um problema (...) (Gardênia, 06 anos de viuvez).

Em um estudo realizado por MOTTA (2004), as viúvas demonstraram o desejo de namorar, “curtir”, sair juntos, mas de não casar de novo. É a chamada geração jovem, onde o momento é a liberdade que as suas mães jamais sequer pensaram – o tempo de olhar e pensar em si e não mais nos filhos. Um período em que a sociedade resolveu aliviar o luto das viúvas, permitindo a elas sentirem-se mais leves e livres.

#### 4.8 PERSPECTIVAS FUTURAS NA VIDA DE UM VIÚVO



A velhice é a fase da vida em que o homem assume uma postura de reflexão diante da sua existência, da sua vida, das conquistas, do que foi, do que é e do que será. Diante disso descreve-se a seguir, as perspectivas futuras daqueles que permanecem viúvos.

#### 4.8.1 A VIDA EM FAMÍLIA

Embora a condição de avó e avô esteja intimamente associada à velhice, a partir do reconhecimento desse novo papel social o indivíduo desempenha um outro papel muito importante no seio familiar. “O nascimento de um neto coloca o indivíduo frente a uma realidade do crescimento dos filhos, de passarem para a terceira geração” (EIRIZICK *et al.*, 2001, p.182).

Os netos, por sua vez, podem trazer para os avós uma nova alegria, um novo significado em suas vidas. Muitos destes dedicam boa parte do seu tempo a oferecer amor, carinho, atenção, pois não estão mais sobrecarregados em cuidar de seus próprios filhos. Aliado a isso, “os idosos podem compartilhar com seus netos as lições de vida aprendidas durante a vida, histórias e tradições familiares” (ELIOPOULOS, 2005, p.62).

(...) Eu não sei minha filha sobre o futuro eu quero que meus filhos sejam felizes, por que eles estando felizes eu também estou. Meu futuro está nas mãos de Deus. E está junto dos filhos e dos amigos. Agora vivo a minha netinha a Maria Juliana, uma graça (...) (Orquídea, 07 anos de viuvez).

(...) Meu plano de vida, que eu não sei quanto tempo ainda tenho de vida, é viver do jeito que vivo, é viver pelos filhos, quando uns precisar eu estou, quando outros precisam eu também estou, e pedir a Deus pra me dar vida enquanto ele achar que eu possa ter, pra olhar e dar apoio aos filhos enquanto necessário for. Meu plano de vida é esse, continuar a mesma vida, muita fé em Deus, eu peço todas as manhãs, agradeço muito a ele (...).

Entretanto de acordo com as mudanças comportamentais na sociedade atual, Eliopoulos (2005), revela que além dos idosos terem que se adaptar aos novos estilos e estruturas familiares, a situação inversa também é notória, visto que muitas avós em vez de serem caseiras são hoje muito diferentes, podendo possuir ainda uma vida ativa e uma agenda social ocupada.

Um outro aspecto apontado pelos viúvos foi que a incerteza e a falta de planejamento para o futuro retratam que o idoso ao enviuvar-se prefere não estabelecer rotinas e regras para sua vida, desejam que os acontecimentos e as circunstâncias guiem os seus passos preservando o convívio familiar.

(...) Eu não planejo nada da vida, só em viver em família. No mês passado eu passei oito dias viajando, fui ver minha filha caçula (...) (Lírio, 05 anos de viuvez).

A perspectiva do futuro para a viúva Hortência é manter o presente, o seu padrão de vida com toda liberdade advinda com a viuvez.

(...) O plano que tenho para o futuro é terminar meus dias de vida como eu estou tá bom demais. Sou independente, não dependo de ninguém pra nada, tudo que estiver ao alcance de uma pessoa fazer, eu faço. Tenho netos maravilhosos, quero ter um bisneto. Digo sempre ao meu bisneto, quero tudo na hora certa, nada antecipado (...) (Hortência, 15 anos de viuvez).

Para a viúva Camélia o desejo para os próximos anos de vida é o de deixar seus filhos com uma condição financeira boa, uma boa casa, um bom emprego, bem casados, em paz com o mundo para quando a morte dela própria chegar, ter a sensação do dever cumprido.

(...) A única coisa que quero, quando Deus me levar é que eu deixe meus filhos muito felizes, em paz (Camélia, 19 anos de viuvez).

#### 4.8.2 SAIR, DISTRAIR-SE, VIAJAR

A liberdade, a autonomia e a independência advinda com a viuvez proporcionam aos viúvos uma vida sem limites. Os próximos dias são vivenciados como se fossem os últimos, o lema é viver intensamente, aproveitar cada momento fazendo o que se gosta. Viajar, conhecer pessoas e culturas diferentes, este é um dos programas mais almejados pelos viúvos.

(...) Meu plano para o futuro é continuar a viver a vida em paz e viajar, adoro viajar (...) (Violeta).

(...) Daqui pra frente, eu quero ter saúde para sair, se eu tivesse dinheiro eu pegava um avião e ia para Fortaleza, ia pra São Paulo, corria o mundo, mas como meu dinheiro não dá eu me mando para Salvador. Vou a Aracaju. Eu se tivesse dinheiro só vivia viajando, conhecer outras pessoas aqui é que eu fico chateada. Aqui não tenho muito o que fazer, para me distrair. Aí quando eu quero sair eu vou para Salvador. Aqui eu só vou para a UATI, quando tem uma palestra boa. (...) (Flor de Lis).

#### 4.8.3 A DEUS PERTENCE

Entregar a vida a Deus é um relato que está presente na maioria dos discursos dos idosos do estudo. A crença nessa santidade é muito forte.

(...) Olhe minha filha, o que eu quero pra mim é viver bem até o dia que Deus permitir (...) (Margarida, 20 anos de viuvez).

(...) Olhe minha filha, eu planejo só as graças de Deus, pode dizer (...) (Cravo, 08 anos de viuvez).

Para a viúva Flor de Laranjeira além de acreditar em Deus e em tudo que ele fizer em sua vida, reconhece que o cuidado com a sua saúde e a participação efetiva na UATI é algo certo para o futuro.

(...) Minha vida, meus planos do futuro a Deus pertence, viver a minha vida, participar do grupo da terceira idade que é minha realização, faço teatro, coral, dança moderna, cuidar da minha saúde que está em primeiro lugar, que se eu tiver alguma coisa eu ligo, ele me adoram, todos os dias eu ligo pra ele (...). (Flor de Laranjeira).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da História Oral Temática acerca da viuvez na vida dos idosos viúvos, analisados com base à análise de conteúdo pode-se compreender alguns processos pelo quais passam os idosos viúvos de uma Universidade Aberta à Terceira Idade e compreender também outras questões acerca da temática.

Com o intuito de contribuir para o avanço nos estudos sobre a viuvez e para a melhoria da prática da enfermagem gerontogeriátrica, procurou-se interiorizar as informações obtidas a partir dos discursos e, a fim de responder-se aos objetivos propostos.

Optou-se por um estudo de natureza qualitativa, uma vez que, ao trabalhar crenças, hábitos e sentimentos, dentre outras informações da mesma natureza, torna-se difícil quantificá-las, tendo em vista as questões de ordens diversas que envolvem o tema viuvez e a magnitude e importância das mesmas, tendo em vista todas as questões e implicações anteriormente abordadas.

Motivada por experiência pessoal e profissional com idosos viúvos, esta autora empreendeu esforços para investigar esse fenômeno na vida dos idosos na perspectiva dos viúvos de uma Universidade Aberta à Terceira Idade. Partindo do princípio de que a viuvez é um acontecimento natural causado pela morte do cônjuge. De acordo com a situação de vida do idoso e as circunstâncias dessa perda podem ocorrer inúmeras transformações.

Embora seja um episódio comum na vida de um casal, nota-se a escassez de literatura sobre a temática, principalmente na faixa etária acima de 60 anos, embora considerando que com o aumento da expectativa de vida, haverá menos mortes e, conseqüentemente menos viúvos.

Com o processo de feminização da velhice, a viuvez é um fenômeno que atinge mais as pessoas do sexo feminino por diversas razões. Dentre elas, pode-se destacar que uma das principais razões, como mencionado anteriormente está concentrado na busca dos serviços de saúde pelas mulheres, mais que os homens e ainda segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em média as mulheres vivem oito anos a mais que os homens devido às diversas modificações sociais e aos eventos do ciclo de vida e que essa maior longevidade feminina implica no maior número de viúvas (IBGE, 2000).

No decorrer da história, as viúvas sempre formaram um grupo marginalizado, uma ameaça à moral e aos bons costumes. Ser viúva era sinônimo de privação, isolamento social, recolhimento à invisibilidade, pois, com o advento da viuvez as mulheres perdiam o *status* de esposa e de autoridade de mãe.

As mulheres viviam submissas aos homens, eram responsáveis pelo cuidado do lar, filhos e marido. As relações matrimoniais eram de muito respeito e elas aceitavam tudo que os seus companheiros faziam pensando no bem-estar familiar.

Falar de viuvez é defrontar com a morte, um evento natural da vida que ultrapassa gerações e que segue sendo negligenciada e negada pela sociedade. A morte, por sua vez, é diferente, pois não significa a mesma coisa para uma criança, um adulto ou um idoso.

Além disso, o modo de enfrentá-la depende da idade, da geração e da cultura. Durante a construção deste estudo identificou-se as várias questões que envolvem a morte. São diversas as maneiras de encarar-se a morte a depender da cultura, religião, dentre outros pontos de vista que devem ser considerados.

No processo de morte e luto observam-se reações e atitudes diversas que alguns autores dividem em estágios. Elisabeth Kubler-Ross divide em cinco, os estágios da morte os quais se identificam desde a negação, a raiva, a barganha, até a depressão e aceitação, o que não significa que todos estes estágios, sejam necessariamente vividos pelas pessoas que se deparam com a morte.

Ao falar da morte dos seus companheiros, os viúvos relembram dos momentos que passaram juntos, dos filhos, da convivência familiar, das conquistas e das derrotas, do sentido de ser avó e avô, vivenciados em circunstâncias diferentes com alguns em suas residências enquanto outros num ambiente hospitalar.

Na verdade muitas destas mortes que aconteceram no hospital foram devido à resistência dos maridos em buscar tratamento médico adequado aos primeiros sintomas de que sua saúde não estava indo bem. Tal fato retrata o que se vê na literatura quanto ao comportamento masculino de isentar-se da prevenção e promoção à saúde.

As reações diante da morte mostraram que esta pode ser encarada de diversas maneiras, entre elas, como um evento efêmero pela proximidade entre esta e a descoberta do diagnóstico, um acontecimento natural ou já esperada por seus companheiros apresentarem a saúde bastante comprometida e ainda, por tratar-se de um fenômeno inexorável ao ciclo vital.

Neste sentido, o significado da perda dos companheiros e das companheiras esteve rodeado de sentimentos heterogêneos para as viúvas e viúvos. De um lado, uma tragédia por não ter mais a presença do seu amor, do amigo, do seu confidente, de um casamento duradouro. Por outro, uma tristeza em suas vidas, um momento de stress.

Em seus discursos foi possível destacar a influência da viuvez na vida dos idosos no que se refere à proximidade das relações familiares, dos amigos e de outros parentes. Em virtude da perda do companheiro, muitas mulheres tiveram a oportunidade de enfrentar o

primeiro emprego, assim como o isolamento social, ocasionado pela dificuldade de interagir com outras pessoas sem contar com a ajuda do companheiro.

Em contrapartida a isso, tem-se a sensação de liberdade, um alívio de não mais obrigar-se a conviver com aquela pessoa com todos os seus problemas, decepções, o fim de uma relação conflituosa e desgastante, um casamento infeliz. Além disso, identificou-se o desejo de uma vida mais tranqüila, principalmente para aqueles viúvos que vivenciaram um casamento tumultuado, cheio de entraves.

Diante disso, tem-se que em virtude do primeiro casamento, os viúvos não pretendem ter um segundo, embora alguns busquem ter um namorado como uma alternativa para preencher o vazio deixado pela viuvez, através de uma forma moderna, vivendo em casas separadas e individualidades respeitadas. O que sem dúvida reflete uma mudança comportamental das pessoas com idade acima de 60 anos.

Neste contexto, a visão de futuro para o idoso refere em viver com sua família da forma que Deus permitir sem muitos planejamentos ou rotinas, visando seu bem-estar imediato, principalmente porque a convivência familiar nas narrativas revelou-se muito harmônica e amorosa.

A autora crê que esse estudo pode contribuir para a construção do conhecimento sobre temáticas importantes na geriatria, gerontologia, sociologia e antropologia, principalmente contribuindo para o desenvolvimento da assistência de enfermagem às pessoas que se encontram na condição de viuvez e que de certa forma necessitam de uma assistência diferenciada.

Diante da mudança do perfil populacional faz-se relevante e oportuno conhecer sobre a viuvez na vida de um idoso para desenvolver estratégias adequadas à realidade de cada um, garantindo uma atenção melhor aos gerontes.

Somado a isso, o despertar nos enfermeiros da iniciativa em facilitar a vida dos idosos mediante a viuvez com a participação desses profissionais nos grupos de convivência de viúvos ou não, nas organizações voluntárias, nas orientações quanto à necessidade de aceitação da morte do companheiro.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI V. História Oral: a experiência da CPDOC. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- ARIÉS P. História da morte no Ocidente, tradução de Priscila Viana de Siqueira. Título original: *Essais sur l'histoire de la mort em Occident*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- \_\_\_\_\_. O homem diante da morte. Rio de Janeiro: Francisco Alves, \_\_\_\_\_.
- ATAIDE YDB. Clamor do presente: história oral de famílias em busca da cidadania. São Paulo, Loyola, 271p, 2002.
- AUGÉ M. Os domínios do parentesco (Filiação, Aliança matrimonial, Residência). Traduzido por: Ana Maria Bessa. Título Original: *Lês Domaines de la Parente*. Edições 70. Lisboa, 1975.
- FERREIRA ABH. Minidicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- BARDIN L. Análise de Conteúdo. Tradução de Luiz Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa. Edições 70, 227p. Título original: *L'Analyse de Contenu*. 1994.
- BASSITI AZ. História de Mulheres: reflexões sobre a maturidade e a velhice. In: MINAYO, M.C.de S, JÚRNIO, C.E.A. C. (org) *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.
- BEE H. O ciclo vital. Tradução de Regina Garcez. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BEMBOM MV. A reciprocidade d legislação e jurisprudência no casamento e na união estável. Âmbito Jurídico, \_\_\_\_\_ ago/2001. Disponível em: <http://www.ambito.juridico.com.br/aj/dfam0011.htm>. Acesso em: 16/01/2006.
- BERQUÒ E. Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica. In: SCHWARCZ L M (org). História de vida privada no Brasil 4ª. ed. Contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.
- BORGHETTI *et al.* Casamento e família de Origem Lealdade Invisível. Revista Estudos de Psicologia. PUC-Campinas, 18 (1): 5-11, 2001.
- BÓSI E. Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos. 4ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.
- BOWLBY J. Apego e perda: tristeza e depressão. 2ª edição. Tradução de Valtensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1998. v.3, 486 p. Título Original *Loss-Sadness and Depression*.
- CAMARGO A, D'ARAÚJO C. Como a história oral chegou ao Brasil (entrevista). História oral. Rio de Janeiro, v. 2, n.4, p.167-179, 1999.
- CARAMANO AA. (org). Muito além dos sessenta. Rio de Janeiro: Ipea, 1999.

\_\_\_\_\_. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? Estudos Avançados 17(49), USP: 35-61, 2003.

\_\_\_\_\_. Os novos Idosos brasileiros: Muito Além dos 60? Rio de Janeiro: Ipea, 604p. 2004.

CARDOSO HA. ABC do novo Código Civil. Disponível em: <http://> acesso em: 16/01/2006.

COSTA JF. Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro. Edições Graal, 282p. 1979.

COULANGES F. A Cidade Antiga. Tradução: Jean Melville. São Paulo. Martin Claret. 2001.

DA MATTA, Conta de Mentiroso (Sete ensaios de antropologia brasileira). 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Rocco.

DEECKEN A. Saber envelhecer. Traduzido por Carmen Maria T. de Lyra. 4<sup>a</sup> ed. Petrópolis, Editora Vozes. Título Original: Growing old. 1998.

DESFILIS EM, TORRES MCA. Muerte e viudez a lo largo del proceso de envejecimiento. In: NARRO, *et al.* Tratado de psicogerontologia. Valencia: Promolibro, 1996. p. 382.

DOLL J. Viuvez: processos de elaboração e realização. In: PY, L (org). Finitude. Rio de Janeiro: Nau Editora, p.119-138. 1999.

\_\_\_\_\_. Luto e viuvez na velhice. In: Freitas, E. *et al.* (org). Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p.999-1012, 2002.

DORNELLES B, TERRA NL. (org). Envelhecimento bem sucedido: Programa Geron, PUCRS, 2 ed., Porto Alegre: Edipucrs, 536p. 2003.

EIZIRIK CL, *et al.* A velhice. In: Eizirik, *et al.* O ciclo da vida humana: Uma perspectiva psicodinâmica. Porto Alegre. Ed. Artmed, 201, pág. 169- 189. \_\_\_\_\_

ELIOPOULOS C. Enfermagem gerontológica. Tradução de parecida Yoshie Yoshitome e Ana Thorell 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FALCÃO TML. Dor sofrimento, Dor encantamento: retratos de vidas (viúvas em camadas médias pernambucanas). Recife. 188 folhas. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2002.

GOOD WJ. Revolução Mundial dos Padrões da família. Traduzido por Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo. Ed Nacional. 564p. \_\_\_\_\_

GOLDANI, A. M. Muito Além dos Sessenta. Os novos Idosos Brasileiros. Camargo, AA (org). Capítulo 03, IPEA, Rio de Janeiro. p.75 a 114. 1999.

HAGUETTE MTF. Metodologia Qualitativa na Sociologia. Petrópolis: Vozes, 2000.

IBGE, ESTUDOS & PESQUISAS. Informação demográfica e sócio-econômica. Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil. 2000. Disponível em [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em 05 de janeiro de 2006.

JOUTARD P. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO J, FERREIRA M.M. Usos & abusos da história oral. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, cap. 4, p. 267-277. 2001.

KING ML. Filhas de Maria. As Mulheres e a Igreja. In: \_\_\_\_\_ A mulher no Renascimento. Tradução de Maria José de La Fuente. Presença Lisboa, 1994.

LELOUP JV. A arte de morrer: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 142p. 2003.

LIMA AFC. O significado da hemodiálise para o paciente renal crônico: a busca por uma melhor qualidade de vida. São Paulo, 132p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) da Universidade de São Paulo. 2000.

LIMA AM, FILHO JL *et al.* Introdução a Antropologia Cultural. Presença. Lisboa 1991, 223p.

LINTON R. O homem: introdução á antropologia. Martins Fontes. Tradução de Lavínia Vilela. São Paulo. 470p. 1981.

LOPATA, H.Z. The social involvement of americans Widows. In: SHANAS, Ethel (ed). Aging in Contemporary Society. Beverly Hills: Sage Publications.1970.

\_\_\_\_\_ (1979) Women as Widows: support systems. New York: Elsevier North. Holland Inc.

\_\_\_\_\_ (1996). Current Widowhood: myths and realities. Thousand Daks/ London/ New Delhi: Sage Publications (Understanding Families series).

LOUREIRO AML. Terceira Idade: ideologia, cultura, amor e morte. Ed UNB, Brasília: Universidade de Brasília, 138p. 2004.

LOZANO JEA. Práticas e estilos de pesquisa na História Oral Contemporânea. In: Ferreira, M.M., AMADO, J.(org). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 2001, p.15-26.

MAIR L. Introdução à Antropologia Social. Tradução de Ednael Jorge. Zahar Editors, Rio de Janeiro, 1995.

MARKHAM U. Luto: esclarecendo suas dúvidas. Tradução: Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Ágora.134p. Título Original: Bereavement. 2000.

MARODIN M. As relações entre o homem e a mulher na atualidade. In: STREY, M.N(org) Mulher, Estudos de Gênero. São Leopoldo. Ed Usinos, 148p. 1997.

MEIHY JCSB. Manual de História Oral. Ed Loyola: São Paulo, 1996.

MINAYO MC. O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo. Hucitec. 1998.

\_\_\_\_\_. et al. Pesquisa Social: teoria, métodos e criatividade. 2ª ed. Petrópolis: vozes, 80p. 1994.

MENEZES MR. Da Violência Revelada a Violência Silenciada: Um estudo etnográfico sobre a violência doméstica ao idoso. Ribeirão Preto. Tese (doutorado) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. 1999.

MONTEIRO PP. Envelhecer: histórias, encontros, transformações. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 272p. 2003.

MOTTA AB. Viúvas alegres: uma nova velha geração. In: COSTA AA. & SANDEM MCB (org). Feminismo, ciência e tecnologia - e outras questões feministas. Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/ UFBA (Coleção Bahianas, 8). \_\_\_\_.

\_\_\_\_\_. Viúvas : o mistério da ausência. Trabalho apresentado a 23ª Reunião Brasileira de Antropologia, Gramado, jun 2002.

\_\_\_\_\_. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: PEIXOTO CE (org). Família e Envelhecimento. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

NERI AL. Desenvolvimento e envelhecimento. Perspectivas biológicas e sociológicas. Campinas, São Paulo: Papyrus, Coleção Vivacidade. 2001.

\_\_\_\_\_. Velhice Bem-sucedida: Aspectos afetivos e cognitivos. Campinas, São Paulo: Papyrus, Coleção Vivacidade. 2004.

PAPALIA DE. Desenvolvimento Humano. Tradução de Daniel Bueno. 7ª ed. Porto Alegre: Artmed. Título Original: Human Development. 2000.

PAPALÉO NETO M. Gerontologia. São Paulo: Atheneu, 144p. 1996.

PARKES CM. Luto, Estudos sobre a Perda na Vida Adulta, São Paulo, Summus Editorial. 1998.

PATAGLEAN E. Bizâncio: século X e XI. In: Paulo Veyne (org). História da Vida privada I: do Império Romano ao ano mil. II reimp. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

PERROT M. Os atores. In: PERNIOLA M(org). História de vida privada: da revolução francesa à Primeira Guerra. 5ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

PERNOUD R. A Mulher no tempo das catedrais. Tradução de Miguel Rodrigues ádiva. Lisboa. 1984. Título Original: La Femme au Temps des Cathedrales. 280p.

PINCUS L. A família e a morte: como enfrentar o luto. Tradução de Fátima Mora, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, 242p.

RAWLINS JM. Widowhood: the social and economic consequences. Seminar paper. Institute of Social and Economic Research, University of the West Indies, Mona, Jamaica, 1987.

REINALDO AMS. Conhecendo o itinerário terapêutico em saúde mental pela história de vida ao paciente psiquiátrico, 113p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. 2003.

RESOLUÇÃO 196/96. Conselho Nacional de Saúde. Sobre a pesquisa envolvendo seres humanos. Disponível em: <http://www.fop.unicamp.br/cep/epi.pri.htm>. Acesso em 03/05/04.

REZENDE ALM. [et al]. Ritos da morte na lembrança de Velhos. Florianópolis: ed da UFSC, 154p. 1996.

ROSS EK. Sobre a morte e o morrer. 8ª ed. Tradução Paulo Menezes. São Paulo: Martins Fontes, 2000, 296p, Título original: On Death and Dying.

\_\_\_\_\_. A morte: um amanhecer. 13ª ed. Tradução Maria de Lourdes Lanzelloti, São Paulo: Pensamento, 1998, 110p. Título original: On life after Death.

SACCONI LA. Minidicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro. Atual Editora. 1996.

SANCHEZ CD. Informal support systems of windows over 60 in Puerto Rico. In: Pan American Health Association of Retired Persons. Midlife and Older Women. In Latin America and the Caribbean s. i. pan American Health Organization, 1989, p 265-278.

SANTOS LV, COSTA LF. Avaliação da dinâmica conjugal violenta e suas repercussões sobre os filhos. Psicologia: Teoria e Prática. Faculdade de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 6(1): 59-70, 1999.

SEMINÁRIO FLP. Conflitos existenciais da terceira idade. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, 43 (1), 1991.

SILVA KA. O significado da morte de um amigo-companheiro na instituição asilar: história oral de idosos. Salvador, 217 folhas. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Universidade Federal da Bahia. 2004.

SOUZA AS. O cuidado com idosos hipertensos. Representações Sociais de familiares. Salvador. 222 folhas. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Universidade Federal da Bahia. 2005.

SOUZA CMB. Memória e Envelhecimento: Revisitando Identidades Ameaçadas. In: NASCIMENTO ERN, FERREIRA S.(orgs), Imagens da mulher na cultura contemporânea. Salvador: Neim/UFBA, 2002.

STROEBE MS *et al*. Handbook of Bereavement Research. Consequences. Coping and Care. Washington: American Association, 2001.

THOMPSON P. A voz do passado-História Oral. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

TOLLOTI M. Passageiros do outono: reflexões sobre a velhice. Caxias do Sul: Maneco Livr. & Ed., 2005.

TOURTIER-BONAZI C. Arquivos: propostas metodológicas. In: Ferreira, M.M., AMADO, J. (org). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, p.233-246. 2001.

TRIVIÑOS ANS. Introdução as Pesquisas em Ciências Sociais, a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VAITSMAN J. Indivíduo, Casamento e Família em Circunstâncias Pós-Modernas. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 38 (2), 329-353, 1995.

VARGAS RO. História Oral: a busca permanente das outras vozes. Jornal da Universidade de São Paulo, 10 a 16 de junho de 2002, ano XV nº 600.

VASCONCELOS VNP. Mulheres Honestas, Mulheres Faladas: Casamento e Papéis Sociais. In: NASCIMENTO ERN, FERREIRA S.(orgs), Imagens da mulher na cultura contemporânea. Salvador: Neim/UFBA, 2002.

VERAS R. Terceira Idade: alternativas para uma sociedade em transição. In VERAS R (org). Rio de Janeiro, Relume-Dumará: EURJ, UNATI, 232p. 1999.

\_\_\_\_\_. Terceira Idade: desafios para o Terceiro Milênio. In VERAS R. (org). Rio de Janeiro, Relume-Dumará: EURJ, UNATI, 191p. 1997.

VINCENT G. Uma história do segredo? In \_\_\_\_\_ e Antonie Proust (org). História da vida privada 5: da Primeira Guerra a nossos dias. 3ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_\_.  
VIORST J. Perdas necessárias. 32ª edição. Traduzido por: Aulyde Soares Rodrigues, São Paulo: Melhoramentos, 2004, 335p, Título Original: Necessary Losses.

# APÊNDICES

## APÊNDICE I

### TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

#### I. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA

NOME DO ENTREVISTADO:.....  
 DATA DE NASCIMENTO:...../...../.....LOCAL DE NASCIMENTO:.....  
 SEXO: ( ) MASCULINO ( ) FEMININO

#### II. DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

TÍTULO DO PROTOCOLO DA PESQUISA: A viuvez na vida dos idosos  
 PESQUISADORA: Elisângela Matos Tôres  
 CARGO FUNÇÃO: Mestranda em Enfermagem na Atenção à Saúde do Adulto e Idoso do Programa de Pós-Graduação da EEUFBA  
 AVALIAÇÃO DO RISCO DA PESQUISA: Sem risco  
 DURAÇÃO DA PESQUISA: 03 MESES

#### III. REGISTRO DAS EXPLICAÇÕES DO ENTREVISTADOR AO ENTREVISTADO:

1. Objetivo: A expectativa desta pesquisa é analisar e compreender a viuvez na vida dos idosos que permanecem viúvos, de uma Universidade Aberta à Terceira Idade.
2. Justificativa: A minha pretensão com esse estudo é contribuir para a prática dos profissionais da área geronto-geriátrica no cuidado aos idosos.
3. Composição da Amostra: Idosos viúvos que permanecem viúvos com idade superior a 60 anos, com período mínimo de 01 ano de viuvez e possuem lucidez para serem entrevistados.
4. Procedimentos experimentais: Será utilizado para a coleta de dados a metodologia da história oral temática, com um roteiro de entrevista semi-estruturada, e método de análise de dados será análise de conteúdo.
5. Riscos esperados: Nenhum
6. Benefícios que poderão ser obtidos: A pesquisa contribuirá para melhor compreensão do significado da viuvez para idosos que permanecem viúvos e conseqüentemente fornecerá subsídios para profissionais da área geronto-geriátrica.

#### IV. ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUBTEXTO DA PESQUISA:

- a) Acesso a qualquer tempo às informações sobre procedimentos e benefícios relacionados a pesquisa, inclusive para diminuir eventuais dúvidas.
- b) Liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo.
- c) Salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade.

## V. OUTRAS INFORMAÇÕES

NOME DO PESQUISADOR: Elisângela Matos Tôrres  
 ENDEREÇO: Av. Paralela, Resid Vila do Imbuí, apt 101, 158, Ed Tapajós, Cep: 41730-015  
 Tels: (71)/8812-4378/3371-3889

---

Elisângela Matos Tôrres  
 Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia

VI. OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES.....  
 .....  
 .....

## VII. CONSENTIMENTO ESCLARECIDO:

Declaro que após convenientemente esclarecido pela pesquisadora Elisângela Matos Tôrres e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente protocolo de pesquisa.

Feira de Santana, .....de.....2005.

.....  
 Entrevistado

.....  
 Pesquisador

## APÊNDICE II

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

#### I. Identificação

Nome: \_\_\_\_\_  
Idade: \_\_\_\_\_ Data de Nascimento: \_\_\_\_\_  
Escolaridade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_  
Renda familiar: \_\_\_\_\_  
Religião: \_\_\_\_\_ ( ) Praticante ( ) Não  
Local de nascimento: \_\_\_\_\_  
Tempo de viuvez: \_\_\_\_\_  
Número de filhos: \_\_\_\_\_  
Com quem mora? \_\_\_\_\_  
Tempo de casamento: \_\_\_\_\_

1. Conte-me sobre sua vida conjugal?
2. Fale-me sobre a perda do seu companheiro?
3. Para o Sr. (a) o que significa ser viúvo?
4. O que mudou na sua vida após a sua viuvez?
5. O Sr. (a) casaria novamente?
6. Quais são os seus planos para o futuro?

### APÊNDICE III



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
 ESCOLA DE ENFERMAGEM  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM  
 CURSO: MESTRADO  
 ALUNA: ELISÂNGELA MATOS TÔRRES  
**PESQUISA: A VIUVEZ NA VIDA DOS IDOSOS**

#### I IDENTIFICAÇÃO DOS IDOSOS VIÚVOS DA UATI

Nº de ordem:..... Nº da UATI:.....

Nome da Flor:.....

NOME:.....  
 END:.....  
 NATURALIDADE:..... IDADE:.....  
 DATA DE NASCIMENTO:...../...../..... TEL:.....  
 ESCOLARIDADE:..... TEMP  
 O DE VIUVEZ:.....  
 TEMPO DE CASAMENTO:.....  
 QUAL A SUA OCUPAÇÃO: ( ) APOSENTADO ( ) PENSIONISTA  
 ( ) OUTROS.....  
 QUAL A SUA RENDA?  
 ( ) 1 salário mínimo  
 ( ) 1 a 2 salários mínimos  
 ( ) 3 a 4 salários mínimos  
 ( ) 5 a 10 salários mínimos  
 ( ) mais de 10 salários mínimos  
 QUAL A ORIGEM DA SUA RENDA?  
 ( ) APOSENTADORIA ( ) PENSÃO ( ) AJUDA FAMILIAR  
 ( ) ALUGUEL ( ) OUTROS:.....  
 COM A SUA RENDA, VOCÊ AJUDA ALGUMA PESSOA DA SUA FAMÍLIA?  
 ( ) FILHOS ( ) NETOS ( ) OUTROS:.....  
 COM QUEM VOCÊ MORA?.....  
 QUANTOS FILHOS VOCÊ TEM?.....  
 QUAL A SUA RELIGIÃO? É PRATICANTE?.....  
 VOCÊ TEM ALGUM PROBLEMA DE SAÚDE?  
 QUAL?.....

## **ANEXOS**

## ANEXO I



Governo do Estado da Bahia  
Secretaria da Saúde do Estado da Bahia

---

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP-SESAB

Salvador, 26 de abril de 2005.

Ofício nº 063 / 2005

**ESTIMADA**  
**DRA. ENILDA ROSENDO DO NASCIMENTO**  
**ORIENTADORA**

**Registro CEP: CAAE-0006.1.053.000-05**  
**Projeto de Pesquisa: "O significado da viuvez para os idosos"**  
**Autoras: Elisângela Matos Tôres.**  
**Área Temática: Grupo III**

Os membros do Comitê de Ética em Pesquisa, da Secretaria Estadual de Saúde do Estado da Bahia, reunidos em sessão ordinária no dia 26 de abril de 2005, e com base em Parecer Consubstanciado, o qual disponibilizamos em anexo, decidiu pela aprovação do projeto.

Solicitamos a V.Sa. comunicar à interessada a decisão deste Comitê e nos colocamos a disposição para o acompanhamento do mesmo.

Atenciosamente,

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Ana Pitta'.

**Ana Maria Fernandes Pitta**  
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa-CEP  
Secretaria de Saúde do Estado da Bahia-SESAB

**ANEXO II**

*Governo do Estado da Bahia*  
Secretaria da Saúde do Estado da Bahia

---

**Comitê de Ética em Pesquisa – CEP-SESAB**

**PARECER Nº 029/2005**  
**Registro CEP: CAAE – 0006.1.053.000-05**

**I – Identificação:**

**Projeto de Pesquisa:** “O significado da viuvez para os idosos”.

**Autora:** Elisângela Matos Tôres

**Orientadora:** Profª Drª Maria do Rosário de Menezes

**Instituição onde se realizará:** Universidade Federal da Bahia - UFBA

**Área de Conhecimento:** Nível; 4.04 Grupo III.

**II - Objetivos:**

Analisar o significado da viuvez e a permanência neste estado, na vida das pessoas idosas que estão numa Universidade Aberta à Terceira Idade.

Contribuir para que os profissionais da área de geronto-geriatria possam ter uma prática mais enriquecida com os dados da pesquisa

**III - Sumário do projeto:**

O projeto faz uma análise da condição do idoso no seu cotidiano, conceitua e colocam contextualmente as questões que dizem respeito ao universo das pessoas idosas no status de viúvos, mas refere-se principalmente às mulheres, que estatisticamente estão em maior número que os homens.

Informa ainda o projeto que a viuvez é um estado que tem um recorte de gênero, em face da longevidade das mulheres que é maior em relação aos homens e também, porque culturalmente, as mulheres viúvas de modo geral, por estar numa idade mais madura, não encontram novos parceiros, que preferem mulheres de faixa etária mais jovem.

Deverá ser aplicado a viúvos com idade superior a 60 anos, com período de viuvez igual ou superior a 01 ano e possuam lucidez para ser entrevistado.



**Governo do Estado da Bahia**  
**Secretaria da Saúde do Estado da Bahia**

---

**IV – Comentários do relator:**

O projeto em verdade tem um objetivo valioso como subsídio para outros profissionais que trabalham com a questão do idoso, atende aos requisitos exigidos pelo Conselho, inclusive com consentimento esclarecido podendo o entrevistado deixar de participar do estudo se lhe for conveniente.

A pesquisa se utilizará da metodologia da história oral de vida, com roteiro de entrevista semi-estruturada e análise de conteúdo.

**V – Parecer do relator:**

Sou pelo parecer favorável ao projeto, porque atenderá a um grupo especial de pessoas ainda não trabalhadas com este enfoque, e não vislumbro nenhuma incompatibilidade com as normas pertinentes.

**Salvador, 26 de abril de 2005**

**Pelo parecerista,**

**Ana Maria Fernandes Pitta**

Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa-CEP  
Secretaria de Saúde do Estado da Bahia-SESAB

## ANEXO III

### 1. HISTÓRIA ORAL DE MARGARIDA

*Olhe! Eu fui uma mulher muito amada, fui muito amada, é tanto que depois que fiquei viúva foi difícil achar uma pessoa que ao menos chegasse a altura né? Dizem que ninguém é substituível. Foram mais de 20 anos de casamento e já tenho mais 20 anos de viuvez. Ele era um bom marido, um bom pai, (Chorando). A convivência era muito boa, só ficou um pouco ruim porque ele pegou meningite, naquela época em São Paulo morreu muita gente de meningite na cidade, ele estava lá e aí depois disso ele ficou desvairado. Aí, foi quando nós viemos embora pra aqui, ele era torneiro mecânico, ele trabalhava para uma firma e um engenheiro sempre chamava ele, pois achavam ele um excelente profissional. Quando éramos transferidos, tínhamos direito a uma casa, passagem de avião ou de ônibus. Quando chegamos aqui, ele ficou muito nervoso, depois ele ficou triste, porque ele encontrou uma pessoa e essa pessoa disse a ele algumas coisas que ele ficou nervoso e aí ele teve um derrame, ficou um bocado de dias no hospital e morreu. A morte dele foi horrível, doeu muito, mais porque eu já estava magoada, pois há pouco tempo eu havia perdido um dos meus dois filhos. Uma perda horrível, porque é um pedaço da gente que vai. Então eu senti meu coração esfacelado, parecendo que ia sair pela boca, o coração acelerado. Eu senti muita raiva, inclusive eu peguei até uma arma e coloquei no meu ouvido, mas quando eu olhei pra cima para puxar o gatilho, eu vi uma luz, e então eu desisti de puxar o gatilho. Ele era da Testemunha de Jeová e não deixava transparecer muito o que sentia e também ele estava desvairado, não sei se é porque ele estava com o juízo curto pela meningite, não sei, ele não demonstrava o que ele sentia. Depois que ele morreu melhorou. (Risos), melhorou porque ele era treze anos mais velho do que eu, ele tinha muito ciúme de mim, e ele falava: Você tá pensando que está nova? Você está acabada, toda machucada, tá com uma cara pior do que tudo. Então isso aí me derrubava, me deixava triste. Com a perda do meu filho então eu me sentia pior. Só que aí eu comecei a fazer um curso de datilografia, para pelo menos eu sair de casa e quando eu me arrumava pra sair, ele dizia que eu não estava bonita, falava aquilo tudo para derrubar mesmo e com tudo isso, eu sofri bastante, fiquei muito triste. Pelas coisas que ele me falava eu ficava na hora com muita raiva, me derrubava na hora, eu sentia um baque, mas depois eu esquecia. Eu vivi muito bem, mas não vou dizer a você que com isso tudo muda. Agora, uma coisa eu senti foi que o homem tinha muita responsabilidade e que apesar do pouco, ele assumia as despesas de casa. Tem mulher que trabalhava pra ajudar o marido e eu não, só depois que ele morreu mesmo é que eu comecei a trabalhar mesmo, antes era só uns biscates, eu era uma Amélia. Só que meu filho estudava, o que eu ganhava praticamente não dava para pagar as despesas da casa, tinha despesas com a escola, eu trabalhava engomando roupas, eu sempre procurava o que fazer. Olha! Se você precisar de alguma roupa engomada eu faço e comecei a fazer. Depois eu dizia: Olha gente, eu sei fazer doce, fazer bolo, e aí eu fazia. Quem for fazer festa e precisar pode me chamar! Aí eu fazia uma coisa ou outra ia ganhando o meu dinheiro, fazia lanche para vender na praia. Meus filhos estudavam na escola técnica, depois no senai, era um total de oito transportes e eu que tinha de dar de tudo, assim, criei meus filhos como pobre... Terminaram a escola técnica e o Senai. Então como é que diz, meus filhos demoraram pra arrumar emprego, mas tudo que eu podia eu mandava eles fazerem. Depois eles botaram os currículos em vários lugares... Já tem dez anos que ele trabalha numa empresa. Quando eu fiquei viúva eu me libertei mais, num é assim, logo que fiquei viúva, mas uns cinco anos depois, que eu comecei a me acostumar com a idéia de que não tinha mais um homem... foi que eu comecei a trabalhar pra dar tudo mesmo aos meus filhos. Eu dava pra tudo, pegava cinco reais e dava para eles. Pode ser que ele precisasse de dinheiro para sair com uma namorada, pelo menos para comprar um sorvete, não é? Olhe minha filha! Casar! Não. Não casaria de novo, porque eu já sou uma pessoa independente e não aceito mais entendeu? Não tenho mais paciência para aturar homem não. Olhe minha filha! O que eu quero pra mim é viver bem até o dia que Deus permitir. Ir pra UATI, fazer os meus passeios, encontrar com minhas colegas... Viver bem. Eu gosto muito da UATI, eu me tornei outra pessoa depois que eu fui para lá. O bom é que eu comecei a sair de casa, conheci pessoas novas né? É bom. Depois que ele morreu eu só pensava em morrer, não trocava quase de roupa, largava*

*tudo à toa, sapato, não ligava para cortar cabelo, fazer unha, não ligava para mim arrumar, aquela coisa de tomar roupa, vestir uma outra e ficar em casa. Foi depois da UATI que eu comecei a cortar cabelo, fazer a sobrancelha, me senti melhor, foi um estímulo maravilhoso que eu tive. Eu sou meio dinâmica, há pouco tempo eu dancei no CUCA, e fui muito aplaudida (risos). Menina! Depois me deram tanto parabéns, que fiquei com muita vergonha, o mambo, a rumba, gosto de dançar a dois ... Agora minha filha, eu queria ter um namorado, namorado só que ele na casa dele e eu na minha, pra gente participar de viagens, dos passeios juntos e participar do carinho, mas pra morar, casar e viver junto, aí não! Eu tenho vontade de ter um namorado, um namorado também que fosse da minha simpatia, e que eu sentisse alguma coisa por ele, porque tem gente que tem um namorado só para dizer que tem um homem ao lado. Eu queria uma pessoa, civilizada, compreensiva, educada, todo arrumadinho. Aqui perto tem um senhor que anda todo arrumadinho, cheiroso! Eu vou ver se ele se simpatiza comigo, quem sabe logo, logo, arranjo um namorado? (risos). Mas quem sabe vou chamar as meninas da UATI pra conhecer ele? (risos).*

## **2. HISTÓRIA ORAL DE ROSA**

*A viuvez é uma coisa muito ruim, uma coisa que a gente se sente muito desamparada. Eu fiquei viúva com 36 anos, e nunca arranjei homem nenhum. Eu me sinto assim sozinha. Ser viúva é a gente ficar só. Criar os filhos como eu criei? Depois cuidar da gente? Eu jamais casaria de novo. Achei! Mas eu não quis. A perda do meu marido não foi uma coisa muito boa. Eu tive cinco filhos com ele. Não levei muito tempo com ele, ele morreu logo... Foi uma coisa ruim. Me senti muito só, mas os filhos preenchem. Agora, se tivesse meu marido era melhor, pois os filhos crescem, vão embora e o marido não, ficava aqui em casa com a gente. Na minha vida mudou muita coisa... Eu comecei a trabalhar pra criar os filhos tudo. Depois os filhos começaram a trabalhar, a ajudar, e aí eu comecei a ir para a UATI. Foi aí que as coisas começaram a melhorar... Agora minha filha! Não ter marido não é bom não. Me senti muito só. Agora, depois que o meu marido morreu eu fiquei com a pressão alta. Operei também. Mas graças a Deus eu vou levando... Depois da morte dele, foi difícil, por que ele comprava tudo, ele era uma pessoa maravilhosa, resolvia tudo. Depois que ele morreu, eu sofri muito. Me sentia sozinha com meus filhos pequenos... Aí eu fui trabalhar pra criar meus filhos, porque quando ele era vivo, eu não trabalhava. Até feira eu não fazia, tudo era ele. Eu tinha uma vida muito parada. Hoje com a UATI, minha vida mudou. O povo me chamava e eu fui, e foi uma coisa muito boa, porque eu me desarmeí mais. Ele era funcionário do Derba, seu salário era pouco. Eu não casaria de novo, porque quem é que ia querer uma mulher com cinco filhos? Também eu não queria. Nunca tive vontade de ter um outro homem. Minha vida era trabalhar, colocar os filhos para estudar, minha vida era toda voltada pros filhos depois que o meu marido morreu. E depois que eu fiquei viúva, a relação com minha família melhorou, porque todo mundo me deu apoio, todo mundo me ajudou. Hoje a minha vida é bem melhor porque meus filhos já estão todos criados, e ainda me ajudam. Hoje são os meus filhos que me dão tudo. Fiquei viúva muito jovem e nunca tive um homem na minha vida. A achar a gente até acha um predentende... mais eu nunca quis. Eu não tenho plano, a não ser para criar meus filhos. O meu marido era muito bom, era maravilhoso. A viuvez não é mole... Tem que aceitar a vida que Deus manda e eu tenho uma filha caçula amorosa, que me dá muito carinho até hoje. Eu moro sozinha, mas minha filha me dá atenção, tenho também meus vizinhos que são muito bons, cansam de me gritar pra saber se eu estou precisando de alguma coisa eles nunca me deixam sozinha. Também ocupo meu tempo com a igreja, faço parte do Sagrado Coração de Jesus, Legião de Maria...*

## **3. HISTÓRIA ORAL DE ORQUÍDEA**

*Olhe minha filha, tudo começou em 1959, eu trabalhava na Escola José Florêncio Gomes, e ao sair do colégio, mais ou menos uma cinco hora, eu vinha descendo a Rua Geminiano Costa... Fui criada muito presa, aquela coisa, não namorava, papai não deixava, nós éramos cinco moças e*

quatro homens, naquele rigor... A gente sempre trabalhando, porque papai dizia sempre: *tem que trabalhar, tem que trabalhar, pra ter a sua independência, ter o seu e aquilo ficou na mente...* *Aí muito bem, eu venho, venho chegando aqui na rua Viagem, atravessei, vim pela calçada á direita já pra entrar em casa, chegando em casa eu fiquei na janela um pouquinho, passou um homem alto, me olhou. *Aí eu disse: Vixe meu Deus do céu! Entrei, fechei a janela... Muito bem, isso era no mês de setembro, era uma sexta-feira. Passado assim alguns dias... Chegou na terça-feira parou um carro de noite na minha porta... E eu tava corrigindo as provas, eu trabalhava com a quinta série de professora Georgina, irmã de Gomes Filho, pois ela estava doente, foi para Salvador. *Aí eu continuei a corrigir minhas provas... Isso era no final do mês, era vinte e pouco de março, e eu disse: Oh mamãe! Hoje eu vou trabalhar muito, vou trabalhar muito agora de noite, não posso ficar conversando com ninguém, eu vou ali tomar um café ligeiro, vou sentar, vou adiantar que eu quero entregar esse trabalho amanhã. E isso eu fiz, eu sentei e comecei a trabalhar, daqui a pouco só se houve as palmas, minha mãe criava uma menina, e aí eu pedi a Paula, para ver quem é que era que estava na porta. E aí foi olhar e me disse assim: Olha Dona Orquídea aí tem um rapaz e um casal de velhos. *Aí eu pensei: Meu Deus! Isso deve ser pai de aluno, porque eu fiz a leitura das notas e teve muita nota baixa, e aí vieram reclamar, e eu já disse que qualquer coisa só no colégio, Oh meu Deus do céu! Mamãe tava na cozinha fazendo café e me disse: Não vá não Orquídea, não se preocupe, eu vou atender. Mãe foi atender e quando voltou falou: Orquídea é um rapaz e um casal de velhos e querem falar com você, não é assunto de escola, não! Meu Deus o que será? Valha-me Deus! Tudo bem, peguei uma toalha, que naquele tempo, a casa era de telha, podia chover e molhar as provas, os cadernos, aí eu forrei tudo. Quando pude ver era ele, aí eu disse minha filha. Boa noite! Boa Noite! Vamos entrar um pouquinho, entraram, sentaram aí ele disse: Seu nome é Orquídea, não é? Eu disse: Sou Sim. Você é professora, não é. Isso, sou sim, ensino na Escola Joana D'Arc. *Aí ele disse: Oh Orquídea, eu queria falar tanto com seus pais. Depois eu disse: E o senhor quem é? Eu sou Pedro José, eu lhe conheço há muito tempo, mas eu nunca tive a oportunidade de conversar com você... Eu fui para São Paulo trabalhar e nessa oportunidade eu perdi meus pais, então vim para o sepultamento, chegando aqui eu lhe encontrei e vou na terça-feira, e antes de voltar eu queria lhe pedir em casamento. Direta, Direta, acredite nisso! *Aí então eu disse: Não! Eu não conheço o senhor, então não sei. Ele disse: Não se preocupe, Eu sou Pedro José, sobrinho de seu Guilherme. Seu Guilherme era um senhor que tinha uma casa de jóias, na Praça Bernardino Bahia, onde ficava aquele grupo. Ele continuou... Eu já conversei com meu tio, sobre sua família, meu tio conheceu seu pai, seu Augusto, e eu não tenho dúvida nenhuma, vou viajar na terça-feira e quero já lhe deixar noiva. Não tem problema nenhum, pode confiar... Então eu dizia: Não!******

*Não! Não senhor Pedro José, não é assim. Eu tenho que falar com minha mãe, ela é viúva, tem meus irmãos, todo mundo mora aqui, a família toda. Então ele disse: Tudo bem! O que é que o senhor acha meu tio? Muito bem meu filho. É assim mesmo. E você minha tia? Muito bem. É assim mesmo meu filho. Uma menina boa, direita. Eu vou me casar com você Orquídea. Moro em São Paulo, mas não tenho uma morada lá, não tenho nenhuma namorada lá, não tenho ninguém, sou alfaiate, sou pobre, mas sou uma pessoa direita. Tudo bem? Com licença, que eu vou chamar mamãe. Mamãe, venha cá, por favor? Eu disse: Oh mãe! Aqui tem um senhor e tal, que venho falar e quer casar comigo, e o que a senhora acha? Oxente! Não! De jeito nenhum minha filha! Oxente! Você tá trabalhando, você trabalha em Coração de Maria, trabalhando em Retiro, em Nova Itarana, agora que chegou em Feira de Santana pra me ajudar, apareceu esse rapaz, não! Não meu senhor, o senhor trate de voltar pra São Paulo, quando o senhor voltar e quiser, pensar, você vem e aí tudo bem, mas aí o senhor vai para São Paulo, não quero não, de jeito nenhum. Orquídea não vai casar com o senhor, de maneira nenhuma. Então ele disse: Tudo bem Dona Filomena, eu compreendo a senhora. Terça-feira eu volto aqui. *Aí quando ele saiu dizemos: Boa noite! Boa noite! Eles foram embora. Minha filha! Minha mãe chamou meus irmãos, vocês não estão sabendo? Orquídea tá namorando escondido, ela chamou tudo mundo. *Aí eu disse: Não mamãe! Tava sim, o rapaz veio aqui pedir Orquídea em casamento, vai viajar para São Paulo... Foi aquele rebu na família e mãe começou a me reclamar, dizendo: Você que eu tenho tanta confiança, tá fazendo isso! Não mamãe! Eu não conhecia o rapaz não, ele me viu passar quando eu saía para o colégio, não senhora! Foi aquele rebu. Muito bem. Isso era sexta-feira. Passou sexta-feira, sábado, domingo, muito bem, segunda-feira ele voltou, aí já veio com a passagem para ir para São Paulo, falando que ele era alfaiate e trabalhava numa firma, mas tinha que ir para se desgarrar. *Aí reuni a família, reuniram todos os filhos, meus irmãos,****

cunhados, que eu tinha três irmãs casadas. Ele chegou e tal, já com as alianças. Então eu disse: É vocês que resolvem. Falou com Luís, meu irmão. Por fim não tem nada, não dava nada certo, esse negócio assim não dá certo, como é Orquídea você quer? Perguntou minha mãe. Oxente gente! Eu fiquei com pena, aquela coisa e tal, e disse: quero. Isso em 1959, na segunda-feira, na terça-feira ele viajou. Voltou para São Paulo... Aí passaram 59, 60, 61, 62, quatro anos. Agora ele escrevia, sabe? E eu aqui noiva, nunca namorei. Aí minha filha, o povo dizia: Olha pra ir que abestalhada, num sei o que, o homem lá em São Paulo com outras e ela aqui com aliança no dedo! E eu: Não gente, eu dei a minha palavra, minha palavra é sagrada, se ele não voltar, não tem problema eu tiro, da mesma maneira que eu coloquei, eu tiro, não tem problema nenhum, mas se eu dei a minha palavra a ele, tenho que segurar. Ele me escreve cartas, olha aí as cartas, eu tinha até umas dessas cartas ate hoje. Outro dia eu levei na aula, a professora deu tanta risada, tenho aí uma carta dele, aí minha filha muito bem, quando foi em 63, eu tô na escola... Quando eu cheguei da escola, mãe disse: O rapaz chegou. Eu disse: O que mãe? Ele chegou. Teve aqui, já conversou comigo e vai apenas se organizar, vai comprar a casa e aí já quer casar. E eu, vixe Maria! O que é que eu faço? Fui tomar banho, me arrumei toda, me ajeitei, botei perfume e tal, quando foi 7:30 ele chegou. Chegou, Boa noite! Boa noite! todo mundo, mãe meu irmão eu sentada aqui e ele lá, e eu quieta, mucha. Ele começou falando: Então Dona Filomena, voltei, não disse a senhora que voltava? Voltei. Agora para casar, disse ele. Agora não dona Filomena, porque eu estou esperando uma indenização do meu trabalho, uma importância e aí quando esse dinheiro chegar, a gente vai concretizar, vamos arrumar tudo, vamos casar. Vou dar umas volta para providenciar a casa e mãe disse: Só casa se tiver uma casa, se não tiver uma casa pode desistir que ela não casa. Mamãe era muito decidida. Aí ele, Não se preocupe esse também é o meu ideal, eu vou providenciar. Ele rodou, passou, março, abril, maio, é vamos arrumar logo esse casamento, era pra casar em maio, mas em maio não deu para arrumar a casa, ele comprou uma lá no Ponto Central, começou a renovar a casa, arrumar, pintar, aí ele disse: Oh Dona Filomena, pode dá um pulinho lá na casa para a senhora olhar, pra ver como é que tá, como é que está os trabalhos, que eu estou muito ocupado, quero que a senhora vá lá com Orquídea, pra olhar, mãe disse, não. Minha filha não vai de jeito nenhum o senhor pode fazer de acordo o que o senhor quiser, faço o que o senhor quiser, minha filha não vamos lá não. Tudo bem, aí quando foi final de maio, Olhe dona Maria a casa já está pronta, já está toda arrumadinha, tudo certinho, e então vamos marcar a data do casamento pra 15 de junho. E em 15 de junho de 1963 nós casamos, às 8h da noite, na matriz, conforme você vê aí no álbum (Dona Orquídea, começou a mostrar, o álbum do casamento), padre Joaquim, foi o sacerdote, tudo bonitinho o civil foi lá em casa, antigamente olhe bem como é que era, a noiva com o rosto coberto, olhe ele aqui. Meus filhos vêem direto esse álbum. Aí ele colocando as alianças, aí depois quando descobre o rosto, ele dá o beijo na boca. E aí fica de frente para o altar. Mas quando eu casei, foi mesmo como uma criança, eu não tava sabendo de nada, a gente não namorou, porque ele chegou em março, então passou março, abril e maio, foi três meses para se preparar, não teve tempo, quando ele chegava era um lá e outro cá. Depois foi o que é coisa, aí casamos tudo bonitinho, depois do casamento, ficamos, partimos o bolo. Aí ele disse pronto, agora nós vamos para nossa casa. Menina! Eu chorei, me agarrei com meu guarda roupa, não queria deixar meu quarto, e aquela coisa toda, aí disse: Oh minha mãe! A senhora tem que ir comigo, aquela coisa, aí minhas amigas me levaram lá em casa e lá nós ficamos... Depois tomamos café em casa, e eu fiquei com ele. Depois de tudo isso, ele foi para o banheiro, eu sentada no sofá, toda vestida de noiva, todo de botão pequenininho, bem forradinho. Ela bolero de mangas compridas... E eu no sofá séria. Aí eu pedir para desabotoar o vestido, e ele disse que agora a gente ia descansar, porque eu estava cansada e a gente ficou lá. Tudo muito estranho. Quando foi em 65, tivemos a nossa primeira filha, Maria Juliana, ela é enfermeira... A nossa convivência foi assim, que ele tocava, ele viajava muito num sabe? São João ele viajava, Natal ele viajava, e quase sempre nestas datas eu ficava sozinha, mas como minha família era muita unida, tinha gente aqui comigo. E aí eu compreendia que ele tinha que sair pra tocar, pra ganhar o dinheiro dele, que ele era pobre. E a gente foi convivendo, e essa convivência durou 37 anos, quando a gente ia fazer 38 anos ele adoeceu, ele sempre deixando, eu não, eu sempre vou ao médico, eu gosto de fazer exames, eletrocardiograma, preventivo, exames laboratoriais, ultra-som de abdome. Ele não se cuidava, dizia que eu tinha mania de doença. Não sei pra quê! E eu respondia: Não Zé!, A gente precisa se cuidar, a gente não tá mais criança, tem que ir ao médico, fazer alguns exames. Aí ele falava: Ah! Que nada eu ainda sou sadio, sou forte. Eu respondia: Tudo bem meu filho, mesmo a gente sadio precisa fazer uns exames, às vezes a gente tem

uma aparência mais lá por dentro... Nada! Você tem mania de doença. Tudo bem, depois de algum tempo, ele já não tocou no Natal, Ano Novo no ano de 97, quando foi em janeiro começou a se sentir mal, não conseguia mais comer, sentindo mal. Então, eu liguei para os meninos. Aí liguei para José Américo: Oh meu filho, seu pai tá passando mal, tá sentindo assim, tá passando mal. Tem nada não minha mãe. Respondeu ele. Segure aí que na próxima semana eu vou pra ir e a gente dar um jeito... Aí ele veio... Luciana também veio, queriam levar ele para Salvador, ele dizendo: Não, não vou não, não precisa que isso é bobagem, é coisa passageira, é coisa rápida, não, não vou não. Vamos Papai! Não quis. E aí o tempo foi passando, passou fevereiro, março, abril, ele foi piorando, e começou umas dores nas pernas, o abdome crescendo, e ainda em abril foi feito uma ultra-sonografia, que deu um problema no fígado. Uma doença, parecendo uma hepatite, aí Dr. Alexandre, pediu para fazer uma biópsia, que achou o fígado muito alto. Foi chegando o mês de maio, quando abriu o corpo dele, viu uma cachoeira de sangue. Eu tinha passado o dia todo lá, depois eu vim para casa tomar banho, trocar de roupa, quando eu cheguei em casa, que eu ia voltar o telefone tocou. Era minha filha, dizendo: Painho não está bem. Já tem um chazinho que já está pronto, tome se deite e vá dormir. Deixe que aqui a gente resolve tudo. Meus filhos são abençoados, são verdadeiros tesouros. Bem, então eu fui dormir... Eles resolveram tudo, providenciaram funerária, nunca deixaram eu fazer nada, queria que eu ficasse em casa. Aí amanheceu, eu tive que ir, a casa encheu de gente. Uma amiga minha Maria do Socorro, chamou Padre João, ele veio, celebrou a missa de corpo presente, tinha muita gente, conjunto musical, todo mundo, foi muito bonito o enterro dele. E agora o que é que eu faço? O que é que eu faço por que os meninos vão viajar? Os meninos viajaram, não foi fácil. E agora o que é que eu vou fazer? Eu minha filha, quando eu não me sentia bem, eu pegava o meu terço e corria para a igreja. A religião me ajudou muito a suportar a morte dele. Monsenhor Joaquim me ajudou muito, Padre Pedro, me chamava sempre para rezar, dizia sempre para mim: Não se preocupe que a vida é assim mesmo. Ele dizia: Hoje vai ter uma reflexõzinha e eu quero você para ler o evangelho. A religião me influiu em tudo, a minha força total foi Jesus. E continuo assim. A gente sente falta dele, principalmente quando tá a família reunida, agora com o nascimento de minha neta eles dizem: Éta minha filha se painho tivesse aqui ele ia babar com Rebeca! Ele era muito comunicativo. A gente sente falta de alguém pra conversar, às vezes, a gente tinha um desentendimento de casal, mas isso é normal. Depois foi que eu comecei a encontrar algumas amigas que me perguntaram: Oh Orquídea! Porque que você não entra na UATI? Lá é tão bom. Venha Orquídea, disse Gigante. Mas eu não tinha dinheiro. Ela continuou: Não se preocupe, é apenas uma pequena taxa, que agente paga no final do mês. Aí eu disse: Eu vou. Fui me matriculei na UATI, aí eu disse que queria entrar numa oficina de bem movimento, pra eu esquecer tudo. Peguei dança, peguei hidroginástica... Eu comecei a fazer dança, eu peguei minha roupa toda, o sapato, eu era a que mais dançava, com Luciano. E tome bolero. Depois no outro semestre, dançava. Comecei a fazer. Hidroginástica, piscina, piscina. Já tenho mais de dez anos na UATI e nunca me afastei dela. Nisso, para mim minha filha ser viúva é a pessoa ter o equilíbrio, saber equilibrar e aprender a tocar pra frente a vida, num sabe, pensando e sabendo que aquela pessoa não vai mais voltar, não adianta você ficar choramingando num canto, numa cama. Você têm que vestir uma película nova e tocar a vida, encarar a vida com realidade. Vamos procurar viver a vida e tocar dias melhores, porque ninguém gosta mais de nós porque nós mesmos. A UATI foi assim uma força total que recebi, e que me revestiu de uma Orquídea nova. Então, as pessoas quando me vê ninguém diz que eu tenho essa idade, ser viúva é isso. É saber viver de acordo com os parâmetros, acompanhado o crescimento do mundo. O que mudou na minha vida depois que fiquei viúva foi a princípio, eu era muito presa, na igreja eu não ficava até tarde, quando eu ia para o louvor, ele sempre perguntava: Que horas o louvor termina? Rapaz que horror, o louvor não termina tarde, aí ele dizia: Quero você aqui às quinze pras nove. Às vezes eu deixava o louvor no meio do caminho, eu vinha correndo pra casa, e se eu não chegasse no horário que ele determinou, ficava perguntando: Por que demorou assim? Hoje rapaz, eu respondia: Teve uma reflexão, tinha um sacerdote novo. Se eu fosse na rua, tinha trinta minutos par ir e para voltar. Aí eu dizia: Não pode ser, eu vou andando, vou passar no supermercado J Santos, vou fazer uma comprinha, ele dizia: Não! Não! Faça o que tiver de fazer no banco, e volte correndo... Então, o que eu senti foi aquela liberdade. Ah! eu saio, vou para a rua, passo no J. santos, faço minhas comprinhas e faço um lanche, e vou olhar loja. Éta que beleza! Vou à igreja, assisto a minha missa, depois que acaba, faço minhas orações, eu sinto uma total liberdade. Vou aonde eu quero, não tenho mais ninguém pra cobrar que eu volte correndo. A gente sente falta dele... Mas com tudo isso, não

*casaria de novo, porque minha filha a gente sai de uma situação, e se casar de novo, volta tudo de novo, enfrentar uma nova situação, ainda mais que a gente já está acostumada a não ter mais ninguém. Eu prefiro ruminar com a palavra de Deus. Eu não sei minha filha sobre o futuro.... Eu quero que meus filhos sejam felizes, por que eles estando felizes eu também estou. Meu futuro está nas mãos de Deus. É está junto dos filhos e dos amigos. A relação com meus filhos depois que fiquei viúva continua a mesma coisa. Todo dia de 02 de fevereiro era uma festa imensa, minha filha Maria Juliana faz aniversário neste dia, os amigos todos vindo, a casa cheia, como é até hoje, do mesmo jeito que era antes é agora. Agora vivo a minha netinha a Rebeca, uma graça (Dona Orquídea começou a mostrar a foto da neta). Olhe minha filha, depois disso, minha pressão começou a oscilar, mas minha filha restringiu minha alimentação, não como muito sal, como muita verdura e frutas, to vivendo com saúde e continuar dançando na disciplina de dança e canto pelo Coral também. Outra coisa que me ajudou muito, o Coral Renascer, e lá a gente canta nas missas, viaja, canta fora, tem uma pasta com todas as músicas, canto aqui na Capela do Dom Pedro, fizemos uma roupa nova.*

#### **4. HISTÓRIA ORAL DE GARDÊNIA**

*A gente casou e se conheceu muito rápido, minha família morava em Cruz das Almas, e eu por sorte ou por destino, eu comecei a trabalhar desde cedo, e nos conhecemos no trabalho, depois ficamos naquele chove não molha, vai não vai, faz e não faz, até que fim nós chegamos aos finalmente, até que casamos. Casamos, tivemos duas filhas e vivíamos bem, com altos e baixos de todo o casamento, mas ele era uma pessoa muito boa e maravilhosa, bom, não financeiramente, não que veio me atingir porque sempre tive minha independência financeira, desde que me entendo por gente graças a Deus, eu sempre trabalhei, mas nunca me decepcionei com nada, apesar de ter sido mulherengo, ter tido várias mulheres, inclusive deixou vários filhos e por incrível que pareça todos me adoram, ele saía muito, viajava, e ele era muito brincalhão, nada levava a sério, tudo para ele era uma brincadeira, mas nunca foi de me maltratar, dizer coisas ruins, negava até a morte as coisas que ele fazia... Quando eu dizia de alguém que eu já sabia, ele negava, dizia que eu estava procurando confusão, mas com o tempo, muito tempo depois, ele me contava toda a história, mais ainda assim nunca brigamos, discutimos, se eu queria fazer alguma coisa, ele dizia: Olha aí as meninas olhando para você, com essa cara feia. Deixe as meninas verem essa cara feia. É por isso que para as minhas filhas o pai era um Deus para elas, nunca levantou a mão para as meninas, ele era só carinho, só carinho, muito amor. Só que aí ele adoeceu, e se foi (uma pausa porque começou a chorar). A morte dele financeiramente não me fez falta, porque eu sempre fui independente, sempre trabalhei, mas de companheirismo fez muita, muita, muita, muita, afinal foram 40 anos de casamento. Ser viúva é sentir-se só, por não ter aquela companhia... Eu tenho as minhas filhas que sempre me trataram muito bem. Tenho uma que mora nos Estados Unidos e me liga todos os dias, eu sentia muita falta dela, sofri muito, não agüentava nem botar o pé no chão. Agora, o que me ajudou foi eu nunca gostar de ficar parada, para mim tudo ficava bom se eu estivesse no meio. Minha vida não foi fácil, eu tinha 23 irmãos, no dia do velório da minha mãe, meu pai começou a paquerar minha madrasta, casou, arranjou uma pessoa para tomar conta da gente e aí só foi parindo, parindo, parindo, chegou a 23 anos e desde os 07 anos eu vivo na luta. Me casei... Na minha vida o que mudou foi só a saudade, porque ele nunca me proibiu de nada, nunca criou confusão comigo, se eu dizia que era pedra era pedra mesmo, se fosse pau dizia que era pau mesmo, nunca me contrariou, se não gostasse de algo ele saía para a gente não brigar, mas deixava eu fazer. Depois a minha outra filha casou ficou em casa, se separou ficou em casa e aí fiquei criando minha neta. Aí eu fiquei trabalhando, fazendo de tudo pra criar a minha neta. Agora que minha filha tá trabalhando fora é que eu sou para minha neta, mãe, pai, avó, tudo... Olhe minha filha, eu acho que não casaria de novo, agora se eu encontrasse uma pessoa que preenchesse os meus pré-requisitos, eu podia ter para sair, passear, dançar que eu gosto de dançar, que fosse uma pessoa do meu ritmo. Só que vida muda, o tempo muda, mas da minha vontade eu não caso de novo não, de minha espontânea vontade não. Eu gosto muito de minha liberdade, de ser livre, eu não gosto de nada que pegue no meu pé, eu acho que é por isso que eu vivi*

*durante anos. A única que ele não gostava de mim era de decote e roupa decotada (risos), ele dizia: Pra que essa roupa apertada, vai na frente pelo menos ninguém me olha, vai na frente. Decote ele já reclamava, eu adoro um decote. Ele achava ruim dizia que eu adorava mostrar os peitos, os peitos de fora. O dia que você não me quiser mais me diga, mas não saia comigo com essas roupas, ele falava. Tá tá tá bom! e aí eu levava na brincadeira. Hoje as coisas são muito diferentes, um jovem só quer mulheres um pouco mais velhas, e um velho só quer meninas mais novas. E eu não vou sair no ridículo de viver com um homem mais novo. Pra minha neta dizer: Olhe aí o namoradinho da minha avó. Não dá. Outra coisa é ter uma condição financeira boa, vai procurar quem tem uma vida financeira melhor ainda, não é? E quem não tem vai levar o que eu tenho e lutei com tanto tempo. Não! Não vai, é uma dor de cabeça, um problema. Hoje a minha preocupação é com as filhas que estão morando longe. Eu agora comprei um quiosque em Cabuçu, que vivo lá e cá. Quando eu fiquei viúva eu já estava na UATI e devido às amizades, elas não me deixaram cair, uma coisa que passou, não cheguei a ter nem depressão.*

## **5. HISTÓRIA ORAL DE VIOLETA**

*Vou começar falando do meu princípio de vida. Eu fui criada com um casal de idoso, minha mãe já tinha 60 anos e meu pai já tinha 62, fui criada assim, nesse carinho, nesse amor, educada em colégio de freira, nas Sacramentinas, continuei neste colégio, fui educada mais interna que semi-interna, por que eles viajavam muito para Europa, meu pai era italiano e minha mãe era baiana, resultado eu vivi nesta vida assim, de conforto, vida boa, e terminei no colégio, quando eu saí do pedagógico, que naquela época chamava pedagógico, e que eu terminei, vim morar ali no Rio Vermelho. Ficava ali passeando, mas muito controlada, porque meu pai e minha mãe tinham uma preocupação comigo incrível, não tinha liberdade não. Eu tinha uma vizinha que era muito mais avançada na idade, ela tinha 28 anos e eu nessa época tinha 16. Ela namorou com um rapaz e esse rapaz que ela namorou disse a mim: Violeta! Eu tenho um irmão que gostou muito de você, eu digo: Eu nem vi a cara dele. Então, não dá nem pra ver se eu vou gostar da cara dele. Eu era muito atrevida... Em um belo dia na festa do Rio Vermelho, pois toda a festa do Rio Vermelho eu ia, ele trouxe seu irmão para me apresentar, nos conhecemos, ficamos camarada, amigo. Ele era muito cortês, muito especial, ele tinha muita classe... Resultado, ele me mandou um cartão com uma pontinha virada, com um convite, se eu dava permissão de namorar comigo, que ele gostou muito de mim, aí eu disse: Tá certo! Combinei tudo com as meninas, e não disse nada para minha mãe nem meu pai. Eu era muito perigosa, perigosa demais. Tudo meu tinha que ser mais escondido que a verdade. Com isso, começamos a namorar... Eu tinha os cabelos muito grandes, era muito viva, muito desembaraçada. Comecei a tomar um curso de datilografia. Ele era funcionário público federal já nessa época, ele era mais velho que eu dois anos, mais ele entrou com 16 anos, com 15 já começou a trabalhar no INPS, ainda de calça curta, naquela época usava calça curta. Resultado, ele começou a vim, toda semana vinha me ver, mas eu sem dizer nada a mamãe, nem a papai, só as camaradas é que sabiam, eu tinha camaradas demais, eu até hoje tenho muita amizade. Ele começou através das meninas sempre estando comigo. Quando eu fiz aniversário de 16 anos, convidei ele para vir para minha festa de aniversário, nessa época eu tinha uma casa muito grande, ali no Rio Vermelho, hoje é a Escola Teresa de Lisieu. Fui criada ali, o final da minha mocidade foi toda ali... Ele era muito fechado, acanhado, apresentei ele a papai, a mamãe, essa coisa toda, com isso, começamos a namorar mais despreocupado, mas papai não sabia que ele era meu namorado, mas meu camarada, um amigo pois como eu tinha muito amigos. Eu tinha um piano dentro de casa, eu tocava, as amigas iam tocar, cada dia ia uma, eu sempre tive minha mocidade boa, toda foi muito boa, mas dentro de casa, não na rua, papai gostava que eu fizesse tudo dentro de casa, eu não me importava que enchesse a casa de camarada. Com isso, eu vivi assim. Quando foi um belo dia numa rua, papai me pegou namorando, e ele me disse: Eu já não lhe disse que eu não quero você de namorado com ninguém, aí eu disse: Não! Eu não estou namorando com ninguém. Ele descarrerou e eu corri para casa. Foi essa coisa toda, quando cheguei em casa, cheguei assombrada, aí com oito dias, ele disse: Não quero mais namorar escondido de seu pai e sua mãe, eu quero que eles me permitam namorar com você em sua casa, no portão da sua casa. E o medo que eu fiquei, porque eu achava que meu pai não ia eu deixar eu*

namorar, porque eu tinha 16 anos. Eles não iam deixar eu namorar com ninguém. Eu contei para mamãe, ele era um rapaz que era funcionário federal, naquela época funcionário federal era um cartaz muito grande, mas ele tinha uma família muito boa, da família Lopes, e comecei... Naquela época, todo mundo procurava ver de quem era a família, ninguém entregava a sua filha sem saber quem era a família. Resultado, mamãe foi procurar, papai foi procurar saber a família dele, se identificou dizendo que era pai de Violeta, que queria conhecer a família de Pedro, que ele queria oficializar, mas não tava querendo deixar, aí a família se apresentou, nós oferecemos um jantar e ele concordou com o jantar, que ele fazia questão de conhecer a família. Foi um jantar muito bonito por sinal. Começamos a namorar, dias depois oficializamos o noivado, em minha casa, papai ofereceu um almoço, foi um negócio muito cortês. Ficamos noivos por três anos, logo após papai faleceu. Ele fez questão de assumir, mas assumir de uma maneira, não é como hoje que hoje assume e já querem viver juntos, não ele fez questão de assumir, enquanto regularizava a situação de mamãe, porque papai era proprietário de duas ourivesarias, eles eram sócios, com isso ele tinha que a sociedade se separar, essa coisa toda, pra dar a parte de mamãe, com isso ele assumiu mesmo, ele não me deixava ir pra canto nenhum, sair de um Convento, para virar presa de um homem... Ele era muito sério, muito fechado, muito 100%, ele não queria nada fora do lugar, nada errado, com isso ele começou a administrar em casa, mamãe aceitando, mamãe passou a gostar muito dele. Com cinco anos de noivado casamos. Tivemos um casamento muito bonito também, mas ele detestava tirar retrato, ele não se importava em tirar retrato, não quis saber de tirar retrato, casamos sem tirar retratos, ele não quis de jeito nenhum, mamãe concordou, porque se meu papai tivesse vivo ele não chegaria a um negócio desses, ele pedia para tirar um retrato, mamãe achou ótimo, disse que não tinha problema nenhum, nunca se pensa no que vem no futuro, na velhice, nas recordações... Vivemos muito bem, casamos, tinha uma casa própria em Roma, a casa era muito boa, confortável, foi tudo feito a meu gosto, compramos móveis, minha mãe me ofereceu uma mobília de jacarandá, já me casei com toda a mobília. Tudo em linho, tudo em linho, naquela época não tinha nada que não fosse em linho, ele era muito exigente. Vivemos numa casa muito boa, muito bem montada, vivíamos muito bem, vivemos 45 anos, nossa convivência foi de 45 anos, e de completo acordo, mamãe achava uma coisa impossível, eu viver com ele, devido ao gênio dele, porque ele era todo fechado e eu toda extrovertida. Tinha que haver essa compensação e foi essa compensação foi feita durante 45 anos. Ele era um homem formidável, muito responsável, nunca foi homem de rua, de bar, de nada disso, muito responsável. Também quando adoeceu, com trinta dias morreu. Eu fiquei arrasada. A coisa mais impossível, que eu podia imaginar, era um dia Pedro adoecer e morrer, ele nunca tinha tido uma dor de cabeça, nunca perdeu um dia de trabalho, ele era todo 100% e a saúde também ajudava. Resultado, nunca tirou a licença prêmio, ela acumulou e só tirava depois de certo um tempo, então aproveitamos oito períodos de licença e viajamos, passeamos, viajamos, conhecemos o norte, o sul, fomos para Europa também, a Roma, naquela época era Dom João IV. Depois disso, eu tive filhos, moramos em Ihéus, e essa filha tão sonhada nasceu, pois já tínhamos cinco homens, e nos realizou mesmo. Criamos os filhos, eu vivia uma vida muito boa com ele, pois ele fazia questão de me dá o conforto que meus pais me davam, sempre vivemos muito bem. Ah minha filha, a morte dele foi uma tragédia na minha vida, eu me arrasei, quase que eu me apago também, mas meus filhos me ajudaram muito, a irmã Geórgia vinha muito aqui, nos mudamos para morar perto da filha, mas ele achou que tava longe da filha, conversamos com meu genro e ele concordou e fizemos um quitinete no fundo da casa de nossa filha e ele só usou durante trinta dias de convivência e a vida assim foi um fracasso, quase me arruinei, o glaucoma subiu estupidamente, perdi uma vista, com o problema da perda dele, tive um problema renal, mas tive que fazer muito tratamento para poder reagir, e aí reagir e daí em diante venho levando a vida a melhor maneira possível, sempre me economizando, e me poupando, tem que se poupar, que a idade vai chegando, agora com 77 anos, e tô vivendo muito bem com a filha, eu faço supermercado, ela também faz o dela e nós vivemos assim, nada de separado isso aqui é meu e isso aqui é seu, não. Nós somos eternamente unidas sabe? A minha vida depois que eu fiquei viúva mudou muito, a companhia me faltou, nós saíamos muito juntos, se eu ia ao mercado ele ia comigo, se nós íamos comprar alguma coisa na rua nós íamos junto, vivíamos uma vida sempre em comum acordo, e eu sempre querendo pintar, mas ele não deixava (uma pausa pois Dona Olímpia deu muitas risadas) ou dançar, ir a festa, mas ele não deixava. Se era um aniversário ou uma boate naquela íamos muito para a do Hotel da Bahia, a Oceania, ele era muito chique, não admitia guardanapo de papel, só de linho engomado, era muito exigente, tudo dele era muito bom, eu sempre muito bem arrumada e nesse

sistema eu me acostumei, por isso que eu vivo sempre assim, vivo sempre arrumada, não tem uma hora que você chegue aqui e me encontre desarrumada. Eu vivo muito bem com a minha família, com meu filhos, minhas noras, tenho 8 netos, tudo homem, uma neta, quero bem a todos, todos me querem muito bem. Eu vivo muito bem. E eu jamais me casaria de novo, de jeito nenhum, meu marido era insubstituível, um homem como aquele não se acha mais, era ele muito cuidadoso, arrumado, todas as qualidades boas ele tinha, ele só tinha uma de ruim, era o ciúme, só, há minha nossa, ele era ciumento demais, era demais, demais, no sentido de viver pra ele, olhar para ele, só pensando nele, sem olhar pra lugar nenhum porque se olhasse ele falava, só que eu sempre gostei de me enfeitar, ele me chamava de vitrine (risos), você quando sai parece uma vitrine, ele dizia. Eu sempre usei colar, argola, mas ele gostava, não se importava, mas também não queria que eu olhasse para lugar nenhum, se ele visse eu olhar para alguém, era paixão. Tinha que olhar só para ele. Essa foi a única coisa que nos aperreou um pouco, foi isso. Mas o resto para ele tava bom. Tudo ele achava bom. Tudo que eu fazia ele achava um encanto. Se era a comida ele adorava, ele adorava a comida que eu fazia, ele não queria que ninguém cozinhasse a comida dele, eu tinha duas, três empregadas em casa, mas eu tinha que tomar a frente da cozinha, era assim. Agora depois que eu fiquei viúva, como todos os filhos me deram apoio, os vizinhos, eu ia me sentindo bem. Essa filha que mora comigo foi incansável, meu genro também, os netos, eles me deram uma cobertura muito boa, para onde eles iam me carregavam, passeavam comigo, até hoje sempre tive muito acolhimento de todos, também vivo muito bem não abuso ninguém, não intervenho ninguém, não aborreço ninguém provooco ninguém (risos), não intervenho com nada, eles com seus casais que se acertem, que vivam a sua vida, eu já vivi a vida também né? Então eu vivo assim, não me meto em nada... Agora, os amigos eu isolei tudo. Não! Eu nunca mais convivi com ninguém desde quando eu me casei com ele, mas ninguém. Eu vivia em função do meu marido, somente. Se a gente quisesse fazer um piquenique íamos nós e nossos filhos, reunia com os meus sobrinhos, levávamos nove crianças lá na Ilha de Itaparica. E até hoje esses sobrinhos me tem um carinho extraordinário. Em Natal a casa fica cheia, com dois filhos, minha filha. Todo mundo se preocupa muito comigo. Todo tem uma verdadeira adoração comigo, quando sinto alguma coisa, todos apontam logo aqui. Com a idade que tenho me sinto muito feliz. A única coisa dele era essa. Meu plano para o futuro é continuar a viver a vida em paz, continuar a viver a vida em paz, viajar, e adoro viajar, depois de um ano e meio falecido, eu vivi um senhor acolhimento, aí irmã Geórgia, fez uma senhora excursão, que me ajudou muito, me refez, pensei que nunca mais voltava à vida, conforme ela me ajudou muito. Eu sempre freqüentava a igreja, eu ia à matriz, agora estou indo aqui na Igreja, Nossa Senhora das Graças. Aí depois, comecei a freqüentar a UATI, onde comecei a ter uma vida melhor, mais alegre, mais expansiva, mas eu não vou à casa de ninguém, me acostumei a esse sistema, é tanto que eu tenho aqui vizinhança, mas não freqüento a casa de ninguém, minha mãe sempre dizia: Quem tem sua casa vive ainda vive até em paz. Isso é uma verdade. Ela não gostava que eu fosse à casa de ninguém, queria que eu enchesse a casa. Minha vida nunca foi liberal de maneira nenhuma, nem ela nem papai, ainda me casei com um homem que era a mesma coisa (risos). Eu me casei com 17 anos e ele 19 anos, ele já era um destaque no INSS, trabalhou em diversos lugares, aonde ele ia me levava, não admitia que eu ficasse em casa pra nada, a não ser na companhia dele. Tinha de me carregar, mesmo que eu não quisesse. Voltando, com a perda dele eu tinha impressão que eu estava vagando, que eu não ia me recuperar nunca na minha vida de nada mais, tudo para mim tinha morrido, eu queria ficar com a roupa que eu tinha, não comprava mais nada, não me importava com mais nada, foi quando eu conheci, irmã Geórgia, a religião contribuiu muito para minha recuperação, muito, muito mesmo, a religião foi tudo na minha vida, até hoje ela é, é ela que me dá força, coragem, acreditar em Deus, meus santos, adoro meus santos, sou devota de Santo Antônio. Eu adoro ele... Mas eu sinto falta dele, minha filha, só não sente tanto quando não é uma pessoa boa. Uma pessoa boa faz uma falta tremenda na família, ele era o esteio da família, todo mundo da família adorava ele, todos até hoje sente falta dele, ele morreu rápido demais, ele morreu com 62 anos, morreu jovem, com toda fortaleza do corpo, tinha 1, 80 cm de altura, pesava 80 kg, era bem distribuído, ele se alimentava com muito carinho, não se alimentava para ficar empanzinado, ele era muito cuidadoso. Engraçado que ele dizia sempre pra mim: Não morra não, porque eu vou sofrer muito, e eu dizia também: Você também não, nós temos que morrer os dois juntos. A vida é tão engraçada... essa coisa de morrer um depois o outro, essa coisa de um ser diferente do outro, como se dão bem uma pessoa diferente um do outro... Nos damos muito bem, foi uma vida maravilhosa. Ele me deixou numa condição financeira muito boa, graças a Deus, um salário muito bom, me deixou muito

*bem, sem problema nenhum. E quando você tem um marido que lhe deixe numa situação financeira boa, de independência, é muito bom também. Digo que não estou melhor, porque não faço questão de mais nada, minha questão hoje, é ir para o CUCA, ir para a terceira idade, é a UATI (risos), é a coisa que eu mais gosto hoje em dia. Diante disso, minha filha, eu não quis aproximação com homem nenhum mais, nunca mais, não vou achar ninguém que substitua ele, de maneira alguma, minha avó tinha um ditado, que quando se vive o primeiro casamento, o segundo nunca se vive. O povo ainda diz que sou muito jeitosinha, as meninas sempre me dizem que quando a gente sai com Olímpia, todo mundo olha para Olímpia, e não olha para ninguém (risos). E se um homem olha para mim, eu já estou desviando a vista, se me olhar insistentemente, já estou desviando a vista, chega, não quero nem continuar olhando, de jeito nenhum. Seu Antonio, um senhor que eu tinha muita amizade com ele mas ele começou a querer me cantar, também isolei, agora ele tá bem quebrado, já fez várias cirurgias não tá bem de saúde, agora tá mais quietinho, mas ele era perigoso. Teve uma vez que ele veio me buscar em casa aqui dez horas da noite, para passear, e eu não fui, de jeito nenhum, mandei foi o genro atender ele. Tomei um susto. Na questão de matrimônio, eu tive uma vida muito boa, muito boa, Graças a Deus. Até hoje eu sinto muita falta dele. Quer saber de uma coisa eu me desfiz de uma cama de casal depois de 06 meses que fiquei viúva, passei a dormir numa cama de solteiro que eu estou até hoje, não consegui de jeito nenhum ficar com a cama de casal, pela falta que senti dele, uma coisa horrível, uma coisa inacreditável, quando o médico me disse que ele estava muito grave, e que não tinha mais jeito, e a maldade já tinha se alastrado, parecia inacreditável que eu ia perder meu marido, eu me escondia para chorar, me escondia para não chorar na frente dele. Ele morreu muito rápido, ele só teve tempo de perder oito quilos. Ele era forte, um homem muito sadio, nunca tinha sentido nada. Ele só esperou a neta fazer 15 anos... foi um negócio inexplicável, muito repentino, eu não me acostumei, custei a me acostumar e até hoje me sinto magoada ainda, se não fosse fé que eu tenho na religião, eu me tornava uma revoltada, sabia? Pelo amor que eu tenho a Deus, Nossa Senhora e Meu Santo Antônio (risos), foram eles que me deram muita força e me dão até hoje. Não tenho mágoa com ninguém, tu sabe que o homem tem uma maneira agressiva de falar com a mulher, mas ele não, ele nunca me magoou, quando me aborrecia era com empregada, eu era muito exigente, aí ele dizia: Ó minha filha! Pra que você fica se aborrecendo com esse povo, manda embora, se não serve manda embora.*

## **6. HISTÓRIA ORAL DE TULIPA**

*Olhe minha filha, você pode até estranhar, mas a viuvez para mim foi a liberdade. Eu perdi meus pais cedo, fiquei com os seis irmãos... Quando um dia eu saí do orfanato minha tia pressionou... apareceu este senhor que aparentemente tinha alguma coisa, ele dizia que tinha alguma coisa. Minha tia muito dizia: Ele quer te ajudar! Mas eu não queria. Eu queria estudar, entendeu? Eu queria ter outro tipo de vida e também eu estava paquerando outro rapaz, chamava até Cezar, um moreninho bonitinho dos olhos verdes. Mas neste tempo que eu saí do orfanato eu adoeci, adoeci, eu tava no primeiro ano de contabilidade do Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Num sabe como não é? Eu não queria casar, eu queria estudar para ser professora. O meu negócio era ser professora. Eu adoro magistério. Me aposentei porque não teve jeito... Minha tia sempre dizia e eu não queria estudar num colégio normal. Aí por causa da doença eu fiquei internada e preocupada porque eu era a mais velha dos meus irmãos... Meu único jeito pra eu estudar foi ir para um colégio que tinha contabilidade. Eu detestava, só que não tinha jeito. Assim mesmo para não ficar sem estudar eu fui. Eu fui. Quando eu não resisti, eu pedi uma bolsa de estudos no colégio que eu queria estudar e fui pra casa. Quando eu cheguei na casa da minha tia, a menina dizia que eu estava feliz... Eu tinha uma irmã, que morava num colégio interno, era a minha diversão no domingo, eu não sabia ir pra casa. Um dia minha tia me pediu para ir com o meu tio na lotação, naquela época é o que a gente chama hoje de Kombi, transporte alternativo. O dinheiro do meu transporte eu fizesse um lanche, pois meu tio ia pagar a passagem. Quando eu tomei o carro, a kombi, tava vazia e ele pegou a minha mão e colocou em cima do pênis dele... Quando eu voltei para casa eu voltei totalmente diferente. Eu sofri muito, eu acho que na outra encarnação, eu fui danada, por que muita coisa ruim acontecia comigo e era sempre com as pessoas que eu precisava. Tá entendendo? Eu sempre achei que a coisa tem que acontecer quando existe*

amor. Hoje é normal, mas eu acho o seguinte; que quando a gente tem um relacionamento muito sério, não é só sexo, sexo pra mim é um complemento de um relacionamento, eu nunca gostei... O meu tio tomava um negócio, tomava a frente, e aí como é que eu falava pra minha tia na casa dele? Eu pensei que isso ia parar por que eu me afastei, não aceitei e quando foi um dia eu não agüentei mais, foi quando contei para minha tia, ela não acreditou e ele me disse que eu tinha 24 horas para sair da minha casa... Começaram a discutir por minha causa, todos os dias, só que ela dizia que eu não ia sair porque a casa também era dela e meu pai tinha ajudado muito ela. Dizia a ele que ela era como se fosse uma filha mulher, uma menina órfã, sem pai, começou aquela coisa toda... Mas eu fui vendo aquilo e não fui gostando, eu ensinava tudo direitinho, ia juntando meu dinheirinho, ele me dava o dinheiro do transporte mas ele cortou. Eu vinha de Nazaré a pé até a liberdade. Quando eu chegava em casa, esperava ele sair para eu poder almoçar e com isso meu organismo não agüentou, e eu fui pegando muita gripe, aquela gripe constante e quando fui um dia eu tossir, e escarrei sangue, eu já tinha um sério problema, e ela dizia: Que nada menina isso deve ser da garganta! Só que eu fiquei insistindo, eu quero fazer um Rx, eu quero fazer um Rx. Quando foi um dia ele chegou tão apavorado em casa que disse: Oh ela, Oh eu! Minha tia ficou apavorada... Eu pedir para Antonia, a empregada, que me levasse para casa de minha outra tia, pois eu não queria transformar a vida de ninguém num inferno. Foi ela que me acolheu, me levou para o médico e depois de 06 meses eu melhorei. Na época o médico dizia que eu precisava de alimentação e repouso. E minha tia mandava eu tomar leite na coqueira, porque a gente morava numa chácara. Lá vizinho tinha um homem que era um pouco mais velho que eu e que ele sempre me observava, e conversava comigo, até que chegou um dia e ele me disse: Você não quer uma pessoa pra se casar? Quer que eu lhe dê uma vida melhor e tudo? Eu entendi que era ele. Respondi: Eu não quero casar. Eu cheguei em casa fazendo uma certa crítica e antes não tivesse feito, pois eu falei para a moça que era auxiliar de minha tia: Sabe que quem me chamou para casar comigo? Foi aquele veio lá da roça. (risadas). Nessa época ele tinha uns 46 anos e eu com 17. Ela veio e contou para minha tia. Oi, Sabia que o veio chamou Tulipa pra casar e ela disse não! Minha tia ouviu e ficou calada. No outro dia, eu estava sentada conversando com ele, quando chega minha tia: Eu soube que o senhor falou... Olhe eu queria viver na época de hoje. Eu era muito reprimida. Naquela época era terrível, além da ignorância a repressão... Assim que ela ficar boa ela casa... Quando foi na segunda-feira ele chegou com a aliança (risos). Eu chorava, chorava, meu tio que fazia sala para ele. Ele começou a me vê todo dia. Aí botei a tal aliança do dedo... Passava já um ano e tanto eu naquela vida, não saía para lugar nenhum, era presa, aí foi finalizando... Um dia minha tia viajou para Itiúba e ela não me levou. Não! Deixa ela aí! Tinha uma senhora vizinha que se eu precisasse podia chamar ela que ela me atendia. E eu doida pra ir. Eu não sabia de nada, olhe como a ignorância é perdida. Um dia ele me perguntou: Você ainda é virgem? E eu fiquei toda sem graça, muito escabriada. Aí eu disse: Sou! E ele continuou: Eu vou fazer um teste! Olhe se você não for mais virgem, você me diz que eu aceito me casar com você de qualquer maneira, mas eu não quero ser enganado, viu? Ele era maquiavélico, malicioso, entendeu? Eu acho que ele ficou com medo de eu escapular. Agora, eu vou fazer este teste! Pegou um cordão, amarrou em meu pescoço e mandou eu morder a ponta e se passasse pela minha cabeça já era. Eu acho que era um negócio secular (risos), porque eu acho que ele sabia, e lá vai eu para casa achando que eu era virgem (risos) porque ele vivia dizendo que: Se você não é virgem eu lhe mato. Eu não aceito ser enganado! Ele não era uma pessoa ruim, mas era rude. Tinha a virgindade como algo de respeito, moral. Aí fiquei naquele dilema. Antes de minha tia viajar a gente já deixa o casamento marcado. Quando sua tia viajar a gente acaba fazendo o serviço (ele se referia ao ato sexual), e foi o que acabou acontecendo. Foi horrível! Foi horrível! Uma coisa forçada, uma coisa com medo eu não sei explicar e quando eu vi que era virgem mesmo, ah minha filha! Eu chorava, chorava muito, foi traumático... Quando minha tia chegou ele apressou o casamento, o que eu acho engraçado, cômico hoje (risos) é que o vestido de noiva, eu era católica, apostólica, tinha um diacho de um véu que quando minha tia colocava o cabelo não segurava e o véu não queria ficar (risos). Aí ela me perguntava: Você fez alguma coisa de errado? Já perdeu a Virgem Maria? (risos), Aí eu disse: Não! Foi muito cômico. Oxente! Que estranho esse véu não quer ficar na cabeça! Terminou dando um jeito no véu e foi aí que eu me casei. Aí é que foi coisa. Foi festa três dias. E eu nesses dias vivendo presa, todo mundo lá dançando e eu dentro do quarto pra ninguém. Eu era uma pessoa tão sofrida que se tivesse em família eu tava isolada. O povo ficava perguntando. Cadê a noiva? Eu vivia presa, presa, não saía pra lugar nenhum, ou eu saía com ele, e era só para brigar. Um dia a gente saiu e um rapaz

*cantava: O veio gagá já deu o que tinha que dá! Ele achou que era com ele.(risos). Isso gerou uma confusão... Quando eu saía de carro menos mal, fora disso era confusão. Eu era muito alta, nova, um morenasso. Quando eu tinha uma briga com ele eu cortava tudo que era foto que eu tinha com ele. Toda briga, cortava um retrato. Hoje só tenho uma foto que tem apenas a mão dele (risos). Nessa vida toda durou quatorze anos. Meus irmãos saíram do orfanato e eu fui dar assistência no começo, houve aceitação mas quando foi mais adiante era cobrança de tanta gente e eu sozinha. Depois, ele começou a ficar doente, era cardíaco também. E eu fui muito pro lado do cardecismo, a igreja católica nem sempre respondia as minhas questões. Aí quando eu ia saindo da igreja algo me puxou para trás, meu corpo tremia. E na casa de minha tia ela começou a falar com alguém e eu sem entender nada, ela era médium. E ela dizia como é o seu nome? Maria das Neves. Morreu de quê? Câncer de estômago. E porque você tá aqui? Porque eu gostei dela. Aí vou levar você pra Divaldo e até hoje eu frequento um centro espírita. E todo lugar que eu vou eu digo amém. Cristo para mim foi um revolucionário da época, não essa divindade que dizem por aí. Eu posso expor tudo isso... E ele ficou doente, morreu no Santa Isabel. Pra mim foi um alívio, ele tinha dinheiro, era um homem farto, tinha tudo o que queria, eu tinha secretária, mas eu vivia como se tivesse sido condenada a uma prisão, não podia conversar com ninguém, com a mulher porque se não para ele, ela ia me dá um monte de conselho errado e se fosse um homem já era amante. E o pior que ele morreu e toda a noite em sonho ele vinha fazer cobrança, tudo que acontecia comigo ele vinha cobrar. Se eu conversasse com um amigo, era uma coisa impressionante por que ele achava que estava vivo e eu traindo ele. Eu sei que você tá me traindo! Mas pra mim era um sonho. Quando um dia passei mal eu fui para pracinha passear. Quando um amigo meu me viu e me deu vontade de xingar, era a mente dele trabalhando sobre mim. Era uma coisa tão real. Olhe minha vida, minha vida melhorou muito depois que ele morreu, melhorou a minha auto-estima, mudou a liberdade que eu não tinha, quando você era dominada por uma pessoa e pra evitar certos problemas a gente acaba aceitando. A morte dele pra mim foi um alívio, não vou dizer que também não senti nada porque ele era muito bom para mim. Eu depois disso disse que não queria casar com mais ninguém. Chamei meus irmãos para morar comigo. Eu tô sozinha e tinha uma pessoa, que seja senhora, mas antes ter alugado para outra pessoa porque era uma senhora que tinha uma filha que era prostituta e que um filho, naquela época já se falava em drogas. Aí quando eu conheci quem era, eu mandei ela ir embora e ela não aceitava, mas aí chamei meu irmão. Aí eu me lembrei de um amigo de meu marido que era do exército e me pediu ajuda. Aí eu comecei a construir uma nova casinha. Então eu me mudei para essa casa mesmo antes de terminar.*

## **7. HISTÓRIA ORAL DE FLOR DE LIS**

*A gente se conheceu em Salvador e a gente se casou por lá, fizemos tudo lá. Me casei por lá vivi mais de vinte anos, depois ele foi transferido para um local chamado Iramaia. Depois passei um bocado de anos. Tivemos os nossos filhos, e eles foram crescendo, começaram a estudar. Ele trabalhava assim comprando, tinha depósito de mamona, vendia muita gasolina, comprava a mercadoria e tudo vinha de trem. E aí ele tinha a pessoa certa para comprar, ia tudo pra Salvador, eu vivia o tempo todo lá. Depois o patrão dele comprou uma fazenda, pediu a gente para cuidar dela, nela também tinha um depósito, onde meu marido comprava mamona para vender. As coisas ficaram ruins, eu acostumada com Salvador, ficava isolada naquela fazenda. Resolvemos vir embora, mas em Salvador já não queria ficar, pois achava que ficava muito ruim para os meninos pegar ônibus, resolvemos ficar em Feira. Não tenho muito o que falar do casamento não. A gente sempre tinha uma desavença um pouco, mas era normal, era uma coisa sempre passageira. Nunca me separei. Nunca tive problema dele me deixar, me bater, tinha essas coisas de casal. Coisas simples, esse negócio de um não falar com o outro, ficar de mal, virar de lado na hora de dormir, isso nunca me aconteceu. Ele era um bom marido, tinha lá os seus defeitos, todo mundo tem, mas não era tanto assim, mas também eu não reclamava, que quando ele gostava de tomar uma cerveja, aliás ele não bebia, quando eu conheci ele, ele não bebia, mas com o trabalho dele nesses lugares que não tinha diversão, não tem nada, sempre a pessoa gosta de beber. E ele começou a gostar muito de uísque, esse povo estrangeiro bebe muito uísque. Quando ele ficava em casa, o povo chamava, traziam uísque até da Suíça. Não era todo dia.*

Depois disso, ele adoeceu, morreu, ele andava, mas teve uma dor, fez uns exames, ele era muito teimoso... Fumava demais, fumava dois maços de cigarro por dia, mas quando a gente falava ele não gostava. Ele dizia que fumava com o dinheiro dele, ninguém podia falar nada. Eu sei que depois ele largou o cigarro, o médico disse que ele não tinha muito tempo... Aí ele adoeceu rapidamente, depois a gente se mudou para casa nova, ele não gostava muito que era pequena. Ele vivia na nossa outra casa a maior, ele ia e voltava todo dia, lá ele fazia o que queria, ficava a vontade... Eu também não me importei muito não, deixava ele ir, Eu não estou lhe botando para fora de casa! Quando ele adoeceu, ficou aqui. Depois ficou internado. O médico disse: Olha! Ele não vai demorar muito! Deixe só um filho, aqui. Três dias depois ele faleceu... Olha minha filha, a morte dele foi assim, eu sei que a gente não veio aqui para ficar, sou uma pessoa conformada. A gente sabe que morrendo a gente vive para a vida eterna. Eu aceitei como uma coisa normal, porque a gente sabe que é normal mesmo. A gente que tá vivo espera o quê? Me acostumei. A gente sente aquela falta, lembra de muita coisa, lembra de tudo, mas a pessoa tem que se conformar que a pessoa já foi. Ser viúva é encarar a realidade de ser viúva. Na minha vida eu achei que a pessoa melhora por que tem mais liberdade, você faz o que quer, vai aonde quer, só faz o que quer, não tem mais aquela responsabilidade de fulano reclamar, eu tenho que voltar para fazer isso. A gente não tem mais a responsabilidade de ter que cozinhar para ninguém. Não tem aquela pessoa mais para dar mais satisfação, não tem mais aquela obrigação de passar, lavar. O que fizer tá bom. Homem não! Sempre exigia mais. Olhe minha filha, eu jamais me casaria de novo, Deus me livre! Aí não! Porque homem sempre gosta de causar confusão. Então porque eu vou querer mais se meus netos já estão grandes, meus filhos também? Pra que mais? Eu acho uma verdadeira loucura casar com um homem velho para ter mais trabalho? Já me vi livre, não sou maluca, que nada! Daqui pra frente, eu quero ter saúde para sair, se eu tivesse dinheiro eu pegava um avião e ia para Fortaleza, ia pra São Paulo, corria o mundo, mas como meu dinheiro não dá eu me mando para Salvador. Vou em Aracaju. Eu se tivesse dinheiro só vivia viajando, conhecer outras pessoas aqui é que eu fico chateada. Aqui não tenho muito que fazer, para me distrair. Aí quando eu quero sair eu vou para Salvador. Aqui eu só vou para a UATI, quando tem uma palestra boa. Vou vê as colegas vou bater um papo. Vou para distrair. Depois que eu fiquei viúva não senti que mudou nada, os amigos continuam a mesma coisa. Esse negócio de dificuldade dentro de casa eu não sentir nada eu já tinha costume de resolver tudo mesmo, tanto meu como de filho mesmo. De filho ir para a escola, tudo foi assim eu que tomava a frente. Eu não senti falta por isso, porque eu já estava tão habituada. Toda vida eu fui assim, aquilo que eu via que podia fazer, eu não pedia pra ninguém fazer, eu fazia e nem pedia para ele fazer. Eu não deixava e nem pedi porque ele tinha uma cabeça vazia, e no dia que eu estava meio danada eu dizia a ele que ele só tinha cabeça para carregar cabelo, e eu não, toda a vida eu sempre raciocinei mais pras coisas, pra botar o filho pra estudar, pra comprar, pra tudo, toda a vida eu fui assim, ele até dava o dinheiro, mas não sabia o que fazer e eu sabia. Eu quase que nem dependia assim dele, toda vida eu trabalhei em casa, mas eu controlava, gostava de ter o meu, nunca gostei de viver pedindo: Me dê dois reais, três! Não sou igual a essas mulheres que vivem pedindo dinheiro ao marido. Eu gostava muito de trabalhar, quando eu tinha o meu dinheiro, eu dava, emprestava, mas não pedia a ninguém. Essas coisas de depender de marido, nunca gostei! Depois meus filhos foram crescendo, foi trabalhar sempre me davam dinheiro, eu paguei uma aposentadoria para mim fora da dele, pois eu sabia que só a dele ia ficar muito pouco. Fui orientada por um advogado amigo meu e aí comecei a pagar, assim eu mesmo fiz. Toda vida eu fui diferente assim. Eu nunca vivi viciada, colada em marido não. Certo que muito antes dele morrer eu já estava aposentada e ele achava que eu ganhava muito mais que ele, mas também não pedia nada a ele. Vivia de acordo com o que eu tinha, fazia feira para mim e para os filhos e os filhos me ajudando. Nunca pedi dinheiro pra vestir, pra sair. Ele sempre fazia o que ele queria com o dinheiro e ele achando que eu ganhava mais que ele. Nós vivemos 45 anos de casamento. Eu acho que eu fui bem casada, por que hoje em dia o povo casa e depois de dois meses tá se largando e a pessoa conviver muitos anos, é difícil a gente ver hoje. Os casais de hoje e as mulheres trabalhando fora...Hoje é tudo diferente. Olhe minha filha, numa coisa eu sofri no meu casamento que até a empregada ele mexia, teve uma que ele teve até um filho. Quando eu viajava ele fazia a festa, só que eu nunca dei ousadia de falar nada, de sair da minha casa. Eu sempre dizia a ele que tudo na vida se acaba. Você pensa que acaba o mundo, mas vai ser o mundo que vai acabar você! Foi mais de quinze anos nessa vida, ele era muito machista.

## 8. HISTÓRIA ORAL DE BROMÉLIA

*Nós nos conhecemos e casamos muito rápido. A família dele gostava muito de mim e a minha dele, tive 10 filhos. Nós vivíamos mais ou menos, a gente sempre tinha uma briguinha, porque eu era muito ciumenta, muito exigente, muito abusada. Quando ele saía para trabalhar eu ia atrás dele, mas quando ele chegasse um pouco mais tarde era aquela briga porque eu achava que ele estava namorando, eu achava que ele tinha outra mulher, bobagem minha, isso é besteira da gente. Então eu ficava muito chateada, se ele demorasse de chegar, eu estava sempre indo atrás dele, só que minha mãe sempre me dava alguns conselhos, me chamava de boba, porque se ele tivesse que ter uma mulher, eu nunca ia impedir, você não vai empatar. Depois resolvi ouvir minha mãe, e fui ficando mais calma, comecei a viver melhor. Vivemos 46 anos de convivência. Agora ele era muito bruto, muito ignorante, muito bruto, mas eu gostava dele. Nunca me separei. Se ele tinha mulher nunca soube. Nós vivemos esses tempos todo bem. Ele era um bom pai, ele trabalhava e fazia tudo pela família. Quando meus filhos eram pequenos, eles nem sentiam tanto, mas era uma vida aperreada, era uma vida difícil, mais depois eles foram crescendo, ficando grande, ficando moça ou rapaz alguns já começaram a trabalhar, foram me ajudar, foram aliviando mais a barra. Eu ficava em casa cuidando dos filhos e ele trabalhava... Só que chegou uma hora que precisei trabalhar, trabalhei até me aposentar ali no Cajueiro. Até hoje vivo bem, tenho boas amizades dali do Cajueiro, todo muito gostava muito de mim, gosto muito de fazer amizades... A morte dele foi de repente, ele não gostava muito de médico, era muito ignorante, ele achava que um chá resolvia tudo, resolvia melhor que um médico. Ele vivia tendo uma diarreia, tomava um chá, parava. Eu dizia sempre para ele ir ao médico e ele dizia: Que médico que nada! E quando o chá não resolveu, a diarreia continuou e aí ele se convenceu e aí foi no médico, fez alguns exames, mas o médico não disse nada a ele. O médico me disse: Amanhã a senhora venha com um filho para falar sobre o problema de seu marido! Ele falou que estava com um tumor no fígado e que ele tinha pouco tempo de vida e que a gente tinha que tomar muito cuidado. Olhe! Foi horrível! A gente ficou muito triste. Eu, depois de tantos anos de convivência saber que meu marido ia morrer? Ele era meu companheiro, meus filhos cresceram, saíram tudo, só tinha eu e ele dentro de casa... Depois que ele faleceu pra mim, foi um horror! A casa ficou grande. Hoje eu saio muito, viajo muito pra não ficar muito só e esquecer os problemas da vida. Eu não consigo mais ficar dentro de casa. Que nada! Ele nunca empatou de viajar. Todo ano eu viajo. Oh minha filha, tenho de viajar! Depois que eu fiquei viúva, minha vida mudou muito, porque quando a gente tem marido a gente sai e fica naquela preocupação de voltar, que ele vai estar sempre lhe esperando. Agora vivo só. Graças a Deus! Sempre respeitei ele e até hoje eu o respeito e me respeito. Nos finais de semana vou passando um final de semana na casa de um ou na casa de outro filho. Vou levando a vida... Homem é muito chato, quando a mulher sai, ele fica esperando em casa, quando chega do trabalho e não encontra a mulher em casa, fica logo perguntando, fica logo de cara feia. Fica zangado. Hoje mesmo eu saí de casa cheguei em casa 12:30, ninguém me disse nada, se ele tivesse aqui, já tava de cara feia. O que aconteceu? Eu tomei banho, almocei, e descansei tranquilamente. E se ele estivesse aqui eu não fazia nada disso, eu já estava preocupada com a cara dele. Por causa dessas coisas eu jamais me casaria de novo, pra perder minha liberdade? Deus me livre! Eu minha filha! Pra que eu quero mais casar? Deus me defenda! Eu gosto de viajar. E se eu tiver alguém, mesmo que eu goste dele, eu não vou poder viajar. Que pra ir dois a despesa é grande, e um é mais melhor. Pra viajar e deixar uma pessoa só, também não dá. As viagens às vezes são dez dias, 15 dias. Vou deixar? Graças a Deus depois que ele morreu, meus filhos começaram a me ajudar. Essa casa é minha, graças a Deus não pago aluguel. Faço minha feira de mês, só tenho uma despesa maior no final de semana, e como eu sou só, dá. Ser viúva é ruim demais, eu tenho medo de dormir sozinha hoje mas eu tenho um neto que sempre vem dormir comigo, porque pelo dia eu não me incomodo de ficar sozinha, porque eu saio, durmo, tudo bem, mas de noite, eu tenho medo de me sentir mau, de não poder ligar no telefone para os meus filhos para pedir socorro. Não gosto de dormir com a porta fechada, pra pessoa pensar que eu estou dormindo e na verdade eu já estou é morta. Tenho medo de tomar banho de porta fechada, isso é a vida de quem dorme sozinha. É muito ruim. É horrível. Quando ele tava vivo, mesmo velho e doente, eu tinha uma companhia e com isso me sentia mais segura e agora não, sozinha, fico com medo de tudo. Amanhecer sozinha numa casa grande... Depois que ele faleceu, minha filha ainda veio dormir um período aqui comigo, mais depois teve que ir pra casa dela. Meu genro queria que eu vendesse a casa, essa casa é grande, minha*

*família é grande. São dez filhos, se eu vender essa não vou conseguir comprar outra, e não vai dar para todo mundo. E essa herança foi tudo que ele deixou. Eu nunca quis morar na casa de ninguém, a gente perde nossa liberdade, é ruim demais. Na casa da gente a gente tem a nossa liberdade, dorme a hora que quer, sai a hora que quer. Olhe minha filha, eu tenho muito medo de morrer, quando eu vejo que vou completar 73 anos, eu imagino que vou morrer, fico assim triste. Faço minhas atividades pra esquecer isso, me ajudar a não pensar nessas coisas. Foi muito difícil me acostumar a viver nessa casa só, mas ia fazer o que? O meu medo de dormir sozinha é porque as coisas só acontecem de noite, de madrugada, de dia nunca acontece. De passar mal e quem é que vai me socorrer? Com meu neto não! Olhe minha filha, por tanta coisa ruim que já passei, a UATI é a minha vida, ela ajuda muito a gente, se não fosse a UATI, eu tava morta... Depois que eu perdi o meu marido, três meses depois um filho meu também morreu, aí então a vida tinha acabado pra mim. Quando veio a Terceira Idade pra me salvar. Depois da Terceira Idade, minha vida mudou tanto, me levantou, esqueci um pouco os problemas. Rezei muito, porque eu sou muito católica e aí eu estou vivendo... Graças a Deus! Eu falo para todo mundo participar. Se não fosse ela eu não tinha esse conhecimento de viajar. Não tava vivendo tão bem. Ela me ensinou muita coisa. Ela cicatrizou um pouco a ferida. Eu tava doente. Eu adoro.*

## **9. HISTÓRIA ORAL DE LÍRIO**

*O meu casamento toda vida foi muito feliz. Eu trabalhava como mascate. No começo ela me ajudava muito, então nos casamos, eu era que fazia as compras nas feiras livres nas cidades, enquanto ela então vendia em casa. Depois deixei de viajar e comecei no ramo de artefato de borracha, vendendo pneu, câmara de ar, correia, e outros acessórios para borracheiro, material de conserto e etc. O meu casamento foi simples, mas muito bonito, digo do princípio até o fim. Quando casamos, eu tinha 16 anos e ela tinha 15 anos. E vivemos durante esse tempo de casados, graças a Deus muito bem. Era um coração, num só, eram dois corações em um só, durante 65 anos de casamento. A minha relação com minha esposa era a melhor possível, como com nossos filhos que foram criados tudo com a gente, com todo rigor, não foram meninos viciados, não foram meninos de brincadeira, tanto que todos estudaram, são quatro moças e um homem, todas quatro formadas, rapaz formado, entendeu? Todos trabalham, todos são casados, já tem sua casa própria, entendeu? Graças a Deus vivem muito bem. Eu e minha esposa tudo que fazíamos era tudo junto, tudo combinado, da melhor maneira possível, nosso casamento era harmonia pura, nunca tivemos desarmonia. Durante esse tempo nunca tivemos desarmonia nenhuma, nem eu com meus meninos, nem eles uns com os outros, nem eu com minha senhora, graças a Deus foi uma vida maravilhosa... É tanto que hoje me faz muita falta, é por isso que hoje me faz muita falta, a falta dessa união inesquecível... Ela faleceu no dia 20 de abril, vai fazer 06 anos. Ela não tinha problema de saúde, sentia uma dor de cabeça crônica, que não havia médico que desse jeito, aqui em Feira de Santana, em diversos médicos, fui a Salvador em diversos médicos, teve em São Paulo, fizemos um check-up na maior clínica de lá, entendeu e não tinha nada, quando chegou aqui foi ao médico e deu um princípio de gastrite, mas ela facilitou, não fazia o tratamento certo, o médico passava tanto comprimido para ela, então esses comprimidos afetou ainda mais o problema, conforme que ela morreu ligeiro, por causa da gastrite que aumentou e teve um princípio também de úlcera, foi uma morte ligeira, ela adoeceu no sábado num hospital que não atendeu ela direito, peguei ela ligeiro, levei para Salvador, mas ela não agüentou mais, a úlcera explodiu, então ela faleceu, um morte rápida. A perda foi a pior possível, a pior possível, que eu até hoje estou desorientado, cinco anos e eu não me conformo de maneira alguma, pra mim tenho a impressão que ela tivesse feito uma viagem, pois a gente viajava muito, pois passamos um tempo fora, primeiro tivemos nos Estados Unidos, depois a Europa toda, passeamos conhecendo os lugares todos, e aí voltamos, e eu continuava trabalhando, mas depois que ela faleceu eu abandonei totalmente a loja, tá na mão de minhas filhas e elas tomam conta da loja até hoje. Agora eu não parei totalmente de trabalhar, eu estou em outra atividade, que é a venda de terreno, financiado para pessoas que chegam de fora e quer uma moradia. Pra loja eu não fui mais... A viuvez para mim significa, não tem nem comparação de ruim, por que eu não quis outra criatura, não tive mais saúde, depois que fiquei viúvo. Tive problema de gastrite, tive problema de vesícula, depois tive aquele problema de próstata, passei uma temporada fazendo tratamento, aqui em Feira e em Salvador, fiz quarenta aplicações e essas*

*aplicações me acabaram, pra evitar que a próstata não crescer. Então minha filha, depois que fiquei viúvo, eu fiquei isolado, sozinho, a maior ruína, o maior desastre pra mim foi ter me isolado, por que na época que minha princesa era viva, esse era como a gente chamava ela, a casa vivia cheia, o pessoal da UATI, vinha aqui pra casa, ela tinha um carro grande que levava as amigas para a Terceira Idade, que ela também fazia parte, era minha companheira também lá. Ultimamente pra mim praticamente eu não tô vivendo, tô vegetando, por não tenho meu amor, não tenho amizade como era antigamente, os amigos deixaram de vir aqui. A casa vivia cheia de colegas, todos os sábados viam aqui, elas viam almoçar com a gente. Hoje nossa casa é grande, tem 20m de frente com 70 de comprimento. Tem dia que passo o dia sozinho aqui, tenho a empregada e um jardineiro e um motorista, mas quando dá 05 horas esse pessoal vai embora. A minha família vive toda espalhada, eu tenho uma filha que mora em Maceió, outra em Salvador, e os outros aqui, mas todos tem suas obrigações em casa. Quando perdi a minha esposa todos me deram assistência, nossa relação é a melhor possível, me deram muito apoio, a mais velha é que cuida de me levar aos médicos. A minha família sempre foi e continua unida, agora nem todos pode me dá assistência porque todos tem suas obrigações, é claro! Mas sempre que podem me dão. A mais velha se dedica muito a mim, vai para o médico aqui e em Salvador. Me acompanha em tudo e é ela que toma conta da loja também. Olhe minha filha, eu não me casaria de novo, por que não? Porque eu nunca encontraria uma companheira como a primeira. Até que surgiu, mas muito por interesse, muito interessadas. As mulheres que aparecem hoje são a base por interesse, e eu também me sinto acanhado, bastante idoso, para procurar casamento de novo, com essa idade eu não poderia casar... O meu amor pela Princesa era muito bonito e muito forte, e começamos muito cedo. Eu não planejo nada da vida, só em viver em família. No mês passado, eu passei oito dias viajando, fui ver minha filha caçula. A minha vida tem sido um sofrimento, não de passar necessidade, sentir falta de nada, mas o sofrimento de me sentir sozinho, isolado, o maior castigo da minha vida é me sentir só. Me sinto totalmente só... A morte é uma coisa que não tem comparação, saber que a pessoa vai e não volta mais é um sofrimento muito grande pra pessoa que fica. Eu queria dizer mais que continuo aqui nesta solidão, pra mim é uma solidão. Minha mulher era minha vida, depois que ela morreu eu me sinto totalmente zero, eu não tenho alegria mais para nada, não vou em festa, saio apenas com minha filha, minha distração é ioga na UATI, hidroginástica e aula de história. Mesmo assim, minha vida é muito triste, nada se compara, não tem nenhuma comparação não ter ela ao meu lado, é um sofrimento. Pra quem procura um novo casamento, se procura casar de novo, menos mal, mas quando fiquei viúvo logo adoeci.*

## **10. HISTÓRIA ORAL DE ACÁCIA**

*Ia pra firma, chegando lá ele mesmo abria a lanchonete, arrumava o café cortava o pão passava a manteiga, quando os funcionários iam chegando já tava tudo arrumadinho. Agora depois que ele se aposentou, antes via na hora do almoço e só voltava de tardinha de tarde, porque ele teve um acidente lá no serviço e teve que ficar aqui, e ficou sete meses sem levantar pra sarar não sarava por causa da Diabetes. Aí teve que amputar, - Ah! Não vou trabalhar mais! Ainda brincava com os filhos dizendo assim: - Eu dei a vara pra vocês pescarem, agora vocês pesquem os peixes de vocês! Aquela firma que tem ali, pra ela ser grande do tamanho... O meu filho mais velho falou: Gente! Temos convidados de outras firmas, de outras empresas, o pessoal da Bosh veio de Campinas, veio do Rio Grande do Sul, pra inauguração e tal, temos um coquetel. Olha gente vou falar uma coisa pra vocês, cada tijolo dentro dessa firma tem uma gota de suor de meu pai... Ele tava vivo ainda e tudo né? Por que até de servente ele servia. Eu acredito na construção, pelo nome, forte, eu tô te falando de uma pessoa que nunca adoeceu, a não ser a Diabetes, ele nunca teve nada. Começou com a dorzinha no peito. Então é isso que tô te falando, a vida da gente é uma vida só. Conheci em Patos de Minas, num baile, eu fui passar uns dias com meu tio. Conheci ele numa festa na minha terra, mas antes ele disse: Se mandar o convite eu vou! Então mandei um convite pra ele e pra turma dele, meu irmão morava em Patos também, ele foi... Começou o namoro, então de quinze em quinze dias ele ia pra minha terra pra passar o sábado e o domingo comigo. Namoramos nove meses, ficamos noivos, foi um noivado lindo, foi véspera de São João, aquela festa. Depois marcamos pra casar em janeiro, casamos dia 25 de janeiro, às seis horas da tarde, na Igreja Matriz de Patos de Minas, depois teve um coquetel no*

*clube, viajamos, fomos pra Araxá, cidade de turismo, a terra do lameja, passamos uns dias, fomos dar uma volta, um giro, passamos na casa dele, a família dele em Patos, e voltamos pra Iviá, onde residimos por muitos anos... Ele era chefe de oficina mecânica da Chevrollet, quando moramos em Iviá. Foi em Iviá que tive meus meninos, todos eles, fiquei grávida do primeiro passei por um parto muito difícil, por um tombo que levei na escada, teve que tirar por que levei muita pancada, com oito meses dei a luz ao mais velho. Sete filhos fui uma mãe bem criada pra criar os filhos, os três primeiros foram bem certinho, o primeiro pro segundo foi um ano e dois meses, o segundo pro terceiro foi um ano e três meses, e o terceiro pro quarto que foi mais tempo, depois tive um aborto, fiquei grávida outra vez e tive uma menina, chamada Poli meu apelido é Poli por isso ele chama Nanci, e tanto que quase ninguém me conhece como Janete, tive a Nanci e fiquei oito anos sem criar ninguém, não ficava grávida, aí comecei a sentir umas dores na barriga, a gente é católico, então pedi a Nossa Senhora que se fosse uma doença preferiria um filho, que mais um, eu já tinha cinco, melhor um filho do que uma doença qualquer, tava fazendo uma novena. Então resolvi ir ao médico, chegando no médico ele disse que eu tava grávida, diferença de oito anos de uma pra outra, foi um parto maravilhoso, é uma filha ótima, sabe? Parece uma bonequinha, ninguém fala que ela é casada, o povo vê ela como uma menina de dezoito anos. Agora não, por que tá barrigudinha, né? Mas foi um parto muito bom, todos eles foram, disse que não ia engravidar mais... Passou sete anos apareceu a pequenininha, a “rapinha de tacho”, como dizia meu marido, ele falava que era a rapinha do tacho, e ele chamava ela de minha nega, minha neguinha, e o parto dela foi difícil, por que eu já tava idosa, com quarenta e um anos... Começou a Diabetes, problema de pressão alta, gravidez só de repouso, com oito meses senti um mal estar, tive que ir pro hospital, chegando no hospital meu médico estava viajando, tive que ir pra mão de outro pra fazer uma cesárea e tirar. Aí tive uma parada cardíaca na hora da cesárea, onde fiquei com o problema que tenho e faço tratamento até hoje, só teve por que o médico não sabia que eu tava grávida, receitou muito hormônio achando que eu tava com menopausa e perdi muito sangue, e ela nasceu com muito pêlo, mais peludinha que os outros, mas graças a Deus fez os exames, viu que ela não tem nada, e essa é a história do meu noivado, meu casamento e meus sete filhos. Júlio, Felipe, Rafael, Nivaldo, Poliana, Beatriz e Carla são meus sete filhos... Ele foi um excelente marido, me ajudou muito a olhar os filhos, sabe? Se chegasse de noite e falava que tava cansada ele levantava ia, olhava, pegava, levava os meninos pra mamar, meu resguardo, foi muito bem guardado, por que ele vigiava, não gostava que eu fizesse nada... Os próprios funcionários dele sentem muita falta, muita saudade, é muito difícil, os empregados quase morreram de chorar, vinte e tantos funcionários ficaram chocadíssimos com a morte dele, eles chamavam ele de “nosso mestre”, por que ele que ensinou todo mundo a trabalhar lá dentro, ele que ensinava todo mundo, a nossa secretária tinha colocado a faixinha preta, sabia que tava doente que tava internado. Ele foi um bom funcionário, um bom marido, honesto em todas as partes que você pensar, bom pai, em relação sexual, marido exemplar, sabe? Não era aquele tipo de gente que não queria, não quero nada, ele queria, ele era sempre pela casa. Tinha verdadeira adoração pelos meus pais, morreu dentro da nossa casa, meu pai e minha mãe. Pra você vê como ele tinha um coração bom, meu pai era diabético já não tava quase enxergando, nós morava em uma chácara, ele fez o quarto do meu pai perto da copa da cozinha pra ficar mais fácil e o banheiro perto, meu pai não podia beber por que o médico tinha proibido, mas um médico amigo da família tinha dito: O tio Chico, chamava papai de tio, tanto faz ele beber a vida dele tá curta, eu acho que atrasar a vida dele é até um pecado! Diziam que ele comprava uma caixa daquelas cervejas pequena e punha na dispensa lá da chácara pra mamãe dar pra ele na hora do lanche três horas. Ele tomava queijo fresco, fazia lá em casa, comprava salsicha, azeitona, tudo pra fazer o tira gosto dele pra comer com a cervejinha. Já sabia, dava três horas ia abria a cerveja mamãe já vinha com prato dele pra mesa, era sagrado ou ele ficava em jejum, por que se ele gosta e tá com a vida curta, tanto faz ele beber como não beber ele tá com a vida curta, então vamos deixar ele fazer o que ele quer... A minha mãe quando ficou viúva, eu tinha verdadeira adoração pela minha mãe, ela costurava muito pros outros, era vestido de noiva, camisola, essas coisas, eu disse a senhora vai parar, a senhora tá muito cansada, ela tinha problema cardíaco, tava muito cansada, eu vou fazer um galpão de galinha poedeira pra senhora, vou mandar fazer uns cestinhos tudo direitinho daquelas galinhas poedeiras que põe, que bota os ovos e ficam fora do galpão, eu pus cem galinhas, ela vendia os ovos pra ela ganhar o dinheirinho dela, só pra ela não ter que mexer com a máquina mais, ela tinha que fazer uma atividade, já tem 25 anos que morreu... Ele era um coração assim, se você chegasse aqui e conversasse comigo e me dissesse: Olha D. Acácia tô passando necessidade, não*

tenho um tostão em casa meus filhos tão passando fome, eu tô passando dificuldade, se ele escutasse falava: Como que é o seu nome? Onde que a senhora mora? Eu tenho dez reais aqui no bolso, toma e quando você tiver, quando você puder você me paga! Isso eram as pequenas coisas. A empregada outro dia disse que seu Francisco faz uma falta tão grande, a vizinhança que reclama isso, que qualquer coisa que fosse eles corriam pra cá e dava assistência, pegava levava no hospital. Sabe, tinha um velho aqui que era paraplético, ele botava ele no banco da frente mandava a filha atrás pra segurar e ia passear na cidade, pra ver a cidade, ele não era só assim com a família mas com os outros, acho que por isso que Deus foi tão bom pra ele que ele não sentiu dor, foi muita pouca dor... Os funcionários eram loucos por ele, então ele era isso, comigo, com os filhos, com os netos, ele falava que honestidade não se compra, tem que ser dentro da gente, que a melhor coisa da vida é ser honesto. E foi isso que ele ensinou para os filhos, e os filhos são a mesma coisa. Eu acho que Deus não castiga ninguém, mas minha mãe falava quando ela ficou viúva e eu vou falar, é um castigo muito grande que a gente sente, é uma coisa muito dolorida, é uma coisa que até hoje com dois anos, eu ainda tenho a esperança dele voltar, tem dia que eu penso que ele viajou, como ele ia muito pra Minas pra casa do filho, ia muito mais que eu. Tem dia que fico achando que é ele que tá chegando, é ele que tá voltando. Sabe? Quando vou ao cemitério eu peço a ele pra me dar forças, por que tem dois anos e pra mim, foi ontem. Aquele jeito dele de chegar de conversar, de toda manhã sentar, tomar o café comigo antes de sair, é muito difícil, os meninos não gostam que eu reclame que eu chore que isso é ruim, sabe? Mas tem dia que a saudade aperta, a falta, eu acho que a viuvez é uma coisa... Eu tenho a impressão que a pior coisa que pode ter a não ser viúvo é a perda de um filho, por que eu tenho a impressão de a gente perder um filho é que perde um pedaço da gente que sai. Eu tinha muito medo de ficar viúva, nossa! Eu tinha, eu tinha um edema no pulmão que não sabia o quê que era, não tinha dor, não tinha tosse, não tinha nada, aí resolvi tirar um raio-x que o médico cardiologista pediu, ele viu e disse que não tinha nada, aí fui pro Dr. Modesto e ele disse que eu tava com uma mancha no pulmão, fiz a tomografia e deu, mandou pro Dr. Humberto: A senhora tá com um nodulozinho, tem que tirar, a senhora vai fazer todo o tratamento,. Tirou mandou fazer a biópsia, e ainda disse: Olha não é nada mas eu vou mandar fazer a biópsia. Meu marido passou oito dias reclamando e dizendo que tinha medo que eu morresse, que se eu morresse ele iria junto, que pedia a Deus pra morrer antes de mim... Eu não tenho mais aquela vontade de sair, eu saio por que os filhos ficam insistindo, eu fico uma semana inteira sem chegar no portão, não acho jeito, fico assim achando que estou largando ele, os filhos dizem pra eu me arrumar pra sair, mas eu acho, é coisa minha, que estou traindo a memória dele, a minha nora ela tem um salão e queria pintar o meu cabelo, eu disse a ela que não pintasse não por que em vida do meu marido, eu nunca pinteí, nunca pinteí o meu cabelo na minha vida, agora na falta dele eu vou pintar? Ele gostava que andasse de unha pintada, ele gostava de vermelho, gostava do cabelo pelo ombro, não gostava que eu deixasse o cabelo crescer. Se eu usasse uma roupa assim, ele não se importava, não ligava, não implicava, sabe? Agora depois da falta dele eu vou pintar o cabelo? Não minha filha, não vou não! Eu acho que casamento, pra mim, é um só! Mesmo se eu ficasse viúva nova eu não casaria. Agora tem muita viúva nova, de vinte, trinta e poucos anos que casam de novo... Meu plano de vida, que eu não sei quanto tempo ainda tenho de vida, é viver do jeito que vivo, é viver pelos filhos, quando uns precisar eu estou, quando outros precisam, eu também estou, e pedir a Deus pra me dê vida enquanto ele achar que eu possa ter, pra olhar e dar apoio aos filhos enquanto necessário for. Meu plano de vida é esse, continuar a mesma vida, muita fé em Deus, eu peço todas as manhãs, agradeço muito a ele. Eu sempre falo: Olha bem você se foi, mas me deixou sete perolas. Por que são sete filhos bons, uma casa antiga, mas é uma casa com muito conforto, boa, tem vinte e um anos que nos mudamos aqui pra Feira, eu vim de Uberlândia pra cá. Nenhuma ele gostava, comprava uma casa, ficava dois anos, depois tomava raiva da casa que essa casa é isso é aquilo. A gente tava morando em um bairro muito bom, num village ótimo, mas ele quis mudar por que tinha muito passarinho, e que tinha escada, e como meu problema de coração, vai pra lá e pra cá subindo escada e faz mal. Um rapaz amigo dele chegou lá na firma, tava construindo aqui, essa firma nova, que era lá na João Durval, perguntando se ele tava querendo comprar uma casa, que esse bairro, o Centenário, é muito bom morar e tem uma casa pra vender, aí arranjaram a chave e a gente veio ver, a casa tava caindo os pedaços, que o homem que morava aqui tinha matado um estudante no barracão de engenharia, a tiro, isso deve ter uns onze anos, o homem que matou morava aqui, ele tinha sido preso, e então a casa tava abandonada, e a mulher dele que era a dona tinha ido embora pra Salvador, ela tava servindo de esconderijo de drogas. Aí o pedreiro olhou, e ele falou: Bem,

*adorei lá! Apesar da casa ter que reformar toda.*

## 11. HISTÓRIA ORAL DE FLOR DE LARANJEIRA

*Olha minha filha, eu não casei com meu esposo, não por uma questão de amor, mas por aquela questão de libertação, porque eu fui criada num colégio de freiras e quando eu saí de lá, eu tinha 18 anos, já tinha perdido meu pai e minha mãe, já estava me sentindo desambientada, sem saber para aonde ia... Ficava um tempo na casa de uns parentes hoje, na casa dos outros amanhã e assim foi a minha vida. Foi quando eu comecei a trabalhar no comércio e foi onde conheci ele. Eu trabalhava com um médico, Dr. Carlos Freitas, trabalhei 05 anos, foi quando conheci ele e esse médico sempre me aconselhava: Pra que eu ia casar! Eu tava muito nova! Eu tava com idade entre 18 a 19 anos. Porque que não espera um pouco? E eu dizia a ele: Dr. o meu problema é esse, e outro, eu não tenho uma casa, um lar, tinha irmão, mas cada um num canto. Então, eu comecei a namorar com ele, depois eu conheci a família dele, mas eles não iam muito com a minha cara porque eu era escura e ele branco, eu podia fazer vergonha a família, porque eu era escura, aquela coisa de família... Aí o tempo foi passando, fiquei um tempo com a família dele, me tratou muito bem, a mãe dele sempre me tratou muito bem, foi uma maravilha, foi uma sogra, não sei se minha mãe tivesse vida seria assim, adivinhava meus pensamentos, o cuidado que ela tinha. Passei uns tempos com a filha dela, era uma mãe mesmo pra mim, mas ele sempre assim, nunca teve aquele amor... Ele bebia muito, o problema dele foi todo a bebida, aí pronto, casamos. Naqueles tempos, ele melhorou bastante. Aí tivemos cinco filhos. Até os cinco filhos foi uma maravilha, depois desses cinco filhos em diante, o pau quebrou. Ele não tinha mais responsabilidade, foi um absurdo mesmo. Tive que ir trabalhar, fazia doce pra vender, depois consegui arranjar emprego da prefeitura como professora. Fui professora leiga muito tempo, fui estudar, porque ganhava pouco, tinha cinco filhos e tinha que buscar educação para eles como pobre. Eu era pobre e queria ver meus filhos com um futuro melhor, e graças a Deus dar o melhor para eles. Aí minha filha, voltando, ele chegava em casa bêbado, ele ficou rebelde, era aquela confusão. Agora, na hora que estava são você podia fazer o que quisesse com ele, mas na hora que ele bebia era um inferno, era um sofrimento, sofri muito mesmo com ele, mas agüentei até o dia que Deus quis. Era um marido bom, o problema dele era só quando bebia, me esculhambava, dizia que quando eu ia trabalhar, eu ia atrás de homem, era aquela vergonha, aquela esculhambação na frente dos filhos, e os filhos ficando tudo revoltado. Os meninos ainda pequenos e via todo aquele drama dele, e ele tinha um problema que dava uns ataques, foi um problema, eu não sei nem te contar como foi a minha vida... Pra estudar também foi outra história, outro sacrifício na minha vida porque ele não queria que eu estudasse, porque tinha época que estudava de manhã, época que estudava de tarde, outra época eu estudava de noite e assim fui até o fim, graças a Deus, eu consegui criar meus filhos. Hoje tenho duas aposentadorias, uma pelo município, outra pelo INSS. O que eu ganho hoje dá muito bem para eu sobreviver. Ele não conseguiu se aposentar, porque ele nunca contribuiu, mesmo tentando ele não podia porque eu já era aposentada e isso poderia me prejudicar. Tai! Todos os meus filhos estão tudo criado, cada um com suas casas, ninguém depende de mim. São oito, cada um tem sua vida arrumada, dois tem sua empresa. O meu filho Paulo foi que me ajudou a criar os outros menores. Criam os seus filhos dando conforto que eu não pude dar a eles. Eles sabem disso! Fico feliz, em ele botar os filhos em escola particular, porque eu não pude dar isso a eles. Tinha vontade, mas não podia. Todos são formados... A morte dele foi rápida. Quando eu fui levar o café da manhã dele, ele já estava morto na cama. Ele ficava mais num quarto na casa porque ele quebrava tudo dentro de casa. Eu dava toda a assistência a ele, era muito difícil a convivência. É muito difícil você dormir com uma pessoa com cheiro de bebida todo dia, e o pior é que ele não tomava banho; da forma que ele vinha da rua, dormia, eu não dizia nada porque ele era muito agressivo, ficava calada. Destruía tudo, depois dizia que me amava, não sei o que passava por dentro dele. Eu fiz o café, esperei que ele chegasse e nada, quando eu vi a porta do quarto aberta, botei a comida da gata, botei o café, o pão, o cigarro dele, que ele gostava de fumar, Menina! Alguma coisa tava acontecendo, não ouvir zoada de banheiro, dele mexer numa cômoda que ele tinha. Deu sete horas e ele não veio tomar café; quando eu entrei, ele tava na cama de sapato, que ele ia sair, a chave do quarto pra fora, ele já tava duro, a mão em cima do peito. Ele tossia muito, ele fumava muito, muito mesmo. Se ele tinha*

algum problema de saúde, ele não dizia. Apareceu com um caroço no rosto na semana que ele morreu, e eu disse a ele: *Vá ao médico! Tudo bem!* Respondeu ele, ainda tinha o seguinte, os meninos às vezes vinha aqui em casa, queriam sair com ele, mas não adiantava porque ele tava sujo e fedendo, e dizia a ele: *Oh pai, desse jeito não dá pra sair com o senhor!* Ele se desprezou mesmo definitivamente, entregou ao desespero, a vizinhança é toda testemunha, às vezes, quando eu saía deixava tudo pronto pra ele, o café e o cigarro, algum dinheiro, pedia mesmo que olhasse ele. Nunca faltou nada, nunca deixei de dar assistência a ele, não dava mais porque ele não queria, quando as meninas falavam, ele não ligava. Ele não ligava. Dizia: *Não! Quero não!* Pra eu poder lavar a roupa de cama eu tinha que esperar ele sair... Olhe minha filha, agora eu tô bem, eu andava muito estressada, com sinceridade, agora eu tô bem. Ser viúva pra mim é tá feliz, não a felicidade assim porque ele morreu não, mas porque eu agora tô vivendo, porque eu não vivia..., Tá pensando que eu saía para a Terceira Idade tranqüila? Eu saía era pensando, preocupada, não tinha aquele prazer de ficar ali despreocupada. Não! Era aquela preocupação de sair e chegar, porque quando ele saía eu ficava preocupada, pensando que ele caiu na rua, que alguém bateu nele, que ele passou mal. Era aquela pressão mesmo... Tanto eu lhe digo com sinceridade, então eu parei. Quando ele morreu, eu não sabia se sorria ou se chorava, parece que aquele dentro de mim trancou. Meu Deus do céu! Eu não tenho mais vergonha de dizer fulano morreu. Pra mim é diferente. Já era. Eu perdi um neto, um genro, antes dele morrer. Tive esses traumas na minha vida, que quando ele morreu, eu até agradei a Deus, você sabe? Pelo sofrimento dele e pelo meu, porque a gente queria fazer uma coisa com ele e ele não deixava, aquilo martirizava a gente, chateava, chocava, porque a gente queria ver o ser humano de uma maneira e ele não queria. Ninguém queria, ele já tinha 73 anos. Ele era uma pessoa muito difícil, foi muito difícil que eu encontrei. Olhe minha filha, depois que eu fiquei viúva, tudo mudou, tudo. Tô menos preocupada, não tenho mais o que pensar, agora eu to pensando em meus netos, filhos, bisnetos e genros, sem preocupação não é? Eu era muito estressada, eu tava muito estressada, atendia as pessoas mal. Depois eu ficava... Oh meu Deus! Por que eu fiz isso? Por que eu fiz isso? Eu falava coisas, falava alto, pergunta a Violeta como eu passava? Meu filho teve uma festa de 50 anos este ano e foi feito uma filmagem e nessa fita tava ele, falando, pedindo a Deus que tirasse ele primeiro, que levasse ele. Depois fez uma cena como se ele tivesse se despedindo (ela fez um sinal de tchau). Esse filho teve uma crise, minha filha, de refluxo, que era o único filho que ele obedecia, era bem controlada a bebida quando ele tava junto, era bem controlada a bebida. Olhe minha filha, eu jamais me casaria de novo. De jeito nenhum! Tenho os meus filhos, passei tanta decepção na minha vida pra quê? Eu quero não! Minha vida, meus planos do futuro a Deus pertence! Viver a minha vida. Participar do grupo da Terceira Idade que é minha realização, faço teatro, coral, dança moderna (mostrou-me um álbum de fotografia das atividades feitas na UATI). Viver isso... Cuidar da minha saúde está em primeiro lugar, que se eu tiver alguma coisa eu ligo pro meus filhos. Eles me adoram, todos os dias eu ligo pra eles. A viuvez pra quem vivia bem com o esposo, tinha um bom casamento, era solidão, mas pra mim eu não me sinto solitária. Porque tenho os meus amigos, meus vizinhos, meus filhos, pode ser que eu ainda me sinta só, mas a minha comunicação é demais, eu quero ver eu sair daqui ali, parar com um, dois ou três e não parar na ultima casa. Todo mundo aqui me conhece. Se perguntar: *você conhece a professora Flor de Laranjeira?* Todo mundo sabe onde é, vai levar na porta, do pequeno ao grande, ensinei aqui perto. A viuvez não é bom, né? Eu sempre me senti só, pelo comportamento dele, ele era uma pessoa que eu não podia conversar, compartilhar as coisas, não. Eu tinha pena dele. Tinha dia que eu perguntava: *Oh meu Deus, por que as coisas têm de ser assim? Por que não é do jeito que eu quero? E eu sinto, às vezes, a falta dele, tinha que ser um dia ou eu ou ele. Ai Deus levou ele primeiro. Quantas vezes eu chamava para ele ir ao médico e ele dizia: Não! Não vou pra médico! Pra quê médico? Invocava com médico, não gostava de médico. A minha relação com meus filhos depois que ele morreu continuou a mesma, com minha vizinhança, meu comportamento é o mesmo em relação a isto, minha vida não mudou em nada, minhas atividades são as mesmas, vou pra rua receber meu dinheiro, pagar a quem eu devo. Meus vizinhos são maravilhosos, se eu precisar de qualquer coisa, eles estão rente comigo, meus filhos me ligam quando eles lembram, eu ligo também, sempre me ligam: Mainha, tá tudo bem? Tô. E eu digo: E vocês? Eu ligo mais, mas também eles têm uma vida muito ocupada, tem as atividades, e eu sempre ligo, porque eles sempre ficam preocupados por eu estar sozinha. Eles falam: Mainha, trate bem esta menina, que uma igual a essa a senhora não vai achar? Ela é boazinha, tem um calundu que ele é da roça, mas eu vou equilibrando ela, nunca venho na cidade, ela estranha tudo, até uma sobrinha ela nunca tinha*

visto. Ela não queria estudar, mas eu disse a ela que tem aqui uma escola perto e que ela vai ter que estudar. Você veio pra aqui, com o intuito de ficar comigo e estudar. Você já pensou, eu uma professora? Já ensinei, tendo um colégio perto, a escola tá na porta. Aqui, se faltar um, tem outro para substituir. Então você vai ter que estudar porque se você não estudar, eu lhe devolvo para sua mãe. Ai ela ficou preocupada, com medo... A morte do meu marido foi uma perda, mesmo sendo um inimigo, a gente sente. Imagine uma perda de uma pessoa que é parte de seus filhos, vivemos 50 anos e um mês. Meu filho fez cinqüenta anos e ele faleceu. Engraçado que perto dele morrer, eu achei ele estranho e perguntei: Francisco, o que é que tu tem? Ai ele disse: Nada não! Vá cuidar da sua vida. Era isso que ele dizia. Se preocupe com você! Então, o que é que eu podia fazer? Olhe, eu lutei, lutei muito pra ver se mudava alguma coisa, mas eu tive que mudar um pouco, eu não podia pensar só nele, dedicar-me a ele, se ele nunca se dedicou aos filhos. Eu olhava pra trás, eu tinha oito, tinha a mim, meus filhos. Meus filhos não pediram pra vir ao mundo, quem colocou eles aqui foi eu e você. Quem tem que cuidar deles sou eu, já que você não quer, sou eu que sou a mãe. Não vou abandonar meus filhos, jogar eles à toa só por causa de você, não, só pra cuidar de você. Não! Eu cuidei de meus filhos sozinha, pode-se dizer, ele não sabia quanto custava. Olhe menina, eu não sei nem o que dizer. Ele no início era tão diferente... Não botava nada dentro de casa. Quantas e quantas vezes, minha filha que estudava a tarde, almoçava resto de cuscuz, porque não tinha o que comer. Eu não. Tudo o que ele tinha, jogou tudo fora, tudo fora por causa da bebida. Eu tinha uma casa na rua, uma casa, despejada que ele não pagava. Olhe, abaixo de Deus, agradeço esta casa que tenho hoje, agradeço a Vitorino e Saulo, que eu não sabia que a gente tinha direito a essas casas, era professora, eram os órgãos federais, estaduais. Isso aqui é minha vida, tudo isso aqui que você tá vendo, tudo dentro de casa foi com o meu trabalho. Criei, eu ensinava, mas eu cuidava deles, chegava, olhava a lição e dizia que o que se via em casa ao sair, em casa deixava, não tem nada de levar pra escola. Nunca recebi uma queixa de meus meninos. Eu soube criar eles, eu sofria junto com eles. Nem muito amor eu dei a meus filhos, porque não tive tempo. Sabe, eu nem tive tempo. Eles hoje têm amor comigo e eu por eles. Sempre que posso tô com eles. Viajo com eles, fico com eles, não esqueço meus filhos. Vou para Salvador, Ilha. Eu saía muito pouco, porque eu andava muito preocupada. Nunca condenei a atitude deles diante do pai.

## 12. HISTÓRIA ORAL DE HORTÊNCIA

Eu conheci meu marido numa tarde tão feia, que se tornou muito bonita. Tava chovendo bastante e ele morava na mesma rua e eu não sabia que ele morava na mesma rua. Ele disse que já tinha me visto que ele já tava de olho em mim. E por uma coincidência, eu estava na janela que naquela época a gente ficava na janela, papai não deixava a gente sair. Eu estava debruçada na janela, minha irmã do lado, olhar aquela chuva cair tão bonita e aí veio passando uma pessoa de guarda-chuva tão bonito, olhou para mim e disse: Boa tarde! Tá admirando a chuva? E eu disse: Estou! E você mora aqui há quanto tempo? É. Por que eu nunca vi você aqui antes! Ele era fotógrafo e foi trabalhar com o patrão. Na segunda-feira minha irmã me disse: Olhe isso para mim significa “bola”! Ai ela me disse: Tu já viu esse homem aqui? Eu disse: Não! Em frente a um ponto da rua tinha um tronco de um coqueiro que era o ponto certo da gente de tardezinha, era o ponto de encontro das vizinhas. Ai, uma quando encontrava a outra dizia Hortência, eu vou para o pau. Eu vou. E aí naquela mulequeira. A gente ficou. Ficou, por coincidência para mim foi a primeira vez que eu tinha visto ele, mas para ele não. Ele tinha conhecimento. Ai um dia eu ia descendo para casa de minha madrinha, que era perto da minha casa, e quando eu ia saindo da casa da minha madrinha, eu o vi passar. Depois de um mês eu fui para matinê com minha irmã, aí a gente brincando, fazendo bolinha de papel atirando na tela, que eu era muito moleca, fui me distraíndo. Acabou o filme, fui para casa, quando eu ouvi alguém falando por trás dizendo: É uma mocinha recatada, mas que parece um molequinho, viu? Olhe eu não xingar a senhora sua mãe, que eu não xingo as dos outros, cuide da sua vida que você não tem nada a ver com isso, sou dona do meu nariz! Ai eu disse. Ele retrucou: Desculpa senhora, foi só uma brincadeirinha! E respondi: E eu não gostei! Pronto, ficamos morando próximo por mais uns seis meses, quando depois de uma tarde, por intermédio de uma vizinha que começou uma brincadeira e brincadeira essa que terminamos nos casando. Casamos por acidente porque eu fiquei grávida, aí eu

tinha mesmo que casar, não casei com esses amores, não. Casei por acidente, porque eu engravidei. E nesse acidente criou amor entre eu e ele, tive seis filhos. Tive brigas como todo mundo, só que ele viveu comigo e com muitas mulheres e com isso soufrí muito. Pensei em me separar, mas como eu ia deixar meus filhos sem pai, não. Ele não tinha condição de sustentar duas famílias, então pronto, eu não sou a ladrona. Um dia ele vai cansar e eu tinha muito apoio da minha sogra que sempre foi uma pessoa maravilhosa para mim, que era mesmo que uma mãe para mim. Meu pai que achava que por a gente ser muito jovem, eu com 17 ele com 19, era tudo por falta de juízo dos dois e relevava tudo, porque ele achava que era um bom marido, um bom pai, um bom genro e com isso a gente conviveu um bom tempo. Muito tempo foram 31 anos de casamento. Ele era muito boêmio, muito farrista, gostava muito da rua, aí ele terminou ficando fraco... Meus filhos já estavam todos criados, as meninas todas casadas, meu filho mais velho também, só ficou comigo os mais novos. Ele foi ficando doente, teve problema de impotência, que foi um problema sério e como era o garanhão do mundo, ele ficou muito agressivo. Tinha dia que eu ia à casa de minhas filhas ele dizia que motel tinha dono, porque dizia que ia sair para ir atrás de homem... Ele adoeceu, quando foi um dia ele teve uma crise de cirrose. Foi uma crise fulminante. Um filho trabalhava no Banco do Brasil, o outro em Cruz das Almas, mas todo final de semana eles vinham. Ele teve pneumonia, teve hepatite e o médico disse que ele não podia beber, mas ele continuou a beber. Foi quando uma irmã minha foi falar com um médico amigo dela sobre ele pra saber se ele não tinha uma doença grave. Não era pra ter preocupação, pois já tínhamos seis filhos, muito bons que não nos deu preocupação, criamos como seis bonecos. Todos são obedientes, o mais velho me pede a bênção até hoje com 45 anos. A criação conta muito, todos são muito atenciosos comigo, se eu sentir uma dor na unha, a casa fica cheia de gente... Depois que meu marido morreu, uma nora minha disse que ia me matricular na Terceira Idade. Eu disse: Não! Eu não vou para canto nenhum, eu não quero sair! Eu não saía para lugar nenhum, meus filhos me chamavam para sair, e eu dizia não, não, aí meus filhos falavam: Oxente, minha mãe! A senhora vai é com a gente! Não eu não vou! Se eu já era presa, me tornei mais presa ainda. Depois de muito tempo que eu acabei indo para UATI, por insistência de outras colegas, vizinhas, por sinal também viúvas. Quando cheguei lá não dava uma palavra. Olhe minha filha, deixa eu te dizer uma coisa, a viuvez para mim me deu uma liberdade, que foi uma beleza... Hoje eu tenho minha aposentadoria, a pensão que ele me deixou, mas foi eu que paguei, por coincidência meu filho achou, e se a senhora pagasse podia ser dependente dele, foi o que aconteceu. Você veja, até isso para eu ter fui eu que paguei! Porque ele era muito bom, mas ele pensava mais nele. Tinha seu dinheirinho, saía, bebia, passava o seu final-de-semana fora. Ele dormia tão pouco em casa, que eu tinha uma folhinha onde eu marcava quantas noites ele dormia em casa, onde num ano ele dormiu em casa 42 dias. Não precisava dizer mais nada! Eu era justamente uma viúva de marido vivo. Eu não saía, ele não deixava eu sair pra eu não ver as coisas, o erro dele lá fora. Eu saía pra casa da minha sogra, pra casa de minha mãe e pra missa. Toda segunda-feira eu ia. E quando eu saísse passasse na casa da minha sogra para voltar com ele. Aí foi mais uma convivência de um amor inseguro, mais um capricho, porque eu não deixava aquilo que era meu pras outras. Aí eu comecei a trabalhar, costurava e foi com isso que ajudei a criar os meus filhos. Na minha vida depois que eu fiquei viúva mudou tudo, tive a minha liberdade, tenho a minha liberdade, sou dona do meu nariz, hoje o meu marido são a chave da minha casa, a porta e meus portões. Meu marido é a chave da minha casa. Agora viajo com meus filhos, já fui para Fortaleza, para Porto Seguro. Esse era o único lugar que eu não me incomodava. Quando eu viajo, deixo meu cartão com minha amiga. Eu não dou preocupação a ninguém. Se eu sinto uma dor na unha eu sou logo socorrida. Quando eu fiquei viúva, tudo mudou. Eu só quero viajar, meu genro me dá a passagem, minha filha também me dá a passagem... Minha sogra dizia que a gente tinha que aceitar as coisas que o marido faz pra a gente não ficar sozinha, só que eu sempre respondia: Eu não me sinto só! Nem com marido, quando ele saía, eu ia pra casa de meu pai ficava lá com meus filhos e depois eu voltava para casa. Hoje a viuvez me deu uma coisa muito grande, pois eu não tenho ninguém para perguntar aonde é que eu vou. E tô podendo viver uma vida tranqüila, pago os meus passeios quando eu quero pagar. Olhe minha filha, eu jamais casaria de novo, casamos menino, me fez mulher, não me deu o valor que eu merecia. Eu vou arranjar outro homem? Que nada! Eu tenho meus filhos, tenho o meu quarto, tenho a minha casa e eu vou trazer homem pra dentro de casa, uma outra pessoa que meus filhos não se dão? Eu já tive um homem que me deu uns bons momentos e maus momentos! Eu gosto da minha vida de viúva, é tudo uma maravilha, vou para aonde eu quero, os meus filhos vão um dia de sexta-feira tomar uma cervejinha, comer um acarajé, aí eles ligam pra

*mim e me dizem: Épa minha mãe se arrume que eu já estou passando aí! E eu vou (risos). A viuvez para mim foi uma liberdade, maior liberdade, foi ter que fazer, o que queria. Lá um dia na UATI mesmo teve um dia que as colegas falaram que quando chegou na UATI, calada, que não abria a boca pra nada, hoje até dança de salão já fez (risos). O plano que tenho para o futuro é terminar meus dias de vida como eu estou tá bom demais. Sou independente, não dependo de ninguém pra nada, tudo que estiver ao alcance de uma pessoa fazer, eu faço. Tenho netos maravilhosos, quero ter um bisneto. Digo sempre ao meu neto, quero tudo na hora certa, nada antecipado. Tudo acontece na vontade de Deus. Ele é maravilhoso! A perda foi dolorosa. Ele aparentemente tava bem, ele acordou tomou o remédio. Aí ele foi trabalhar, eu pedi que não mas não teve jeito...*

### **13. HISTÓRIA ORAL DE CAMÉLIA**

*Eu ter perdido o meu marido foi uma coisa muito sofrida para mim. Em relação às outras coisas tá tudo bem, mesmo depois de muitos anos de viúva, a vida pra mim continuou e eu me sinto muito bem. A relação com meu marido foi uma relação muito boa, a gente vivia muito bem, ele era um marido muito bom para mim. Senti muito a falta dele... A perda que eu tive Deus me recompensou. Hoje eu tenho uma vida normal. Olha minha filha, eu jamais casaria de novo. Depois que eu fiquei viúva, a minha vida continuou a mesma, continuei sendo a mesma pessoa, a minha convivência com minha família continuou sempre muito boa porque tenho filhos muito maravilhosos, os meus filhos preencheram todo o vazio que a viuvez me trouxe depois da perda de meu marido... A morte do meu marido foi rápida, ele morreu de derrame. No início foi muito difícil... Meus filhos são meus filhos, meus pais, meus amigos, meus irmãos, são tudo na vida pra mim. Aí eu não sinto falta de nada, minha vida é normal, eu não sinto falta de nada. Agora, a minha relação com as outras pessoas também continuou a mesma. Não planejo nada mais nessa vida. A única coisa que quero é que quando Deus me levar eu deixe meus filhos muito felizes em paz. Os casamentos de hoje não é igual ao da minha época, as mulheres sabiam suportar os seus maridos e os maridos sabiam suportar a mulher, mas eu acho que o casamento era melhor, nem todos, mas o homem sabia valorizar a família a sua mulher, a mulher também valorizava o outro, a relação que um procurava entender o outro e o que aconteceu com o meu marido foi que a morte nos separou. Os casamentos de hoje não são assim, as meninas casam cedo e se separam, larga o marido, o marido morre, depois de dois anos a mulher já fica doida, a mulher casa de novo depois vem o arrependimento, que é difícil um casamento hoje em dia dá certo. É acertar na loteria. Agora eu, uma mulher vivida, ia arranjar um fardo para colocar nas minhas costas pra hoje está sofrendo? Às vezes, até em desarmonia com os meus filhos, viver um relacionamento ruim com os meus filhos, por que uns podiam gostar, outros não! Depois de todos crescidos com sua vida e com sete anos de viúva, eu arranjar um outro pai para o meu filho? Agora! Se eu quisesse eu arranjava um namorado e até um marido, mas eu não quero. Gente! Uma pessoa com um filho pequeno se acostumar com outro pai é muito difícil. Eu acho que a mãe e o pai verdadeiro, o carinho é diferente.*

### **14. HISTÓRIA ORAL DE CRAVO**

*Eu conheci ela porque na época eu viajava mais meu pai matando boi, era um “magarefe”. Nós ia pra fazenda do pai dela matar boi. Todos cortador de carne é magarefe. Lá eu conheci ela, mas naquela época não se chegava perto da moça, precisava ter o intermediário, e tinha uma cunhada dela que era minha prima. Os pais não deixavam que ninguém chegasse na porta, só ia na hora do trabalho, tirando o coro do boi lá a gente ia taiar o boi e ela não chegava perto, aí pra gente se encontrar dizia pra ela ir na casa da cunhada. Foi assim que conheci ela. O namoro daquela época era um namoro sincero... Levamos um ano de conhecimento, e casei, casei por que ela não tinha mãe e achava que a madrasta não era boa com ela, por que madrasta não é mãe. Foi tão ruim que ela não sabia ler, a madrasta não deixava o pai botar na escola, o pai ia fazer qualquer coisa a madrasta,*

ameaçava... Quando chegava da roça recebia na fazenda, com a carne, que eu não tinha tempo nos dias de feriado, era sábado era domingo, por que eu tava negociando nos comércio, viajando com tropa de burro, mas meu pai, chegava segunda-feira; eu não tive muito tempo de namoro, quando eu via o tratamento da madrastra com ela, eu um dia disse a ela: Eu um dia só vou me casar com você pra tirar você dessa penúria! E isso eu cumpri. Isso foi em 1939, em 1940 meu pai perguntou assim: Você já tem condições de se casar? Eu disse que sim, eu era novo tinha 19 anos, ela tinha 20, ela era mais velha. As coisas eram muito fácil naquela época, mais barato, eu comprava sabe quanto naquela época, 20 litros de farinha? Era mil réis, sabe o que é Mil Réis? Uma nica de manganês, daquela, um quilo de carne era mil réis, carne do sol era mil réis. Em 1940 eu me casei, só com um ano de namoro, me casei e fui trabalhar, trabalhei muito, ela não podia trabalhar, por isso eu penso que tem muitas que me chama pra eu casar, e eu olho assim... Sinto falta demais, se eu não tivesse uma filha que me trouxe pra cá eu taria pior, encontrei Tereza, que faz a mesma coisa, tudo que a mãe fazia comigo, parece que ela tem. Um coração de um amigo chegar e eu falar põe isso aí pra dar a fulano, uma comida pra fulano não me volta à minha palavra, eu chego digo assim. Semana passada mesmo, chegou um rapaz aqui caçando trabalho, a empregada lá de casa disse assim, tava só eu e a empregada, e eu disse assim, Você tem comida aí? Se a comida tava pronta, ela disse que não, mas não tem na geladeira? A convivência com a Joana foi a melhor possível, convivi 54 anos com ela, nunca tivemos nenhuma diferença, eu acho que ela conhecia a minha natureza, eu chegava em casa, por exemplo, um dia tava na rua e convidasse seis, oito pessoas eu chamava lá pra casa, nunca desacreditou na minha palavra, nunca me exigiu o que eu fazia com o dinheiro, eu chegava por exemplo, vendia vinte boi, ela não chegava comigo pra dizer onde você botou esse dinheiro? O que foi que você fez com esse dinheiro? Se eu comprasse uma fazenda, se chegasse assim nós vamos agora assinar um documento que eu vendi a fulano. Cadê o dinheiro? Onde tá o dinheiro? Ela não perguntava, era calada, ela era muito calada, mas entendia a minha natureza, ela não desacreditava, se uma colega dela chegava, por que eu viajava muito, eu chegava saía, só ficava em casa dois ou três dias na semana, se chegasse uma colega dela dizendo: Ah, Cravo tá com uma companheira, uma namorada! Ela dizia: É bom pra ele se distrair! Não me perturbava, ela me tratava bem, sempre com muita diferença... Pra mim foi um "caba-mundo", por que no dia 23 de junho, ela disse assim: Dona Iracema, fale com o Sr. Paulo que se ele vê algum tombo aí nessa casa que ele preste atenção! Como pensando que voltava... Na mesma hora ela disse a filha assim: Tereza me traga uma roupa pra eu ir pra lá, essa não tira uma roupa nova da mala, que lá não teve tempo de trocar de roupa. Pai vai trocar a roupa lá? Não tem tempo não! E não teve mesmo, que a roupa que ela mandou eu botar eu fui pro enterro, e lá chegou na hora, ela só mandou escolher uma neta dela a Arlete pra casa de uma amiga dela, pra levar ela, e comigo, ela disse eu vou ficar aqui Tereza, foi quando deu a parada cardíaca, morreu sentada, assim como tivesse conversando, ela disse assim conversando: Vai Tereza, vai Lourdes, vai Arlete pra casa de Diva pra tu dormir lá, que aqui tá muito aperto e não dá pra vocês dormir aqui... Antes de chegar no meio do caminho elas gritaram. Corre que Dona Joana morreu. Aí ela parou... Pra mim eu fiquei desequilibrado sem saber o que fazia. Quando eu cheguei aqui, foi que minha filha me disse que era para eu ir para a Terceira Idade. E eu nem sabia o que era. Não pra mim a viuvez me deu muita diferença, mas nem todo mundo tem a sorte que eu tive, porque quando fica viúvo, os filhos, nora, genro perturba, fica no calo. E a minha felicidade com eles foi e até hoje, nenhum quis me manobrar, o que ela deixou de bem eles nunca se envolveram. Nunca saíram daqui pra chegar na fazenda e perguntar quantas cabeças de gado minha mãe deixou? Eles todos, nora, genro me adoram e me adotam como um pai. Eu as considero como filhas. Me tratam bem, se eu tiver alguma coisa todos se preocupam comigo. Eu não fiquei feliz de perder minha companheira, mas fico feliz porque meus filhos não me perturbam. Olhe na época, no dia da morte dela, ela disse: Aqueles bois que a gente vendeu? Foi o primeiro dia que ela perguntou. E foi com esse dinheiro que eles arrumaram tudo, compraram flores, acertaram tudo... Também achei muito amigo, que a surpresa foi tão tanta, que eu não tive condições de chamar nenhum amigo. Iracema chamou alguns e antes do enterro, chegou um monte de gente. O médico me deu uma injeção porque eu não esperava que ela ia morrer, eu não tava preparado. Eu não tava preparado. Foi um susto! Agradeço a Deus de não ter dado um colapso. E ela queria ir a missa pedir a Deus que ela morresse primeiro que eu, e eu sempre brincava com ela, Tá maluca de me deixar aqui sozinho! (risos). Ela dizia que eu tinha pulso pra resolver as coisas e ela não. Ela ficava preocupada com as coisas. Aí aconteceu. A sociedade mudou depois que eu fiquei viúvo, porque quando ela morava comigo eu tinha uma sociedade maior,

*eu recebia amigos, muitos amigos, que hospedava João Durval, todos esses da política. A sociedade já não é mais aquela... Não me sinto muito só por causa da filha, ela se preocupa demais comigo, e até digo a ela, que se eu vou pra Salvador liga toda hora, se ela sai e eu fico aqui ela liga umas três ou quatro vezes para mim. E diz faça isso, faça aquilo. Pergunta tudo! Ela também é só, já casou, se separou e tem dois filhos. Olhe minha filha, eu acho que uma companheira é a melhor coisa do mundo, porque uma companheira é a melhor coisa do mundo, é uma conselheira... Outro dia umas colegas lá da Terceira Idade me perguntaram: Você se eu casaria de novo? E eu disse: Não! Porque ela tem a sociedade dela, tem os filhos dela, e eu não sei amanhã o que pode acontecer... Eu até hoje eu nunca procurei ninguém, eu tenho 87 anos e não tenho ninguém e não tenho inimigo, posso andar de corpo aberto. Eu digo não é o casar, mas como casar (risos)... Olhe, a gente tem que aceitar o que Deus faz, mesmo se a mulher é ruim (risos). Ninguém quer perder, mas se Deus marca não tem jeito. Se morresse todos dois juntos e colocasse no caixão era melhor. Eu vivi com minha companheira 54 anos, que cuidava de mim, deixava tudo arrumadinho, seu café da manhã, ali com você e de repente não tem mais. Ai é ruim. A juventude de hoje diz: Que nada! Mulher é igual a porteira, conserta uma depois bota outra de volta, arruma! Então a viuvez é coisa ruim. Depois que eu fiquei viúvo, foi um impacto do choque... Tive depressão pelo menos por uns tempo. E foi lá na Terceira que conheci as colegas, pouco companheiros, pois tem mais mulher. Toda a minha felicidade foi os meus filhos. Olhe minha filha, eu planejo só as graças de Deus, pode dizer.*

## ANEXO IV

 UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS  
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO – PROEX  
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS DA TERCEIRA IDADE – NEPTI  
PROGRAMA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE – UATI 

Feira de Santana, 19 de janeiro de 2005.

Ofício n.º 056/2005

**Ilma. Sr.ª**  
**Professora Dr.ª Enilda Rosendo**  
**Coordenadora do Curso de Pós Graduação da Escola de Enfermagem da**  
**UFBA**  
**Salvador,**

Prezada professora,

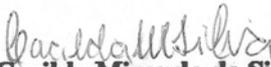
O crescimento visível da população idosa no Brasil, demanda ações de intervenção no processo de envelhecimento mediante a conjugação de esforços entre instituições governamentais e a sociedade civil.

A Universidade Estadual de Feira de Santana, através do Programa Universidade Aberta à Terceira Idade – UATI, tem sido, a treze anos, espaço de construção e participação, do exercício pleno da cidadania dos idosos de Feira de Santana.

Assim, informamos a V.Sa. que a coordenação deste Programa está autorizando a aluna *Elisângela Matos Torres* realizar a pesquisa, junto aos idosos, com a temática sobre *Viuvo - Idoso*.

Para quaisquer esclarecimentos estamos à disposição nos telefones (75) 3224-8228, (75) 9961-5914, e-mail: [uati@uefs.br](mailto:uati@uefs.br)

Atenciosamente,

  
**Cacilda Miranda da Silva**  
**NEPTI/UATI**

## ANEXO V



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
 ESCOLA DE ENFERMAGEM  
 PROGRAMA DE PÓS -GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM  
 CURSO: MESTRADO  
 ALUNA: ELISÂNGELA MATOS TÔRRES  
 PESQUISA: A VIUEZ NA VIDA DOS IDOSOS

Nome	I da de	Tempo de viuvez	Tempo de Casamento	Religião	Escolaridade	Naturalidade	Ocupação	Renda	Mora com?	Número de Filhos
Lírio	80	05 anos	65a	Católica	E.fund. incompleto	Curaçá-Ba	Aposent. Corretor	+ de 10 sál	Sozinho	05
Gardênia	67	06 anos	40a	Católica	E. médio incompleto	Muritiba-Ba	Pens.	1 a 2 sál	Neta	02
Bromélia	72	08 anos	45a	Católica	E.fund. incompleto	Arcaju-Se	Aposent.	1 a 2 sál	Sozinha	11
Rosa	68	32 anos	22a	Católica	E.fund. incompleto	Amargosa-Ba	Aposent	1 sál	Sozinha	05
Camélia	67	19 anos	38a	Católica	E.fund. incompleto	Alagoinhas-Ba	Pens.	1 a 2 sál	Filha	10
Orquídea	70	07 anos	37a	Católica	Superior Completo	Feira de Santana-Ba	Aposent	1 a 2 sál	Irmão	03
Violeta	77	16 anos	45a	Católica	E. médio completo	Belém-Pa	Pens.	3 a 4 sál	Filha	05
Tulipa	71	34 anos	14a	Espírita	E. médio completo	Salvador-Ba	Aposent	1 sál	Sozinha	01
Flor de Lis	77	08 anos	43a	Católica	E.fund. incompleto	São Gonçalo Dos Campos- Ba	Aposent	3 a 4 sál	Filhos	10
Acácia	68	2 anos	43a	Católica	E. médio completo	Ipiá- MG	Pens.	1 a 2 sál	Filha	07
Hortência	68	15 anos	31a	Católica	E.fund. incompleto	Feira de Santana-Ba	Pens.	1 sál	Sozinha	06
Cravo	87	08 anos	54a	Católica	E.fund. incompleto	Ipecaetá-Ba	Aposent	1 a 2 sál	Filha	05
Margarida	63	20 anos	20ª	Católica	E. médio completo	Cachoeira Ba	Pens.	1 sál	Mãe	02
Flor de Laranjeira	73	1 ano	50 a	Católica	E. médio completo	Anguera-Ba	Aposent.	3 a 4 sál	Domes tica	08

